

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

O Coração e o Dragão



*perspectivas da vida urbana em uma cidade
fragmentada*

- Volume I -

Fernanda Linard de Paula
Orientadora: Profa. Dra. Edja Trigueiro

Natal/RN
2010

Fernanda Linard de Paula

**O Coração e o Dragão:
perspectivas da vida urbana em uma cidade
fragmentada**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Área de Concentração II: Projeto, Morfologia e Conforto no Ambiente Construído, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Edja Trigueiro

Natal/RN
2010

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial de
Arquitetura

Paula, Fernanda Linard de.

O coração e o dragão: perspectivas da vida urbana em uma cidade fragmentada. / Fernanda Linard de Paula. – Natal, RN, 2010.

199 f.: il.

Orientadora: Edja Trigueiro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura.

1. Planejamento urbano – Dissertação. 2. Cidade contemporânea – Dissertação. 2. Análise sintática do espaço – Dissertação. 3. Avaliação pós-ocupação – Dissertação. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Título.

RN/UF/BSE-ARQ

CDU 711.4

Fernanda Linard de Paula

O Coração e o Dragão:
perspectivas da vida urbana em uma cidade
fragmentada

Aprovada em ____ / ____ / 2010.

Natal/RN

Profa. Dra. Edja Bezerra Faria Trigueiro (orientadora) – UFRN

Prof. Dr. Frederico Rosa Borges de Holanda (examinador externo) – UNB

Profa. Dra. Gleice Azambuja Elali (examinadora interna) – UFRN

Profa. Dra. Natália Miranda Vieira (examinadora interna) – UFRN

OFERECIMENTO:

*Ao Criador de tudo e de todos.
À minha família*

AGRADECIMENTOS:

Inicialmente agradeço àqueles que me introduziram à vida acadêmica, especialmente aos professores da Universidade Federal do Ceará: Renato Pequeno, Ricardo Bezerra, Clovis Jucá, José Clewton do Nascimento e Zilsa Santiago. Agradeço aos demais professores, ex-professores e colaboradores do Curso de Arquitetura da UFC pelo incentivo e apoio durante as pesquisas de mestrado, principalmente a Ricardo Paiva, Ricardo Fernandes, Romeu Duarte, Solange Schramm e Jorge Neves, que disponibilizaram suas pesquisas e de alguma forma embasaram esta dissertação.

Agradeço a Neiliane Bezerra, amiga e bibliotecária, que me prestou auxílio indispensável durante a pesquisa. A equipe da FIEC, especialmente a Paula, que me abriu as portas do acervo da instituição. Pelo mesmo motivo, agradeço a Natália, secretária da Ação Novo Centro. Ao Museu da Imagem e Som do Ceará que me cedeu raras imagens das áreas estudadas.

Ao CNPQ, pelo apoio fundamental para a realização desta dissertação.

Aos colegas e amigos do mestrado e PPGAU, especialmente a conterrânea Emmanuelle Matos, aos potiguares Ênia Rodrigues, Leonardo Cunha, Carla Varela, Yuri Simonini e Alvany, a paulista Rosemary Gay e a paraibana Roberta Xavier por tornarem mais leves os sacrifícios necessários para realização do mestrado. Aos amigos Sabrina e Gilberto, pelo maravilhoso convívio durante o primeiro ano do mestrado. Aos amigos de infância que se tornaram os amigos de sempre.

Aos professores do Programa, em especial a Gleice Elali, a Sônia Marques e a Ângela Araújo por tudo o que com elas aprendi. Ao professor Paulo Heider Feijó, pelas conversas saudosistas, pelas orientações informais e dicas de pesquisa. A Natália Vieira, que muito contribuiu com seus comentários e sugestões perante a banca de qualificação.

Ao professor Frederico de Holanda, por ter me apresentado outra maneira de ver a arquitetura.

A minha orientadora, professora e incentivadora, Edja Trigueiro, pelos conhecimentos passados, pelo interesse e apoio em minha pesquisa, por colocar tanto crédito em mim e nesta dissertação.

Aos primos Rafael, Thiaguinho, Júnior e Glaucia, Roberto (Beto) e Cybelle Linard, pela torcida, incentivos e horas de distração em meio ao árduo trabalho.

Ao meu tio José Hermeto, o tio Zé, por ter me aberto portas de instituições e me cedido vasta bibliografia indispensável neste trabalho.

Ao Jober Pinto que, mesmo distante, soube aliviar as angústias do processo de finalização da dissertação, e a sua família, por me estimularem a seguir em frente.

A Milena e Cassius Serra, mais que irmãos, foram meu principal apoio durante os anos do mestrado. Sem vocês este trabalho não seria possível. Aos meus pais, meus exemplos e fontes de dons, a quem tudo devo. São eles a quem mais agradeço.

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar dimensões da vida urbana na cidade atual. É um esforço de compreensão do funcionamento da cidade contemporânea enquanto artefato que afeta de algum modo as relações sociais. O trabalho enfoca os limites e as possibilidades da urbanidade na cidade atual, entendendo-se urbanidade como um conjunto de fatores que favorecem a riqueza, a diversidade e a espontaneidade da vida pública. A pesquisa procura mostrar que as cidades atuais tendem a conformar uma vida urbana fragmentada em pelo menos uma das três dimensões da urbanidade: a dimensão espacial, a dimensão social e dimensão temporal. Para tanto o trabalho envolve a análise de dois espaços públicos da cidade de Fortaleza (a Praça do Ferreira e os espaços abertos do Centro Cultural Dragão do Mar), a partir da aplicação de métodos de Análise Sintática do Espaço e de procedimentos de Avaliação Pós-ocupação. A pesquisa mostra que a dimensão temporal da urbanidade é limitada nos dois espaços públicos estudados. No caso da Praça do Ferreira as dimensões espacial e social estão presentes, mas tem seu efeito limitado pela dimensão temporal. No Dragão do Mar, por outro lado, as dimensões espacial e social da urbanidade são mais limitadas e mais concentradas em termos temporais.

Palavras-chave: urbanidade; cidade contemporânea; Análise Sintática do Espaço; Avaliação Pós-ocupação.

ABSTRACT:

This research aims to study dimensions of urban life in the contemporaneous city. It is an effort to understand the functioning of the contemporary city as an artifact that somehow affects social relations. The study focuses on the limits and possibilities of urbanity in the city today, understanding urbanity as a set of factors that favor wealth, diversity and spontaneity of public life. The research aims to show that cities today tend to create fragmented urban life into at least one of the three urbanity dimensions: spatial dimension, social and temporal dimension. The study involves the analysis of two public spaces in Fortaleza (Praça do Ferreira and the open urban public spaces of the Centro Cultural Dragão do Mar), using Space Syntax Analysis methods and for Post–Occupancy Evaluation procedures. Research shows that temporal dimension of urbanity is limited in the public spaces studied. In Praça do Ferreira, spatial and social dimensions are present, but their effects are limited by the temporal dimension. The Dragão do Mar, on the other hand, the spatial and social dimensions of urban life are more limited and more concentrated in time.

Key-words: urbanity, contemporaneous city, Space Syntax Analysis, Post–Occupancy Evaluation.

LISTA DE FIGURAS – Vol. II

CAPÍTULO 1

FIGURA 1.1: ESPAÇOS PÚBLICOS: AINDA LÓCUS DA URBANIDADE?	10
FIGURA 1.2: SEASIDE, FLÓRIDA. A BUSCA PELA QUALIDADE DE VIDA (SUB)URBANA LONGE DA CIDADE: UMA OUTRA VIDA URBANA (PARA QUEM?)	10
FIGURA 1.3: DOCKLAND – LONDRES. UM DOS PRIMEIROS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA COM PROPOSTA DE MUDANÇA DE USO.	10
FIGURA 1.4: PIAZZA D’ITALIA, NEW ORLEANS, DE CHARLES MOORE – EXEMPLO PARADIGMÁTICO DE INTERVENÇÃO URBANA PONTUAL DE FORTE APELO IMAGÉTICO E SIMBÓLICO.	10
FIGURA 1.5: CENTRO CULTURAL SOUTH BANK EM LONDRES: UM EXEMPLO DE ENCLAVE PARA HILLIER. ...	10
FIGURA 1.6: A CIDADE DE FORTALEZA E SEUS BAIRROS. EM DESTAQUE, O CENTRO DA CIDADE E OS ESPAÇOS PÚBLICOS ESTUDADOS.....	11
FIGURA 1.7: AS VÁRIAS FEIÇÕES DA PRAÇA DO FERREIRA..	11
FIGURA 1.8: A PRAÇA DO FERREIRA NA DÉCADA DE 20...	12
FIGURA 1.9: COMÍCIO POLÍTICO NA PRAÇA DO FERREIRA EM 1931..	12
FIGURA 1.10: A PRAÇA DO FERREIRA NA DÉCADA DE 30...	12
FIGURA 1.11: CASAS NA ALDEOTA (RUA CARLOS VASCONCELOS ESQUINA COM A AV. SANTOS DUMONT)..	13
FIGURA 1.12: CARTÃO POSTAL DA CIDADE DE 1950..	13
FIGURA 1.13: PRAÇA DO FERREIRA EM 1962.....	13
FIGURA 1.14: A PRAÇA DO FERREIRA APÓS A REFORMA DO FINAL DA DÉCADA DE 60.....	13
FIGURA 1.15: A PRAÇA DO FERREIRA MODERNISTA.....	13
FIGURA 1.16: A PRAÇA DO FERREIRA EM 1991, POUCO ANTES DE INICIAREM AS REFORMAS... ..	14
FIGURA 1.17: A PRAÇA DO FERREIRA NA ATUALIDADE. FOTO DE 2009..	14
FIGURA 1.18: PLANTA BAIXA DE PAVIMENTAÇÃO DA PRAÇA DO FERREIRA.....	14
FIGURA 1.19: PRAÇA DO FERREIRA. PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DO MOBILIÁRIO..	15
FIGURA 1.20: A PRAÇA DO FERREIRA NA ATUALIDADE: AS PESSOAS VOLTARAM A FREQUENTÁ-LA.	15
FIGURA 1.21: VISTA AÉREA DE FORTALEZA EM 1939..	15
FIGURA 1.22: FORTALEZA EM 1974..	16
FIGURA 1.23: FOTO AÉREA POÇO DA DRAGA E DRAGÃO DO MAR.	16
FIGURA 1.24: O CALÇADÃO DA PRAIA DE IRACEMA, CONSTRUÍDO EM 1994..	16
FIGURA 1.25: O ESTORIL, REFORMADO, EM 2006.....	16
FIGURA 1.26: A PONTE DOS INGLESES, REFORMADA NA DÉCADA DE 90. FOTO DE 2009..	17
FIGURA 1.27: DRAGÃO DO MAR, MAPA DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS.	17
FIGURA 1.28: VISTA AÉREA DO DRAGÃO DO MAR..	18

CAPÍTULO 2

FIGURA 2.1: ESQUEMA DE REPRESENTAÇÃO AXIAL..	19
FIGURA 2.2: ESQUEMA DE REPRESENTAÇÃO CONVEXA.....	19
FIGURA 2.3: ESPAÇOS CEGOS NA PRAÇA DO FERREIRA, NOS PERÍODOS DIURNO E NOTURNO.	20
FIGURA 2.4: ESPAÇOS CEGOS NO DRAGÃO DO MAR, NOS PERÍODOS DIURNO E NOTURNO.....	20
FIGURA 2.5: FOTOGRAFIA AÉREA DA PRAÇA DO FERREIRA COM AS VIAS MAIS PRÓXIMAS. DESTACA-SE A DIFERENCIAÇÃO ENTRE AS VIAS DE CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS E AS VIAS DE CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES.	21

FIGURA 2.6: FOTOGRAFIA AÉREA DO DRAGÃO DO MAR COM AS VIAS MAIS PRÓXIMAS. DESTACA-SE A DIFERENCIAÇÃO ENTRE AS VIAS DE CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS E AS VIAS DE CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES.....	21
FIGURA 2.7: FOTOGRAFIA AÉREA DA ÁREA CENTRAL DE FORTALEZA: DELIMITAÇÃO DO CENTRO TRADICIONAL, BAIROS VIZINHOS, PREDOMINÂNCIA DE USOS E PONTOS DE INTERESSE..	22
FIGURA 2.8: MAPA INDICATIVO DA DISPOSIÇÃO DOS PORTAIS NA PRAÇA DO FERREIRA, COM EIXOS AXIAIS.	22
FIGURA 2.9: MAPA INDICATIVO DA DISPOSIÇÃO DOS PORTAIS NO DRAGÃO DO MAR, COM EIXOS AXIAIS.	22

CAPÍTULO 3

FIGURA 3.1: MAPA AXIAL DE CONECTIVIDADE DE FORTALEZA. NO DETALHE, A ÁREA DA PRAÇA DO FERREIRA ACIMA E O DRAGÃO DO MAR, ABAIXO.....	23
FIGURA 3.2: MAPA AXIAL DE INTEGRAÇÃO DE FORTALEZA. NO DETALHE, A ÁREA DA PRAÇA DO FERREIRA ACIMA E O DRAGÃO DO MAR, ABAIXO.	23
FIGURA 3.3: MAPA AXIAL DE CONECTIVIDADE NA ESCALA DO BAIRRO E ADJACÊNCIAS SOB O PONTO DE VISTA DO MOVIMENTO DE VEÍCULOS. NO DETALHE, A ÁREA DA PRAÇA DO FERREIRA ACIMA E DO DRAGÃO DO MAR ABAIXO.....	24
FIGURA 3.4: MAPA AXIAL DE INTEGRAÇÃO NA ESCALA DO BAIRRO E ADJACÊNCIAS SOB O PONTO DE VISTA DO MOVIMENTO DE VEÍCULOS. NO DETALHE, A ÁREA DA PRAÇA DO FERREIRA ACIMA E DO DRAGÃO DO MAR, ABAIXO.....	24
FIGURA 3.5: MAPA AXIAL DE CONECTIVIDADE DA PRAÇA DO FERREIRA MAIS ENTORNO.....	25
FIGURA 3.6: MAPA AXIAL DE INTEGRAÇÃO DA PRAÇA DO FERREIRA MAIS ENTORNO.....	25
FIGURA 3.7: MAPA AXIAL DE ALTA DEFINIÇÃO DE CONECTIVIDADE NA ESCALA DA PRAÇA.....	25
FIGURA 3.8: MAPA AXIAL DE ALTA DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO NA ESCALA DA PRAÇA.....	25
FIGURA 3.9: MAPA AXIAL DE CONECTIVIDADE DO DRAGÃO DO MAR MAIS ENTORNO.	26
FIGURA 3.10: MAPA AXIAL DE INTEGRAÇÃO DO DRAGÃO DO MAR MAIS ENTORNO.....	26
FIGURA 3.11: MAPA AXIAL DE ALTA DEFINIÇÃO DE CONECTIVIDADE NA ESCALA DO DRAGÃO DO MAR.	26
FIGURA 3.12: MAPA AXIAL DE ALTA DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO NA ESCALA DO DRAGÃO DO MAR.....	26
FIGURA 3.13: CONECTIVIDADE CONVEXA DA PRAÇA DO FERREIRA.....	27
FIGURA 3.14: INTEGRAÇÃO CONVEXA DA PRAÇA DO FERREIRA.....	27
FIGURA 3.15: CONECTIVIDADE VISUAL DA PRAÇA DO FERREIRA.....	27
FIGURA 3.16: INTEGRAÇÃO VISUAL DA PRAÇA DO FERREIRA.....	27
FIGURA 3.17: CONECTIVIDADE VISUAL VIÁRIA DA PRAÇA DO FERREIRA.....	28
FIGURA 3.18: INTEGRAÇÃO VISUAL VIÁRIA DA PRAÇA DO FERREIRA.....	28
FIGURA 3.19: RUA MAJOR FACUNDO EM SEU TRECHO INTERNO À PRAÇA DO FERREIRA.....	28
FIGURA 3.20: TRAVESSA PARÁ.....	28
FIGURA 3.21: RUA FLORIANO PEIXOTO.....	28
FIGURA 3.22: TRAVESSA DO SÃO LUIZ.....	28
FIGURA 3.23: RUA GUILHERME ROCHA.....	29
FIGURA 3.24: TRAVESSA PEDRO BORGES.....	29
FIGURA 3.25: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA MAJOR FACUNDO.....	29
FIGURA 3.26: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA TRAVESSA PARÁ.....	29
FIGURA 3.27: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA FLORIANO PEIXOTO.....	30
FIGURA 3.28: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA TRAVESSA SÃO LUIZ.....	30
FIGURA 3.29: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA GUILHERME ROCHA.....	30
FIGURA 3.30: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA TRAVESSA PEDRO BORGES.....	30

FIGURA 3.31: PORTAS E JANELAS NO ENTORNO DA PRAÇA DO FERREIRA- DURANTE A MANHÃ.	31
FIGURA 3.32: PORTAS E JANELAS NO ENTORNO DA PRAÇA DO FERREIRA- DURANTE A NOITE.	31
FIGURA 3.33: PRAÇA DO FERREIRA E A DIVERSIDADE DE EDIFICAÇÕES NO ENTORNO – VISTA AÉREA.	31
FIGURA 3.34: PRAÇA DO FERREIRA E A DIVERSIDADE DE EDIFICAÇÕES NO ENTORNO – LADO SUDOESTE DA PRAÇA.	31
FIGURA 3.35: IGREJA DO ROSÁRIO NA PRAÇA DOS LEÕES.	32
FIGURA 3.36: HOTEL BRASIL NA PRAÇA DOS LEÕES.	32
FIGURA 3.37: MUSEU DO CEARÁ NA RUA SÃO PAULO E PRAÇA DOS LEÕES.	32
FIGURA 3.38: PALÁCIO DA LUZ, NA PRAÇA DOS LEÕES. ATUALMENTE SEDE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS.	32
FIGURA 3.39: CONECTIVIDADE CONVEXA DO DRAGÃO DO MAR.	33
FIGURA 3.40: INTEGRAÇÃO CONVEXA DO DRAGÃO DO MAR.	33
FIGURA 3.41: CONECTIVIDADE VISUAL DO DRAGÃO DO MAR.	33
FIGURA 3.42: INTEGRAÇÃO VISUAL DO DRAGÃO DO MAR.	33
FIGURA 3.43: CONECTIVIDADE VISUAL VIÁRIA DO DRAGÃO DO MAR.	34
FIGURA 3.44: INTEGRAÇÃO VISUAL VIÁRIA DO DRAGÃO DO MAR MAIS ENTORNO.	34
FIGURA 3.45: AVENIDA MONSENHOR TABOSA.	34
FIGURA 3.46: RUA ALMIRANTE JACEGUAÍ NO CRUZAMENTO COM A RUA DRAGÃO DO MAR.	34
FIGURA 3.47: AV. ALMIRANTE TAMANDARÉ.	34
FIGURA 3.48: RUA JOSÉ AVELINO	34
FIGURA 3.49: RUA DRAGÃO DO MAR, NOS LIMITES DO CENTRO CULTURAL.	35
FIGURA 3.50: RUA BORIS.	35
FIGURA 3.51: AV. PESSOA ANTA.	35
FIGURA 3.52: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA AVENIDA MONSENHOR TABOSA.	36
FIGURA 3.53: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA ALMIRANTE JACEGUAÍ.	36
FIGURA 3.54: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA ALMIRANTE TAMANDARÉ.	36
FIGURA 3.55: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA PESSOA ANTA.	36
FIGURA 3.56: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA BORIS.	37
FIGURA 3.57: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA JOSÉ AVELINO	37
FIGURA 3.58: PROFUNDIDADE TOPOLÓGICA DA RUA DRAGÃO DO MAR	37
FIGURA 3.59: ENTRADAS E JANELAS NO ENTORNO DO DRAGÃO DO MAR – MANHÃ.	38
FIGURA 3.60: ENTRADAS E JANELAS NO ENTORNO DO DRAGÃO DO MAR – NOITE.	38
FIGURA 3.61: PRAÇA VERDE NO DRAGÃO DO MAR.	38
FIGURA 3.62: CORES VIBRANTES NO ENTORNO DO DRAGÃO DO MAR.	39
FIGURA 3.63: OBRA DO ARTISTA ZÉ TARCISO – PASSARELA DO DRAGÃO DO MAR.	39
FIGURA 3.64: ESCULTURA DE PATATIVA DO ASSARÉ.	39
FIGURA 3.65: SEMINÁRIO DA PRAINHA.	40
FIGURA 3.66: CASA BORIS (HOJE ESTACIONAMENTO E SERVIÇOS).	40
FIGURA 3.67: ANTIGA ALFÂNDEGA. HOJE CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.	40
FIGURA 3.68: PRAÇA E MONUMENTO A CRISTO REDENTOR.	40
FIGURA 3.69: PLANETÁRIO.	40

CAPÍTULO 4

FIGURA 4.1: MAPEAMENTO DE PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE DIFERENTES HORÁRIOS EM DIA DE SEMANA.	41
---	----

FIGURA 4.2: MAPEAMENTO DE PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE DIFERENTES HORÁRIOS EM DIA DE SÁBADO..	42
FIGURA 4.3: MAPEAMENTO DAS PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA. RESULTADO GERAL.	43
FIGURA 4.4: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA, POR FAIXA ETÁRIA..	44
FIGURA 4.5: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA, POR ATIVIDADES.	45
FIGURA 4.6: MAPEAMENTO DOS FLUXOS DAS PESSOAS NA PRAÇA DO FERREIRA. RESULTADO GERAL.	46
FIGURA 4.7: MAPEAMENTO DE PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR DURANTE DIFERENTES HORÁRIOS EM DIAS DE SEMANA..	47
FIGURA 4.8: MAPEAMENTO DE PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR DURANTE DIFERENTES HORÁRIOS EM DIAS DE SÁBADO..	48
FIGURA 4.9: MAPEAMENTO DAS PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR. RESULTADO GERAL.	49
FIGURA 4.10: DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR, POR FAIXA ETÁRIA.	50
FIGURA 4.11: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR, POR ATIVIDADES..	51
FIGURA 4.12: MAPEAMENTO DOS FLUXOS DAS PESSOAS NO DRAGÃO DO MAR. RESULTADO GERAL.	52

CAPÍTULO 5

FIGURA 5.1: MAPA USO TÉRREO NO ENTORNO DA PRAÇA DO FERREIRA.	53
FIGURA 5.2: MAPA USO TÉRREO NO ENTORNO DO DRAGÃO DO MAR..	53

DO QUE INDICA ESTE ESTUDO: RÉSTIAS DE UMA URBANIDADE (QUE QUASE FOI) E FRAGMENTOS DE QUASE URBANIDADE

FIGURA 6.1: SOBREPOSIÇÃO CONECTIVIDADE CONVEXA E PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA..	54
FIGURA 6.2: SOBREPOSIÇÃO INTEGRAÇÃO CONVEXA E PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	54
FIGURA 6.3: SOBREPOSIÇÃO CONECTIVIDADE CONVEXA E PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR.	55
FIGURA 6.4: SOBREPOSIÇÃO INTEGRAÇÃO CONVEXA E PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DO MAR..	55

LISTA DE GRÁFICOS – Vol. II

CAPÍTULO 4

GRÁFICO 4.1: COMPARATIVO DO NÚMERO DE PESSOAS PARADAS NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE AS MANHÃS, AO MEIO-DIA, TARDES E INÍCIO DA NOITE NOS DIAS DA SEMANA E NO SÁBADO.....	56
GRÁFICO 4.2: NÚMERO DE PASSANTES POR PORTAIS NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE A SEMANA.	56
GRÁFICO 4.3: NÚMERO DE PASSANTES POR PORTAIS NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE O SÁBADO.....	57
GRÁFICO 4.4: FAIXA ETÁRIA QUESTIONADA NA PRAÇA DO FERREIRA.....	57
GRÁFICO 4.5: FAIXA ETÁRIA PRESUMIDA NA PRAÇA DO FERREIRA.....	58
GRÁFICO 4.6: PORCENTAGEM DOS ENTREVISTADOS POR SEXO NA PRAÇA DO FERREIRA.	58
GRÁFICO 4.7: BAIRRO DE MORADIA DOS USUÁRIOS DA PRAÇA DO FERREIRA.	58
GRÁFICO 4.8: ÁREA DE MORADIA DOS USUÁRIOS DA PRAÇA DO FERREIRA.....	59
GRÁFICO 4.9: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA.	59
GRÁFICO 4.10: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS JOVENS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	60
GRÁFICO 4.11: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS ADULTOS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	60
GRÁFICO 4.12: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS IDOSOS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	60
GRÁFICO 4.13: ESTIMATIVA DE ORIGEM-DESTINO DOS USUÁRIOS DA PRAÇA DO FERREIRA.	61
GRÁFICO 4.14: MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS USUÁRIOS PARA IREM À PRAÇA DO FERREIRA. ...	61
GRÁFICO 4.15: AVALIAÇÃO GERAL DA PRAÇA DO FERREIRA PELOS USUÁRIOS.	62
GRÁFICO 4.16: RESULTADO DA AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DA PRAÇA DO FERREIRA.	62
GRÁFICO 4.17: O QUE MAIS AGRADA AOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	62
GRÁFICO 4.18: O QUE MAIS INCOMODA AOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA.....	63
GRÁFICO 4.19: IMAGEM DA PRAÇA DO FERREIRA PARA USUÁRIOS.	63
GRÁFICO 4.20: COMPARATIVO DO NÚMERO DE PESSOAS PARADAS NO DRAGÃO DURANTE AS MANHÃS, AO MEIO-DIA, TARDES E INÍCIO DA NOITE NOS DIAS DA SEMANA E NO SÁBADO.	64
GRÁFICO 4.21: NÚMERO DE PASSANTES POR PORTAIS NO DRAGÃO DO MAR DURANTE A SEMANA..	64
GRÁFICO 4.22: NÚMERO DE PASSANTES POR PORTAIS NO DRAGÃO DO MAR DURANTE O SÁBADO.....	65
GRÁFICO 4.23: FAIXA ETÁRIA QUESTIONADA NO DRAGÃO DO MAR.....	65
GRÁFICO 4.24: FAIXA ETÁRIA PRESUMIDA NO DRAGÃO DO MAR.	66
GRÁFICO 4.25: PORCENTAGEM DOS ENTREVISTADOS POR SEXO NO DRAGÃO DO MAR.....	66
GRÁFICO 4.26: BAIRROS DE MORADIA DOS USUÁRIOS DO DRAGÃO DO MAR.....	66
GRÁFICO 4.27: ÁREA DE MORADIA DOS USUÁRIOS DO DRAGÃO DO MAR.	67
GRÁFICO 4.28: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS NO DRAGÃO DO MAR.....	67
GRÁFICO 4.29: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS ADULTOS.	67
GRÁFICO 4.30: ATIVIDADES DESEMPENADAS PELOS USUÁRIOS JOVENS.	68
GRÁFICO 4.31: ESTIMATIVA DE ORIGEM-DESTINO DOS USUÁRIOS DO DRAGÃO DO MAR.	68
GRÁFICO 4.32: MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS USUÁRIOS PARA IREM AO DRAGÃO DO MAR.....	68
GRÁFICO 4.33: AVALIAÇÃO GERAL DO DRAGÃO DO MAR PELOS USUÁRIOS.....	69
GRÁFICO 4.34: RESULTADO DA AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DO DRAGÃO DO MAR.....	69
GRÁFICO 4.35: O QUE MAIS AGRADA AOS USUÁRIOS NO DRAGÃO DO MAR.....	69
GRÁFICO 4.36: O QUE MAIS INCOMODA AOS USUÁRIOS NO DRAGÃO DO MAR.	70
GRÁFICO 4.37: IMAGEM DO DRAGÃO DO MAR PARA OS USUÁRIOS.....	70

DO QUE INDICA ESTE ESTUDO: RÉSTIAS DE UMA URBANIDADE (QUE QUASE FOI) E FRAGMENTOS DE QUASE URBANIDADE

GRÁFICO 6.1: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE INTEGRAÇÃO NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE A SEMANA	71
GRÁFICO 6.2: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE INTEGRAÇÃO NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE O SÁBADO.....	71
GRÁFICO 6.3: CORRELAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO DURANTE A NOITE E OS VALORES DE INTEGRAÇÃO NA PRAÇA DO FERREIRA.....	71
GRÁFICO 6.4: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE CONECTIVIDADE NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE A SEMANA	72
GRÁFICO 6.5: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE CONECTIVIDADE NA PRAÇA DO FERREIRA DURANTE O SÁBADO.....	72
GRÁFICO 6.6: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE INTEGRAÇÃO NO DRAGÃO DO MAR DURANTE A SEMANA.....	72
GRÁFICO 6.7: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE INTEGRAÇÃO NO DRAGÃO DO MAR DURANTE O SÁBADO.....	72
GRÁFICO 6.8: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE CONECTIVIDADE NO DRAGÃO DO MAR DURANTE A SEMANA.....	72
GRÁFICO 6.9: CORRELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO MEDIDO E OS VALORES DE CONECTIVIDADE NO DRAGÃO DO MAR DURANTE O SÁBADO.....	72

LISTA DE QUADROS – Vol. II

CAPÍTULO 1

QUADRO 1.1: DIMENSÕES DA FRAGMENTAÇÃO NAS CIDADES REFLETIDA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	73
QUADRO 1.2: DIMENSÕES DA URBANIDADE FOCADAS NO ESPAÇO PÚBLICO.....	74
QUADRO 1.3: ASPECTOS DA URBANIDADE EMPIRICAMENTE OBSERVÁVEIS.....	75
QUADRO 1.4: ALGUMAS DIMENSÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS BEM SUCEDIDOS.....	75

CAPÍTULO 2

QUADRO 2.1: SÍNTESE DOS ASPECTOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS A SEREM INVESTIGADOS.....	76
---	----

CAPÍTULO 3

QUADRO 3.1: CATEGORIAS ANALÍTICAS DA DIMENSÃO ESPACIAL DA URBANIDADE	77
QUADRO 3.2: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DA PRAÇA DO FERREIRA NA ESCALA DA CIDADE.	78
QUADRO 3.3: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DA PRAÇA DO FERREIRA NA ESCALA DO BAIRRO E ENTORNO.....	78
QUADRO 3.4: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS NA ESCALA DA PRAÇA DO FERREIRA E ADJACÊNCIAS	78
QUADRO 3.5: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS NA ESCALA DA PRAÇA DO FERREIRA.	78
QUADRO 3.6: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DO DRAGÃO DO MAR NA ESCALA DA CIDADE.	79
QUADRO 3.7: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DO DRAGÃO DO MAR NA ESCALA DO BAIRRO E ENTORNO.	79
QUADRO 3.8: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DO DRAGÃO DO MAR NA ESCALA DO EQUIPAMENTO E ADJACÊNCIAS.	79
QUADRO 3.9: RESUMO DAS VARIÁVEIS GLOBAIS DO DRAGÃO DO MAR NA ESCALA DO ESPAÇO PÚBLICO.	79
QUADRO 3.10: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS DA PRAÇA DO FERREIRA.....	79
QUADRO 3.11: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS VIÁRIAS DA PRAÇA DO FERREIRA	80
QUADRO 3.12: QUADRO RESUMO DAS PROPRIEDADES LOCAIS DA DIVERSIDADE NA PRAÇA DO FERREIRA	80
QUADRO 3.13: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS DO DRAGÃO DO MAR	80
QUADRO 3.14: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS VIÁRIAS DO DRAGÃO DO MAR.....	80
QUADRO 3.15: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS DA DIVERSIDADE DO DRAGÃO DO MAR	80

CAPÍTULO 4

QUADRO 4.1: O QUE MAIS AGRADA AOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA, POR FAIXA ETÁRIA.....	81
QUADRO 4.2: O QUE MAIS INCOMODA AOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA, POR FAIXA ETÁRIA.....	81
QUADRO 4.3: O QUE MAIS AGRADA AOS USUÁRIOS DO DRAGÃO DO MAR, POR FAIXA ETÁRIA.....	81
QUADRO 4.4: O QUE MAIS INCOMODA AOS USUÁRIOS NO DRAGÃO DO MAR, POR FAIXA ETÁRIA.....	81

LISTA DE TABELAS – Vol. I

CAPÍTULO 3

TABELA 3.1: CONECTIVIDADE DA PRAÇA EM RELAÇÃO À CIDADE.	108
TABELA 3.2: INTEGRAÇÃO DA PRAÇA EM RELAÇÃO À CIDADE.	108
TABELA 3.3: CONECTIVIDADE DA PRAÇA EM RELAÇÃO AO BAIRRO E ENTORNO.	109
TABELA 3.4: INTEGRAÇÃO DA PRAÇA EM RELAÇÃO AO BAIRRO E ENTORNO.	110
TABELA 3.5: CONECTIVIDADE DO DRAGÃO EM RELAÇÃO À CIDADE.	113
TABELA 3.6: INTEGRAÇÃO DO DRAGÃO EM RELAÇÃO À CIDADE.	114
TABELA 3.7: CONECTIVIDADE DO DRAGÃO EM RELAÇÃO AO BAIRRO E ENTORNO.	114
TABELA 3.8: INTEGRAÇÃO DO DRAGÃO EM RELAÇÃO AO BAIRRO E ENTORNO.	115
TABELA 3.9: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS DA URBANIDADE DA PRAÇA DO FERREIRA.	127
TABELA 3.10: RESUMO DAS VARIÁVEIS LOCAIS DA URBANIDADE DO DRAGÃO DO MAR.	139

CAPÍTULO 4

TABELA 4.1: CONTAGEM DE PASSANTES POR PORTAL E POR PERÍODO NA PRAÇA DO FERREIRA.	155
TABELA 4.2: CONTAGEM DE PASSANTES POR PORTAL E POR PERÍODO NO DRAGÃO DO MAR.	162

CAPÍTULO 6

TABELA 6.1: RELAÇÃO ENTRE CATEGORIA E CORRELAÇÃO.	179
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
-------------------------	-----------

<u>CAPÍTULO 1. O LUGAR DA URBANIDADE NA CIDADE CONTEMPORÂNEA</u>	33
---	-----------

1.1. PREÂMBULO	34
1.2. O PROBLEMA	36
1.3. FALANDO DE VIDA URBANA NA CIDADE FRAGMENTADA ... VIDA URBANA MESMO?	41
1.3.1. A CONTRIBUIÇÃO DE JACOBS.....	47
1.3.2. A CIDADE INSTRUMENTAL X A CIDADE SIMBÓLICA DE HILLIER	52
1.3.3. O PRINCÍPIO DO MOVIMENTO NATURAL.....	57
1.3.4. A CONTRIBUIÇÃO DE BO GRÖNLUND.....	59
1.3.5. A URBANIDADE PARA HOLANDA	60
1.4. OS ESPAÇOS PÚBLICOS BEM-SUCEDIDOS COMO LÓCUS DA URBANIDADE	66
1.5. A PRAÇA DO FERREIRA E O DRAGÃO DO MAR: O VERSO E O REVERSO?	71
1.6. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	80

<u>CAPÍTULO 2: ONDE? COMO? QUANDO? – PROCEDIMENTOS ADOTADOS</u>	81
--	-----------

2.1. PREÂMBULO	82
2.2. POR QUE A SINTAXE DO ESPAÇO E A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO?.....	82
2.3. CONCEITOS IMPORTANTES EM ANÁLISES SINTÁTICAS DO ESPAÇO	86
2.4. MÉTODO DE ABORDAGEM E MÉTODOS OPERACIONAIS.....	89
2.5. DEFININDO AS ESCALAS DE INVESTIGAÇÃO	89
2.6. A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS SEGUNDO AS DIMENSÕES DA URBANIDADE	92
2.6.1. AS PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS INVESTIGADAS.....	93
2.7. AS CORRELAÇÕES	101
2.8. OS BASTIDORES.....	102
2.8.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	102
2.8.2. PESQUISA DOCUMENTAL.....	102
2.8.3. PESQUISA DE CAMPO.....	103
2.9. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	105

CAPÍTULO 3: A DIMENSÃO ESPACIAL.....106

3.1. PREÂMBULO	107
3.2. AS VARIÁVEIS GLOBAIS.....	107
3.2.1. AS VARIÁVEIS GLOBAIS DA PRAÇA DO FERREIRA	107
3.2.2. AS VARIÁVEIS GLOBAIS DO DRAGÃO DO MAR	112
3.3. AS VARIÁVEIS LOCAIS.....	117
3.3.1. AS VARIÁVEIS LOCAIS DA PRAÇA DO FERREIRA.....	118
3.3.2. AS VARIÁVEIS LOCAIS DO DRAGÃO DO MAR.....	131
3.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	142
3.4.1. PROPRIEDADES GLOBAIS DA URBANIDADE: A CONTINUIDADE NO CORAÇÃO X A RUPTURA NO DRAGÃO. 142	
3.4.2. PROPRIEDADES LOCAIS DA URBANIDADE: O DIA É DO CORAÇÃO E A NOITE, DO DRAGÃO	147

CAPÍTULO 4: A DIMENSÃO SOCIAL150

4.1. PREÂMBULO	151
4.2. A DIMENSÃO SOCIAL NA PRAÇA DO FERREIRA.....	153
4.2.1. PESSOAS PARADAS	153
4.2.2. PESSOAS EM MOVIMENTO.....	154
4.2.3. DIVERSIDADE SOCIAL NA PRAÇA DO FERREIRA.....	156
4.2.4. DIVERSIDADE DE ATIVIDADES NA PRAÇA DO FERREIRA.....	158
4.2.5. DIVERSIDADE DE FLUXOS NA PRAÇA DO FERREIRA	159
4.2.6. SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS.....	160
4.3. A DIMENSÃO SOCIAL NO DRAGÃO DO MAR	161
4.3.1. PESSOAS PARADAS	161
4.3.2. PESSOAS EM MOVIMENTO.....	162
4.3.3. DIVERSIDADE SOCIAL NO DRAGÃO DO MAR	163
4.3.4. DIVERSIDADE DE ATIVIDADES NO DRAGÃO DO MAR.....	165
4.3.5. DIVERSIDADE DE FLUXOS NO DRAGÃO DO MAR	166
4.3.6. SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS.....	166
4.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	167

CAPÍTULO 5: A DIMENSÃO TEMPORAL170

5.1. PREÂMBULO	171
5.2. A DIMENSÃO TEMPORAL NA PRAÇA DO FERREIRA.....	171
5.2.1. DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DOS USUÁRIOS NA PRAÇA DO FERREIRA	172
5.2.2. TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS AO LONGO DO DIA NA PRAÇA DO FERREIRA	172
5.2.3. DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS ATIVIDADES NA PRAÇA DO FERREIRA	173
5.3. A DIMENSÃO TEMPORAL NO DRAGÃO DO MAR	173
5.3.1. DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DOS USUÁRIOS.....	173
5.3.2. TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS AO LONGO DO DIA NO DRAGÃO DO MAR.....	174
5.3.3. DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS ATIVIDADES NO DRAGÃO DO MAR	175
5.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	176

DO QUE INDICA ESTE ESTUDO: RÉSTIAS DE UMA “URBANIDADE” (QUE QUASE FOI) E

<u>FRAGMENTOS DE QUASE URBANIDADE</u>	<u>177</u>
--	-------------------

PREÂMBULO.....	178
-----------------------	------------

“DIZE-ME QUEM ÉS QUE TE DIREI COM QUEM ANDAS”: VERIFICANDO A CORRELAÇÃO ENTRE PROPRIEDADES

ESPACIAIS E OS USOS ENCONTRADOS.....	178
---	------------

AS CORRELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA DA MALHA E O MOVIMENTO	178
---	-----

A CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS LOCAIS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E OS USOS	182
---	-----

SOBRE O TEMPO, O ANTAGONISTA DA VIDA URBANA NO PALCO DA CIDADE FRAGMENTADA?	189
--	------------

CONCLUSÕES E INDAGAÇÕES: A ANIMAÇÃO É A ÚLTIMA QUE MORRE... OU É A PRIMEIRA QUE RESSUSCITA? ...	190
--	------------

<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>192</u>
---	-------------------

Introdução



Antes quando queríamos encontrar alguém, íamos a lugares onde pudéssemos achar todo mundo – a praça, a rua principal, o bar local ou mesmo o *shopping center*. Hoje, como marcamos hora e local por telefone ou e-mail, acabamos encontrando somente aqueles que escolhemos encontrar. É eficiente, mas ao mesmo tempo é uma situação que pode levar à perda da vida pública e a uma maior fragmentação social (MITCHELL, 2002, p. 150).

Este trabalho tem como objetivo geral estudar dimensões da vida urbana na cidade atual. É um esforço de compreensão do funcionamento da cidade contemporânea enquanto artefato, enquanto coisa construída que afeta de algum modo as pessoas. O trabalho procura mostrar os limites e as possibilidades da urbanidade, entendendo-se urbanidade como um conjunto de fatores que favorecem a riqueza, a diversidade e a espontaneidade da vida pública.

A pesquisa busca mostrar que as cidades atuais conformam outro tipo de vida urbana, menos baseado nos conceitos normalmente relacionados à urbanidade. Isto porque a tendência de fragmentação das cidades, a especialização de porções dela em determinadas funções e a segregação social, fenômenos comuns nas metrópoles brasileiras (VILLAÇA, 1998; MEDEIROS, 2006), parecem reduzir as probabilidades de contatos entre as pessoas, especialmente entre aquelas de “mundos” diferentes (diferentes interesses, diferentes classes sociais, diferentes círculo social etc.).

Esta tendência de fragmentação das cidades está relacionada a, pelo menos, dois fatores. Primeiro, a disseminação de projetos pontuais na cidade. As práticas urbanas contemporâneas, acusadas de serem demasiadamente tímidas (ARANTES, 2001), muitas vezes não causam maiores mudanças do que as superficiais (HALL, 1988; HARVEY, 1989). As conseqüências de tais projetos, não raro, são criticadas especialmente no que diz respeito à sua incapacidade em gerar os resultados esperados, quase sempre relacionados a vitalidade no entorno, e por compreenderem geralmente equipamentos de grande porte e de alto custo para a esfera pública. São os projetos de retalhos, que sob a intenção da criação de lugares, criam cenários e uma animação pontual, de dia e hora marcados.

Em segundo lugar, mas não menos importante que o primeiro fator e ainda relacionado a ele, está a não compreensão da relação forma x função na cidade. De acordo com Hillier (1996, p. 111), a dissociação dos aspectos físicos e funcionais da cidade prejudica o seu entendimento.

Amplia-se a lacuna entre forma e função e as diferentes escalas deixam de ser inter-relacionadas. Em poucas palavras, os que lidam com a forma – os urbanistas- nem sempre são capazes de considerar seus possíveis efeitos sobre as funções e, por outro lado, aqueles que se detêm às funções – os planejadores- distanciam-se da questão formal. O conflito que parece recorrentemente existir entre os âmbitos do projeto e do planejamento, e suas diferentes escalas de atuação, evidenciam a dissociação entre o desenho e o funcionamento urbanos (HILLIER, 1996, p. 111-112).

Como consequência do não domínio das dimensões funcional e física da cidade, Hillier (1996, p. 113) aponta a ruptura de suas estruturas características. Os efeitos recíprocos de espaço e movimento, que “conferem a sensação de que tudo opera em conjunto para criar tipos especiais de satisfação e animação que costumamos associar ao lado mais positivo das cidades” são prejudicados e acabam afetando negativamente o funcionamento da cidade, o qual ele chama de “*movimento natural*”. O movimento natural pode ser entendido como a distribuição do movimento na cidade em razão da sua estrutura de acessos. As rotas – ou eixos – mais acessíveis são aquelas mais facilmente encontradas, aquelas que mais se ligam às outras e aquelas a partir das quais se pode chegar a mais destinos. O grau de acessibilidade de vias no contexto da malha urbana influencia fortemente em seu uso e na quantidade de movimento ali encontrado. Este princípio, segundo Hillier (1993, 1996), é uma das forças mais poderosas que afeta padrões de movimento na cidade. Ele está diretamente ligado à geração de animação urbana.

É esse processo de feedback, baseado na relação entre a estrutura da malha e o movimento que promove a animação urbana, a qual acostumamos preferir enxergar através de uma ótica romântica ou mística, mas que surge da coincidência, em certas localidades, de grande número de atividades que envolvem pessoas que estão cuidando de seus negócios de maneiras diversas. Tais situações surgem invariavelmente a partir do efeito multiplicador gerado a partir das relações básicas entre estrutura espacial e movimento, e em última instância dependem da estrutura da malha propriamente dita. Em outras palavras, a forma como o sistema urbano é organizado é a base de tudo o mais (HILLIER, 1996, p. 126)¹.

¹ Do original em inglês: “It is this positive feedback loop built on a foundation of the relation between the grid structure and movement this gives rise to the urban buzz, which we prefer to be romantic or mystical about, but which arises from the co-incidence in certain locations of large numbers of different activities involving people going about their business in different ways. Such situations invariably arise through multiplier effects generated from the basic relation between space structure and movement, and ultimately this depends on the structure of the urban grid itself. In other words, how the urban system is put together spatially is the source of everything else”. Tradução: E. Trigueiro e D. Pereira, para uso em sala de aula (p. 14).

No entanto, a regra (quase) geral do planejamento urbano é a quebra da continuidade espacial da malha das cidades. É aquilo que Hillier chamou de “*desurbanismo*”:

A economia do movimento urbano, decorrente do efeito multiplicador do espaço, depende de certas condições: certo tamanho, certa densidade, certa distribuição de uso do solo, um tipo específico de malha que mantenha a interface entre os níveis local e global, e assim por diante. Uma vez definidas, é fácil perceber quão drasticamente alguns dos nossos esforços recentes perturbaram tais características, tanto mais que devemos considerar muitas intervenções recentes como exercícios na técnica espacial do desurbanismo. ‘Desurbanismo’ deve ser aqui entendido como o avesso das técnicas espaciais que identificamos: a quebra da interface entre edifícios e espaços públicos; a quebra da relação entre escalas de movimento; e a quebra da relação entre habitantes e forasteiros (HILLIER, 1996, p. 131)².

A urbanidade para Hillier pressupõe esta continuidade da malha, pressupõe tomar partido do movimento natural e, assim, estimular o movimento das pessoas na cidade e o encontro de fluxos diversos. “(...) A urbanidade, não é tão misteriosa. O espaço bom é o espaço utilizado. O uso predominante do espaço urbano é o movimento”³ (HILLIER, 1996, p. 127). Entende-se, portanto, que na concepção de Hillier, a implementação de projetos que quebram determinados padrões pré-estabelecidos afetam negativamente o funcionamento das cidades e contribuem para a fragmentação do tecido urbano.

As cidades contemporâneas, portanto, aproximam-se daquelas que Hillier (1989) chamou de “cidades simbólicas”, em contraposição às “cidades instrumentais”, ou seja, aquelas em que as relações sociais estão relacionadas às atividades cotidianas e favorecem o encontro aleatório, a co-presença – ou campo de encontros prováveis - e a diversidade. Frederico de Holanda (2002) acrescenta ao conceito de urbanidade de Hillier a noção de civilidade. O autor acredita que propriedades locais, e não apenas as chamadas propriedades globais (relativas à malha urbana como um todo) importam na definição de urbanidade.

² Do original em inglês: “The urban movement economy, arising from the multiplier effect of space, depends on certain conditions: a certain size, a certain density, a certain distribution of land uses, a specific type of grid that maintains the interface between local and global, and so on. Once this is spelled out, it is easy to see how thoroughly some of our recent efforts have disrupted it, so much so that we must think of many developments of recent years as exercise in the spatial techniques of disurbanism. ‘Disurbanism’ is intended to convey the reverse of the urban spatial techniques we have identified: the breaking of the relation between buildings and public space; the breaking of the relation between scales of movement; and the breaking of the interface between inhabitant and stranger”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, para uso em sala de aula (p. 18).

³ Do original em inglês: “(...) urbanity, we suggest, is not so mysterious. Good space is used space. Most urban space use is movement”. Tradução: E. Trigueiro e D. Pereira, para uso em sala de aula (p. 15).

Para estes autores, projetos “urbanos” seriam, portanto, aqueles que, tomando partido do movimento natural, geram economia de movimento e maximizam os efeitos multiplicadores e, como conseqüência, as possibilidades de encontros capazes de originar ou reforçar a vitalidade urbana são potencializadas. É uma força que age “de fora para dentro” e não “de dentro para fora”. A configuração da cidade, as localizações urbanas originadas pelos percursos que unem as várias partes da cidade, elas mesmas já carregam em si um padrão de movimento potencial afetado por esta própria configuração. E é o entendimento, a manutenção e a potencialização de tal padrão o que gera a chamada economia de movimento. O termo “economia” associado ao movimento natural é oportunamente utilizado por Hillier, pois deixa claro que o movimento “não natural” ou o movimento baseado em programas pré-estabelecidos custam algo para a cidade. Este algo, viu-se, parece ser a fragmentação urbana, a especialização de porções da cidade em determinadas atividades.

Se os conceitos de cidades simbólicas e cidades instrumentais de Hillier têm paralelo com aquilo que Holanda chamou de “paradigma da formalidade” e “paradigma da urbanidade”, estariam assim, as cidades contemporâneas cada vez menos capazes de criar espaços de urbanidade? Apesar de a presente pesquisa não alcançar a resposta a esta pergunta, ela mostra que as cidades atuais estimulam cada vez menos encontros aleatórios, não programados, em várias horas do dia, pois as atividades parecem estar cada vez mais fragmentadas, tanto em termos espaciais como em termos temporais.

Observam-se, assim, duas posições contrárias: por um lado Hillier *et al* pregam um tipo de intervenção na cidade que, mesmo em se tratando de projetos pontuais, parta da compreensão da cidade como um todo e que considere a sua dinâmica natural; por outro lado, são comuns na cidade projetos que objetivam criar ou forjar uma nova dinâmica urbana, rompendo com os padrões estabelecidos a partir de um longo processo histórico, contribuindo com a fragmentação do tecido urbano e almejando rápidas transformações funcionais, apesar das quase irrisórias transformações físicas.

Esta dualidade parece ser encontrada na cidade de Fortaleza. A expansão da cidade e sua conseqüente repercussão no deslocamento de atividades de seu centro tradicional (DIÓGENES, 2005; CARTAXO FILHO, 2005), a exemplo do que ocorre em tantas outras cidades brasileiras e não brasileiras (VILLAÇA, 1998), estimulam a implantação de projetos pontuais que visam a revitalização de determinadas áreas da cidade.

Focalizando o estudo de intervenções urbanas na capital do Ceará, este trabalho representa um esforço de entendimento de como a cidade enquanto artefato, enquanto “coisa” construída, tem implicado nas relações sociais. Procura-se identificar como a fragmentação da cidade é refletida em suas partes constituintes e, assim, influencia as modificações nos padrões de vida urbana. É, portanto, uma pesquisa centrada na vida urbana na cidade contemporânea como resultado de suas transformações espaciais.

Os espaços públicos das cidades são aqui entendidos como locais preferenciais para o estudo da vida urbana. No entanto o próprio conceito de espaço público vem sendo revisado e ampliado nas últimas décadas (FRANCIS, 1987; SARAIVA e SILVA, 2005), podendo englobar também áreas semi-públicas, ou seja, de acesso algo mais restrito. Aqui os espaços públicos estudados são praças, áreas urbanas públicas abertas, localizadas no centro tradicional de Fortaleza. A característica básica desses espaços, o acesso indiscriminado de pessoas, faz com que sejam relacionados à vida pública propriamente dita, lugar de manifestações culturais, políticas e também o lugar onde a vida cotidiana se desenrola.

Estudar dois espaços públicos relativamente recentes da cidade de Fortaleza sob a ótica da urbanidade pode, portanto, demonstrar como a cidade vem correspondendo, em termos de vida urbana, às suas transformações físicas e funcionais. Contribuir com o entendimento sobre como se dá essa relação entre forma e função na cidade, relação esta que parece estar cada vez menos presente nos estudos urbanos (HILLIER, 1996), também é objetivo deste trabalho.

Os espaços públicos estudados inserem-se nas práticas do urbanismo contemporâneo que freqüentemente substituem planos mais gerais por projetos de pequena escala, com objetivos grandiosos de transformação de áreas degradadas, muitas delas inseridas em contextos históricos. Neste trabalho serão enfocados dois casos: projetos implantados na mesma década, com o mesmo objetivo geral, saídos da prancheta dos mesmos arquitetos, mas que, apesar dos aspectos em comum, impactam distintamente o entorno e a cidade. Os estudos de caso são a última reforma da Praça do Ferreira e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Os aspectos comuns aos dois projetos estão diretamente relacionados entre si. A última reforma da Praça do Ferreira data do início da década de 1990 e a inauguração do Centro Cultural, do final da mesma década. Apesar de partirem de agentes diferentes⁴, ambos os projetos tiveram como ponto de partida a revitalização do centro tradicional de Fortaleza. E não é

⁴ A reforma da Praça juntou esforços da Prefeitura da Cidade e de associação de comerciantes e lojistas do Centro da cidade, ao passo que o Centro Cultural foi um projeto de iniciativa do Governo do Estado.

por acaso. A década de 1990 é marco das discussões e intervenções sobre as áreas centrais degradadas das metrópoles brasileiras.

Se por um lado observam-se tais semelhanças, discrepâncias também saltam aos olhos. A começar pela escala dos empreendimentos. A Praça ocupa área aberta, correspondente a aproximadamente duas quadras. O Centro Cultural ocupa área três vezes maior. Suas funções também são diferentes. Enquanto que a Praça caracteriza-se como um lugar de passagem, de encontro casual ou não, lugar de manifestações públicas, o Dragão aparece como um lugar fim, com atrativos específicos, com programação específica, da qual depende, na maioria dos casos, a vontade de lá estar.

Outro aspecto de diferenciação entre os projetos é a repercussão de cada um deles. É senso comum a opinião de que o Dragão do Mar tem interferido negativamente no espaço urbano circunvizinho, a Praia de Iracema. Não que se negue por completo a revitalização da área. A valorização imobiliária, alavancada com o Centro Cultural, tornou insustentáveis as atividades antes existentes que passaram a ser substituídas por outras, ligadas ao turismo e ao lazer noturno.

Posteriormente, até mesmo os proprietários de bares e boates se viram ameaçados pela especulação imobiliária, sendo constantemente obrigados a migrarem para outras áreas. (...) Atualmente é visível inclusive o fechamento de alguns deles, processo semelhante ao ocorrido no Calçadão da Praia de Iracema. (PAIVA, 2005, p. 135)

As transformações de usos intensificadas após a construção do equipamento e seus problemas conseqüentes (degradação ambiental, violência urbana e exclusão social) causam descontentamento em moradores e antigos freqüentadores da Praia de Iracema (GONDIM, 2001, p. 185). Como o equipamento trouxe para a cidade a reunião de várias atividades em um só local, (o seu programa arquitetônico inclui museus, teatro, cinemas, anfiteatro, etc.), o Dragão sugaria a vitalidade do entorno, contribuindo limitadamente com sua revitalização.

A ausência de uma ligação física com o calçadão da Praia de Iracema, que não foi contemplada na construção do Centro Dragão do Mar, contribui para o enfraquecimento das atividades de lazer e turismo na Praia de Iracema, pois de certa maneira o Dragão “vampirizou” o público que freqüentava o calçadão. (PAIVA, 2005, p. 135)

Por outro lado, a última reforma realizada na Praça do Ferreira é apontada como sendo fator decisivo para o retorno da vitalidade dela mesma e também do seu entorno. As críticas ressaltam alguns elementos da reforma, como por exemplo, o nivelamento da pavimentação, a retomada de elementos de mobiliário urbano de relevância histórica (bancos compridos de madeira e a coluna da hora) como artifícios usados pelos arquitetos com a finalidade de atrair usuários para o espaço.

Apesar do suposto risco de chegar a resultados já revelados⁵, o desafio de analisar tais projetos foi aceito por acreditar-se que ainda existem lacunas a serem preenchidas em seus estudos. Uma dessas lacunas é uma abordagem morfológica, focando os seus efeitos de nas relações sociais. Este estudo está concentrado nas propriedades espaciais conformadas pelo conjunto edificado e em como a sua estrutura espacial corresponde ou não aos usos encontrados. Portanto, nesta pesquisa interessa principalmente o estudo do espaço - o oco de um objeto construído - suas continuidades, suas relações com a massa construída e com práticas sócio-culturais, entendendo-se que estas se expressam em padrões de uso dos espaços.

Propõe-se uma análise objetiva dos espaços construídos, buscando sempre relacionar suas propriedades espaciais e seus impactos na cidade e na vida urbana. Fala-se uma “análise objetiva”, pois está concentrada no objeto e em suas características mensuráveis, procurando responder a pergunta: quais os limites espaciais da urbanidade na cidade atual? A esta análise dos objetos será somado o discursos dos usuários, a partir da utilização de procedimentos que permitem verificar o grau de satisfação com o espaço.

Os projetos aqui analisados são considerados como artefatos que, apesar de refletirem determinados contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, também afetam socialmente, economicamente e até culturalmente. A arquitetura, que pode ser entendida como variável dependente daqueles aspectos – como geralmente o é - será aqui abordada como variável independente, ou seja, que causa efeitos.

O estudo e a identificação desses efeitos importam porque se acredita ter em mãos dois projetos que representam diferentes paradigmas de intervenções urbanas. Por um lado, a reforma da Praça do Ferreira, um dos mais antigos e principais logradouros da cidade de

⁵ São vários os estudos acadêmicos sobre tais projetos. Dentre os trabalhos acadêmicos, citam-se os seguintes: Costa (2003), Fernandes (2004), Paiva (2005), Barbosa (2006), Vieira (2007). Dentre os livros publicados, podem ser citados: Gondim (2007), Vargas e Castilho (2009).

Fortaleza, apontada por muitos, especialmente os mais antigos, como o “coração da cidade”⁶, dado seu papel de prestígio na vida urbana da capital e caráter agregador de usos e de pessoas, representa um “nadar contra a maré”, um esforço de resgate ou manutenção de um tipo de vida urbana que talvez já não seja mais possível, tanto pelas características da própria cidade como também pelas características socioculturais de seus habitantes.

Por outro lado, o Centro Cultural Dragão do Mar aparece como um exemplo de aplicação do modelo planejamento urbano baseado na criação de novos usos em áreas degradadas da cidade, no qual a estrutura urbana parece ter participação secundária. Projetos deste tipo, antes de priorizar a integração com a cidade, enfatizam a quebra do tecido urbano e transformam a imagem do lugar. São os projetos que, ao invés de interligarem partes da cidade, re-criam uma parte da cidade na qual se inserem.

Será visto que a reforma da Praça do Ferreira aproxima-se do modelo de intervenção defendido por Hillier *et al*, no qual a teoria do movimento natural funciona e é reforçada. Ao mesmo tempo, os padrões de uso correspondem de maneira mais direta aos padrões espaciais. Para este tipo de intervenção, existe uma relação mais direta entre padrões de uso e padrões espaciais, ou nos termos de Holanda (2002), padrões espaciais são aspectos fortemente influenciadores da vida espacial. Algo de fundamentalmente diferente encontra-se no Centro Cultural. Será visto que os padrões de uso encontrados no Dragão do Mar (se é que existem) não estão impressos na configuração espacial, havendo aí uma forte dissociação entre forma e função ou entre forma e uso.

Parece, então que se pode questionar a aplicação de uma assertiva de Hillier nestes projetos urbanísticos mais recentes de revitalização de áreas degradadas, especialmente, áreas antigas de grandes cidades. Segundo Hillier (1996, p. 112), “(...) *lugares não são coisas locais. São fragmentos de coisas de grande escala, coisas de grande escala as quais chamamos cidades. Lugares não fazem cidade. São as cidades que fazem os lugares. A diferença é vital. Não podemos projetar lugares sem conhecermos cidades*”⁷. A afirmação de Hillier, por basear-se na Teoria da Sintaxe do Espaço, exclui abordagens outras da arquitetura, como, por exemplo, algumas daquelas sugeridas por Holanda (2002, 2003, 2006). Hillier não considera os aspectos emocionais

⁶ Daí o título do trabalho.

⁷ Do original em inglês: “(...) places are not local things. They are moments in large-scale things, the large-scale things we call cities. Places do not make cities. It is cities that make places. The distinction is vital. We cannot make places without understanding cities”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, para uso em sala de aula (p. 18).

ou os simbólicos, por exemplo, em sua assertiva. Lugares de forte apelo emocional ou simbólico podem, sim, fazer cidades, assim como lugares economicamente pujantes podem fazê-lo. A força dos lugares também fazem cidades. Se não, como justificar o sucesso das estratégias de *city-marketing* em várias cidades do mundo e, inclusive em Fortaleza? (GONDIM, 1998; VIEIRA, 2007).

O que se vê em muitos projetos recentes de revitalização de partes de cidades, e o que o projeto do Dragão do Mar parece exemplificar, é exatamente a contramão do que afirma Hillier. O Dragão do Mar seria um exemplo de “enclave”, definindo-se enclave como “*locais de destino não disponíveis ao movimento natural*” (HILLIER, 1996, p. 134), ou seja, elemento gerador de descontinuidade na malha urbana.

Esses lugares ‘desurbanos’ surgem a partir de uma configuração espacial local mal estruturada e, como consequência, os principais elementos da economia de movimento se perdem. Uma situação de perda semelhante a essa pode também ser causada por dispersão (...). Efeito similar pode surgir, mesmo em um sistema urbano relativamente denso, através de uma política urbana direcionada para a substituição de estruturas urbanas contínuas por enclaves especializados⁸ (HILLIER, 1996, p. 134).

A reforma da Praça, por outro lado, exemplifica um reforço ao efeito da malha, ao movimento natural, gerando economia de movimento e maximizando os efeitos multiplicadores. A correlação entre propriedades espaciais e a realidade funcional é identificada na Praça. Ali não se observa ruptura entre as dimensões física e funcional da cidade. Ao contrário, a reforma do logradouro reforçou o caráter global e local da Praça em relação a sua posição da cidade, contribuindo positivamente para enfatizar o seu caráter de lugar. Defende-se que a reforma da Praça do Ferreira é um exemplo de urbanidade. Mas qual urbanidade? Ver-se-á que também não parece ser a urbanidade tal qual Hillier propõe, muito menos aquela defendida por Jane Jacobs (1961) e Bo Grönlund (2007): onde está a diversidade de atividades durante à noite? Onde está a sensação de segurança?

Assim sendo, vê-se que o conceito de urbanidade parece estar limitado nas cidades contemporâneas. Isto porque parece cada vez menos factível a urbanidade tal qual defendida por

⁸ Do original em inglês: “These ‘disurban’ places arise from a poorly structured local configuration of space as a consequence of which the main elements of the movement economy are lost. A similar pattern of loss can also arise through dispersion. (...)A similar effect can arise even in a comparatively dense urban system through an urban design policy of replacing continuous urban structure with specialized enclaves”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, para uso em sala de aula (p. 19).

Hillier, Holanda, Jacobs, por exemplo. As dimensões espacial, social e temporal da fragmentação das cidades já são refletidas na vida urbana. Se este processo será ou não agravado, não se sabe.

No entanto, os processos de deslocamento de atividades e usos dos centros das cidades parecem dar alguma pista do que pode acontecer. Mesmo espacialmente ainda aparecendo como uma área muito acessível da cidade, o centro urbano é cada vez menos usado pelas classes sociais mais privilegiadas e cada vez mais utilizado pelas classes economicamente classificadas como C, D e E (CARTAXO FILHO, 2005). Ao mesmo tempo, são geradas novas centralidades que parecem reforçar o caráter segregador que a cidade vai adquirindo. O resultado disso é o contrário do esperado em termos configuracionais: a diversidade não é mais encontrada no centro da cidade. E onde se pode achá-la?

Ante este panorama contemporâneo de transformações dos padrões de vida urbana, buscou-se alcançar o objetivo geral desta dissertação, que foi o entendimento da vida urbana em Fortaleza a partir da análise de dois espaços públicos implementados na década de 1990 que aparecem como diferentes paradigmas de intervenções urbanas. Para tanto, as seguintes etapas foram desenvolvidas:

- Identificação, na literatura existente, de propriedades espaciais e fenômenos sociais relacionados à urbanidade;
- A caracterização e análise dos equipamentos implantados, de acordo com as propriedades previamente encontradas. Esta caracterização abrange três dimensões da urbanidade identificadas: a dimensão espacial, a dimensão social e a dimensão temporal;
- A correlação entre as propriedades espaciais entre si (dimensão espacial) e também entre estas e a dimensão social, buscando identificar padrões de usos e apropriações dos espaços públicos urbanos;

A fim de se alcançar os objetivos desta pesquisa foram utilizados procedimentos analíticos desenvolvidos pela Teoria da Sintaxe do Espaço e de Avaliação Pós-Ocupação. Os procedimentos de Análise Sintática do Espaço adotados permitiram a caracterização espacial das áreas estudadas. Já os procedimentos de Avaliação Pós-Ocupação, que envolveram mapeamentos e aplicação de questionários, permitiram caracterizar os objetos em suas dimensões social e temporal.

A dissertação está assim organizada:

O primeiro capítulo traz o referencial teórico, onde estão expostos os conceitos, o problema que norteou a pesquisa bem como a revisão bibliográfica relativa aos conceitos de vitalidade e urbanidade. Este capítulo apresenta em linhas gerais alguns elementos de análise que serão adotados e explicitados no capítulo seguinte.

O segundo capítulo exporá os procedimentos metodológicos adotados, que por sua vez partiram de aspectos evidenciados no referencial teórico. Quatro etapas gerais compõem os procedimentos metodológicos (HANSON, 1992, p. 149): as investigações morfológicas que abrangem tanto a representação como a quantificação de propriedades espaciais; a observação, que envolve os mapeamentos de uso e movimento; a correlação entre as propriedades espaciais e os dados obtidos a partir da observação; e, por último, o estudo de aspectos sociais e temporais, que foram dados a conhecer a partir da aplicação de questionários nas áreas estudadas.

Os terceiro, quarto e quinto capítulos tratam de apresentar a análise dos espaços públicos estudados, a partir das categorias explicitadas no capítulo anterior. Cada porção urbana estudada foi caracterizada em separado, por questões didáticas. Procurou-se introduzir os vários aspectos observados com um breve resumo, a fim de tornar a leitura do trabalho mais objetiva e menos cansativa.

A última parte da dissertação (preferiu-se não chamar de “capítulo”, à semelhança de como fora tratada a introdução deste trabalho) traz a discussão da correlação entre as propriedades morfológicas analisadas e os padrões de uso das áreas investigadas. Nessas últimas páginas da dissertação são apresentadas as conclusões que a pesquisa proporcionou e são apontados outros questionamentos ou caminhos de investigação que afloraram a partir deste estudo e que podem ser desenvolvidos em etapas posteriores de pesquisa para o melhor esclarecimento dos resultados encontrados.

Preferiu-se separar as figuras, os gráficos, os quadros do texto escrito corrido e dispô-los em um volume a parte, o Volume II desta dissertação. Estes elementos não são apenas ilustrativos. A observação e interpretação deles são indispensáveis para a compreensão dos argumentos e conclusões deste estudo. Dada a grande quantidade desses elementos e suas recorrentes referências ao longo do texto, optou-se por separá-los e numerá-los por capítulo. As tabelas, por outro lado, foram mantidas no corpo do texto principal, pois elas explicitam os

resultados imediata e textualmente referidos, não sendo recorrentemente utilizadas em diferentes trechos do trabalho. Acredita-se que desta maneira a leitura da dissertação é otimizada e as ilustrações são mais bem aproveitadas.

Capítulo 1. O lugar da urbanidade na cidade contemporânea



1.1. Preâmbulo

A cidade é o lugar dos encontros, da intersubjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinho. Os pensamentos, as ações e os afetos não se originam na essência de cada um, mas na relação. (BONFIM, 2008, p. 61).

É possível caracterizar a cidade contemporânea? Se a primeira resposta que vem a cabeça é a negativa, parece contraditório que termos como “globalização”, “fragmentação”, “dispersão”, “segregação social”, “segregação espacial”, “novas centralidades” estejam cada vez mais presentes nos discursos sobre a tal cidade da atualidade.

Até aí, nada de novo. Mas o que se quer dizer é que aqueles adjetivos relacionados a evidências observáveis das cidades contemporâneas (MEDEIROS, 2006) ou aos processos atuais pelos quais estas passam, associam-se a um tipo de configuração da estrutura urbana que as aproximaria daquilo que Bill Hillier (1989) chama de “cidades simbólicas”, em contraposição às “cidades instrumentais”. Em poucas palavras, as cidades instrumentais de Hillier, ou seja, aquelas baseadas em atividades cotidianas, na vida urbana pautada no encontro das diferenças, no encontro não programado e aleatório, onde o inesperado pode ocorrer, estariam cada vez menos factíveis na atualidade. Por outro lado e contrariamente às cidades instrumentais estariam as cidades simbólicas, que evidenciarão a estratificação social, e não favoreceriam a diversificação de atividades, a “*mixité*”⁹ de usos e classes sociais, sendo o espaço a concretização de diferentes formas de poder e controle. As características físicas das cidades influenciariam as práticas sociais que nelas se espacializam. Mas o que é que se chama de “práticas sociais espacializadas nas cidades” senão a própria vida urbana?

Aqui aparece um tema recorrente e que tem dividido opiniões: a urbanidade¹⁰. As transformações nas cidades, oriundas ou de seu rápido crescimento e expansão ou de

⁹ Por *mixité* entende-se mistura social, tanto em termos econômicos, como étnicos, mas também por interesses, origem.

¹⁰ O tema da urbanidade tem estado em pauta em muitos seminários, congressos e conferências na área da arquitetura e urbanismo. Em 2008, o SILACC – Simpósio Latino-americano de Cidade e Cultura teve como um de seus eixos a discussão da urbanidade, propondo o aprofundamento das discussões sobre a cidade contemporânea, seu método de abordagem, seus espaços e as expectativas sociais sobre a mesma. Em 2009, o Seminário Internacional Arcus, sediado em João Pessoa teve como tema: Ambientes Urbanos e Urbanidades e propôs-se a contribuir com a compreensão da cidade contemporânea e das novas urbanidades nela emergidas. Já em 2010 acontecerá a VII Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo, em Medellín, com o tema “Arquitetura para a integração cidadã”, que abordará a cidade como o espaço onde acontecem o trocas entre as pessoas e o ambiente em que habitam.

intervenções urbanas pautadas em preocupações com a qualidade de vida urbana, com a sustentabilidade e o desenvolvimento da competição entre cidades, tornam inevitáveis questionamentos sobre como tem-se estabelecido a vida nas cidades. Está de fato o homem urbano morto ou no leito da morte (SENETT, 1988)? A cidade enquanto lócus de relações sociais negociáveis ainda é factível? Ainda não há respostas. Mas podem ser identificados pelos menos três possíveis caminhos ou vertentes apontadas na literatura sobre as cidades:

1. Aqueles que ainda acreditam e defendem uma vida urbana baseada na diversidade, no contato pessoa-pessoa, na vivência cotidiana da cidade, de seus conflitos e negociações. Aqui estão teóricos como Jane Jacobs (1961) e Hillier (1989);

2. Aqueles que acreditam que a vida urbana caminha para outros rumos e que já não é possível se pensar ou se buscar as suas formas tradicionais, e sim outras, considerando, por exemplo, as inovações tecnológicas e a diminuição do poder das distâncias físicas. Dentre estes, pode-se citar William J. Mitchell (2000); e

3. Aqueles que acreditam na possibilidade de se criar um novo tipo de vida “urbana” a partir da proposição de espaços minimizadores dos conflitos urbanos, mesmo que para se alcançar esta “paz urbana” fuja-se da própria cidade e seja enfatizada a segregação socioespacial. Aqui estão enquadradas as propostas do “*Novo Urbanismo*”, de Andres Duany et. al.

A temática da urbanidade é assim instigante e sedutora e abre uma série de questionamentos que serão aprofundados em outras etapas do estudo acadêmico. Por enquanto, a pesquisa sobre a urbanidade na cidade contemporânea que aqui é apresentada estará baseada em alguns autores, aqueles que parecem ter desenvolvido aspectos que ajudam a identificar ambientes “urbanos” segundo categorias de análise próprias da área de arquitetura. Durante a revisão bibliográfica, foram então buscadas categorias de análises capazes de representar e analisar, sob a lente da urbanidade, intervenções relativamente recentes na cidade de Fortaleza que tiveram como principal objetivo a revitalização de porções da cidade.

O ponto de partida do estudo é que as cidades na atualidade tendem a ser dispersas e fragmentadas, fatores que concorrem para a produção de ambientes cada vez menos “urbanos” e cada vez mais “formais”. Às características das *cidades instrumentais* e *simbólicas* de Hillier (1989), Frederico de Holanda (2002) chamou respectivamente de *paradigma da urbanidade* e *paradigma da formalidade*. Mostrar-se-á que esta dicotomia urbanidade x formalidade, que transpassa a estrutura das cidades como um todo, transparece em suas partes, mais

especificamente em seus espaços públicos, que são (ou pelo menos eram), por excelência, o lócus da vida urbana.

Este trabalho parte do pressuposto que estudar a forma bem como a apropriação dos espaços públicos da cidade pode oferecer uma pista sobre como a cidade atualmente funciona em termos de urbanidade. Isto porque seriam os espaços públicos os lugares preferenciais de urbanidade, já que uma das características básicas dos espaços públicos urbanos é o acesso indiscriminado de pessoas. Estes espaços seriam, portanto, o palco do encontro e da negociação das diferenças, espaço onde as relações sociais mais inusitadas aconteceriam com maior probabilidade, onde a troca de experiências com maior riqueza poderia acontecer. [Fig. 1.1]

A seguir será explicitado o percurso teórico que incitou o destaque de algumas características da vida urbana nas cidades atuais.

1.2. O problema

É nítida a separação entre a cidade real e a cidade teórica (HALL, 1988; HILLIER, 1996; ARANTES, 2001). A expansão e o crescimento das cidades, não somente físicos, mas também de sua área de influência desencorajam esforços para uma apreensão totalizadora das cidades. Os resultados são percebidos em vários níveis: tanto nos debates sobre o planejamento urbano, como também na escala da cidade propriamente dita e dos projetos urbanísticos.

Nos debates sobre o planejamento urbano temas vários se sobrepõem. Reflexões e conjecturas sobre os impactos do desenvolvimento das tecnologias da informação, a busca pela sustentabilidade e pela qualidade de vida urbanas, bem como pela recuperação de áreas degradadas e a concorrência entre cidades a fim de destacarem-se no panorama global são temas recorrentes na atualidade. Na prancheta, acupunturas urbanas de promessas milagrosas. Na prática, cidades cada vez mais dispersas, fragmentadas e segmentárias. [Fig. 1.2]

Em meio a atual pluralidade de orientações das intervenções urbanas, o que parece ser comum entre elas é a preocupação ética de melhorar e estender a vida humana nas cidades. Ao mesmo tempo em que temas como sustentabilidade, ecologia, identidade, preservação e respeito ao patrimônio tornam-se freqüentes nos debates urbanos, novas formas de relações humanas são inauguradas pelos avanços tecnológicos, sobretudo aqueles relacionados à mobilidade e à

comunicação, os quais favorecem à diminuição das limitações dadas pelas distâncias físicas, obstáculos cada vez mais fáceis de serem vencidos para uma dada parcela da população.

No entanto, o que parece é que o debate urbano de a partir dos anos de 1980 pouco contribuiu para a prática do planejamento e desenho urbanos atuais. Isto porque o vetor resultante das várias temáticas evidenciadas aponta para uma menor apreensão da cidade enquanto um todo articulado formado por partes que, por sua vez, interferem neste todo. Daí em diante é fácil imaginar que os projetos paradigmáticos do urbanismo contemporâneo mais parecem acirrar o esfacelamento da cidade do que costurar a tal “colcha de retalhos”¹¹.

Uma vez baseado em ações pontuais e localizadas, voltadas em muitos casos para a atração de capital e investimentos financeiros, o urbanismo contemporâneo tem privilegiado alguns espaços da cidade e, atuando de maneira localizada, propõe um tratamento superficial e fragmentador, contribuindo com a formalização da cidade e diminuindo a espontaneidade da vida urbana.

No “pacote” das atuais intervenções que parecem enfatizar o esfacelamento das cidades, estão também aquelas que guardam os bem-intencionados discursos comuns na atualidade que giram em torno da recuperação de determinadas áreas, da devolução ou mesmo da criação de vitalidade em porções urbanas.

Diz o senso comum ser cada vez mais indispensável para a saúde da cidade e para a atração de investimentos e de turismo que ela esteja viva, pulsante. O diagnóstico quase sempre é o mesmo: o coração da cidade, seu centro antigo, precisa com urgência de uma intervenção. Outras áreas de usos obsoletos, mas ao mesmo tempo de grande potencialidade paisagística - geralmente antigas áreas portuárias - também merecem cirurgia. Estas atitudes, recorrentes na Europa e nos Estados Unidos a partir da década de 1980 [Fig. 1.3], tornaram-se mais comuns no Brasil e outros países latino-americanos na década de 1990, impulsionando estudos urbanísticos cuja meta seria a criação, resgate ou ampliação da vitalidade de áreas degradadas da cidade. Para Hall (1988, p. 488) este discurso de qualidade de vida nas cidades

via a cidade de maneira ampla em termos de *design*, e colocava-se em plena concordância com outro tema das décadas de 80 e 90: a ênfase da competição entre cidades, da comercialização delas tratando-as como carros ou cozinhas, o que constituiu parte e parcela da globalização, numa era em que as velhas vantagens locais haviam ido pelos ares. (...) Tudo isso veio ao

¹¹ Faz-se referência à expressão utilizada por Medeiros (2006) ao tratar de aspectos das cidades contemporâneas.

encontro da nova ênfase sobre a recuperação realizada empresarialmente através de uma série de projetos espetaculares que transformariam a imagem de uma área urbana exaurida. Marcou igualmente uma guinada nessa ênfase: afastando-se das estratégias de crescimento orientado para dar casas às pessoas (...) e rumando para estratégias que dependiam da renovação de áreas de terra nua, muito mais próximas dos centros urbanos.

Atualmente, a busca pela qualidade urbana parece estar ganhando outras dimensões. Por um lado, o fenômeno da globalização acirra a competitividade entre as cidades, que tentam exaltar e mostrar para o mundo suas diferenças, particularidades e vantagens, a fim de atrair um número cada vez maior de empresas e turistas, que trazem consigo vultosos investimentos financeiros, o principal combustível da economia. Em termos urbanísticos práticos, o fenômeno da globalização e a conseqüente competitividade entre as cidades reclamam por intervenções urbanas estratégicas, que confirmam a frações das cidades uma imagem atrativa que procura realçar o que há de característico na cidade, valorizar áreas tradicionais ou degradadas e inseri-las em roteiros turísticos. Por outro lado, com o desenvolvimento tecnológico, o enfraquecimento da relação entre espaço e tempo vem criando novas possibilidades de localizações urbanas privilegiadas que reforçam a natureza seletivo-segregadora da sociedade. Não se quer dizer com isto que antes as comunidades conviviam em plena harmonia de classes. Ao contrário, acredita-se que atualmente os avanços na tecnologia tornam mais factíveis as segregações. Como afirma Harvey (1989, p. 77)

as comunicações contemporâneas derrubam as 'fronteiras usuais do espaço e do tempo', produzindo tanto um novo internacionalismo como fortes diferenciações internas em cidades e sociedades baseadas no lugar, na função e no interesse social. Essa 'fragmentação produzida' existe num contexto com tecnologias de comunicação e de transporte capazes de lidar com a interação social no espaço de maneira bastante diferenciada. A arquitetura e o projeto urbano viram-se, portanto, diante de oportunidades novas e mais amplas de diversificar a forma espacial do que ocorrera no período pós-guerra imediato. Formas urbanas dispersas, descentralizadas e desconectadas são hoje muito mais factíveis tecnologicamente do que antes.

Como reação à idéia dos grandes planos urbanísticos modernos e sob o discurso defensor de ações pouco impactantes,

as intervenções urbanas vêm se dando de forma pontual, restrita, por vezes intencionalmente modesta, buscando uma requalificação que respeite o contexto, sua morfologia ou tipologia arquitetônica, e preserve os valores locais. (...) chega-se mesmo a advogar a causa surpreendente de um urbanismo

anárquico, ou a fazer apologia da cidade caótica, plural como uma colagem, fragmentária, *soft* etc. (ARANTES, 2001, p. 121-122).

Segundo a autora, foram então concentrados esforços para:

Consertar sem destruir, refazer sem desajolar, reciclar, restaurar, criar a partir do que está dado, respeitar a sedimentação dos tempos diferentes, reatando e rejuvenescendo os vínculos com a tradição, enfim, construir um lugar – no acepção forte do termo -, ou seja, dar forma ao informe sem com isso querer ordená-lo, mas devolvendo-lhe a antiga dignidade, redescobrimo por aí o fio perdido da continuidade histórica que lhe dá sentido, e assim por diante. Tudo isso era fruto de um esforço de salvação da cidade e, com ela, da urbanidade, quem sabe até de uma vida pública perdida, conduzido discretamente, passo a passo, por assim dizer em migalhas, a partir de pontos nevrálgicos, escolhidos a dedo, seja por sua deterioração, seja ao contrário, pelo significado de que poderia se revestir para a população local, servindo de ponto de irradiação (...) que viesse a requalificar o entorno – *ipso facto*, a relação das pessoas com o seu espaço e entre elas (ARANTES, 2001, p. 124).

Arantes relaciona várias promessas das intervenções urbanas atuais, que concorrem para o resgate da urbanidade, da vida pública perdida. Logo depois a autora expõe a maneira pela qual os urbanistas buscavam alcançar tais objetivos: “em migalhas, a partir de pontos nevrálgicos, escolhidos a dedo”. Certamente os autores que trabalham com a idéia da urbanidade baseada na diversidade, no contato pessoa-pessoa, na negociação dos conflitos e diferenças, como Jacobs, Hillier e Holanda, encontrariam contradições: Como resgatar a riqueza da vida urbana a partir de intervenções locais, que atingem potencialmente somente determinada parcela da população? Ou ainda: como reverter o quadro de deterioração de determinadas porções da cidade, resultado de um processo histórico de crescimento e expansão urbanos, interferindo somente nelas mesmas? Estes questionamentos levam ainda a outro: é ainda possível intervir estruturalmente nas cidades, dado seu caráter de consolidação? Se a resposta for negativa, pode-se concluir que a vida urbana, tal qual pensada por aqueles autores, está comprometida. Analisar intervenções pontuais na cidade atual (matéria deste trabalho) sob a ótica dos seus efeitos sobre a urbanidade pode ajudar a clarificar os questionamentos acima.

Continuando a explicitar algumas tendências de ações pontuais no sentido de melhorar a qualidade de vida urbana ou de recuperar áreas degradadas, vale destacar o posicionamento de Heliana Comin Vargas e Ana Luisa de Castilho (2009), para quem a recuperação do centro das metrópoles passa necessariamente por operações de melhorias da imagem da cidade. Melhorar a imagem da cidade proporcionaria, de acordo com as autoras, a perpetuação de sua história, a

criação de “um espírito de comunidade e pertencimento” (VARGAS e CASTILHO, 2009, p. 5).

Recuperar o centro das metrópoles

Significa também promover a reutilização de seus edifícios e a conseqüente valorização do patrimônio construído; otimizar o uso da infra-estrutura estabelecida; dinamizar o comércio com o qual tem uma relação de origem; gerar novos empregos. Em suma, implementar ações em busca da atração de investimentos, de moradores, de usuários e de turistas que dinamizem a economia urbana e contribuam para a melhoria da qualidade de vida, valorizando também a gestão urbana que executa a intervenção. (VARGAS e CASTILHO, 2009, p.5)

De maneira semelhante, Linda Gondim (2007) reconhece nas intervenções urbanas contemporâneas em centros históricos a predominância de idéias de requalificação, revitalização ou enobrecimento, o que conflui para

(...) a produção de novos espaços com ênfase em qualidades estéticas e sua apropriação ou uso por grupos sociais supostamente heterogêneos, incluindo turistas. As intervenções implicam também uma mudança na escala dos planos. (...) A norma passa a ser a abordagem do desenvolvimento urbano por meio de estratégias pluralistas, que permitam “colagens” de espaços diferenciados (...). Nesse sentido, é concedido papel de relevo ao desenho urbano, com preferência por uma arquitetura carregada de efeitos simbólicos, inclusive a monumentalidade”(GONDIM, 2007, p. 82).

Os resultados dessas intervenções mostraram-se, no entanto, bastante divergentes de seus objetivos primeiros. A maior ênfase parece que tem sido dada a aspectos superficiais e estilísticos, contribuindo para a criação de cenários urbanos e para o agravamento da segregação socioespacial.

Numa palavra, os centros restaurados acabaram se convertendo em cenários para uma vida urbana impossível de ressuscitar. Para os novos excluídos, no máximo um lugar de lazer, em geral muito pouco e de natureza duvidosa; como disse, pura encenação. Imagens de uma cidade dita ‘comunicante (afinal é um novo paradigma) onde a pluralidade não passa de *décor* cultural.

(...) Assim, a reabilitação de certos bairros, especialmente dos centros urbanos, não passa de uma verdadeira consagração da eternidade da cena – bem polida, limpa, enfeitada, transformada ela mesma em museu (ARANTES, 2001, p. 125-126).

Este discurso parece aproximar-se daqueles que versam sobre o pós-modernismo na cidade. Eles afirmam que o espaço tem sido visto atualmente como elemento autônomo, desprovido de qualquer conteúdo e comprometimento social, que pode e deve ser moldado segundo objetivos e princípios puramente estéticos (HARVEY, 1989, p. 69). Talvez por estas

mesmas razões e pelo fato de que se acreditava ser “*impossível comandar a metrópole exceto aos pedaços*” (HARVEY, 1989, p. 69) o pós-modernismo cultivava “*um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um ‘palimpsesto’ de formas passadas superpostas umas às outras e uma ‘colagem’ de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros*”. (HARVEY, 1989, p. 69). [Fig. 1.4]

Assim como Hillier (1996) e Harvey (1989), Hall (1988) também concorda com o descompasso entre os mundos dos estudos urbanos e do planejamento urbano. Para o autor, enquanto a teoria urbana ocupava-se em intermináveis debates sobre a significância do pós-modernismo,

os arquitetos planejadores enfatizaram quase que exclusivamente a aparência, o lado decorativo das cidades; mostraram uma inclinação marcante para o tratamento de grandes espaços públicos centrais, em detrimento dos locais onde os moradores comuns da cidade viviam e trabalhavam (HALL, 1988, p. 488-489)

O autor acredita que a disparidade entre uma apreensão funcional e física da cidade abre lacunas no que se refere à habilidade de projetar para e na cidade. Um dos efeitos desse distanciamento disciplinar recai na incapacidade de compreender a cidade e sua dinâmica própria, o que o autor identifica como elemento chave para o urbanismo bem sucedido. Assim, para o autor, o esforço de melhorar a qualidade de vida urbana a partir de uma compreensão parcial da cidade já nasce mal predestinado.

1.3. Falando de vida urbana na cidade fragmentada ... Vida urbana mesmo?

Cabe perguntar se não se está substituindo a ideologia do plano por uma outra, a ideologia da diversidade, das identidades locais, em que os conflitos são escamoteados por uma espécie de estetização do heterogêneo, recoberto pela transformação da superfície desencadeada (na acepção que Max Weber dava a essa dimensão-chave do mundo moderno) das nossas cidades em cenários fascinantes de uma sociabilidade viva que há muito tempo deixou de existir, em virtude justamente desse traço desertificante da modernização (ARANTES, 2001, p. 122).

O presente estudo procura evidenciar, nos projetos analisados na cidade de Fortaleza, aspectos que fazem transparecer o processo de fragmentação espaço-sociotemporal vivenciado por grande parte das metrópoles brasileiras. Defende-se que este processo de fragmentação, que aqui será identificado principalmente a partir do estudo do espaço físico ¹², inaugura novos tipos de relações sociais. A fragmentação das cidades é aqui entendida como resultado do crescimento urbano e de sua expansão, fazendo surgir novas opções de locais de moradia, de lazer e de serviços. Com isto, ocorrem deslocamentos de funções urbanas, que migram para outras áreas da cidade, deixando o espaço ulterior de suas concentrações. Aliando-se estes deslocamentos ao desenvolvimento tecnológico, às novas formas de comunicação e à necessidade de as cidades inserirem-se no circuito internacional de turismo, é configurado o quadro da fragmentação urbana das metrópoles brasileiras. Lojquine (apud VILLAÇA, 1998, p. 147) aponta três tipos de segregação urbana: a oposição centro x periferia, a criação de zonas de moradia de acordo com a renda e o esfacelamento das funções urbanas.

Os três tipos de segregação contribuem negativamente com a riqueza da vida urbana, pois fazem emergir cidades dentro de cidades, algumas muradas outras de muros invisíveis. Sim, porque aqui não se fala apenas dos *shoppings centres* ou dos condomínios fechados. Fala-se também de perímetros invisíveis de porções da cidade que pouco dialogam entre si e que estão intrinsecamente relacionados ao terceiro tipo de segregação de Lojquine: o esfacelamento das funções urbanas. Configuram-se as zonas comerciais, as zonas de lazer, as zonas dos serviços, as zonas de moradias. Ainda não é só isso. São as zonas comerciais dos ricos e dos pobres. As zonas de lazer dos ricos e dos pobres, etc. É a cidade que funciona de dia e a cidade que funciona de noite, e estão as duas, uma ao lado da outra. A fragmentação das cidades, assim, não é mais somente socioespacial, ela também é cada vez mais temporal.

Outra faceta das cidades contemporâneas fragmentadas são “os espaços de habitação, trabalho, consumo e lazer totalizantes, concebidos como ‘enclaves fortificados’, muitas vezes redirecionado o crescimento metropolitano e criando subcentros nos subúrbios” (GONDIM, 2007, p. 87), reduzindo oportunidades de contatos sociais entre diferentes setores. São os condomínios fechados, por exemplo, que criam minicidades, dentro de cidades.

¹² Já que é o meio físico matéria própria do campo de pesquisa da arquitetura.

Valério Augusto de Medeiros (2006), a partir do estudo configuracional de várias cidades do mundo, pôde identificar espacialmente tendências da cidade contemporânea brasileira que estão estreitamente relacionadas à vida urbana. Sobre a fragmentação das cidades, ele afirma:

Vive-se por fragmentos e não se experimenta o conjunto urbano em razão da dimensão dilatada e das restrições físicas que a forma-espaco resultante vai delimitando. A cidade fecha-se em si mesma e tais características se acentuam com maior gravidade quando consideramos exemplares em locais fora dos eixos europeu e norte-americano (...). As formas-espacos das cidades se tornaram mais labirínticas e intransponíveis, compostas por fragmentos físicos pouco articulados equivalentes às clivagens sociais respectivas (...) abundância – natural ou econômica – desaparece sob a forma da cidade: a segregação social e fragmentação do tecido são das características mais proeminentes. (MEDEIROS, 2006, p. 252-253).

Para Jacobs (1961), Hillier (1989, 1996) e Peponis (1989), a fragmentação das cidades restringe a possibilidade de vida urbana, ou a urbanidade.

na medida em que aumenta a dispersão, o sistema de movimento torna-se mais e mais um sistema do tipo origem-destino. (...) Efeito similar pode surgir, mesmo em um sistema urbano relativamente denso através de uma política urbana direcionada para a substituição de estruturas urbanas contínuas por enclaves especializados (HILLIER, 1996, p. 19)

O termo “enclave”, utilizado por Hillier (1996) e por Gondim (2007), designa projetos urbanísticos pontuais, tanto do tipo de centros culturais, museus, aquários (mais do caso de Hillier), como também de shopping centers, condomínios fechados ou ruas fechados, centros de negócio e parques (mais do caso de Gondim). Para ambos os autores, os enclaves minimizam a vida urbana, “acentuando a separação espacial entre pobres e ricos” (GONDIM, 2007, p. 87). [Fig 5]. O contrário daquilo que Peponis defende:

a experiência de ambientes genuinamente urbanos refere-se ao encontro, embora não necessariamente a interação, entre pessoas, na maioria das vezes desconhecidas, que podem ser identificadas como pertencentes a diferentes classes sociais, status, raça ou origem étnica: refere-se também à exploração do que não é costumeiro, e ao conhecimento de outros modos de vida, ainda que deles não participemos¹³ (1989, p. 1).

O tipo de vida urbana defendido por Hillier, Peponis, Jacobs, baseado na criação de possibilidades de ricos campos de encontros, de discussão, de debates entre as pessoas de

¹³ Tradução de Frederico de Holanda, em material utilizado em sala de aula.

diferentes classes sociais e de diferentes interesses, sejam habitantes, sejam estrangeiros, encontra paralelo com aquilo que José Luis Sert defendeu, na abertura do CIAM VII: “a função social do ‘core’ da cidade é principalmente agregar pessoas e facilitar o contato direto e a troca de idéias, o que estimulará livre discussão”¹⁴ (CIAM VIII apud COSTA, 2003, p. 21). Na ocasião, foram discutidas as propriedades dos espaços centrais para que desempenhassem o que se acreditava ser a sua função. Termos como espontaneidade, naturalidade e a existência de múltiplas atividades no local estiveram em pauta nos discursos do Congresso. Os arquitetos chamavam atenção para a importância da capacidade de os espaços adaptarem-se a diversos públicos e contextos ao longo dos anos, de maneira a permanecer como pólo de inúmeras relações humanas: conversas, debates, trocas de idéias e mercadorias etc. (COSTA, 2003, p. 22).

Mas será ainda possível a vida urbana tal qual pensada há mais de cinqüenta anos? Se as cidades têm se fragmentado, não será que outro padrão de vida urbana vem sendo estabelecido? Se as cidades estão fragmentadas em termos espaciais (como indica a segregação espacial e a especialização de áreas da cidade de acordo com determinadas atividades), em termos sociais (como indica a segregação social, a concentração de famílias de alta renda em setores da cidade) e em termos temporais (pois se determinada área é comercial, funcionará em horários e dias comerciais; se é de lazer diurno, funcionará sobretudo durante os finais de semana no período da manhã; se é de lazer noturno, funcionará sobretudo durante os finais de semana no período noturno e assim por diante) não estaria então a vida urbana contemporânea seguindo a mesma tendência? As dimensões da vida urbana que, se acredita, estão sofrendo alterações coincidem com as categorias de espaço, indivíduo e tempo, propostas por Marc Augé (1994), que marcam as transformações da contemporaneidade (ou a supermodernidade).

Pressupõe-se que estas dimensões espacial, social e temporal da fragmentação das cidades estão refletidas em seus espaços públicos. Esta fragmentação, percebida por meio da dissociação do tecido urbano de suas partes constituintes (MEDEIROS, 2006), encontra par nas características espaciais dos espaços públicos e nos (novos) padrões de uso desses espaços. Em termos de propriedades espaciais, os estudos dos espaços públicos mostrariam indícios da quebra da malha urbana, que podem ser revelados:

- a) Pelas discordâncias entre as propriedades espaciais quando vistas a partir de diferentes escalas. Ou seja, em escalas amplas, as propriedades espaciais apontam

¹⁴ Do inglês: “the social function of the new community centres or Core is primarily that of uniting the people and facilitating direct contacts and Exchange of ideas that will stimulate free discussion”. Tradução livre da autora.

para determinadas tendências e estas tendências são negadas em escalas de análise mais restritas.

- b) Pelas discordâncias entre as propriedades espaciais e os fluxos. Assim, mais do que as propriedades espaciais, outros fatores (como a programação do lugar) estariam influenciando fortemente o fluxo de pessoas através do espaço. As pessoas, portanto, não chegariam aleatoriamente ao espaço público. Elas iriam especificamente para lá. Este “ir especificamente” caracteriza o que se chama de “espaço-fim” que se contrapõe ao “espaço-meio”.

Acredita-se que as cidades fragmentadas tendem a apresentar mais “espaços-fim” do que “espaços-meio” e que estes “espaços-fim” diminuem a probabilidade de encontros aleatórios, da diversidade social, de pessoas de diferentes interesses etc.

Algo parecido acontece com as dimensões social e temporal da fragmentação. No primeiro caso, os espaços públicos das cidades socialmente fragmentadas revelam uma menor riqueza da diversidade social, da diversidade de atividades e menores probabilidades de encontros aleatórios. Estes aspectos podem ser revelados através da constatação de homogeneidade dos usuários quanto à classe social, quanto à faixa etária e quanto a interesses. A dimensão temporal da fragmentação das cidades, por sua vez, é refletida no espaço público através da concentração do uso em determinados horários, de acordo com as atividades do entorno. O quadro 1.1 sintetiza o argumento exposto e antecipa alguns caminhos de análise.

Por outro lado, ver-se-á que o conceito de urbanidade, que será mais a frente apresentado de maneira mais profunda mediante a ótica de alguns autores, tem sido baseado em termos como diversidade, negociação de diferenças e uso ativo do espaço em diferentes horários. Estes termos parecem ir de encontro às características da cidade fragmentária e ao mesmo tempo aproximar-se daqueles utilizados por Francis (1987) para a descrição das dimensões dos espaços públicos bem sucedidos, ou seja, muito utilizados.

Como a vida urbana materializa-se no espaço construído (que aqui será estudado a partir das três dimensões anteriormente dispostas), o conceito de urbanidade também abrange aqui as dimensões espacial, social e temporal.

A dimensão espacial da urbanidade diz respeito às propriedades morfológicas que favorecem a dinamização da vida urbana. Para alguns autores (HILLIER, 1989, 1996; JACOBS, 1961; PEPONIS, 1989) a fragmentação do tecido urbano compromete a urbanidade. Estes autores chamam atenção para a configuração total da cidade, que pode ou não favorecer à vida urbana em áreas específicas. Para outros autores (HOLANDA, 2002; VAN NES e LOPEZ, 2007; GRÖNLUND, 2007), há elementos morfológicos locais que podem favorecer a vitalidade e à animação urbanas. Os termos urbanidade, vitalidade e animação urbana parecem significar coisas semelhantes, mas distintas. A urbanidade estaria associada a termos como espontaneidade, diversidades no local, elementos que favorecem à rica vida urbana em sua essência, considerando-se o todo da cidade. A vitalidade, por outro lado, seria um conceito relacionado à pujança urbana, sem necessariamente ter a ver com a diversidade social, de atividades e com o encontro entre as pessoas e a troca de idéias. A animação urbana, por sua vez, seria um conceito mais relacionado à existência de atividades quaisquer, diversas ou não, agregadoras de diferenças ou não, que pode caracterizar um lugar em um dado período de tempo. A animação pode acontecer só de dia ou só de noite, ou mesmo somente em algum dia da semana ou do mês.

A dimensão social da urbanidade envolve os aspectos das relações entre as pessoas, das possibilidades de encontro, de interação, de troca de experiências, de negociação das diferenças de classe social, etárias e de interesses.

Por último, a dimensão temporal, por vezes esquecida (PINHEIRO, 1997), da urbanidade considera a existência de animação e vitalidade urbanas em várias horas do dia, durante todos os dias da semana. A dimensão temporal tem, neste trabalho, uma abrangência limitada por investigar as alterações nos padrões de vida urbana em uma escala de temporal reduzida: as horas do dia, em dias típicos de semana e aos sábados. Eventos temporais esporádicos, mesmo sendo entendidos como fatores que podem alterar, pelo menos momentaneamente, padrões de vida urbana, não são abordados neste trabalho.

Dada a espacialização de atividades nas cidades atuais, também esta dimensão da urbanidade estaria sendo comprometida, havendo maiores concentrações de atividades em determinados lugares e horários. A partir daí surge a pergunta: Estaria então a cidade proporcionando menos espaços capazes de agregar as três dimensões da urbanidade? O estudo mostra que a resposta a esta pergunta é afirmativa, pelo menos para os casos analisados.

De uma maneira geral, o conceito de urbanidade pode ser esquematizado como mostrado no quadro 1.2.

O estudo de espaços públicos urbanos, relativamente recentes ou reformados de Fortaleza, procura mostrar que a vida nas cidades tem-se constituído por fragmentos de espaço e tempo, da mesma maneira como os projetos urbanos têm sido concebidos e pensados. Isto não significa que este trabalho busca negar a dimensão urbana da cidade atual. Ao contrário, ele busca contribuir com as evidências de que já há algum tempo um novo estilo de vida urbana está batendo às portas.

A seguir são apresentadas as contribuições de Jacobs, Hillier, Grönlund e Holanda sobre a vida urbana. A partir de então, serão apresentadas algumas características de espaços públicos bem sucedidos que foram destacadas por autores como Francis (1989), Sun Alex (2008), Maria Beatriz de Arruda Campos (1997, 1999) e Campos e Theresa Golka (2005).

1.3.1. A contribuição de Jacobs

Jane Jacobs, com *Morte e Vida de Grandes Cidades*, (1961) influenciou o entendimento e defesa da vida urbana. Apesar de a autora não utilizar o termo “urbanity”, ela fala e defende freqüentemente a vitalidade urbana, baseada na diversidade, tanto de atividades como de classes sociais. Diferentemente das idéias até então consagradas a respeito das cidades desejáveis, Jacobs defendeu a vida urbana em sua essência, com seus conflitos, sua dinâmica e rico campo da demonstração das diversidades. Mais que defender a vida das cidades, Jacobs indicou alguns caminhos que, segundo ela, contribuem para alcançá-la.

este livro é um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização ora vigentes. É também, e principalmente, uma tentativa de introduzir novos princípios no planejamento urbano e na reurbanização, diferentes daqueles que hoje são ensinados em todos os lugares, de escolas de arquitetura e urbanismo a suplementos dominicais e revistas femininas, e até mesmo conflitantes em relação a eles. (JACOBS, 1961, p. 1).

A autora atacou ferozmente as premissas do urbanismo ortodoxo que, segundo ela, pregavam o descarte da cidade, defendendo que:

a rua é um lugar ruim para os seres humanos; as casas devem estar afastadas dela e voltadas para dentro, para uma área cercada. Ruas numerosas são um desperdício e só beneficiam os especuladores imobiliários, que determinam o

valor pela metragem da testada do terreno ... O comércio deve ser separado das residências e das áreas verdes. A demanda de mercadorias de um bairro deve ser calculada 'cientificamente', e o espaço destinado ao comércio deve ater-se a isso, e a nada mais. A presença de um número maior de pessoas é, na melhor das hipóteses, um mal necessário, e o bom planejamento urbano deve almejar pelo menos a ilusão de isolamento e privacidade, como num subúrbio. (JACOBS, 1961, p. 20).

Para Jacobs, as idéias de cidades descentralizadas, limpas, com baixas densidades demográficas, com rígida separação de usos defendida por planejadores ortodoxos contribuem antes para a morte das cidades do que para o incremento da qualidade da vida urbana.

Jacobs defende uma cidade típica, com um centro ativo¹⁵, mesmo que não seja o centro histórico ou geográfico da cidade. Afirma que o centro ativo da cidade, chamado de “coração urbano”, tem papel significante na vida urbana, uma vez que concentra atividades e faz convergir as pessoas, maximiza a geração de encontros.

Quando o coração urbano para ou se deteriora, a cidade, enquanto conjunto de relações sociais, começa a sofrer: as pessoas que deveriam se encontrar deixam de fazê-lo, em virtude da falta das atividades do centro. As idéias e o dinheiro que deveriam se completar – o que ocorre naturalmente num lugar cujo centro tenha vitalidade – deixam de fazê-lo. A rede de vida pública urbana sofre rupturas insustentáveis. Sem um coração central forte e abrangente, a cidade tende a tornar-se um amontoado de interesses isolados. Ela fracassa na geração de algo social, cultural e economicamente maior do que a soma de suas partes constitutivas (JACOBS, 1961, p. 181).

É interessante notar que Jacobs entende a cidade enquanto um todo único e que a existência de vida nas partes específicas do todo da cidade depende, defende a autora, muito mais da mescla de usos e usuários do que mesmo de atrativos que tais locais podem apresentar.

(...) quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários do dia-a-dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados (JACOBS, 1961, p. 121).

Apesar de não conceituar “vida urbana” e vitalidade em seu texto, estes conceitos quase sempre vêm juntos, geralmente relacionados à diversidade urbana, considerada como elemento indispensável à vida nas cidades. A autora afirma, no entanto, que esta diversidade não acontece

¹⁵ Entende-se por “centro ativo” a área da cidade que concentra maior diversidade de atividades e serviços e que, portanto, atrai pessoas de várias partes da cidade.

simplesmente por se querer. Ela acredita que há elementos capazes de gerar diversidade e que a falta desses elementos compromete seriamente a qualidade da vida urbana. Os quatro elementos citados por Jacobs são:

1. **Diversidade de funções:** *“o distrito, e sem dúvida o maior número possível de segmentos que o compõem, deve atender a mais de uma função principal; de preferência, a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infra-estrutura”* (JACOBS, 1961, p. 165);
2. **Quadras curtas:** *“a maioria das quadras deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser freqüentes”* (JACOBS, 1961, p. 165);
3. **Edificações de diferentes épocas:** *“O distrito deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta”*; (JACOBS, 1961, p. 165);
4. **Alta densidade de pessoas:** *“deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá”* (JACOBS, 1961, p. 165).

A autora mostra tanto **dimensões espaciais** da criação da diversidade (tamanho das quadras, edificações de diferentes épocas), entendida neste trabalho como uma condição da urbanidade, como também aponta uma **dimensão temporal** (funções que garantam a sempre de pessoas em horários diferentes) e **uma dimensão social** (a alta densidade de pessoas).

Jacobs, assim como Hillier (1989, 1992, 1996), Peponis (1989) e Holanda (2002, 2003), acredita que a vida social está baseada principalmente nos contatos públicos e que a sensação segurança nas ruas é um fator que alimenta e é retroalimentado pela presença de pessoas nos espaços públicos.

A autora também alerta para o fato de que, mesmo cumprindo os quatro requisitos acima expostos (diversidade de funções, quadras curtas, edificações de diferentes épocas e alta densidade de pessoas), existem na cidade forças que podem contribuir, para o mal, no crescimento da diversidade e da vitalidade em partes da cidade. Dentre estas forças, a autora

aponta a existência de “elementos isolados poderosos”, capazes de minorar as diversidades (JACOBS, 1961, p. 268).

Dos escritos de Jacobs, pelo menos dois elementos podem ser destacados. Primeiro, a autora trata vitalidade e diversidade como “coisas” distintas. Com isto, a autora deixa a entender que a diversidade não é pré-condição da vitalidade. A vitalidade pode ser identificada em áreas monótonas, monofuncionais e socialmente homogêneas. É por este motivo que aqui se propõe que a urbanidade ultrapassa o conceito de vitalidade urbana¹⁶. Segundo, o ataque que a autora faz aos elementos isolados. Tendo consciência da importância do entendimento da cidade como um todo, a autora posiciona-se contrária a elementos fragmentados, isolados, que funcionam mais por usos programados do que pelo acaso. Esta observação de Jacobs é semelhante à de Hillier (1996) que afirma, como será visto adiante, que elementos fragmentários da cidade, projetos dissociados da malha urbana, atrapalham o seu funcionamento, se se entende que a cidade é uma máquina de gerar contatos (HILLIER, 1996, p. 126).

Ainda segundo Jacobs, os moradores e usuários mais assíduos das ruas têm papel fundamental em gerar a sensação de segurança no espaço público. Esta sensação de segurança atua retroalimentando a circulação de usuários, aumentando o movimento nas ruas e, assim, favorecendo ainda mais a sensação de lugar seguro. Assim, a vida nas ruas depende de:

- uma nítida separação entre o espaço público e o espaço privado;
- ser vigiada. *“devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua”*. (JACOBS, 1961, p. 35-36).
- ser movimentada. *“a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas”* (JACOBS, 1961, p. 36).

Mais uma vez podem ser observados elementos de **dimensão espacial** (separação entre o espaço público e o privado), de **dimensão social** (presença dos “olhos para a rua” e os usuários das calçadas) e de **dimensão temporal** (usuários em trânsito em horários ininterruptos).

Apesar de haver quem considere fraco o rebatimento espacial das diretrizes defendidas pela autora, seus escritos foram uma espécie de alerta ou lembrete de que aspectos do espaço

¹⁶ Ver Quadro 1.2: as dimensões da urbanidade, na página 74 do volume II.

construído e vida urbana estão diretamente relacionados. Peponis (1989) já observava que a única variável de desenho trazida por Jacobs era o tamanho das quadras. Porém Jacobs também trata da importância da nítida separação entre espaço público e privado. Ver-se-á que esta “nítida separação entre espaço público e privado”, em *Análise Sintática do Espaço*, está relacionada com a “constitutividade”. Diz-se que um espaço é constituído quando apresenta pelo menos uma entrada para qualquer espaço interno. Por outro lado, diz-se que o espaço é cego quando não apresenta nenhum acesso direto para qualquer espaço interno.

Mesmo com os esforços de Jacobs no sentido de compreensão da cidade e da diversidade ter entrado novamente em pauta nos projetos urbanísticos depois da publicação de seus estudos, autores que trataram de discursar sobre o planejamento urbano de após a década de 60 concordam ao afirmar que a maioria deles baseia-se em projetos pontuais, de pequena escala e que a diversidade defendida fica mais na dimensão da aparência do que nas relações sociais e na vida pública. Sobre a relação entre espaço e sociedade, as noções de que a estrutura espacial, seja da cidade ou dos edifícios, tem uma dimensão social e que afeta positiva ou negativamente as relações sociais, parecem ter sido esquecidas ou negligenciadas.

os pós-modernistas o vêem [o espaço] como coisa independente e autônoma a ser moldada segundo objetivos e princípios estéticos que não têm necessariamente nenhuma relação com algum objetivo social abrangente, salvo, talvez, a consecução da intemporalidade e da beleza ‘desinteressada’ como fins em si mesma. (HARVEY, 1989, p. 70)

Esta tendência à consideração primeira do que é visível é refletida em muitos debates atuais - inclusive aqueles que envolvem os dois projetos aqui estudados, concentrados prioritariamente em características estilístico-formais, desconsiderando o impacto social que a arquitetura pode causar.

Uma importante contribuição de Hillier (1989, 1996) está em mostrar que, apesar da tendência de fragmentação das cidades e de um tratamento cosmético, superficial e estilístico, a partir do entendimento da cidade como um todo único é possível potencializar a vida urbana, se esta for entendida como um rico campo de encontros prováveis, no qual o movimento tem um papel de destaque.

1.3.2. A cidade instrumental x a cidade simbólica de Hillier

Hillier entende a cidade como o arcabouço físico capaz de proporcionar encontros. As cidades são, portanto, “mecanismos de gerar contatos”¹⁷ (HILLIER, 1996, p. 126). No entanto, o autor reclama que a visão da cidade tem sido distorcida por concepções de espaço que são, ao mesmo tempo, demasiadamente estáticas e demasiadamente localizadas. Para Hillier, a cidade precisa ser entendida a partir de conceitos dinâmicos e globais, tomando-se partido de uma visão sistêmica que consiga capturar o todo urbano e também cada parte constituinte. A modelagem configuracional da cidade aparece como um meio para representá-la e, a partir de sua representação, quantificar propriedades de acessibilidade, o que permite capturar as complexidades da forma urbana (HILLIER, 1996).

Dentro destes conceitos, o autor identificou dois tipos de cidade. De um lado estão as “cidades instrumentais”, que apresentam uma estrutura urbana em que os eixos mais acessíveis ligam-se à outras frações do assentamento, permitindo que as pessoas, estrangeiros e habitantes, movimentem-se pela cidade de maneira que seus fluxos acabem se cruzando. Estas cidades são baseadas na atividade cotidiana e potencialmente propiciam intensa e variada co-presença. Por outro lado, estão as “cidades simbólicas” que, segundo Hillier, contradizem a lógica das cidades instrumentais, aproximando-se de estruturas urbanas que correspondem a hierarquias sociais e enfatizam o espaço como instrumento de poder e domínio (HILLIER, 1989). As cidades instrumentais para Hillier são aquelas que maximizam as relações entre pessoas na cidade. É a cidade que Jacobs defende. As cidades instrumentais, assim, são entendidas como “*espaço de urbanidade*”. As cidades simbólicas, por sua vez, aproximam-se das cidades fragmentadas, que minimizam os contatos entre as pessoas.

A tão almejada animação urbana é gerada, acredita Hillier, a partir do efeito multiplicador que a malha da cidade exerce sobre o movimento. O “tirar partido” da configuração espacial é a melhor maneira de se gerar animação e é exatamente o contrário disto o que mais se tem produzido em termos de intervenções urbanas (HILLIER, 1996, p. 126).

O exemplo é a área do centro cultural do South Bank em Londres, onde, dentro de um raio de algumas centenas de metros pode-se encontrar o complexo cultural maior e mais diversificado da Europa, um importante terminal ferroviário internacional, uma extensiva ocupação de edifícios de escritório, ocupação residencial significativa e um famoso passeio público ribeirinho. Porque todos esses equipamentos não se somam para elevar essa área urbana

¹⁷ Do original em inglês: “mechanisms for generating contact”.

a um nível compatível em qualidade com os equipamentos disponíveis ali? Só pode ser pelo modo como eles se agrupam. E é, realmente, isso que acontece. Nossos estudos demonstraram que cada uma das várias comunidades de usuários do espaço da área – viajantes, residentes, burocratas, turistas, aqueles que vão a concertos e galerias – usam o espaço de forma diversa e movem-se pela área segundo rotas diferentes e separadas que se cruzam apenas como acontece com navios na noite. É a incapacidade que tem a configuração do espaço de unir essas comunidades diversas em padrões de movimento e uso do espaço onde todos priorizem o mesmo espaço, que priva a área dos efeitos multiplicadores que ocorrem quando modalidades diversas de uso do espaço se mútuo alavancam.¹⁸ [Fig. 1.5]

Para Hillier, uma cidade que funciona bem cria sensação de satisfação e animação. Assim, diferentemente da prática corrente, o autor defende que:

Cidades que funcionam bem podem (...) ser pensadas como “economias de movimento”. Com isso, se quer dizer que o que dá às cidades suas estruturas características, e confere a sensação de que tudo opera em conjunto para criar tipos especiais de satisfação e animação que costumamos associar ao lado mais positivo das cidades, são os efeitos recíprocos de espaço e movimento (e não, por exemplo, intenções estéticas ou simbólicas), e os efeitos multiplicadores que têm sobre ambos, os padrões de uso do solo e densidade edilícia e que são, por sua vez, influenciados pela relação espaço-movimento¹⁹ (HILLIER, 1996, p. 113-114).

O autor afirma que a animação e a satisfação confluem para aquilo que se associa ao “lado mais positivo das cidades”. Este trabalho sugere que a urbanidade é o conjunto destes aspectos, é o resultado de um conjunto de características, ligadas, sim, à animação e também à

¹⁸ Do original em inglês: “The example is the area of the South Bank cultural centre in London, where, within a few hundred metres can be found Europe’s largest and most diverse cultural complex, a major international railway terminus, extensive office development, significant residential development and a famous riverside walk. Why do all these facilities not add up into an urban area with the qualities called for by these high-level facilities? It can only be the way it is put together. This is indeed the case. Our studies have shown that each of the various constituencies of space users — travellers, residents, office workers, tourists, concert-goers and gallery visitors all use space in a different way and, as it were, move through the area largely on separate routes passing each other like ships in the night. It is the failure of the configuration of space to bring these different constituencies into patterns of movement and space use where all are prioritising the same space, that deprive the area of the multiplier effects that occur when different constituencies of space use all spark off each other”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira em material para uso em sala de aula (p. 14-15).

¹⁹ Do original em inglês: “Well functioning cities can therefore, it will be suggested, be thought of as ‘movement economies’. By this it is meant that the reciprocal effects of space and movement on each other (and not, for example, aesthetic or symbolic intentions), and the multiplier effects on both that arise from patterns of land use and building densities, which are themselves influenced by the space-movement relation, that give cities their characteristic structures, and give rise to the sense that everything is working together to create the special kinds of well-being and excitement that we associate with cities at their best”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, em material para uso em sala de aula (p. 4).

satisfação, que concorrem para a criação de uma ambiência urbana rica em experiências espaciais e sociais.

Talvez a principal contribuição de Hillier, ainda pouco explorada, difundida e aceita, seja procurar entender e mostrar o papel do espaço nas relações sociais. Isto porque, enquanto muito esforço, tempo e energia foram gastos por arquitetos e urbanistas tentando resolver problemas alheios ao campo disciplinar próprio, o estudo dos efeitos da arquitetura sobre as relações sociais tem ficado em segundo plano. Hillier, por outro lado, enfoca o conteúdo espacial dos artefatos, sejam eles cidades ou edifícios, e afirma que o modo segundo o qual o espaço está organizado afeta as relações sociais.

(...) A configuração espacial, de maneira precisa, cria ou elimina vida na medida em que determina um campo de encontros prováveis e co-presença que podem ser rarefeitos ou densos, previsíveis ou imprevisíveis. Dependendo do padrão de integração e do grau de inteligibilidade da configuração espacial ²⁰ (HILLIER et al, 1987, p. 235).

Hillier entende que

Há assim inter-relações entre a possibilidade de descrição do espaço e o modo como as pessoas o usam. Essas inter-relações elementares entre forma e uso do espaço sugerem que o modo apropriado de formular a relação é dizer que o espaço se nos apresenta como um conjunto de potencialidades e que exploramos essas potencialidades como indivíduos e como coletividades ao usarmos o espaço ²¹ (HILLIER, 1996, p. 115).

Pode-se relacionar as tendências do urbanismo contemporâneo com aquilo que Hillier chamou de práticas do “desurbanismo”, ou seja, a quebra de propriedades espaciais, a quebra da economia de movimento e, principalmente a quebra ou a diminuição do poder do princípio do movimento natural. Segundo o autor, as pessoas na cidade ou os usuários dos espaços, sejam eles quais forem, são distribuídos de acordo com as propriedades deste espaço, criando assim, complexas relações entre movimento e malha. Quando estas relações são perturbadas, quebradas ou dificultadas, têm-se o desurbanismo. (HILLIER, 1996, p. 131-134).

²⁰ Do original em inglês: “ (...) spatial layout does, in very precise senses, create – or eliminate- ‘life’ in the sense that it determines a field of potential encounter and co-presence which can be made sparse or dense, and predictable or unpredictable, depending on the pattern of integration and the degree of intelligibility of the layout”. Tradução livre da autora.

²¹ Do original em inglês: “There are relationships, then, between the formal describability of space and how people use it. These elementary relationships between the form of space and its use suggest that the proper way to formulate the relation is to say that space is given to us as a set of potentials, and that we exploit these potentials as individuals and collectivities in using space”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, em material para uso em sala de aula (p. 5).

Para Hillier, a urbanidade está relacionada mais às características globais da malha urbana, o que se chama de propriedades globais, do que às características particulares dos lugares, o que se chama de propriedades locais. Segundo Hillier, a urbanidade está intimamente relacionada ao movimento:

A urbanidade, sugerimos, não é tão misteriosa. O espaço bom é o espaço usado. O uso predominante do espaço urbano é o movimento. O movimento é na maior parte movimento 'através', isto é, o subproduto relacionado com o modo segundo o qual a malha oferece rotas de todos os pontos para todos os demais pontos. Muitos usos informais do espaço são também relacionados ao movimento, como é o caso, por exemplo, da segurança urbana (...) O bulício urbano, ou sua carência quando desejável, é fruto da combinação desses fatores, e o determinante fundamental é a estrutura da malha propriamente dita. (Hillier, 1996, p. 127)²².

Hillier identifica alguns componentes chave do urbanismo bem-sucedido. Ele parte da compreensão da estrutura da cidade, a partir da qual o movimento é gerado. A cidade é então representada através de seus eixos de movimento, o que em *Análise Sintática do Espaço* se chama de “mapas de eixos”. Hillier identificou que quando existem longos eixos de circulação que encontram fachadas de edifício em ângulo aberto, o movimento e o campo de encontros é maximizado. Por outro lado, as cidades que apresentam os seus principais eixos viários formando ângulos retos com fachadas de edifícios, estas estão historicamente associadas aos espaços usados como expressão de poder. Esta idéia está diretamente relacionada ao Princípio de Irregularidade de Camillo Sitte (1889), o qual é definido pela interrupção da simetria dos edifícios que formam o envelope do espaço público urbano. De acordo com Sitte, a irregularidade urbana é importante porque contribui para a criação de um caráter “pitoresco”. Usuários caminhando ao longo de vias que formam ângulos abertos com fachadas de edifícios deparam-se com elementos espaciais inesperados, que se modificam conforme eles se movimentam através do espaço público. Essa sensação de surpresa e diversidade visual é um fator que influencia a atração de usuários ao local.

²² Do original em inglês: “Urbanity, we suggest, is not so mysterious. Good space is used space. Most urban space use is movement. Most movement is through movement, that is, the by-product of how the grid offers routes from everywhere to everywhere else. Most informal space use is also movement related, as is the sense and fact of urban safety. (...) The urban buzz, or the lack of it when it suits us, is the combination of these, and the fundamental determinant is the structure of the grid itself. The urban grid through its influence on the movement economy is the fundamental source of the multifunctionality that gives life to cities”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, em material para uso exclusivo em sala de aula (p. 15).

A representação que Hillier propõe para o estudo da cidade a partir do movimento também permite captar o que o autor considera como elemento importante que favorece o movimento e, portanto, a urbanidade. “*O bom espaço urbano tem linhas segregadas, mas estas são próximas a linhas integradas, de forma que o resultado é uma boa mistura de linhas integradas e segregadas a nível local*”²³ (HILLIER, 1996, p. 131).

Por linhas entende-se a representação de eixos de movimentos pelos quais se transita na cidade. Linhas integradas, por sua vez, são aquelas a partir das quais se pode chegar mais facilmente a qualquer outra linha. Por outro lado, os locais desurbanos surgem de uma configuração espacial local mal estruturada, fazendo-se perder os principais elementos da economia de movimento.

Hillier (1993, 1996) acredita que urbanidade é gerada de “fora para dentro”, segundo uma força centrípeta, ou seja, a partir da configuração da cidade como um todo. Os esforços para a criação de espaços de animação na cidade, muitos dos quais podem ser relacionados aos projetos pontuais de revitalização de áreas históricas ou de qualificação de áreas degradadas, que atraem usuários apesar do movimento natural das cidades, são, segundo o autor, fadados ao fracasso. Isto porque estes locais funcionam segundo forças centrífugas, ou seja, que partem de “dentro para fora”. Cria-se animação em determinado ponto, injetando-se ali elementos de atração de movimento (como por exemplo, atividades de grande porte, programas diversos etc.), e espera-se que esta animação seja reproduzida para as áreas adjacentes.

A leitura do espaço, o entendimento do todo a partir das partes também é apontada pelo autor como elemento importante das cidades que funcionam bem. Isto é rebatido especialmente na correlação entre as propriedades espaciais, especialmente a integração e a conectividade, o que é chamado, no “jargão” da Análise Sintática do Espaço, de *inteligibilidade*.

Caso linhas bem conectadas localmente sejam também linhas integradas, a correlação será forte e o sistema terá inteligibilidade. O todo poderá ser lido pelas partes. Inversamente, se linhas bem conectadas não forem também linhas integradas, a correlação será pobre e o todo não será legível pelas partes²⁴ (HILLIER et al, 1987, p. 237).

²³ Do original em inglês: “Good urban space has segregated lines, but they are close to integrated lines, so that there is a good mix of integrated and segregated lines locally”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira, em material para uso exclusivo em sala de aula (p. 15).

²⁴ Do original em inglês: “If locally well-connected lines are also integrating lines, then the correlation will be strong and the system will have intelligibility. The whole can be read from the parts. Conversely, if well connected lines are not also integrating lines, then the correlation will be poor, and the whole will not be readable from the parts”. Tradução livre da autora.

Além da inteligibilidade, a correlação entre propriedades espaciais e fluxos e atividades dos espaços é outro elemento que aponta o urbanismo bem sucedido. Esta correlação está diretamente ligada ao “princípio do movimento natural”.

1.3.3. O princípio do movimento natural

O princípio do movimento natural é fundamental neste estudo. Em 1992 ²⁵, Hillier et al sugeriram o termo “*natural movement*” como a proporção entre o movimento na cidade e a configuração da malha urbana.

Movimento natural em uma malha [urbana] é a proporção de movimento de pedestre determinada pela própria malha. (...) Malhas urbanas parecem ser estruturadas a fim de criar, pela geração e canalização do movimento, um campo potencial de encontros e não-encontros ²⁶ (HILLIER et al, 1993, p. 32).

Para os autores, a configuração da malha urbana é um produto cultural e, portanto, é um fenômeno variável considerando-se diferentes culturas.

Malhas urbanas são produtos culturais porque criam, através do movimento natural, campos de encontro com diferentes estruturas. Estas diferentes estruturas são inicialmente compostas de diferentes graus e tipos de prováveis interfaces entre diferentes categorias de pessoas: moradores e visitantes, homens e mulheres, adultos e crianças, classes sociais, e assim por diante ²⁷ (HILLIER et al, 1993, p. 32).

Segundo os autores, a estrutura da malha urbana é fundamental para o princípio do movimento natural, sendo o fator mais determinante sobre a animação e os usos do lugar.

O movimento natural é influenciado secundariamente pelas propriedades espaciais locais, como aquelas que descrevem a relação de cada espaço com

²⁵ O artigo só foi publicado um ano depois, em 1993, pela Environment and Planning B.

²⁶ Do original em inglês: “Natural movement in a grid is the proportion of urban pedestrian movement determined by the grid configuration itself. (...) Urban grids seem to be structured in order to create, by the generation and channelling of movement, a kind of probabilistic field of potential encounter and avoidance”. Tradução livre da autora.

²⁷ Do original em inglês: “Urban grids are cultural products because they create, through natural movement, encounter fields with different structures. These differences are primarily composed of different degrees and types of probabilistic interface between different categories of Perón: inhabitants and strangers, men and women adults and children social classes, and so on”. Tradução livre da autora.

seu entorno, ou do entorno de seu entorno. Onde o projeto é pontual, como tem sido freqüentemente o caso do desenho urbano do século 20, então o padrão do movimento natural será rompido e o espaço tenderá radicalmente a se tornar pouco subutilizado²⁸ (HILLIER, 1988; HILLIER et al 1987; HILLIER et al, 1993).

Esta pesquisa sugere que nas cidades contemporâneas o princípio do movimento natural vem sendo quebrado ou enfraquecido por uma série de fatores²⁹. Esta ruptura pode ser percebida pela perda, pelo menos em parte, da correspondência direta entre propriedades espaciais e fluxos e usos do lugar³⁰, de uma maior influência de fatores locais (programação estabelecida, usos do entorno) sobre os usos de lugares e pela ampla variação de padrões de usos e movimentos observados em locais da cidade ao longo de diferentes horas do dia ou ao longo de diferentes dias da semana.

Acredita-se que as cidades contemporâneas têm, assim, destacado outros padrões de movimento e encontro³¹, mais fragmentados, mais previsíveis, mais programados, menos de acordo com o princípio do movimento natural e mais dependentes de relações de proximidades, sejam de níveis sociais, de interesse, de programas etc.

Neste trabalho será admitido que a urbanidade tem relação direta com o princípio do movimento natural. Defende-se, portanto, que o rompimento do movimento natural nas cidades é uma característica do urbanismo contemporâneo, baseado na fragmentação do tecido urbano, na especialização de zonas das cidades em determinados serviços ou horários de funcionamento e na relação cada vez mais fraca entre estrutura da malha urbana e usos encontrados.

²⁸ Do original em inglês: "Natural movement is only secondarily influenced by local spatial properties, such as those which describe the relation of each space to its neighbours, or the neighbors of its neighbours. Where design is overlocalised, as has often been the case in 20th century urban design, then the natural movement pattern will be disrupted, and space will tend to become radically underused". Tradução livre da autora.

²⁹ Não está no escopo deste trabalho discutir os fatores que vêm levando ao enfraquecimento do "poder" do movimento natural nas cidades. No entanto, serão apontadas, ao longo do referencial teórico, algumas prováveis razões.

³⁰ À correspondência entre propriedades espaciais e usos e fluxos nos espaços dá-se o nome de *predictibilidade*, em *Análise Sintática do Espaço*.

³¹ Preferiu-se não usar o termo "criado" por acreditar que tais padrões já existiam. A diferença é que atualmente eles parecem estar ganhando dimensões maiores.

1.3.4. A contribuição de Bo Grönlund

Em 2007 Bo Grönlund apresentou no Simpósio de Sintaxe do Espaço um apanhado sobre noções de urbanidade. O autor afirma que o conceito de urbanidade, geralmente associado à urbanização, precisa ser mais bem definido tendo como base o contexto contemporâneo. Mais do que apontar indícios espaciais e projetuais da urbanidade, o autor apresenta alguns **atributos** gerais, tanto **espaciais** quanto **sociais**, dos espaços ditos "urbanos". De acordo com o autor:

As noções gerais que temos sobre a cidade e sobre o urbano vêm de períodos pré-modernos, com a introdução de urbanização e suburbanização relacionadas com industrialização e aumento da mobilidade. De acordo com Beck, estamos agora vivendo a segunda modernidade, caracterizada pela globalização, individualização, risco, indeterminismo e multiplicação de modernidades. Nossa noção de cidade e do urbano já parecia inadequada na 'primeira modernidade'. Na 'segunda modernidade' nós precisamos novas noções ou uma profunda reinterpretação das antigas³² (GRÖNLUND, 2007, p. 112-02).

Tentando buscar uma definição de urbanidade, Grönlund revisa a aplicação usual do termo, afirmando que é mais específica do que a noção de urbano (que envolve muito mais uma dimensão física), mas que ao mesmo tempo engloba uma dimensão social, pois envolve a questão de como as pessoas se relacionam no ambiente urbano. Grönlund (2007, p. 112-04) refere-se à urbanidade como um campo rico de informações entre pessoas e entre pessoas e artefatos, em um espaço acessível, onde o novo e o inesperado podem acontecer em diferentes combinações e crescente complexidade. Também tem a ver com diferença e unicidade/ exclusividade. O autor sintetiza seu trabalho apresentando um quadro onde estabelece elementos da urbanidade nas relações pessoa-pessoa e pessoa-artefato.

A partir do quadro 1.3 vê-se que Grönlund identifica duas dimensões da urbanidade: por um lado o autor aponta as **relações entre pessoas** (o que neste trabalho prefere-se chamar de dimensão social); por outro lado o autor identifica as relações entre **pessoas e artefatos** (o que neste trabalho preferiu-se chamar de dimensão espacial), que mais parecem ser elementos espaciais apontados por Grönlund como capazes de contribuir com a geração de urbanidade.

Sobre a **dimensão social** apontada por Grönlund, podem ser destacados aspectos como:

³² Do original em inglês: "The general notions we have about the city and the urban are inherited from pre-modern times, with the addition of urbanisation and suburbanisation related to industrialisation and increased mobility. We are now, according to Beck, increasingly living in a 'second modernity', characterised by globalisation, individualisation, risk, indeterminacy and a multiplication of modernities. Our notions of the city and the urban were troublesome already in the 'first modernity'. In the 'second modernity' we need new notions or a thorough reinterpretation of the old ones". Tradução livre da autora.

- a) a diversidade de atividades desempenhadas e
- b) a diversidade de tipos de pessoas presente no espaço.

Quanto à **dimensão espacial**, o autor identifica fatores e elementos projetuais que interferem positivamente na geração de urbanidade. Dentre estes, estão:

- a) elementos de ornamentação (fontes, arte pública);
- b) número de portas que se abrem ao espaço;
- c) possibilidade de intervenção e personalização do espaço;
- d) algo inacabado
- e) lugar produzido pelo homem com identidade própria etc.

Infelizmente o autor pouco avança no que diz respeito à mensuração das características espaciais que podem identificar lugares de urbanidade. Não esclarece e nem desenvolve a aplicação de métodos e técnicas que podem ser utilizados para medir os indicadores por ele mesmo apontados.

Além disso, acredita-se que a presença de “algo inacabado” ou prestes a mudar representa a quase totalidade de não-lugares nas cidades brasileiras, favorecendo muito mais à configuração de áreas de expansão, degradadas, improvisadas, etc. O conceito de “lugar” como algo ligado à urbanidade também é questionável. Se como “lugar” entende-se o espaço investido de grande apelo identitário, o não-lugar é desprovido de identidade, história, conteúdo social (AUGÉ, 1994). Apesar disso, os conceitos de “não-lugar” e “desurbanismo” não necessariamente coincidem, pois pode haver “não-lugares” animados e “lugares” (desertos, por exemplo) que não são espaços de urbanidade. Assim, dificilmente se pode considerar tais atributos como catalisadores de “urbanidade”.

1.3.5. A urbanidade para Holanda

Holanda amplia a noção de urbanidade, defendendo que os assentamentos estão conformados a partir de dimensões sociais que moldam o espaço para melhor corresponder aos padrões sociais existentes. Esta moldagem do espaço acontece muito mais de forma implícita, através do conhecimento adquirido que permite conhecer os efeitos do espaço sobre sociedade, do que propriamente por análises morfológicas precisas. Sociedades mais democráticas, ao ver do

autor, estão espacializadas em assentamentos diferentes daqueles onde as sociedades mais aristocráticas o fazem. Existem, para Holanda (2002, p. 125), duas tendências polares universais das formas arquitetônicas, que são o paradigma da urbanidade e o paradigma da formalidade.

formalidade vem de formal, relativo a forma – limites exteriores da matéria de que é constituído um corpo, e que conferem a este um feitio, uma configuração, uma aspecto particular, mas isto de uma certa maneira: que não é espontâneo; que se atém a formas estabelecidas; convencional. Formalidade também é uma maneira expressa de proceder; aquilo que é de praxe, rotina. Por sua vez, urbanidade obviamente se refere à cidade, enquanto realidade física, mas também à qualidade de cortês, afável, relativo à negociação continuada entre interesses (HOLANDA, 2002, p. 125-126)

Estas tendências encontram paralelo com aquilo que Hillier chamou de “cidades instrumentais” e “cidades simbólicas”. Para o autor as noções de formalidade e urbanidade podem ser desdobradas, respectivamente, em: a) ritual, hierarquia, autoridade forte, e b) secularidade, intercâmbio de papéis sociais, igualdade, democracia (HOLANDA, 2002, p. 307). Holanda procura mostrar que determinadas **dimensões sociais** pressupõem determinadas **configurações espaciais**.

Uma das contribuições de Holanda foi traduzir o conceito de urbanidade em categorias de análise arquitetônicas, considerando também variáveis locais. Assim, enquanto Hillier et al consideram que propriedades locais pouco interferem em níveis de co-presença (entende-se por co-presença a probabilidade do encontro, não necessariamente com contato, entre as pessoas), Holanda argumenta que em alguns casos elas são cruciais. O trabalho de Holanda, portanto, representa um esforço que supera a compreensão espacial de assentamentos, a partir de um olhar sociológico, ou seja, de como a arquitetura corresponde ou implica às práticas sociais. O autor vai mais além. Ele destaca **aspectos espaciais e sociais** mensuráveis que têm relação direta com a noção de urbanidade e ainda oferece procedimentos para sua mensuração.

Baseando-se em larga pesquisa em Análise Sintática do Espaço, o autor identificou atributos espaciais que estão relacionados à urbanidade ou à formalidade. Para o autor, a urbanidade fisicamente caracteriza: a) a minimização de espaços abertos em prol de ocupados; b) menores unidades de espaço aberto (ruas, praças); c) maior número de portas abrindo para lugares públicos (jamais paredes cegas); d) minimização de espaços segregados, guetizados (becos sem saída, condomínios fechados) e efeitos panópticos pelos quais tudo se vê e se vigia. O contrário acontece com a formalidade.

Algumas dessas categorias foram por ele observadas quando analisou a cidade de Nova Iorque – MA, projetada em 1966 e novamente visitada em 1983. Holanda (2003) deteve-se em observar as transformações ocorridas após 20 anos de construção e uso da cidade que, segundo ele, resgataram padrões precedentes de desempenho urbano e conferiram mais urbanidade à nova sede do município. Ele comparou o plano original da cidade com a sua configuração atual.

Após vinte anos de implantação do projeto, a praça da igreja, antes ampla e que distanciava-se da escala original, foi dividida em duas. O afastamento frontal das residências, que conformava largos passeios e uma considerável distância entre as residências e a rua, desapareceu. As portas de entrada das casas, antes posicionadas lateralmente à rua, passaram a abrir frontalmente ao espaço público. Os recuos laterais dos lotes de moradia também desapareceram ou diminuíram com a construção de novos cômodos. Estes, por sua vez, tanto melhor definiram o espaço público, como também tornaram a rua mais vigiada.

Em Espaço de Exceção (2002, p. 99-107), Holanda traz outros parâmetros de identificação e classificação dos assentamentos de acordo com o paradigma da urbanidade x formalidade. Alguns parâmetros são semelhantes aos dispostos anteriormente, mas desta vez o autor elenca categorias que permitem focar o espaço sob a ótica do seu desempenho social.

Holanda estabelece dez categorias, seis das quais são chamadas de propriedades convexas, considerando localmente cada sistema estudado, o número de entradas aos espaços privados e principalmente seus espaços convexos. Espaços convexos são aqueles cuja área interior é visível de todos os pontos. Para aferir a convexidade de determinadas áreas, uma linha é desenhada interceptando este espaço. Caso haja a possibilidade da linha desenhada interceptar mais de dois lados do espaço, este não é um espaço convexo. Para Holanda (2002, p. 87):

Um espaço convexo corresponde ao que entendemos por "lugar" numa pequena escala: a de um trecho distinto de uma rua, a de uma praça. Ao caminhar pelo espaço aberto da cidade, sabemos intuitivamente que freqüentemente cruzamos transições (invisíveis) entre dois lugares (entre dois espaços convexos), ao dobrarmos uma esquina, ao penetrarmos numa praça.

As outras quatro categorias dizem respeito à porção urbana estudada como uma parte embutida no todo da cidade. Elas estão, de certa, forma relacionadas aos padrões de urbanismo bem-sucedido de Hillier (1996).

Para Holanda, a constituição do paradigma da formalidade tem-se caracterizado consistentemente por:

(1) maximização do espaço aberto sobre a área total do assentamento: ou seja, prevalecem os espaços abertos, conformando o que o autor chama de paisagem de objetos (Holanda, 2002, p. 100)

(2) Maior espaço convexo médio: ou seja, a área média de porções dos espaços abertos é relativamente grande.

(3) Menor interface público x privado por espaço convexo, ou seja, menor relação entre número de portas e número de espaços convexos: isto quer dizer que, quanto menos portas abrindo para o meio público existirem, maior será a formalidade do espaço.

(4) Maior percentual de espaços cegos: espaços cegos são aqueles que não apresentam aberturas para o interior de edifícios. Assim, quanto maior for a porcentagem desses espaços com relação à porção total do assentamento, maior será a sua tendência à formalidade.

(5) Maior área de espaço convexo por entrada: ou seja, existem relativamente poucas entradas com relação à área aberta total do assentamento.

(6) Maior perímetro das barreiras por entrada. As barreiras são impedimentos físicos ao movimento. Podem ser edifícios, muros, desníveis, área de vegetação densa etc. Quanto maior for a proporção entre o perímetro das barreiras e as entradas, ou seja, quanto mais se precisar caminhar para encontrar acessos às edificações, maior será a característica espacial à formalidade.

(7) Tanto malhas extremamente regulares, como malhas extremamente irregulares. As malhas são o conjunto dos eixos de movimento que o espaço conforma. Quando a malha é extremamente regular, a hierarquia espacial é mínima e diminui a probabilidade de encontros aleatórios. Por outro lado, uma malha de extrema hierarquia espacial dificulta o movimento, conformando o que se pode chamar de labirinto.

(8) Medida de integração demasiadamente altas ou baixas: ou seja o espaço ou é muito segregado ou muito integrado à cidade. A integração é uma medida sintática

basilar, pois permite aferir o potencial de acessibilidade de um espaço em relação a todos os demais espaços de um sistema.

(9) baixas medidas de inteligibilidade³³: Quando as propriedades espaciais não correspondem ou correspondem fracamente, a inteligibilidade é baixa e o espaço tende à formalidade.

(10) núcleos integradores que ora se concentram na periferia, ora se concentram no miolo do sistema, e não irrigam o assentamento como um todo: o conceito de núcleo integrador refere-se ao conjunto das linhas mais integradas de um sistema. Quando este núcleo está concentrado, o sistema torna-se mais profundo, ou seja, apresenta áreas de acesso muito pouco direto.

Ao contrário, o paradigma da urbanidade é constituído por tendências opostas em todas as categorias. (HOLANDA, 2002, p. 126)

Outra grande contribuição de Holanda foi ter relacionado os **padrões espaciais**, ou seja, aqueles que podem ser analisados olhando-se somente para o objeto arquitetônico, com os usos no espaço, o que o autor chama de **“vida espacial”**. Diferentemente de outros autores³⁴, Holanda fornece variáveis para mediar esta vida espacial e relacioná-las às variáveis de um terceiro nível, ainda pouco explorado em sintaxe do espaço, que são as variáveis culturais. Segundo Holanda, tais variáveis de terceiro nível – o que ele chamou de **“vida social”**, podem explicar as aparentes incoerências entre padrões espaciais e vida espacial.

As variáveis de vida espacial que Holanda identificou são divididas entre aquelas medidas tendo-se como referência os espaços fechados e aquelas relativas aos espaços abertos (HOLANDA, 2002, p. 107-114). Elas são assim relacionadas:

As propriedades de vida espacial nos espaços fechados:

1. Variedade, densidade dos rótulos e sua relação entre si: Holanda chama de **“rótulos”** os usos do edifício. Segundo o autor, há casos em que a variedade dos rótulos é crucial para a urbanidade, pois, como também afirma Jacobs (1961), a não diversidade de atividades reduz a atração de usuários em diferentes horas do dia.

³³ Inteligibilidade cf. explicitado nas páginas 53-55.

³⁴ Destacamos que Maria Beatriz de Arruda Campos (1997) também fornece parâmetros para medir a vida social. A autora explica como foi realizada a coleta de dados relativos à utilização dos espaços públicos e quais dados foram utilizados.

Além disso, a tipologia dos rótulos de uma fração urbana pode ou não favorecer a troca entre diferentes tipos de pessoas (HOLANDA, 2002, p. 108).

2. Relações entre rótulos e padrões espaciais: Holanda considera que, em típicos ambientes urbanos, determinadas atividades concentram-se em determinadas localizações na cidade. Ou seja, há uma relação estreita entre os rótulos e os padrões espaciais.

As propriedades de vida espacial nos espaços abertos:

1. Presença real nos espaços abertos: é o mapeamento dos usuários nos espaços abertos, a partir do qual se pode quantificar o número de pessoas e verificar sua diversidade ou não.
2. Predictibilidade: é a correspondência entre as propriedades espaciais e os usos encontrados³⁵. *“(...) predictibilidade é, assim, um índice de realização dos padrões de co-presença nos espaços já em uso, quando comparado à potencialidade indicada pelas medidas de integração e de inteligibilidade³⁶”* (Holanda, 2002, p. 110). Em ambientes urbanos, acredita-se ser considerável esta correspondência.
3. Os arranjos sociais, sua variedade, a relação entre os arranjos nos espaços internos e nos externos: ou seja, a caracterização dos usuários, podendo-se verificar sua variedade ou não. Em ambientes formais a tendência é de se encontrar pouca variedade de arranjos sociais.

Holanda quantificou as propriedades espaciais, normalizou-as e propôs o chamado “índice de urbanidade”, calculado a partir dos valores normalizados de cada categoria. Cada assentamento urbano e seus respectivos índice de urbanidade foram, então, comparados com as propriedades de vida espacial e foram verificadas coincidências e divergências. Holanda explica muitas das divergências encontradas a partir das categorias analíticas da vida social, que estão relacionadas aos dados de natureza sócio-econômica etc.

³⁵ Cf. conceito apresentado na página 57 (nota de rodapé).

³⁶ Cf. conceito apresentado na página 53-55.

1.4. Os espaços públicos bem-sucedidos como lócus da urbanidade

O conceito de espaço público tem sido permeado por noções de diversidade social, acesso irrestrito, vida pública ativa, conceitos caros à noção de urbanidade. Para Paulo César da Costa Gomes (2002, p. 162-163)

(...) o espaço público é o lugar das diferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quais quer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade (...) trata-se portanto essencialmente de uma área em que se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo.

Para Sun Alex (2008, p. 275) *“arraigadas na formação de nossas cidades e em nossa cultura popular, as praças, urbanas, por definição, são lugares públicos de encontro e convívio de grupos sociais diferentes, isto é, de construção da cidadania e da democracia”*.

Talvez por conta do papel social destes espaços ou por conta de uma crescente variedade de novos espaços na cidade ainda inclassificáveis (espaços semi-públicos, semi-privados etc.), o seu estudo vem ganhando outras dimensões. As preocupações com a qualidade de vida, com a sustentabilidade estimulam pesquisas que contribuam com a projeção de espaços públicos urbanos bem-sucedidos. As pesquisas sobre o assunto têm caminhado em direção à busca por subsídios projetuais que possam facilitar o bom desempenho desses espaços (FRANCIS, 1987; SARAIVA e SILVA, 2005). Elas geralmente têm focado aspectos como o uso, não uso ou pouco uso dos espaços abertos e os seus prováveis motivos e efeitos.

Francis publica, em 1987, um estudo no qual apresenta um apanhado sobre as pesquisas relativas aos espaços públicos. Nele o autor aborda os avanços das pesquisas sobre espaços públicos e aponta aspectos considerados por ele e por outros autores como favorecedores dos usos nestes espaços. Ele afirma que a sensação de segurança tem sido identificada como um importante aspecto que influencia o uso do espaço, principalmente para mulheres, crianças e idosos (FRANCIS, 1989, p. 89). O conforto térmico e ergonômico, a existência de bancos em número suficiente, também são pontos que podem influenciar o grau de uso do espaço e a satisfação do usuário. Além disso, outros requisitos são apontados pelo autor como implicantes no número de usuários atraídos ao espaço público: a percepção do ambiente (se está relacionado a aspectos positivos), o significado do espaço para os usuários, a participação das pessoas em seu

desenho e em sua manutenção (pois favorecem a criação de um sentido de pertencimento) e a presença de obras de arte (instalações) no espaço público.

Francis conclui seu artigo deixando algumas orientações de projeto e também de gerenciamento desses espaços, o que ele chama de “*Dimensões da qualidade do espaço público urbano*”³⁷ (FRANCIS, 1987, p. 99). Para ele, espaços públicos bem sucedidos necessariamente proporcionam a maioria dos seguintes pontos:

- Deve ser utilizado por vários tipos de usuários, de diferentes faixas etárias; Deve permitir variedade de usos;
- As pessoas devem se sentir seguras e protegidas no espaço;
- Deve ser confortável, incluindo conforto térmico e ergonômico;
- Deve incentivar o entrosamento dos usuários, controle e manipulação;
- Deve ser de acesso público;
- Deve possibilitar o aprendizado ambiental;
- Deve proporcionar sentido de descobertas, contemplação e desafio;
- Deve ser ecologicamente saudável;
- Deve contribuir economicamente para o entorno;
- Deve ser avaliado, redesenhado e melhorado com frequência;
- Deve ser democrático;
- É querido por aqueles que o usam e moram ou trabalham perto.

Apesar do caráter normativo dos pontos destacados por Francis, é interessante ressaltá-los, pois, em muitos deles, estão embutidas as noções de urbanidade verificadas em outros autores anteriormente citados, como Jacobs, Hillier, Holanda e Grönlund. Tem-se a noção de variedade de usuários e de atividades que também está presente nos discursos daqueles autores. Tem-se ainda a noção da sensação de segurança e rua vigiada, destacada especialmente por Jacobs e Holanda. Afora estas coincidências, Francis destaca aspectos relacionados à percepção dos espaços públicos bem sucedidos, aqui abordados de maneira mais ampla como espaços de

³⁷ Do original em inglês: “Dimensions of successful Urban Open Spaces based on recent advantages in research and practice”. Tradução livre da autora.

urbanidade. Termos como “descoberta”, “desafio”, “sentimento de segurança” e “afeição dos usuários com o lugar” permeiam o discurso do autor.

Assim, identificam-se, nestes pontos destacados por Francis, aspectos de **dimensão espacial** e de **dimensão social** que se relacionam com pontos identificados por Jacobs, Hillier, Holanda e Grönlund e como catalisadores da vida urbana. O quadro 1.4 sintetiza estas idéias.

A partir do exposto, cabe continuar identificando as dimensões da urbanidade, agora a partir dos estudos dos espaços públicos bem sucedidos, a fim de que os dois espaços públicos de Fortaleza tomados como estudos de caso sejam analisados a partir destas dimensões.

Ao estudar seis praças da cidade de São Paulo, Sun Alex (2008) concluiu que o acesso e a integração com o entorno são essenciais para a vida nas praças. Em sua pesquisa, o paisagista utilizou o projeto como principal meio de investigação e técnicas de avaliação pós-ocupação nas praças pesquisadas.

A estreita vinculação do uso com o acesso e a integração com o entorno são os elementos definidores mais fundamentais da praça e a articulação com o tecido urbano um de seus papéis mais relevantes na construção da paisagem da cidade. (ALEX, 2008, p. 280)

O desuso e a progressiva perda do significado original dos espaços públicos brasileiros (ALEX, 2008, p. 18-19) estão relacionados, segundo o autor, muito mais ao seu mau desenho do que propriamente ao surgimento de outras opções de espaços de convivência mais segregadores na cidade. Alex afirma que muitas praças projetadas e construídas segundo os desenhos dos parques norte-americanos contribuíram com a quebra do tecido urbano, com a dissociação desses espaços com a cidade, tirando-lhes o sentido essencial de espaço de convivência. Por outro lado, os seus estudos mostraram

que os espaços acessíveis e adaptáveis nas praças são freqüentemente usados, e que este uso não apenas satisfaz aspirações individuais, como descanso ou esporte, mas também promove o contato entre estranhos, estimula atividades variadas no entorno e, especialmente, consolida a presença e a permanência do lugar. Em contra-partida, projetos deficientes, manutenção precária e negligência da gestão pública da praça e do espaço da cidade contribuem para a perda de referenciais comuns, a exemplo do significado público e da legitimidade da paisagem urbana. (ALEX, 2008, p. 279).

Na literatura da Sintaxe do Espaço a acessibilidade também é apontada com um aspecto decisivo no grau de uso dos espaços. Maria Beatriz de Arruda Campos (1997, 1999), que tem estudado padrões de usos em praças inglesas, mostrou que a maneira como se dá a inserção do espaço na malha viária da cidade parece ser o elemento mais determinante no grau de uso do espaço.

Enquanto Alex detém-se na análise do desenho da praça e a acessibilidade por ele enfocada é aquela que se dá com seu entorno imediato, para Campos a acessibilidade diz respeito à localização daquele espaço na malha urbana da cidade como um todo ou de pelo menos porções da cidade. A autora conclui que *“os padrões de uso do espaço público são função da configuração da malha urbana, expressa pela correlação entre o número e o valor de integração dos eixos axiais que fazem interface com o espaço público e pelo número de pessoas paradas dentro do espaço”*. (CAMPOS, 1997, p. 1)³⁸

Diferentes níveis de exposição visual a partir da configuração da malha também interferem, segundo Campos e Tereza Golka (2005), no uso do espaço público.

Alcançando o espaço público a partir das propriedades axiais (Hillier et al., 1990), usuários tendem a escolher pontos de localização que os proporcionem certo grau de privacidade. Exposição total, relacionada ao olhar público, é algo a ser evitado”. (CAMPOS e GOLKA, 2005, p. 8)³⁹.

No entanto parecem ser também evitados espaços muito confinados. (HILLIER, 1996, p. 123).

As propriedades acima destacadas dizem mais respeito às propriedades globais, ou seja, aquelas relacionadas às características do espaço em relação à cidade como um todo. Mais recentemente, os estudos sintáticos chamam atenção para as propriedades locais e a sua relação com a vitalidade da área (HOLANDA, 2007). Em 2007, Akkelies van Nes e Manuel López publicaram seu estudo sobre o impacto das relações entre o espaço público e privado na vitalidade das ruas. Os autores listaram alguns recursos referentes a propriedades da micro escala espacial, ou seja, as escalas mais locais, que levam em consideração características específicas do espaço público que se aproximam das propriedades destacadas por Holanda (2002). São elas:

³⁸ Do original em inglês: “the degree pattern of space use is a function of the configuration of the urban grid, expressed by the correlation between the number and integration value of axial lines that interface with the public space and the number of static people within the space” (CAMPOS, 1997, p. 1). Tradução livre da autora.

³⁹ Do original em inglês: “Having arrived at the public spaces through the linear properties of space (Hillier et al., 1990), users may at this point choose locations that provide them with a reasonable degree of privacy. Total exposure, the concern of the public gaze, is something to be avoided”. Tradução livre da autora.

- **Profundidade topológica entre o espaço público e o privado:** Ela indica a distância topológica entre eles. Uma considerável profundidade topológica entre o espaço público e o privado é encontrada quando, por exemplo, o espaço privado é separado do público por uma série de espaços intermediários, como jardins, estacionamentos, halls etc. Segundo os autores, áreas que apresentam valores altos de profundidade topológica entre o espaço público e privado costumam ser mais desertas e proporcionar menos sensação de segurança do que aquelas em que a maioria das entradas dos edifícios abre diretamente para a rua⁴⁰. Esta propriedade tem paralelo com a observação de Jacobs (1961, p. 35) quando afirma que quanto mais visível for a separação entre espaço público e privado, maior a sensação de segurança da rua e maior a probabilidade de encontros nas vias.

- **Constituvidade:** Ou pontos de interface entre espaços internos e externos. Ela sinaliza possibilidades de co-presença. O grau de constitutividade é baseado no número de aberturas, ou constituições, entre os espaços públicos e privados. Esta variável, também presente nos estudos de Grönlund (2007) e Holanda (2002), tem muito a ver com o que Jacobs chama de “olhos para a rua” (1961, p. 35-36), uma vez que quanto maior o número de constituições, maior a probabilidade de existência de observadores “naturais” das ruas, o que, teoricamente, aumentaria a sensação de segurança e contribuiria para o incremento do número de pessoas circulando. Além disso, maiores valores de constitutividade potencializam a utilização de espaços públicos, uma vez que portas, enquanto elementos de permeabilidade, levam e trazem pessoas entre espaços públicos e privados⁴¹.

- **Intervisibilidade e a densidade de entradas da rua.** Também está relacionada aos “olhos para rua” de Jacobs (1961, p. 35-36). O grau de intervisibilidade leva em conta a existência de janelas dos dois lados das vias e considera que quanto mais intervisível ela for, ou seja, quanto mais janelas existirem dos dois lados da via, maior será a sensação de segurança de visitantes e moradores⁴². Segundo os autores, ruas intervisíveis e com alta densidade de entrada tendem a ser

⁴⁰ Os autores indicaram maneiras de se calcular a profundidade topológica de segmentos de rua. Para mais detalhes, consultar VAN NES e LÓPEZ, 2007, p. 23-03 – 23-05.

⁴¹ Como uma rua nunca é 100% constituída ou 100% não constituída, para medir o grau de constituição, pode-se fazer uma relação do número de entradas pelo número de edifícios ao redor. De acordo com Chih-Feng Shu (2000, p. 199) um espaço urbano constituído deve possuir 75% ou mais de aberturas dando para a rua (VAN NES e LÓPEZ, 2007, p. 23-05 – 23-07).

⁴² Moradores e visitantes são termos da Análise Sintática do Espaço aqui utilizados para designar respectivamente aqueles que usam o espaço com poder de controle (trabalhadores, prestadores de serviço, habitantes) e aqueles que usam os espaços servindo-se do mesmo, seja para fins de lazer, compras, passeio etc., não desempenhando sobre o mesmo controle.

mais movimentadas e dar maior sensação de segurança do que as vias não intervisíveis e de baixas densidades de entrada⁴³.

- **Forma da via e função da via:** A forma da rua indica o modo de transporte adequado para ela, bem como as possibilidades espaciais para se fugir de um possível agressor. Ela está relacionada tanto ao padrão de movimento que pode ser observado nela como também a sensação de segurança dos transeuntes. Apesar dos autores não terem encontrado correlação entre esta variável e usos entende-se que vias largas, de grandes dimensões e de intenso fluxo privilegiam o fluxo de automóveis e inibem o fluxo de pedestres, o que pode inibir a vitalidade da rua. Além disso, vias do tipo “cul de sac” podem afetar negativamente a sensação de segurança dos passantes.

Apresentou-se acima uma série de aspectos físicos apontados na literatura que correlacionam-se à animação, à vitalidade, co-presença e outros fenômenos indutores de urbanidade nos espaços públicos. Através da verificação do grau de existência ou a inexistência de alguns desses aspectos na Praça do Ferreira e Centro Cultural Dragão do Mar, foi possível alcançar o objetivo do trabalho: compreender, sob a ótica da urbanidade, o funcionamento da cidade atual e identificar indícios de novos padrões de vida urbana. Será mostrado que, mesmo sendo identificados nos casos alguns dos aspectos destacados acima, a urbanidade, tal qual pretendida por Jacobs, Hillier, Holanda, Grönlund e outros, já não mais se realiza.

1.5. A Praça do Ferreira e o Dragão do Mar: o verso e o reverso?

Uma das idéias inconvenientes por trás dos projetos é a própria noção de que eles são conjuntos, abstraídos da cidade comum e separados. Pensar em recuperar ou melhorar os projetos como projetos é persistir no mesmo erro. O objetivo deveria ser costurar novamente esse projeto, esse retalho da cidade, na trama urbana – e, ao mesmo tempo, fortalecer toda a trama ao redor (JACOBS, 1961, p. 437).

⁴³ Os autores estabeleceram alguns parâmetros de classificação do grau de intervisibilidade: (1) altamente intervisível: a densidade de suas entradas for alta e mais de 75% de suas entradas forem visíveis as outras; (2) intervisível: a densidade de suas entradas baixa e mais de 75% de suas entradas forem visíveis para as outras; (3) pouco intervisível: alta densidade de entradas e mais de 75% estão localizadas somente de um lado da rua; e (4) não intervisível: entradas dispostas de um só lado da rua.

Em Fortaleza, assim como em outras metrópoles brasileiras, o fenômeno de especialização do centro tradicional como área comercial e de serviços, especialmente voltado para classes de renda média-baixa, contribui com a falsa idéia de sua decadência⁴⁴, criando a necessidade de implementar projetos capazes de reverter o processo. Da mesma maneira, áreas tradicionalmente decadentes, mesmo geometricamente próximas ao centro, mas de forte potencial turístico, são eleitas para comportarem espaços multifuncionais capazes de atrair investimentos e pessoas. A reforma da Praça do Ferreira e a construção do Centro Cultural Dragão do Mar são exemplos destes esforços [Fig. 1.6]

No primeiro caso, enquadra-se o projeto de reforma da Praça do Ferreira [Fig. 1.7], um dos principais logradouros da cidade, referência da vida urbana da capital cearense até a década de 50 do século XX. A “Praça”, como muitos a chamam e conhecem (ADERALDO, 1974; GIRÃO, 1979; LOPES, 1998), está localizada no centro tradicional de Fortaleza, tendo sido chamada também de “O coração da Cidade” (LOPES, 1998, p. 15) pelo seu caráter agregador de usos, de atividades, de pessoas, de irradiação de meios de transporte. Recebeu outras denominações antes de ser chamada Praça do Ferreira. Chamou-se Largo das Trincheiras⁴⁵, Praça D. Pedro II⁴⁶ e Praça da Municipalidade⁴⁷. Nos arredores da Praça do Ferreira concentravam-se os transportes, as opções de lazer. Era ali onde as pessoas se encontravam. Sebastião Rogério Ponte bem resume a singular significância da Praça para a cidade:

(...) não foi à toa que na década de 80 [do século XIX] quatro elegantes cafés, em estilo chalet francês, surgiram nos quatro cantos da Praça do Ferreira. Tinha de ser lá, a praça era o principal logradouro desde a primeira metade do século XIX. Em seu entorno estavam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o ponto de partida e chegada dos bondes. (PONTE, 2002, p. 171).

A Praça do Ferreira era, assim, considerada por historiadores como “o *termômetro da cidade*”⁴⁸, onde primeiro poderiam ser notadas as principais mudanças e novidades que

⁴⁴ De acordo com Villaça, a classe dominante lança mão da ideologia de que o centro das metrópoles brasileiras estão deteriorados (1998, p. 344). Segundo o autor, a própria noção de “centro antigo” ou “centro velho” das cidades revela esta ideologia da classe dominante. Isto porque, na realidade, o centro tradicional é agora onde se concentra a maioria urbana.

⁴⁵ Trincheira era o apelido de morador do entorno da praça que freqüentemente usava o local para a promoção de festas.

⁴⁶ Em homenagem ao imperador.

⁴⁷ Por ali abrigar na face norte a sede da Intendência Municipal.

⁴⁸ Expressão utilizada pela autora que expressa a significância do local e que está implícita no discurso de autores como Leitão (2002) e Lopes (1998).

chegavam a Fortaleza. Foi na praça que, após a tendência nacional de aformoseamento ocorrida entre os séculos XIX e XX, primeiro notou-se a “*constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento*”. (PONTE, 2002, p. 186) [Fig. 1.8, 1.9 e 1.10]

A partir do final da década de 1930, Fortaleza começa a vivenciar o início do processo de deslocamento de atividades do centro ativo da cidade, refletido na sua especialização como área de comércio popular (PONTE, 1993; FERNANDES, 2003). A classe média-alta passa a ocupar preferencialmente áreas mais afastadas do centro, especialmente o bairro da Aldeota [Fig. 1. 11], levando consigo os serviços e outras opções de lazer. Mesmo assim, talvez seja o projeto de reforma da Praça implantado em 1933 o mais significativo. Não apenas porque até os anos 30 acredita-se que o centro da cidade tenha vivido seus anos áureos (PONTE, 1993; 2002), mas por ter sido esta a reforma que acrescentou um elemento que se tornaria um dos ícones da modernidade na cidade de Fortaleza: a Coluna da Hora [Fig. 1.10]. Segundo Ricardo Paiva:

o monumento, em Estilo Art Déco, se filiava a uma proposta moderna, influenciada pela tendência da arquitetura de utilização de um repertório formal, que afastava os elementos da linguagem clássica, mas mantinha o caráter clássico da composição (simetria, hierarquia, escalonamento, decoração), incorporado às novas tecnologias (concreto armado, vidro, elevadores). O coreto, que Raimundo Girão, na ocasião de prefeito queria exterminar, pois julgava ‘grosso, açaçapado e desgracioso’, foi também uma tentativa de imprimir um ícone de modernidade, que na época se referia ao historicismo que tomava forma também na arquitetura de ferro. (PAIVA, 2005, p. 101-102).

Além da Coluna da Hora, foram também instalados novos bancos de madeira, longos e apoiados em ferro fundido, que delimitavam belos jardins. A partir da década de 1940, a Praça do Ferreira vai perdendo progressivamente espaço para atender à vazão do crescente fluxo de veículos do centro da cidade. Em 1941, foram abertas duas novas alamedas na praça, indicando a priorização do fluxo de automóveis. (PAIVA, 2005, p. 102). [Figs. 1.12, 1.13]

Mais de duas décadas depois, a Praça do Ferreira passa por sua mais incisiva reforma :

Passados vinte anos sem absorver sérias modificações, a Praça do Ferreira sofreu em 1968, na administração do Prefeito José Walter, uma das reformas mais brutais, que apagou todos os vestígios do que havia sido acumulado espacialmente no tempo (...).(PAIVA, 2005, p. 103).

Sobre a reforma dos fins dos anos 1960, é consenso afirmar o profundo descontentamento por ela causado na população que a freqüentava, relacionando a reforma e a radical transformação na Praça, inclusive, com a “decadência” do centro [Figs. 1.14, 1.15, 1.16]:

O descontentamento da população com as formas espaciais da reforma de 1968, provenientes da impossibilidade concreta de seu uso e apropriação de forma coletiva, confirmaram o significado da praça para o Centro e para a cidade. A repulsa ao lugar criou na contramão uma atitude saudosista de depositar nas formas do passado, agora destruídas, as qualidades que conferiam valor de uso à praça. (PAIVA, 2005, p. 103).

No início da década de 90, a Praça passa por sua última reforma [Fig. 1.17]. O desenho anterior fora arrasado, o piso fora nivelado e os muros de concreto das jardineiras, demolidos. Retornaram os longos bancos de madeira e a famosa Coluna da Hora, agora estilizada. O projeto foi iniciativa conjunta entre a Prefeitura da Cidade e as associações dos comerciantes, baseou-se em pesquisa popular e representou a primeira intervenção das ações de revitalização do centro da cidade que, segundo Ricardo Fernandes, *“revelam-se precárias no que diz respeito à falta de articulação entre as intervenções pontuais, próprias da visão imediatista dos empresários do comércio, desejosos de verem restabelecidas as condições de atração de clientes”*. (FERNANDES, 2004, p. 102). [Fig. 1.18, 1.19]. Além disso, o retorno ao desenho antigo também trouxe grandes questionamentos:

Paralelamente à recuperação econômica a nova praça tenciona uma recuperação imagética que, por meio da supressão de qualquer vestígio da antiga praça, reconstrói elementos de uma configuração espacial do passado, numa atitude revivalista que visa a recuperação de uma memória histórica restrita e restritiva. Esta perspectiva de uma recuperação histórica como base para a busca de identidade faz uso da citação textual de formas e estruturas do passado (Coluna da Hora, jardins, bancos, luminárias, quiosques etc.) e cria equipamentos cuja expressão arquitetônica remetam a sistemas construtivos outros que não os de fato utilizados (bancas de revista e pórticos em estrutura metálica cujas seções remetem às de alvenaria, por exemplo). Tudo isso concorre para um uso superficial da tecnologia em favor da criação de espaços cênicos, descontextualizados. (FERNANDES, 2004, p. 103).

O trecho acima sintetiza a opinião de grande parte dos arquitetos sobre o projeto da reforma da Praça do Ferreira. É um discurso forte, que explicita o descontentamento com a arquitetura chamada “pós-moderna”, e também incompleto, pois não leva em consideração o que tal arquitetura resultou em termos de práticas sociais no espaço. Sem sombra de dúvidas, este vazio aqui encontrado é freqüente em diversos estudos em arquitetura que se detém em

aspectos estilísticos, não considerando aspectos morfológicos que estão relacionados ao desempenho sociológico dos lugares.

Assim como o trecho supracitado, outros são aqui dispostos. Estes ensaiam timidamente uma abordagem morfológica, mas desconsideram as propriedades espaciais enquanto favorecedoras ou não da vida urbana, não dando suficientes elementos que possam convencer o leitor de que a forma do espaço esteja contribuindo positiva ou negativamente para a vida social do lugar. Segundo Paiva:

A propósito do desenho atual, ele impõe uma maior formalização no uso e na apropriação do espaço público, repelindo as práticas que anteriormente tomavam lugar na praça. Este disciplinamento interno é assegurado pela fiscalização do Estado, que diferentemente de outras praças, mantém o controle da segurança, da ordem e da assepsia.

O novo desenho legitima também a própria segregação socioespacial [*sic*] da cidade (zona oeste pobre e zona leste rica) confirmado pela dicotomia com a Praça José de Alencar, centro de articulação do comércio popular informal, cujo entorno mostra traços de decadência alarmante e irreversível da sua estrutura urbana edificada, funcionando como centro de atividades das classes menos favorecidas, ao contrário da Praça do Ferreira que se coloca de certa maneira como elitizada (PAIVA, 2005, p. 115).

Em outro trecho de sua dissertação, Paiva também escreve:

Os usos intermitentes na praça acontecem através de manifestações públicas, como piquetes de greve de associações de classe, eventuais festas cívicas e manifestações da cultura popular, além de escassos protestos e reivindicações políticas. Estes usos, de certa maneira, restabelecem os usos antigos da praça.

A Praça do Ferreira, como lugar comum de uma diversidade de grupos sociais, não tem a natureza de uma praça de bairro, como território de prática de interesses relativamente homogêneos no uso e na apropriação do espaço público, pelo contrário, tem uma dimensão metropolitana. Esta dimensão heterogênea comporta uma diversidade de formas de percepção e interpretação do lugar, que varia desde o seu reconhecimento apenas como ícone da cidade, sem sequer entender o porquê, até o seu uso e apropriação como lócus das práticas do cotidiano. (PAIVA, 2005, p. 115).

Apesar disso, ele considera que *“o retorno do desenho da praça em um único nível se prestou de forma satisfatória à circulação, com eliminação dos obstáculos e a incorporação do trecho da Rua Major Facundo como passeio”* (PAIVA, 2005, p. 115).

Afora todas estas críticas, e ainda outras, convém observar que atualmente há um maior uso deste espaço público urbano. Diferente do ocorrido na década de 1960, quando a população

reagiu negativamente à reforma da Praça, o local voltou a ser freqüentado, seja como local de passagem (mas mesmo assim, permitindo um maior número de encontros), seja como um local de manifestações culturais, de lazer ou de consumo. Segundo Leitão, *“todas as tardes os longos bancos de madeira se enchem de papeadores que ali permanecem até por volta das vinte horas”*. (LEITÃO, 2002, p. 57). Ele também defende que *“esta talvez seja a mais bonita de todas as Praças do Ferreira. E vejam: as pessoas voltaram a conversar ali, a se encontrar no final da tarde, a se sentar para ler o jornal, como nos velhos tempos”* (LEITÃO, 2002, p. 21). [Fig. 1.20]

Paiva também parece concordar que a atual Praça apresenta atributos espaciais que facilitam a vida social e afirma que o seu uso não é otimizado devido a características do centro tradicional de Fortaleza:

Apesar do uso rarefeito durante a noite, a praça ainda se revela como um espaço relativamente animado no Centro, se comparado ao aspecto absolutamente deserto de outras áreas. De certa maneira, este contraste se reflete negativamente no uso da praça, pois dificulta o seu acesso, principalmente de pedestres, que se sentem ameaçados pela insegurança (PAIVA, 2005, p. 117).

A divisão de opiniões e, ao mesmo tempo, o senso comum entre os profissionais arquitetos que criticam, sobretudo os aspectos estilísticos da intervenção, tornam relevante e instigadora a investigação mais profunda das propriedades espaciais da Praça do Ferreira e suas implicações sobre a vida social que permeia a praça, pois as pessoas, por algum motivo, voltaram a freqüentá-la ou começaram a utilizá-la. Como ponto de partida, foi sugerido que a reforma da praça guarda atributos espaciais que a aproximam do paradigma da urbanidade, o que proporcionaria o encontro e o convívio das diferenças, a diversidade de atividades e usos desempenhados, apesar da tendência de fragmentação da cidade. Os resultados mostraram que este ponto de partida está, pelo menos parcialmente, correto. Isto porque, apesar de a configuração espacial coincidir com os atributos de urbanidade, esta parece ter alcance limitado. Pois:

- Sim, há diversidade de atividades, até determinado horário.
- Sim, há diversidade de pessoas, até determinado horário.
- Sim atributos espaciais locais favorecem à urbanidade, também, alguns deles, somente até determinado horário.

Por outro lado, tem-se o projeto do Dragão do Mar, um Centro Cultural de escala metropolitana, localizado em antiga área portuária da cidade, tradicionalmente pouco ocupada, e, apesar da proximidade geométrica, desconectada com o centro tradicional da cidade [Fig. 1.6]. A área, que hoje também compõe o bairro Centro, é mais conhecida como Praia de Iracema e foi, durante muitos anos a partir da criação da cidade, uma área desafeta aos padrões urbanos da capital. Foi chamada de Praia do Peixe até a década de 20, como referência às casas dos pescadores que ali habitavam.

O Dragão do Mar foi construído no final da década de 90, em áreas de antigos galpões ligados à atividade portuária desenvolvida no local até a década de 40-50 [Fig. 1.21, 1.22]. O projeto teve como principal objetivo

a reordenação física e revitalização de parte do setor urbano compreendido entre a avenida Leste Oeste (Praça Cristo Redentor), Rua Boris, Rua Almirante Jaceguai e Av. Almirante Barroso, com área aproximadamente de 16.500 m² tendo como foco de irradiação programática o 'centro de cultura do Estado do Ceará e como consequência contextual o uso de áreas livres com atividades de lazer (COSTA, 2003, p. 105; BARBOSA, 2006 p. 122-123)

Esforços para a implantação de atividades de lazer e turismo na área não começaram com a construção do equipamento. Na verdade a classe mais abastada, nas primeiras décadas do século XX, vinha escolhendo o local para implantar suas casas de veraneio, quando, a partir da construção do porto do Mucuripe no final da década de 1930, a faixa de praia diminuiu consideravelmente. Com o avanço das marés, as famílias abastadas foram paulatinamente deixando o local. Pescadores que ainda moravam na área também mudaram-se para outras praias, como Mucuripe, ou realocaram-se em áreas próximas, como o Poço da Draga [Fig. 1.23]. Algumas residências mais antigas passaram a ser ocupadas por usuários mais pobres e outros edifícios passaram a ser utilizados como prostíbulos. (ROCHA, 1984; SCHRAMM, 2001; BARBOSA, 2006). Durante as décadas de 1960 e 1970 os principais usos do local estavam relacionados à habitação da classe média-baixa e ao lazer noturno que atraía sobretudo a boemia (SCHRAMM, 2001; BARBOSA, 2006). No final dos anos 80 do século XX, o impulso ao turismo, acentuou as atividades de lazer noturno no bairro. Projetos como o calçadão da Praia de Iracema (1994), a reconstrução do Estoril (1994) e a reforma da Ponte dos Ingleses (1992) nada mais foram que a manifestação do desejo dos órgãos públicos em *"consolidar o bairro como pólo de lazer e forte eixo turístico"* (BARBOSA, 2006, p. 108). [Fig. 1.24, 1.25 e 1.26]

Apesar das mudanças na área adjacente à praia, os espaços entre o velho cais e o centro antigo permaneciam degradados, com pavimentação deficiente, problemas de saneamento e vários casarões desocupados e em ruínas. Foi neste local que o Governo do Estado resolveu investir para instalar o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura (COSTA, 2003, p. 102).

O Centro Cultural trouxe para a cidade a reunião de vários equipamentos em um só local. O seu programa inclui museus, teatro, cinemas, anfiteatro, auditório, planetário, livraria, restaurantes, café e loja de produtos artesanais. O projeto original previa uma ligação com a Praia de Iracema, cartão postal da cidade durante décadas especialmente após a construção de seu calçadão em 1994 (hoje em estado de deterioração) e da reforma da Ponte dos Ingleses, também de 1994. [Fig. 1. 27]. Uma vez não executada esta ligação, a Praia de Iracema tem tido seus usos cada vez mais limitados e seus espaços obsoletos. Muitos acreditam que após a ativação do referido equipamento, acelerou-se o processo de substituição de uso na Praia de Iracema, que hoje se encontra em processo de desvalorização e tem seus usos cada vez mais ligados ao turismo sexual, distanciando a antiga clientela e levando ao fechamento ou rápida rotatividade de bares e restaurantes (GONDIM, 2007; GONDIM, BEZERRA E COSTA, 2009; COSTA, 2003; BARBOSA, 2006).

O projeto do Dragão do Mar também é largamente criticado por arquitetos e planejadores urbanos por diversos aspectos, como sua escala monumental, que briga com a das edificações do entorno, o desrespeito aos casarões e galpões antigos, a demolição de alguns sobrados e a falta de referências locais, contrariando o discurso dos arquitetos autores do projeto (BARBOSA, 2006, p. 128) (Fig. 1.28). A implantação em diagonal do Centro Cultural, a distribuição de seus blocos com diferentes atividades transpassando quadras de antigos casarões, que rompe com o padrão dos edifícios do entorno, também é pontada como outro aspecto negativo do projeto. O forte impacto visual da inserção do novo edifício sobre os antigos causaria uma sensação de opressão da nova arquitetura sobre o casario mantido no local (VIEIRA, 2007, p. 20-21).

Pesquisadores como Sabrina Studart Fontenele Costa (2003) e Ricardo Paiva, (2005) acreditam que o equipamento, por concentrar várias atividades e, assim, atrair usos diversos de outras áreas, além de não contribuir com o aumento do uso no centro antigo, tem prejudicado a “animação” de áreas adjacentes, como a própria Praia de Iracema. Os estudos ressaltam, ainda, a incapacidade do Centro Cultural em atrair outros equipamentos culturais e moradias para o

bairro. De fato pode ser observada a obsolescência de atividades na Praia de Iracema, constatada pelo fechamento e rotatividade de vários bares.

Apesar de existir na proposta de mudança de usos dos imóveis uma mistura de atividades que colaborassem com a recuperação da área, o que se observa é o predomínio de estabelecimentos que funcionam no período noturno: bares, restaurantes e boates. A valorização da área trouxe consigo a especulação imobiliária, que acabou afastando os artistas e moradores originais do local. (BARBOSA, 2006, p. 132)

Outras críticas constantes ao projeto dizem respeito à linguagem arquitetônica utilizada. Os arquitetos idealizadores do projeto são acusados de tomar partido de estilismos pós-modernos, quase cópias figurativas do que se faz em outros cantos do mundo, sobrepostos à fragmentos locais.

O Dragão do Mar incorpora no seu vocabulário uma linguagem arquitetônica de matriz pós-moderna. Esta filiação pode ser identificada a partir da reflexão de Harvey (1993:96) sobre a arquitetura e projeto urbano pós-modernos, como ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, todos infundidos de efemeridade e caos". (PAIVA, 2005, p. 140)

Apesar de as críticas também identificarem na intervenção uma ação "*pontual dentro dos moldes do desenho urbano e arquitetura contemporânea com base nas influências pós-modernas*" (PAIVA, 2005, p. 132), pouco se tem discutido sobre os efeitos sociais da implantação do equipamento. Quando se fala de efeitos sociais, refere-se ao campo de possibilidades de interação social que o Dragão configura. Isto porque apesar das características estilísticas, o Dragão do Mar é lugar de vida urbana, talvez exatamente a vida urbana típica da cidade contemporânea: concentrada em porções de espaço e tempo.

O esforço aqui empreendido de estudar o Dragão do Mar e a Praça do Ferreira, como espaços públicos de Fortaleza, é uma tentativa de revelar novos padrões de vida urbana. No caso do Centro Cultural, um equipamento que engloba tanto espaços abertos de acesso público, como também espaços fechados privados, a pesquisa se deteve em seus espaços abertos de livre acesso. Mais do que repetir tudo o que foi dito a respeito destas intervenções, este trabalho busca caracterizar e analisar ambos os espaços sob a ótica da urbanidade, a fim de verificar como se dá a vida urbana acontece em cada um deles e se esta vida urbana reflete o processo global de fragmentação da cidade.

1.6. Conclusões do capítulo

Este capítulo procurou mostrar as reflexões teóricas que permitiram relacionar a fragmentação das cidades e as transformações no padrão de vida urbana. A cidade contemporânea fragmentada nas dimensões espacial, social e temporal conformaria um tipo de vida urbana diferente daquele da cidade coesa, articulada e, por que não dizer, urbana. A cidade fragmentada reproduziria espaços formais e minimizaria os espaços urbanos - aqui se utilizam os conceitos de Holanda (2002). A cidade fragmentada seria mais simbólica e menos instrumental - aqui se utilizam os conceitos de Hillier (1989). O esfacelamento da cidade seria perceptível em sua forma física. Contatos sociais seriam minimizados. Espaços desertos transformar-se-iam em espaços animados e vice-versa. Estes atributos seriam cada vez menos permanentes e mais transitórios.

Estas reflexões, e as expressões utilizadas, parecem estar de acordo com o discurso da cidade atual global, que cria cenários de vida urbana, investe na valorização do patrimônio, buscando incrementar o turismo, muitas vezes a partir da implementação de projetos urbanísticos voltados para uma pequena parcela da população. Estes projetos reproduziriam a fragmentação da cidade e contribuiriam para a transformação da vida urbana.

Mas como mostrar tais transformações? A revisão bibliográfica apontou autores chave que trataram da vida urbana e indicaram tanto características espaciais, quanto sociais e temporais de lugares urbanos. Até onde estas características são encontradas nos casos abordados neste trabalho foi caminho encontrado para evidenciar os limites da urbanidade na cidade atual.

Capítulo 2. Onde? Como? Quando? Procedimentos adotados



2.1. Preâmbulo

Neste trabalho, o esforço de verificar os limites da urbanidade na cidade contemporânea, mais especificamente, em espaços públicos de Fortaleza, desenvolveu-se através da investigação morfológica da **dimensão espacial** da urbanidade e da aplicação de procedimentos de avaliação pós-ocupação para a identificação das **dimensões sociais** e **temporais** de dois projetos urbanísticos da década de 1990, em Fortaleza-CE.

Como a argumentação que permeou o estudo foi que as cidades estão cada vez mais fragmentadas em termos funcionais, espaciais e temporais, buscou-se verificar se os casos correspondem ou não a esta fragmentação, conformando padrões de vida urbana diferentes daqueles caros à urbanidade.

Este capítulo tem como objetivo deixar claro estes procedimentos e métodos utilizados. A fim de se verificar ou não a existência de atributos espaciais da urbanidade, foram predominantemente utilizados métodos da Sintaxe do Espaço. Juntos a estes, foram colidas informações dos espaços observáveis a olho nu ou constantes em legislação urbanística própria. Para a verificação das dimensões sociais e temporais da urbanidade foi necessária pesquisa de campo, mapeamentos de usos e caracterização de usuários, bem como aplicação de questionários que permitiram a medição do grau satisfação dos usuários.

2.2. Por que a Sintaxe do Espaço e a Avaliação Pós-ocupação?

Muita atenção tem sido dada atualmente ao estudo de aspectos estilísticos de intervenções arquitetônicas e urbanísticas. Este trabalho não nega nem a validade nem a relevância de tais abordagens. No entanto, acredita-se que muitas delas acabam por basear-se meramente em aspectos estilísticos, deixando de levar em consideração os efeitos da forma construída sobre as relações sociais. Naquele tipo de abordagem pode ser observada uma herança não tão antiga: se há uma tendência de “superficialidade” nas intervenções urbanas, também parece haver a mesma tendência em suas análises. Buscou-se, portanto, neste trabalho a investigação principalmente dos aspectos morfológicos de projetos que implicam socialmente, estando a forma dos espaços e a maneira com que estes se articulam relacionadas ao desempenho sociológico dos lugares (HOLANDA, 2006). Assim, das três dimensões da urbanidade, a mais explorada neste trabalho foi sem dúvida a dimensão espacial. As análises das dimensões

sociais e temporais, mais reduzidas neste estudo, não foram dispensadas uma vez que se fizeram necessárias para aferir os limites da urbanidade nos casos abordados.

Como a Teoria da Sintaxe do Espaço, da qual este trabalho se vale repetidas vezes, ainda é pouco conhecida e, talvez por isso mesmo, pouco aceita, cabe aqui tecer alguns comentários a seu respeito. Tal Teoria começou a ser formulada na década de 1970 por Hillier e Leaman. Mas foi na década de 1980 (com a publicação de *The Social Logic of Space* de Hillier e Hanson) que a Teoria da Sintaxe do Espaço teve reunidos e organizados pela primeira vez seu referencial epistemológico, conceitos e categorias analíticas básicas (HOLANDA, 2002, p. 74).

A Sintaxe do Espaço ajuda no esforço de caracterização e análise dos projetos por vários motivos. Primeiro, porque permite a compreensão de padrões espaciais e a verificação de sua relação com o uso ou a identificação de sua quebra. Para tanto, a Teoria aborda o espaço investigando essencialmente propriedades abstratas de natureza topológica, através de atributos como proximidade, circunscrição, continuidade ou descontinuidade, contigüidade, separação, integração, segregação etc. (HOLANDA, 2002, p.96). Depois, a Sintaxe tem como objetivo:

o estabelecimento de relações entre a estrutura espacial de cidades e edifícios, a dimensão espacial das estruturas sociais, e variáveis sociais mais amplas, procurando revelar tanto a lógica do espaço arquitetônico em qualquer escala, como a lógica espacial das sociedades. (Holanda, 2002, p. 87).

A Sintaxe do Espaço permite a compreensão da cidade e de suas partes constituintes, considerando que cada parte está relacionada entre si e também com o todo. Também possibilita captar, dentre muitos aspectos sócio-espaciais, as possíveis implicações do desenho urbano e edificado na geração de padrões de urbanidade, entendendo-se “urbanidade” como diversidade de usos, agentes, períodos, indução de co-presença em lugares públicos etc.

A teoria da Sintaxe do Espaço parte de pelo menos dois pressupostos. Primeiro, acredita-se que a arquitetura causa efeitos. Segundo Holanda (2006, p. 2),

enquanto artefato, ela [arquitetura] impacta nossas vidas e o meio ambiente natural: ela determina se 1) atividades têm suporte adequado para seu funcionamento, 2) condições higro-térmicas são confortáveis, 3) custos energéticos para manutenção são elevados, 4) há sensação de beleza etc.

Para Hillier et al (1987) e Holanda (2002; 2006) a arquitetura funciona como variável independente, ou seja, ela causa efeito, afeta o comportamento humano e não é somente um

reflexo do contexto social, econômico e político de determinadas sociedades em determinadas épocas.

Em segundo lugar, a arquitetura é abordada como uma ciência humana, estudando as relações entre os lugares e as pessoas. A Sintaxe do Espaço investiga a arquitetura analisando o seu desempenho social. Enquanto teoria, ela focaliza a atenção na relação forma construída x relações sociais. Diz respeito àquilo que Holanda (2002, 2003, 2006) chamou de “aspectos de co-presença” da arquitetura, ou seja, enfoca como a forma construída implica em padrões de interação social. A Sintaxe do Espaço permite o entendimento de como padrões espaciais interferem nas práticas sociais ou nos usos de determinados lugares. Alguns padrões espaciais, já consistentemente discutidos na literatura da sintaxe, são traduzidos em propriedades espaciais – algumas pouco perceptíveis em planta ou no ambiente construído, mediante o uso de procedimentos de representação, quantificação e correlação.

Holanda, afirma que:

a teoria sintática parte da premissa de que a organização espacial humana, seja na forma de assentamentos, seja na forma de edifícios, é o estabelecimento de padrões de relações compostos essencialmente de barreiras e permeabilidades de diversos tipos. Estas barreiras e permeabilidades são, de fato, sanções físicas a um sistema de encontros e restrições que constituem a sociedade. (HOLANDA, 2002, p. 85-86).

Os sistemas formados a partir das relações entre barreiras e permeabilidades podem ser descritos, estudados e analisados de várias maneiras, a depender da base de dados disponível. Assim, barreiras impedem ou dificultam a passagem, a troca, a entrada e a saída. São muros, paredes cegas, obstáculos que impedem ou dificultam os trajetos e permeabilidades que oferecem passagem, entrada, saída, encontros. Permeabilidades são os espaços que sobram, tendo sido subtraídas as barreiras.

A Sintaxe do Espaço oferece um vasto campo de dados numéricos e gráficos a serem aplicados em estudos da forma arquitetônica em várias escalas, desde uma residência até uma cidade inteira. O discernimento dos dados a serem analisados é um importante passo da pesquisa. A seguir serão apresentadas as propriedades que foram usadas como categorias de análise dos espaços públicos investigados, tomando-se como base o referencial teórico previamente discutido.

A aplicação da teoria neste estudo repercutiu na escolha de métodos que pudessem comprovar ou não a hipótese de que os projetos urbanísticos recentes, justificados por esforços de revitalização de determinadas áreas degradadas das cidades e pelos desenvolvimentos tecnológicos de comunicação e de transportes, ou:

(1) Contribuem com uma crescente formalização, ou nos termos de Hillier, com uma maior simbolização da cidade, rompendo com as práticas sociais cotidianas, relacionadas aos espaços de urbanidade, ou à “cidade instrumental” (HILLIER, 1989),

ou

(2) Não conseguem restaurar por completo determinados padrões de vida urbana, mais relacionados às práticas de urbanidade ou da “cidade instrumental”, uma vez que características globais da cidade também incidem localmente.

Diferentemente da Análise Sintática do Espaço, a Avaliação Pós-ocupação não é uma teoria. Ela é uma série de procedimentos que começaram a ser desenvolvidos nos anos 1940, na Europa e nos Estados Unidos, e que só chegaram ao Brasil na década de 1970.

A APO centra a avaliação do ambiente construído sob o foco do usuário, podendo revelar o desempenho da edificação quanto a aspectos técnicos e funcionais e observando o comportamentais dos usuários. A abrangência maior ou menor da avaliação depende do objetivo de cada estudo. Atualmente, a APO tem sido aplicada para verificar também os desempenhos estético e cultural do ambiente construído.

Neste trabalho, procedimentos da APO são utilizados para identificar tanto aspectos funcionais, como aspectos comportamentais dos usuários dos espaços públicos, a fim produzir conhecimento sistematizado sobre o ambiente e as reações ambiente comportamento (ORSTEIN e ROMERO, 1992). Dos aspectos funcionais, este trabalho investigará os fluxos dos usuários, as atividades por eles desempenhadas e sua localização. Dos aspectos comportamentais, esta pesquisa investigará o uso do espaço e o nível de satisfação e diversidade dos usuários.

Estes aspectos foram captados a partir de dois procedimentos principais:

- a) Aplicação de questionários com os usuários
- b) Mapeamentos de fluxos e usos nos espaços abertos

A utilização da Análise Sintática e da APO, juntas, possibilita verificar a correlação entre propriedades espaciais e usos e ainda entre aquelas e os fluxos. Permite também conhecer o grau de satisfação dos usuários, a diversidade ou não de atividades e indivíduos no espaço e a sua concentração ou não em termos espaciais e temporais. Indicadores não exclusivamente espaciais da urbanidade.

2.3. Conceitos importantes em análises sintáticas do espaço

São várias as propriedades espaciais de qualquer artefato arquitetônico e várias são ainda as informações espaciais que a Sintaxe do Espaço permite extrair. Uma das preocupações centrais da pesquisa foi então selecionar as propriedades espaciais que seriam investigadas para responder à pergunta central do estudo: como se dá a vida urbana nas cidades fragmentadas, que parecem tender à formalização ou simbolização de seus espaços? A revisão bibliográfica realizada indicou algumas das propriedades a serem investigadas. O estudo restringiu o universo de variáveis que poderiam ser trabalhadas, dada a limitação de tempo e de informações confiáveis.

Antes de serem apresentadas as propriedades que serviram de categorias de análise neste estudo, alguns conceitos importantes em análise sintática devem ser esclarecidos. Como dito anteriormente, a Teoria da Análise Sintática do Espaço permite a representação espacial objetiva e quantitativa. Tal representação pode se dar de, pelo menos, duas maneiras: em termos axiais (que se chama de representação linear), e em termos de espaços convexos (através da representação convexa).

A **representação linear**, também chamada de mapa de eixos [Fig. 2.1], é obtida através do redesenho de cada via ou segmento de via pelo menor número das maiores linhas retas que podem ser inseridas no espaço da calha da rua, por exemplo. Aplicativos computacionais especialmente desenvolvidos para análises sintáticas (neste estudo foi utilizado o *Depthmap*, desenvolvido por Alasdair Turner, University College London) numeram estas linhas e constroem uma matriz matemática de conexões da qual se extrai o valor de acesso (daqui em diante referidos como valor de integração) de cada linha em relação a todas as outras existentes no complexo, ou a tantas outras quantas se queira considerar a partir de determinada linha. Esses valores são então traduzidos para uma escala numérica e cromática. Linhas potencialmente mais

acessíveis (ou com valores de integração mais altos) são representadas por linhas vermelhas, e linhas menos integradas, por linhas azuis. Informações complementares sobre a análise sintática do espaço são exaustivamente expostas nos trabalhos aqui referenciados. [Fig. 2.1]

Além dos valores de integração, o *DepthMap* também indica, entre outros, os valores de conectividade e de profundidade da malha. O valor de integração diz respeito à relação de conexões de cada linha levando-se em conta todas as demais linhas de um complexo e suas inter-relações. A conectividade é uma propriedade local, no sentido de que ela indica o número absoluto de conexões que cada linha apresenta. Por conseqüência, a conectividade do sistema é a média da conectividade de todos os eixos que participam de determinado sistema. A profundidade é o número de linhas que precisam ser percorridas até se atingir determinada linha em um complexo.

O valor de integração é considerado por muitos pesquisadores como a medida mais importante da análise sintática do espaço. Ele permite aferir o potencial de acessibilidade⁴⁹ de um espaço em relação a todos os demais espaços de um sistema. O mapa axial gerado pelo programa *DepthMap* informa as medidas de integração de cada eixo do sistema bem como a média geral do sistema, o que permite comparar o nível de integração de uma porção de lugar, com a integração total do sistema como um todo. A medida de profundidade da malha informa quantos “passos sintáticos” ou níveis topológicos são necessários para se acessar o lugar ou sistema considerado em sua totalidade. O programa *DepthMap* informa o valor de profundidade de cada eixo e também o valor médio de profundidade do sistema. Um espaço profundo é aquele com média de profundidade maior que a do sistema, e vice-versa. A representação linear é também referida como mapa axial e tem sido, nas últimas décadas, o procedimento mais utilizado em estudos sintáticos.

Na **representação espacial convexa** [Fig. 2.2], o foco não é o potencial de movimento, mas de permanência de pessoas. Nela, os espaços são representados bidimensionalmente da forma de espaços convexos⁵⁰. Esta propriedade é importante uma vez que é em espaços convexos que pessoas tendem a agrupar-se ou a permanecer.

⁴⁹ Falamos em potencial de acessibilidade por entendermos que as variáveis topológicas desconsideram outras que têm implicação direta na possibilidade de ir e vir, como por exemplo, a largura de vias, diferenças de nível, tipo de pavimentação e estado de conservação da via, iluminação, visibilidade etc.

⁵⁰ Cf. conceito apresentado na página 61.

Os dados obtidos a partir das análises dos espaços convexos foram largamente utilizados por Holanda na verificação daquilo que o autor chamou de “*medida de urbanidade*” de assentamentos (2002, p. 128). A maior parte das propriedades espaciais quantificadas por ele diz respeito aos espaços convexos, fazendo com o próprio autor reconheça a necessidade de uma calibragem dessa medida: “*a medida de urbanidade, como presentemente definida, tende a ser excessivamente influenciada por medidas de convexidade: temos seis categorias convexas contra três axiais, e não foi atribuído um peso diferencial a elas*” (HOLANDA, 2002, p. 447).

Para a confecção do **mapa de convexidade**, é necessária a delimitação das barreiras ao movimento naquele espaço. A depender do objetivo do estudo, podem ser consideradas barreiras qualquer elemento que interfira na circulação através de determinado espaço. Neste estudo, diferenças de níveis vencidas por pequenos e poucos degraus ou rampas, por exemplo, não foram consideradas barreiras ao movimento. Por outro lado, elementos de mobiliário urbano, como bancos e bancas de revista, foram considerados quando estes se mostravam definidores de espaços de permanências, de rotas de circulação ou áreas de aglomeração de pessoas.

A partir do mapa de espaços convexos pode ser elaborado o **mapa de espaços cegos**. Os espaços cegos são “*aqueles definidos apenas por paredes, fossos, cercas, vegetação, ou quaisquer outros elementos sem aberturas que levem ao interior dos edifícios ou lotes, através das quais as pessoas possam passar*” (Holanda, 2002, p. 90). Os mapas de espaços cegos revelam os espaços convexos que não são constituídos, ou seja, que não apresentam constituições ou entradas para espaços internos controlados. [Fig. 2.3, 2.4]

O mapa de convexidade contém as barreiras e os perímetros dos espaços convexos, mas registra também as transições entre estes últimos e quaisquer espaços fechados, cujo acesso seja controlado por meio de portas, portões, correntes, pontes levadiças, ou quaisquer outros artifícios que marquem sem ambigüidade a diferença entre o que é âmbito público e o que é espaço controlado por uma instituição específica: uma casa, uma igreja, uma escola etc. A literatura sintática tem denominado tradicionalmente estas transições de “constituições”, e diz-se de um espaço que ele é “intensamente constituído” quando, ao caminhar por ele, passamos freqüentemente por defronte de transições para espaços fechados. Neste trabalho, irei me referir a estas transições simplesmente como entradas. (HOLANDA, 2002, p. 88)

O *DepthMap* também permite quantificar, dentre outras medidas, a integração, a conectividade e a profundidade dos espaços em termos de convexidade.

Propriedades visuais de porções da cidade e do interior de edificações também têm sido largamente utilizadas em sintaxe do espaço. Como se viu, estudos sobre o desenho de espaços públicos relacionam seu grau de abertura visual à presença ou não de pessoas. A ferramenta computacional *DepthMap* permitiu facilitar a confecção das chamadas **isovistas**, ou seja, o traçado do campo visual a partir de determinado ponto do espaço. Além disso, permitiu também gerar os chamados **Gráficos de Análise de Visibilidade – VGA**⁵¹, que quantificam, entre outras, propriedades de integração, conectividade e profundidade visual. Os gráficos gerados traduzem em cores, de maneira semelhante aos mapas axiais, os valores calculados.

2.4. Método de abordagem e métodos operacionais

O estudo realizado é descritivo, analítico, avaliativo e comparativo, pois buscará descrever e quantificar propriedades espaciais dos dois objetos de estudo, a Praça do Ferreira e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, com o objetivo de verificar os seus efeitos na cidade sobre a vida urbana, indicando o fortalecimento ou quebra da urbanidade.

O método de abordagem utilizado pela pesquisa foi o hipotético-dedutivo, pois se partiu da hipótese de que os projetos de revitalização implantados na cidade ou reforçam a tendência de simbolização das cidades (que passa a funcionar menos de acordo com a estrutura da malha urbana, desestimulando os encontros aleatórios, e mais a partir de programas pré-estabelecidos que funcionam tomando partido de forças atratoras de magnetos), ou procuram resgatar a urbanidade de antes, mas que neste sentido se mostram parcialmente eficazes (uma vez que outros fatores que afetam a estrutura espacial da cidade como um todo concorrem em sentido contrário a este esforço).

2.5. Definindo as escalas de investigação

Quatro estágios analíticos são propostos para o estudo dos leiautes de assentamentos urbanos: representação, quantificação, observação e correlação (Hanson, 1992, p. 149). Estes estágios possibilitam o entendimento das relações entre sociedade e forma urbana, deixando

⁵¹ Do inglês: Visual Graphic Analysis.

transparecer como a sociedade representa espacialmente as diferentes formas de relações sociais ou como a forma urbana implica nas relações sociais (Hillier, 1989, p. 5-6).

O estudo dos espaços públicos a partir das propriedades espaciais que serão posteriormente explicitadas será realizado considerando-se quatro escalas de análise:

- (1) a escala do município;
- (2) a escala do bairro e arredores;
- (3) a escala do equipamento e entorno;
- (4) a escala do equipamento propriamente dito

As duas primeiras escalas estão relacionadas à escala global da cidade e consideram a circulação de veículos para o traçado dos eixos axiais. A terceira, além da circulação de veículos, abrange também a circulação de pedestres. Os eixos de veículos e aqueles exclusivos de pedestres estão dispostos nas figuras 2.5 e 2.6. A quarta escala estuda somente a circulação de pedestre. Ela baseia-se nos mapas axiais de alta definição⁵², que consideram o fluxo de pedestres através dos passeios das vias, faixas de travessia etc.

As análises na escala da cidade e do bairro, que serão por vezes referidas no texto como “as escalas de análises mais amplas”, situaram cada objeto de estudo em relação ao todo. Elas buscaram mostrar como cada espaço está inserido na cidade e qual o seu potencial em termos de acessibilidade. Através da análise dos espaços nestas escalas, buscou-se também verificar o grau de integração com o entorno e com a malha urbana [Fig. 2.7]. Procurou-se mostrar até que ponto estas propriedades permanecem em termos locais ou não, ou seja, se os espaços públicos contribuem com a continuidade da malha ou afirmam a sua fragmentação.

Por outro lado, as análises das duas outras escalas permitiram a comparação com as propriedades nas escalas mais amplas, evidenciando também a continuidade ou a quebra da tessitura urbana. Além disso, o estudo das escalas do equipamento e entorno e somente do equipamento, que serão por vezes referidas no texto como “as escalas de análise mais restritas”, permitiram também a verificação de propriedades locais apontadas na literatura como

⁵² Em inglês se chama “*axial map high definition*”.

indicadoras de urbanidade e/ou geradoras de vitalidade urbana das áreas, bem como a presença ou não de características dos espaços públicos bem sucedidos.

Assim, foram necessários mapas precisos, com informações sobre barreiras, permeabilidades e acessos ao espaço público (HOLANDA, 2002, p. 96). O mapa base para desenvolver os mapas de precisão foi o levantamento aerofotogramétrico da cidade de Fortaleza, concedido pela Prefeitura Municipal da cidade, bem como os projetos arquitetônicos de cada área, as aerofotos (também concedidas pela Prefeitura da cidade) e a verificação in loco de possíveis alterações realizadas durante a implantação os projetos. A quantificação das propriedades foi realizada a partir da utilização do Software *DepthMap*. Os valores gerados pelo programa foram relacionados entre si e com os valores resultantes da observação de modos de uso em ambas as áreas, a fim de se verificar a correlação entre padrões espaciais e padrões de vida social.

A etapa de observação, por sua vez, envolveu o mapeamento de usos, de movimento e de permanências. Ela focou a identificação de **aspectos da vida espacial**, também relacionados às **dimensões social e temporal da urbanidade**, que se refletem em padrões de uso dos locais investigados para responder a seguintes questões: Quem são as pessoas que mais usam o espaço? Como, quando e onde elas se concentram? Existem padrões de uso do espaço? Se sim, quais são estes padrões? Se não, quais as possíveis razões?

Alguns dados relativos a estas dimensões da urbanidade foram complementados através da aplicação de questionários nas duas áreas estudadas. Tais questionários também ajudaram a traçar o perfil dos usuários, e assim, deram noção sobre a vida social dos espaços, especialmente nos termos da diversidade social e satisfação dos usuários, apontada como característica dos espaços de urbanidade.

A dimensão temporal foi também estudada partindo-se da análise dos mapeamentos de uso do espaço, procurando-se identificar se existem horários de pico de uso e se estes picos de uso estão de acordo com a presença de atividades no entorno ou não.

A etapa de correlação permitiu verificar a correspondência entre padrões espaciais e os usos encontrados e também as implicações das propriedades espaciais dos espaços públicos sobre a vida social nos mesmos. É, portanto, uma das fases de fechamento do estudo, pois permitiu a verificação da existência ou não da correlação entre padrões espaciais e padrões de uso ou em que termos estas correlações acontecem.

Assim, o estudo teve como etapas básicas: (1) a caracterização do objeto englobando as três dimensões da urbanidade e (2) as correlações entre estas três dimensões. Explicar como foi feita a caracterização de cada dimensão é o tema dos próximos parágrafos.

2.6. A caracterização dos objetos segundo as dimensões da urbanidade

Na tarefa de verificar como a cidade fragmentada corresponde em termos de vida urbana a esta nova configuração espacial, cabe analisar os espaços estudados segundo as dimensões da urbanidade anteriormente referidas. Neste trabalho foi assumido que a urbanidade pressupõe três dimensões: **a dimensão espacial, a dimensão social e a dimensão temporal.**

A primeira dimensão apresentada, a mais explorada neste estudo⁵³, envolve os aspectos espaciais, o que Holanda (2002) chama de “padrões espaciais”, e o que se chama neste estudo de “**dimensão espacial da urbanidade**”. Os aspectos espaciais observados foram confrontados com os usos encontrados, a fim de se verificar até que ponto os usos correspondem às características espaciais dos objetos em análise.

Outro nível de caracterização envolve os aspectos sociais da urbanidade, buscando evidenciar nos espaços analisados se há ou não diversidade de usuários, de interesses e de rotas. Neste trabalho eles estão englobados no que se chama de “**dimensão social da urbanidade**”. Relaciona-se até certo ponto com aquilo que Holanda chama de “vida social”, mas também envolve algumas variáveis da “vida espacial” do mesmo autor. A caracterização neste nível envolveu o trabalho de campo que objetivou a medição *in loco* das pessoas paradas e em movimento e os mapeamentos de usos. Além disso, foram aplicados cento e seis questionários em cada área de estudo, tomando como base procedimentos de avaliação pós-ocupação, que permitiram traçar o perfil aproximado dos usuários, revelar a percepção que os mesmos têm a respeito do espaço e medir o seu grau de satisfação.

O último nível de análise envolve a “**dimensão temporal da urbanidade**”, a partir da qual se buscou identificar se há concentrações de usos em determinados períodos do dia, se há grandes variações de padrão de uso observando-se diferentes horários e se esta variação no uso está relacionada à existência ou não de atividades no entorno.

⁵³ Certamente por serem os aspectos espaciais o principal objeto de estudo para arquitetos e urbanistas.

As correlações entre os dados obtidos com a caracterização dos objetos permitiram verificar como os projetos respondem à tendência de fragmentação da cidade, se criando porções na cidade limitadamente mais urbanas, com característica de “oásis ilhado” (MEDEIROS, 2006); ou se reforçando a tendência de dissociação do tecido urbano, através da criação de mais um setor especializado na cidade.

2.6.1. As propriedades morfológicas investigadas

A seguir serão apresentadas as propriedades sintáticas que foram investigadas durante o estudo morfológico dos espaços públicos e suas relações com a cidade.

Como já visto no capítulo 1, Hillier refere-se quase exclusivamente a propriedades globais enquanto definidoras de vida social nas partes da cidade. Ele também aponta para a importância da coincidência entre propriedades em vários níveis, o que potencialmente aumentaria a inteligibilidade do espaço. Jacobs (1961), Holanda (2002), van Nes e Lopez (2007), Bo Grönlund (2007) e Alex (2008), por outro lado, concordam ao referir propriedades locais como também importantes na geração de vida de determinados locais da cidade. Neste estudo, portanto, considerando a ampla abordagem dos autores referidos, serão investigadas propriedades globais e propriedades locais dos espaços.

I. A dimensão espacial

A caracterização da dimensão espacial da urbanidade objetivou verificar se as características espaciais nas quatro escalas estudadas aproximam mais os espaços públicos do conceito de urbanidade ou de fragmentação da cidade. Para tanto se efetuou a correlação entre as propriedades nas várias escalas, assim como entre estas e os usos medidos *in loco*. Foram várias as propriedades espaciais medidas que compuseram a dimensão espacial das áreas estudadas. De maneira geral, elas se dividem em:

(I.I) Variáveis globais;

(I.II.) Variáveis locais.

I.I. As variáveis globais:

As propriedades globais investigadas procuraram relacionar os equipamentos analisados com a estrutura urbana de Fortaleza. Elas, em conjunto, mostram como a área está inserida no entorno, qual o seu potencial de movimento, oferecendo, inclusive, meios para se verificar a probabilidade de encontros ou não de diferentes fluxos nas áreas. Elas correspondem aquilo que é identificado como “acessibilidade axial”, uma vez que se baseiam nos mapas axiais. Para a caracterização de tais propriedades, o espaço foi representado em termos de movimento. A acessibilidade axial neste estudo se divide em:

- *Conectividade axial*: É derivada do mapa de eixos de movimento. Quando é medida a partir dos eixos, o número de cruzamentos de um determinado eixo é chamado de *medida de conectividade* de cada linha. Por consequência, a conectividade do sistema é a média da conectividade de todos os eixos que participam de determinado sistema. Esta propriedade foi analisada nas três diferentes escalas de estudo. Apesar de ser uma medida local uma vez que mede o número de conexões de cada linha, foi considerada neste estudo como variável global porque a conectividade, junto com a profundidade e a integração interfere na acessibilidade.

- *Integração axial*: Como já explicitado⁵⁴, a integração é considerada por muitos pesquisadores o instrumento quantitativo mais importante da Análise Sintática do Espaço. Foram comparadas as medidas de integração do sistema com as médias das medidas de integração dos eixos que compõem o sistema, não somente os eixos que interceptam o sistema.

As variáveis globais foram medidas em cada escala de análise. A correlação entre os resultados possibilitou verificar até que ponto as propriedades eram mantidas nas várias escalas, apontando para a sua quebra (quando se verificou a não coincidência nas várias escalas) ou continuidade do tecido urbano (quando as propriedades foram mantidas em diferentes escalas).

I.II. As variáveis locais ou propriedades da micro-escala

Neste trabalho, preferiu-se chamar as “propriedades da micro escala” simplesmente de “variáveis locais”, a fim de que o leitor não se incline a confundi-las com as escalas espaciais de análise (da cidade, do bairro e dos equipamentos). As variáveis locais foram medidas considerando as escalas de análise mais aproximadas do equipamento. Elas são referidas na

⁵⁴ Cf. conceitos apresentados nas páginas 62 e 85-86.

literatura como propriedades indutoras da vitalidade e co-presença em áreas públicas da cidade.

As variáveis locais investigadas nesta pesquisa foram divididas em:

- (a) variáveis locais de acessibilidade do espaço público;
- (b) variáveis locais viárias;
- (c) variáveis locais da urbanidade do sistema; e
- (d) variáveis locais da diversidade

As **variáveis locais de acessibilidade do espaço público** dizem respeito às características do espaço público em si, não sendo consideradas as vias do entorno não imediato. Elas se baseiam na:

- *Acessibilidade convexa*, que, neste trabalho, se divide em conectividade, e integração convexas: estas medidas, especialmente a integração, refletem a acessibilidade convexa do equipamento. Parte da elaboração de mapas de espaços convexos e, a partir do uso do *DepthMap*, são realizadas as conexões entre os espaços convexos.

- *Acessibilidade visual*, que se divide em conectividade, profundidade e integração visual: estas medidas, especialmente a integração, refletem a acessibilidade visual no interior do espaço público. De acordo com Campos e Golka (2005), diferentes graus de visibilidade podem favorecer o desempenho de uma maior variedade de atividades do espaço público. Os gráficos de acessibilidade partem dos mapas de barreiras e permeabilidades visuais do equipamento, podendo então, ser considerados como barreiras visuais elementos naturais não-construídos, por exemplo, massas de vegetação. Outro fator a ser observado é a altura média do observador e a sua posição no espaço. Em análises de espaços públicos abertos, pode ser útil considerar elementos de mobiliário urbano como barreiras visuais, já que ali os usuários estariam sentados, em sua maioria.

A caracterização dos espaços públicos de acordo com a acessibilidade convexa e visual permitiu verificar:

a) até que ponto os usos encontrados nos espaços públicos estão de acordo com os esperados em termos de acessibilidade e

b) se os espaços apresentam diferentes potenciais de visibilidade e convexidade, favorecendo o desempenho de maior variedade de atividades.

As **variáveis locais viárias** permitiram traçar o perfil das vias do entorno do equipamento de acordo com algumas propriedades mostradas na literatura como sendo favoráveis à urbanidade. Estas variáveis se dividem em:

Acessibilidade visual: diz respeito ao nível de acessibilidade visual das vias. Compreende também as medidas de conectividade e integração e indica as áreas de maior potencial de movimento. Baseia-se nos gráficos de visibilidade gerados pelo *DepthMap*. Cada via foi classificada, de acordo com a acessibilidade visual, em: alta, média-alta, média, média-baixa ou baixa.

Classificação das vias: diz respeito à classificação das vias que compõem os sistemas em análise, segundo a legislação urbana vigente, ou seja, a classificação viária constante na Lei de Uso e Ocupação do Solo de Fortaleza. Além disso, procurou-se caracterizar as vias a partir da intensidade do fluxo de veículos automotor observado, da largura do passeio e da caixa de rolamento e da existência ou não de arborização amenizadora da incidência solar. Neste caso, se quer averiguar como as vias do entorno favorecem ou não o tráfego de pedestres, tendo em vista também a observação de Appleyard (1981 apud FRANCIS, 1987, p. 73), que relacionou a diminuição da intensidade do tráfego de veículos com melhoria da qualidade do entorno e, conseqüentemente, com o favorecimento da circulação de pedestres.

*Profundidade topológica entre os espaços públicos e privados*⁵⁵: Cada segmento de via do entorno dos equipamentos foi estudada e caracterizada segundo esta propriedade. Dadas as discrepâncias entre as atividades no período diurno e noturno, as aberturas dos imóveis em cada segmento de via foram mapeadas durante a manhã e durante a noite. Cada via foi classificada, de acordo com a profundidade topológica, em: alta, média ou baixa.

*Grau de constitutividade*⁵⁶: Assim como a variável anterior, o grau de constitutividade foi medido para cada segmento de via do entorno dos

⁵⁵ Cf. conceito apresentado na página 69.

⁵⁶ Cf. conceito apresentado na página 69.

equipamentos estudados, levando-se em consideração os períodos diurno e noturno. Cada via foi classificada, de acordo com a constitutividade, em: alta, média ou baixa.

*Intervisibilidade da rua*⁵⁷: Da mesma maneira que as variáveis anteriores, cada segmento de via do entorno dos espaços estudados foram analisadas segundo o grau de intervisibilidade, classificando-as em muito intervisíveis, intervisíveis, pouco intervisíveis e não-intervisíveis, nos períodos diurno e noturno.

As variáveis locais da urbanidade do sistema dizem respeito a aspectos espaciais locais, mas que não se limitam ao espaço público propriamente dito, que podem contribuir com a urbanidade. Baseiam-se nos mapas de ilhas espaciais, ou barreiras⁵⁸, e utilizam algumas medidas apontadas por Holanda (2002) na identificação de assentamentos urbanos e formais. As variáveis locais do sistema consideram:

O número de constituições do sistema: baseia-se no mapa de entradas de cada área estudada, considerando-se portas, portas cegas, janelas e janelas cegas⁵⁹. Como os padrões do número de constituições muda consideravelmente entre horas do dia e a noite, dois mapas de constituições foram elaborados para cada espaço público estudado.

O percentual de espaços cegos: os espaços cegos são aqueles que não apresentam entradas para áreas internas. O cálculo do percentual de espaços cegos teve como base a área total dos espaços abertos e a área dos espaços cegos, em cada caso.

As variáveis da diversidade dizem respeito às características espaciais que são apontadas na literatura como atratoras de usuários e estimuladoras da diversidade do local, coincidindo, assim, com aspectos de urbanidade apontados por Grönlund (2007) e Jacobs (1961) e também em Camilo Sitte (1889) e Francis (1987). Elas são assim divididas:

O efeito surpresa no espaço: são identificadas dimensões espaciais que podem causar efeito surpresa ao transeunte e, assim, atraírem maior quantidade de

⁵⁷ Cf. conceito apresentado nas páginas 69-70.

⁵⁸ Cf. conceito apresentado na página 83.

⁵⁹ Portas e janelas cegas são aqui consideradas aquelas esquadrias existentes, mas que não são normalmente abertas para o espaço público, permanecendo fechadas a maior parte do tempo. Esta situação é comumente encontrada em imóveis abandonados, subutilizados ou que tiveram seu uso original modificado.

peças ao local. De acordo com Francis (1987), especialmente as crianças costumam ser atraídas por este tipo de espaço, que oferecem descobertas, sentido de aventura e desafio. Foram explorados aspectos da volumetria do local e do entorno, o posicionamento do espaço público com relação ao eixo viário, as visuais a partir e no próprio espaço etc. Além disso, podem ser considerados como elementos de surpresa ou lúdicos: esculturas, obras de arte, chafarizes e fontes de relevante caráter arquitetônico e o próprio conjunto de elementos construídos que pode conformar ricas experiências visuais. São referenciados nos estudos clássicos de Camilo Sitte (1889) e de Bo Grönlund (2007).

A coexistência de edifícios antigos e contemporâneos: de acordo com Jacobs (1961), a co-existência de edifícios de variadas épocas favorece a diversidade de atividades diversas, inclusive aquelas de diferentes padrões econômicos, contribuindo com o estímulo à diversidade sócio-econômica do lugar. Assim, além de contribuir com a riqueza da experiência visual, a mescla de edifícios de várias idades concorre para uma potencial diversidade de atividades do entorno. Neste sentido, os edifícios do entorno dos espaços públicos estudados foram destacados, procurando-se identificar ou não esta co-existência.

O estímulo espacial às diversidades: É o espaço flexível, que pode abrigar vários tipos de atividades ou múltiplas atividades ao mesmo tempo. Acredita-se que isto favorece o uso diversificado e contribui com a criação de um rico espaço tanto em termos visuais, como em termos de probabilidade de encontros, trocas de experiências e, assim, de ricas experiências sociais.

II. A dimensão social

Métodos de mapeamentos, quantificação e análise de propriedades de vida espacial são menos desenvolvidos no âmbito da Teoria da Sintaxe do Espaço do que os métodos referentes às propriedades espaciais⁶⁰. Recorreu-se, portanto a procedimentos de Avaliação Pós-ocupação para

⁶⁰ Hillier e Hanson (1984), no entanto, ao estudarem o layout de residências, explicaram como as estas variáveis foram mensuradas. Klasander (2001) utilizou pesquisa de opinião pública pronta e relatou que os resultados encontrados poderiam ter sido diferentes caso tivesse realizado medição da vida espacial. Por outro lado, Parvin et al (2007) explicou a medição do fluxo de pedestre realizada através da marcação dos gateways, ou pórticos imaginários, durante cinco minutos cada e da correlação entre o movimento medido e o potencial de movimento, em termos de

as análises das dimensões social e temporal relativas aos espaços públicos. Nesta pesquisa, as variáveis da dimensão social foram medidas nas escalas dos equipamentos estudados e, em alguns casos, considerando-se o seu entorno imediato. A caracterização da Praça do Ferreira e do Dragão do Mar segundo aspectos de dimensão social teve como objetivo verificar:

- 1) a existência ou não dos padrões sociais dos ambientes ditos urbanos nos espaços públicos estudados; e
- 2) até que ponto os padrões espaciais estão refletidos nos usos dos espaços.

A **dimensão social da urbanidade** abordada neste trabalho aproxima-se do que Holanda (2002) chama tanto de vida espacial, como também vida social. As variáveis da dimensão social da urbanidade utilizadas para a caracterização dos espaços estudados foram:

II.I. Distribuição das pessoas paradas

O mapeamento das pessoas paradas buscou identificar como as pessoas distribuem-se espacialmente, como os equipamentos são utilizados, em que horas do dia são mais utilizados etc. Também possibilitou averiguar a existência ou não de setores dentro do próprio equipamento onde determinadas atividades são mais comumente desempenhadas. Outro objetivo deste mapeamento foi observar o grau de correspondência entre a estrutura espacial e os usos encontrados.

II.II. Movimento

O mapeamento das pessoas em movimento objetivou revelar até que ponto as propriedades espaciais estão refletidas no uso do espaço em termos de movimento. Além disso, procurou-se verificar a existência ou não de padrões de movimento ou se tais padrões estão relacionados às atividades do entorno ou à estrutura da malha. O mapeamento do movimento foi desenvolvido segundo a técnica de medição dos “*gates*” ou “*portais*”, que será mais a frente apresentada.

II.III. Diversidade social

Esta variável diz respeito à diversidade de pessoas encontradas nos equipamentos. Os dados do bairro de moradia dos usuários ajudaram a indicar, pelo menos de maneira aproximada,

medida de integração. Arruda Campos (1997, 1999) e Arruda Campos e Golka (2005) e Holanda (2002) foram quem mais explicitaram em termos metodológicos como realizar as medições da vida espacial.

a condição econômica dos usuários⁶¹. Além disso, a constatação de diferentes faixas etárias também indica maior urbanidade, uma vez que a não uniformidade etária favorece o encontro de diferenças, a troca de experiências e a formação de rico campo de atividades. Os dados utilizados foram coletados através da aplicação de questionários e também a partir do mapeamento das pessoas paradas. Este último também possibilitou verificar a quantidade de pessoas por faixas-etárias⁶².

II.IV. Diversidade de atividades

Esta variável busca verificar quais as atividades mais freqüentemente realizadas pelos usuários dos espaços públicos. Os tipos de atividades desenvolvidas podem transparecer uma maior ou menor probabilidade de interação social no espaço público, bem como se estas estão ou não divididas espacialmente. Estes dados importam porque representam uma das dimensões dos espaços públicos bem-sucedidos de Francis (1987). Os dados desta variável basearam-se tanto nos questionários aplicados, como também nos mapeamentos das pessoas paradas.

II.V. Diversidade de fluxos

A diversidade de fluxos tem a ver com a caracterização dos espaços enquanto “espaço-meio” ou enquanto “espaço-fim”. Assim, verificar as origens e os destinos dos fluxos das pessoas, se partem das residências e se voltam para as mesmas, indica que o espaço pode ser considerado como um espaço fim, já que se vai diretamente àquele lugar. Estes espaços são mais relacionados ao magnetos, que atraem pessoas pra lá e de lá não favorecem o fluxo para outros lugares. Ao contrário, os espaços que estão no “meio-do-caminho”, ou seja, aqueles que as pessoas vão depois de irem a outros lugares, podem ser considerados como “espaço-meio”, podendo favorecer a confluência de fluxos diversos.

II.VI. A satisfação do usuário com o espaço

É uma das dimensões dos espaços públicos bem-sucedidos, de acordo com Francis (1987). A satisfação dos usuários com o espaço foi dimensionada a partir da aplicação de questionários, através dos quais os usuários puderam avaliar a segurança, o conforto, o grau de manutenção do

⁶¹ Os bairros considerados “nobres” ou de classe média e média alta foram assim classificados de acordo com nossa vivência empírica da cidade.

⁶² Os dados etários dos questionários não refletem por completo a realidade, pois os questionários foram aplicados com as pessoas aptas a respondê-los, excluindo-se, desta forma, as crianças menores de doze anos. Por outro lado, os mapeamentos também revelam parcialmente a realidade, pois se baseiam na faixa etária presumida pelo observador.

equipamento. Os usuários também foram questionados a respeito daquilo que mais agrada no local, o que mais incomoda e aquilo que lembram quando pensam no local.

III. A dimensão temporal

A dimensão temporal está intrinsecamente ligada à dimensão social. De acordo com Jacobs, os espaços devem apresentar uma continuidade de usos, de modo a sempre permitir que se encontre pessoas nas ruas, nas janelas, nas praças e, assim, estes mesmos espaços receberem ainda mais usos nos vários períodos do dia (JACOBS, 1961, p. 165). Assim, a caracterização da dimensão temporal possibilitou verificar a continuidade ou descontinuidade temporal de usos no espaços, e de que maneira estes usos se relacionam com as atividades do entorno. A variação temporal considerada foi curta, abrangendo as diferentes horas de um dia típico da semana e do final de semana. Eventos esporádicos e dias atípicos foram evitados.

Como resumo da caracterização, tem-se o quadro 2.1 (pag. 76 do volume II).

2.7. As correlações

As correlações entre as propriedades espaciais e as de vida social foram a última etapa do estudo. Elas tiveram como objetivo verificar até que ponto as propriedades espaciais refletem o uso do entorno, ou seja, como a vida urbana nos espaços públicos estudados relacionam-se ou não às propriedades globais da malha urbana e as locais do entorno e do próprio equipamento.

-Coincidências entre as propriedades espaciais: tem a ver com a continuidade da malha, ou a não ruptura com o tecido urbano. Uma vez caracterizadas as principais propriedades nas várias escalas, buscou-se destacar as coincidências e os contrastes. Também foram identificadas quebras ou continuidades de propriedades espaciais nas várias escalas, a fim de se verificar se os projetos costuram ou quebram o tecido urbano. Para Hillier (1996), quando há quebra do tecido urbano a economia de movimento é afetada negativamente e, por consequência, a cidade enquanto máquina de gerar contatos torna-se menos eficaz.

- Predictibilidade⁶³: Foram feitos gráficos de correlação entre o número de pessoas em movimento em lugares predeterminados (os portais que serão melhor explicados em breve) e as medidas de integração dos eixos que cruzam estes lugares. Neste estudo o conceito de

⁶³ Cf. conceito apresentado na página 57.

predictibilidade foi usado de maneira mais abrangente. A predictibilidade foi utilizada para aferir também a correlação entre outras propriedades espaciais (como as variáveis locais do sistema e as viárias) e os usos encontrados.

2.8. Os bastidores

2.8.1. Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica abrangeu temas correlatos, como o planejamento urbano atual e intervenções urbanas, o desenho de espaços públicos urbanos, teoria e aplicação de técnicas de Análise Sintática do Espaço e de Avaliação Pós-ocupação. Ela concentrou-se no objetivo de estabelecer as categorias de análise e as propriedades a serem investigadas e também na busca de métodos e técnicas a serem aplicados no estudo.

2.8.2. Pesquisa documental

Centrou-se na busca de dados relacionados às informações fundamentais para o desenvolvimento dos mapas essenciais à Análise Sintática. São eles:

- **Base de dados sobre Fortaleza:** Foi utilizada a planta da cidade de 1996 (até o momento, a mais recente), em formato de arquivo digital, disponibilizada pela Prefeitura de Fortaleza e atualizada através da sobreposição de fotos aéreas da cidade datadas do ano de 2004, também disponibilizadas pela Prefeitura e pelo Google Earth.

- **Projetos arquitetônicos** da reforma da Praça do Ferreira e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: Os projetos foram disponibilizados por pesquisadores. As plantas foram conferidas com a observação in loco e serviram de base para a construção dos mapas de barreiras dos dois espaços públicos analisados.

- **Mapas de aberturas:** estes mapas foram construídos especificamente para o trabalho, a partir da base fornecida pela Prefeitura e do mapeamento dos pontos de interface entre o espaço público e o privado.

2.8.3. Pesquisa de campo

A pesquisa de campo teve como objetivo levantar dados relevantes para a análise de propriedades sintáticas do espaço como barreiras, aberturas para espaços privados, espaços cegos, portas, janelas etc. Objetivou ainda o mapeamento dos usos do lugar, do movimento e da permanência de pessoas, a aplicação de questionários para caracterizar os usuários e medir sua satisfação com o espaço, além de obter fotografias indicativas de propriedades espaciais e do uso do local.

O mapeamento dos usos e do movimento nos locais merece melhor explicação. As pessoas paradas e as pessoas em movimento foram mapeadas, a fim de se verificar a correlação entre propriedades espaciais e os usos nas áreas analisadas.

O mapa das pessoas paradas foi realizado durante quatro períodos do dia, em um dia típico durante a semana, preferivelmente às terças-feiras, e no sábado. Os períodos do dia foram assim divididos:

Manhã: das 8 às 9:30h

Meio-dia: das 12 às 13:30h

Final da Tarde: das 16 às 17:30h

Noite: das 18:30 às 20:00h

As pessoas paradas foram mapeadas considerando-se:

1. a faixa etária presumida. Consideraram-se crianças as pessoas que aparentemente tinham até 14 anos de idade; como jovem, aqueles entre 15 e 19; adultos, entre 20 e 59 anos e idoso, as pessoas que aparentavam ter 60 anos ou mais.
2. A atividade que estavam realizando. As atividades mapeadas foram assim divididas: comendo ou bebendo (cor vinho); trabalhando, que envolve atividades que exigem algum tipo de concentração, como leitura, escrita, venda, etc. (cor Azul); e observando o movimento, ou seja, a não realização de nenhuma atividade específica (cor vermelha);
3. Se estavam interagindo (símbolo cheio) ou não (símbolo vazio) com outras pessoas;
4. Sua posição: se estavam paradas em pé (quadrado) ou sentadas (círculo).

Foram confeccionados mapas para cada período do dia, bem como mapa incluindo a sobreposição dos mapeamentos dos diferentes períodos do dia. O mapeamento ocorreu respeitando-se o intervalo horário disposto anteriormente, mesmo que o mapeamento total da área não estivesse completo. O mapa incompleto era assim retomado em outro dia típico em horário compatível a fim de que fossem mapeadas as pessoas paradas, a partir do ponto interrompido.

As pessoas em movimento foram mapeadas usando a estratégia dos “gates”⁶⁴, que aqui são chamados de “portais”. Os portais foram escolhidos a partir do mapa de eixos de cada assentamento analisado, observando-se os seguintes requisitos:

- As áreas onde dois ou mais eixos se cruzavam,
- que representavam locais de acesso aos espaços públicos analisadas ou
- que se localizavam em pontos estratégicos dos espaços estudados.

As áreas que preencheram os requisitos foram escolhidas como “portais”. Elas podem ser observadas nas figuras 2.8 e 2.9. A medição em cada portal durou cinco minutos.

Semelhante ao procedimento realizado nos mapeamentos de uso, para as medições de movimento, foram realizadas quatro rodadas de medições durante dois dias: uma dia durante a semana, geralmente durante a terça-feira, e um dia no final de semana, sempre no sábado. Foram respeitados os mesmos intervalos horários anteriormente descritos.

Foram aplicados de 106 questionários em cada área de estudo. A aplicação dos questionários objetivou:

1. Conhecer a população que utiliza cada espaço. Quem são? A que classe social pertencem? Existe uma faixa etária predominante entre os usuários?
2. Conhecer o motivo pelos quais estavam usando o espaço: O que geralmente fazem no espaço?
3. Responder a questão: o espaço pode ser caracterizado como um “espaço-meio” ou como um “espaço-fim”⁶⁵.

⁶⁴ O método ‘gate’, ou portal, considera a marcação de um pórtico, ou linha, imaginário e contabiliza o número de pessoas que cruza o pórtico em qualquer direção durante um determinado período de tempo, geralmente o intervalo de tempo varia entre 3 a 5 minutos. Para maiores detalhes ver Parvin et al, 2007.

4. Medir o grau de satisfação dos usuários para com o ambiente e qual era a percepção deles quanto ao espaço público.

Os modelos dos questionários aplicados estão no anexo deste trabalho.

2.9. Conclusões do capítulo

Os casos deste estudo serão analisados a partir das três dimensões da urbanidade apontadas, seguindo o esquema organizado no quadro 2.1. A caracterização destas dimensões não é o resultado do estudo. É somente parte dele. Estas dimensões serão correlacionadas e o resultado da discussão destas correlações que serão outra parte do resultado desta pesquisa.

A dimensão espacial da urbanidade será correlacionada com ela mesma, no primeiro momento, e com a dimensão social, no segundo momento. Estas duas dimensões serão correlacionadas com a dimensão temporal, no terceiro momento.

Os próximos três capítulos trazem a caracterização de ambos os casos e algumas conclusões parciais ao final de cada um deles.

⁶⁵ Hillier difere os chamados “toI-spaces”, que se traduz como espaço-fim, dos “through-spaces”, que se traduz como “espaços-meio”. Os espaços-fim geralmente têm seus usos baseados em eventos programados, são atratores. Os espaços-meio pelo contrário, caracterizam-se como espaços de passagem, que se beneficiam do movimento natural.

Capítulo 3. A dimensão espacial



3.1. Preâmbulo

Este capítulo tem como finalidade apresentar a caracterização da dimensão espacial dos dois espaços públicos estudados. Esta caracterização foi realizada tendo como objetivo verificar se as propriedades espaciais da Praça do Ferreira e do Dragão do Mar aproximam-se das dimensões espaciais da urbanidade ou estão mais relacionadas àquelas relativas à cidade fragmentária. A caracterização da dimensão espacial destes espaços públicos divide-se em dois conjuntos de variáveis: as variáveis globais e as variáveis locais, como foi melhor explicitado no capítulo referente à metodologia⁶⁶. O quadro 3.1 apresenta as categorias analíticas da dimensão espacial da urbanidade usadas para descreverem os espaços públicos. Ele também mostra a estrutura do capítulo ajudando ao leitor à compreendê-la.

Cada espaço público foi caracterizado individualmente e cada variável foi também descrita de maneira separada. Para facilitar a leitura introduziu-se cada conjunto de variáveis com uma pequena síntese da caracterização que também é apresentada com maior profundidade nos parágrafos subseqüentes.

3.2. As variáveis globais

As variáveis globais caracterizam os espaços públicos quanto a sua inserção na malha urbana, o que permite, a partir da comparação das quatro escalas de análise, verificar continuidades ou rupturas na malha viária. Para maiores detalhes, consultar capítulo 2.

3.2.1. As variáveis globais da Praça do Ferreira

O estudo da acessibilidade na Praça do Ferreira em várias escalas (da cidade, do bairro e entorno, da Praça e entorno e, por último, na escala do próprio espaço público) mostrou que este espaço público aberto potencializa o movimento de pedestres, o movimento é gerado a partir de uma força centrípeta, ou seja, de fora para dentro, uma vez que é alimentado desde as escalas mais amplas correspondendo também à acessibilidade axial nas escalas mais restritas. Neste sentido e até aqui, o desenho deste espaço público aproxima-se mais dos padrões espaciais da urbanidade do que daqueles da cidade fragmentada.

⁶⁶ Para maiores detalhes consultar capítulo 2 (especialmente páginas 91-97).

A Praça na escala da cidade

A acessibilidade axial da Praça do Ferreira mostrou que o equipamento está inserido em área muito acessível no contexto da cidade. Isto porque a conectividade, a profundidade e a integração dos eixos do sistema da Praça mostraram valores que indicam acessibilidade acima da média da cidade. Um resumo da acessibilidade axial da Praça na escala da cidade é disposto no quadro 3.2. A conectividade e a integração da Praça na escala da cidade podem ser vistas com maior detalhe a seguir:

Conectividade: O mapa axial de conectividade de Fortaleza [Fig. 3.1] mostra que a Praça do Ferreira está inserida em área próxima à confluência das vias mais conectadas da cidade. Levando-se em consideração o movimento de veículos, a média de conectividade dos eixos que compõem a Praça do Ferreira está acima da média da cidade, como pode ser visto na tabela 3.1 abaixo. Dentre os eixos próximos à Praça, o mais conectado é aquele que representa a Rua Floriano Peixoto, margeando a leste a Praça. O eixo menos conectado é aquele que representa a via Pedro Borges .

Tabela 3.1: Conectividade da Praça em relação à cidade.

CONECTIVIDADE	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	1	4,74309	80
DA PRAÇA	2	11,6	29

Integração: O mapa de integração axial da cidade mostra que a Praça insere-se em área muito integrada e é também circundada por eixos com altos valores de integração. Dos eixos mais próximos à Praça, os mais integrados representam as Ruas Barão do Rio Branco e Floriano Peixoto, vias paralelas que “correm” no sentido Norte-sul. As vias de menores valores de integração são uma parte da Rua Major Facundo e Travessa Pará, mesmo estas, no entanto, apresentam valores de integração acima da média da cidade. A partir da Praça, o acesso a muitas áreas da cidade parece fácil, uma vez que eixos muito integrados confluem radialmente para as imediações da Praça [Fig. 3.2].

Tabela 3.2: Integração da Praça em relação à cidade.

INTEGRAÇÃO	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	0,318841	0,914628	1,46781
DA PRAÇA	1,18895	1,26816	1,34921

A Praça do Ferreira na escala do bairro e entorno

A acessibilidade axial da Praça na escala do bairro e entorno assemelha-se àquela na escala da cidade. Os eixos mais acessíveis e os menos acessíveis são mantidos, e os valores que indicam acessibilidade na Praça estão acima da média do sistema do bairro e entorno. Isto também indica continuidade da malha, como pode ser visto resumidamente no quadro 3.3 ou com mais detalhes, nos itens que seguem.

Conectividade: O mapa axial de conectividade do ponto de vista da circulação veicular mostra que as vias com maior número de conexões (Antônio Pompeu, com 53 ; Av. Treze de Maio, com 49 e Av. Duque de Caxias, com 46), estão relativamente próximas à área de inserção da Praça do Ferreira. O eixo próximo à Praça de maior número de conexões é aquele que diz respeito à Rua Floriano Peixoto. Os eixos com menores números de conexões são os que representam as Travessas Pará e Pedro Borges e o segmento da Rua Major Facundo. [Fig. 3.3]

Tabela 3.3: Conectividade da Praça em relação ao bairro e entorno.

CONNECTIVIDADE	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	1	5,50697	53
DA PRAÇA	2	11,6	29

Integração: O mapa axial de integração do bairro e entorno mostra que a Praça está inserida em área de altos valores de integração, próximos aos eixos que apresentam os maiores valores do sistema como um todo (Rua Antonio Pompeu, Rua Senador Pompeu, Av. Duque de Caxias etc.). Dos eixos mais próximos à Praça, os mais integrados (Rua Floriano Peixoto e Rua Barão do Rio Branco) correm no sentido norte-sul e cruzam os eixos mais integrados do sistema. Por outro lado, a Rua Major Facundo aparece entre os menos integrados. A média de integração dos eixos da Praça, bem como o menor valor de integração encontrado dentre os eixos que a margeiam, está acima da média do sistema, indicando alta acessibilidade do local e a característica de “oásis no labirinto” (MEDEIROS, 2006), ou seja, em uma área labiríntica (o bairro e entorno) existe uma área muito acessível (a Praça). O setor menos acessível a partir da Praça é o norte. [Fig. 3.4]

Tabela 3.4: Integração da Praça em relação ao bairro e entorno.

INTEGRAÇÃO	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	0,915266	1,76872	3,1053
DA PRAÇA	1,960	2,25447	2,75857

A Praça na escala do espaço público e entorno

A partir desta escala, as representações axiais incorporam os eixos de movimento de pedestres [Fig. 2.5]. Com isto, eixos que antes eram interrompidos ou inexistiam, porque permitem a circulação de veículos somente até determinado ponto, por exemplo, os que representam a Rua Major Facundo e a Rua Guilherme Rocha, passam a ser prolongados, já que permitem a circulação de pedestres. A representação axial nesta escala mostra que os eixos agora prolongados apresentam alto de potencial acessibilidade. Vale notar, por exemplo, o eixo que representa a Rua Guilherme Rocha. Em outras escalas de análise este eixo sequer aparecia, pois é uma via exclusiva de pedestres desde a Rua Vinte e Quatro de Maio, distante quatro quadras a oeste da Praça. Quando o movimento de pedestres é considerado, este eixo passa a mostrar alto potencial de acessibilidade. Este fato que aparenta ser uma contradição pode ser explicado observando-se que estes eixos de pedestres acessíveis cruzam eixos também muito acessíveis nas escalas de análise mais amplas. Assim, a Praça continua apresentando nesta escala de análise mais continuidades do que rupturas com a malha urbana e a alta acessibilidade dos eixos exclusivos de pedestres indicam que o desenho da Praça e a maneira como esta está inserida no tecido urbano favorece à circulação de pessoas a pé. O quadro 3.4 mostra em resumo estas características.

Conectividade: O mapa axial de conectividade do equipamento e entorno [Fig. 3.5] mostra que os eixos com maiores valores de conectividades são vias que se cruzam perpendicularmente. O maior número de conexões é encontrado nos eixos que representam as vias Guilherme Rocha, Floriano Peixoto e do Rosário. Destas, apenas a Rua Floriano Peixoto não é uma via pedestrianizada. Os eixos menos conectados são algumas vias internas à Praça e o eixo da Travessa São Luiz. Os eixos perpendiculares de alta conectividade indicam boa acessibilidade tanto no sentido norte-sul, como no sentido leste-oeste.

Integração: O mapa de integração axial da Praça e entorno mostra que o eixo mais integrado é o que representa a Rua Guilherme Rocha, uma rua exclusiva ao tráfego de pedestres

desde a Rua Vinte e Quatro de Maio, na Praça José de Alencar, até o cruzamento com a Rua Conde D'eu. Tal eixo cruza a Praça do Ferreira em sua porção mais ao norte e margeia a Praça dos Leões⁶⁷ a sul. O segundo eixo mais integrado diz respeito a Rua Floriano Peixoto, que margeia a face leste da Praça e cruza o eixo da Guilherme Rocha. O mapa aponta, assim, para uma boa integração do equipamento no sentido leste-oeste e norte-sul, tendo nos cruzamentos dos eixos mais integrados um significativo ponto de grande probabilidade de movimento. Os eixos que apresentam os menores valores de integração são: a Travessa São Luiz, a Travessa Pedro Borges e eixos internos das Praças dos Leões e Ferreira. [Fig. 3.6]

A Praça do Ferreira

Nesta escala, foram representados somente os eixos de pedestres, considerando-se os passeios e as faixas de travessia. As propriedades de acessibilidade nesta escala estão intrinsecamente ligadas às da escala anterior, de modo a confirmar a continuidade da malha favorecida pelo desenho deste espaço público e, portanto, a potencialização do princípio do movimento natural, contribuindo com a economia do movimento e com a “animação” na área. Assim, a reforma da Praça do Ferreira, apesar de ser um projeto pontual e relativamente recente, conseguiu não quebrar o tecido urbano, contrariando a tendência de fragmentação das cidades contemporâneas. A pedestrianização de algumas vias e o prolongamento de alguns eixos de circulação possibilitados com redesenho da Praça favoreceram à integração desta porção urbana na cidade, contribuindo com o fortalecimento do movimento natural.

Desta maneira, a Praça do Ferreira, em termos de propriedades espaciais globais, aproxima-se mais do conceito da urbanidade, do que das características de fragmentação urbana. De maneira resumida, o quadro 3.5 mostra estas características.

Conectividade: os eixos de maior conectividade representam as vias Major Facundo, Floriano Peixoto e uma via interna à Praça. Correm paralelos no sentido Norte-sul, insinuando uma boa acessibilidade neste sentido. O interior da Praça apresenta quase todos os

⁶⁷ Praça dos Leões é como comumente se chama a Praça General Tibúrcio. É uma das praças mais antigas de Fortaleza, onde se localiza a Igreja do Rosário, primeiramente construída em taipa em 1730, a antiga sede do governo (atualmente onde funciona a Academia cearense de letras) e também a antiga sede da Assembléia Legislativa, atualmente o Museu do Ceará.

eixos na mesma escala cromática de conectividade (assim como as Travessas São Luiz, Pará e Pedro Borges), exceto um eixo que cruza o equipamento próximo ao seu centro, que está dentre os eixos mais conectados. [Fig. 3.7]

Integração: o mapa axial de integração mostra que o eixo mais integrado é a Rua Major Facundo, seguido pela Rua Floriano Peixoto e Rua Guilherme Rocha. Novamente as vias de pedestre estão entre os eixos mais acessíveis. O interior da Praça apresenta certa homogeneidade com relação à integração, sendo aí observados eixos cujos valores de integração são relativamente próximos (médio-alto). O principal potencial de acessibilidade acontece no sentido norte-sul, através dos eixos mais acessíveis. Estes, no entanto, são cruzados perpendicularmente em pontos dentro e fora da praça. Os eixos menos integrados também coincidem com os mais profundos e os menos conectados. [Fig. 3.8]

3.2.2. As variáveis globais do Dragão do Mar

Diferentemente do observado na Praça do Ferreira, a caracterização, em várias escalas, da acessibilidade do Dragão do Mar mostra muitas discordâncias entre as escalas de análise mais amplas e as mais restritas. Estas discordâncias confirmam a idéia de que o Dragão do Mar segue a tendência de rompimento com o tecido urbano da cidade, funcionando menos devido ao princípio do movimento natural e mais por suas próprias características de magneto. Ao contrário da Praça do Ferreira, que estaria mais relacionada com aqueles espaços do tipo “meio”, o Dragão aproxima-se dos espaços do tipo “fim”, próprios de intervenções urbanas que almejam criar movimento em áreas menos acessíveis da cidade. Neste sentido, o Dragão do Mar espelha a fragmentação urbana da cidade atual.

O Dragão na escala da cidade

Na escala da cidade, o Dragão do Mar insere-se em área acessível, com valores de acessibilidade acima da média da cidade. A porção do equipamento mais integrada é a sul, com destacado papel de acessibilidade da Av. Dom Manuel, que é interrompida no cruzamento com a Av. Monsenhor Tabosa, antes de irrigar, em termos de potencial de movimento, o espaço público

do Dragão do Mar. De maneira geral, resume-se no quadro 3.6 a acessibilidade do Dragão do Mar na escala da cidade.

De maneira mais detalhada, são a seguir apresentadas as medidas de conectividade e integração.

Conectividade: O mapa de conectividade axial da cidade de Fortaleza aponta que os eixos que compõem o sistema de inserção urbana do Dragão do Mar estão acima da média da cidade. [Fig. 3.1] Dos eixos mais próximos ao Dragão do Mar, o de maior número de conectividade é aquele que representa a Dom Manuel (25 conexões), seguido pela Av. Monsenhor Tabosa (21 conexões), sendo o setor mais conectado o mais ao sul. Dos eixos que tangenciam ou atravessam o Dragão, o de maior número de conexões é aquele que representa a Av. Pessoa Anta, com 16 conexões. A tabela 3.5 resume os valores encontrados.

Tabela 3.5: Conectividade do Dragão em relação à cidade.

CONNECTIVIDADE	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	1	4,74309	80
DO DRAGÃO	2	7	16

Integração: O mapa de integração axial da cidade mostra que o Dragão do Mar insere-se em área de média integração. O valor médio de integração da cidade (0,914628) está abaixo do valor dos eixos próximos ao Dragão do Mar (1,10895), o que indica que esta área ainda é privilegiada em termos de acessibilidade com relação à cidade. O principal eixo de ligação do equipamento com o centro tradicional é a Av. Dom Manuel, uma das avenidas mais antigas de Fortaleza, que também é o eixo de maior valor de integração mais próximo ao equipamento. Esta via, no entanto é interrompida no cruzamento com a Av. Monsenhor Tabosa, a partir da qual passa a se chamar de Almirante Jaceguai. A face mais integrada do equipamento é a sul. O segundo eixo mais integrado do sistema do Dragão corresponde à Av. Monsenhor Tabosa, também na face sul do Centro Cultural. A Praia de Iracema, a norte do Centro Cultural, aparece como local de acesso dificultado a partir do centro tradicional da cidade, uma vez que não se identifica nenhum eixo de forte integração ligando estas duas áreas de grande potencial histórico, turístico e cultural de Fortaleza. [Fig. 3.2]

Tabela 3.6: Integração do Dragão em relação à cidade.

INTEGRAÇÃO	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	0,318841	0,914628	1,46781
DO DRAGÃO	1,0027	1,10895	1,2555

O Dragão na escala do bairro e entorno

Esta escala apresentou acessibilidade axial muito semelhante àquela da escala anterior, sendo que a medida de integração revelou que o Dragão insere-se em área de integração abaixo da média nesta escala. Assim, mesmo que tenha havido coincidências entre a acessibilidade na escala anterior e nesta, já pode ser observada alguma ruptura na malha, uma vez que o potencial de integração com o entorno, nesta escala, diminui com relação à escala anterior. O quadro 3.7 resume estas características.

Conectividade: O mapa axial de conectividade do ponto de vista da circulação veicular mostra que as vias com maior número de conexões (Antonio Pompeu, com 53 ; Av. Treze de Maio com 49 e Av. Duque de Caxias com 46) estão distantes da área de inserção do Dragão do Mar. O eixo próximo ao Dragão de maior número de conexões é a Av. Dom Manuel (27 conexões) seguido pela Av. Monsenhor Tabosa (20 conexões) e pela Av. Pessoa Anta (16 conexões). Destas vias, aquela que realmente margeia o equipamento é a Pessoa Anta. A via com menor número de conexões é o trecho da Rua Almirante Tamandaré entre a Rua Dragão do Mar e José Avelino (2 conexões). A tabela 3.7 a seguir resume os indicadores: [Fig. 3.3]

Tabela 3.7: Conectividade do Dragão em relação ao bairro e entorno.

CONECTIVIDADE	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	1	5,50697	53
DO DRAGÃO	2	7,14286	16

Integração: O mapa de integração nesta escala mostra que o Dragão do Mar está inserido em área de integração abaixo da média do bairro e entorno. Enquanto que o valor médio de integração do bairro e entorno é da ordem de 1,76872, no sistema do Dragão do Mar esta valor cai para 1,7592. Aqui se apresenta a primeira discordância entre o potencial de acessibilidade nas várias escalas. O eixo que representa a Av. Dom Manuel é o mais integrado dentre aqueles que podem irrigar o equipamento em termos de movimento.

Mesmo assim, tal eixo é interrompido no cruzamento com a Av. Monsenhor Tabosa, não chegando de fato a cruzar ou margear o Centro Cultural. O eixo que representa a Av. Monsenhor Tabosa também aparece como de média integração. Grande potencial de movimento é encontrado no cruzamento dos eixos das avenidas próximas ao Dragão e de maiores valores de integração, a Dom Manuel e a Monsenhor Tabosa. Esta área de grande potencial de movimento localiza-se próxima ao acesso principal do centro Cultural, mas distante de seus dois espaços públicos abertos. Com relação ao sistema como um todo, a tabela 3.8 abaixo sintetiza a relação entre valores de integração do Dragão e o bairro e entorno [Fig. 3.4]:

Tabela 3.8: Integração do Dragão em relação ao bairro e entorno.

INTEGRAÇÃO	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
DO SISTEMA	0,915266	1,76872	3,1053
DO DRAGÃO	1,48772	1,7592	2,14833

O Dragão na escala do equipamento e entorno

Nesta escala, diferentemente das escalas de análise anteriores, os eixos de circulação de pedestres são considerados [Fig. 2.6]. A partir de então, ao serem comparadas as propriedades de acessibilidade nas escalas mais amplas e nas mais restritas, se observa quebra na estrutura da malha. Por exemplo, nas escalas de análise mais amplas, o setor sul do Dragão do Mar era apontado como o mais acessível. Já nas escalas de análises mais restritas, o setor mais acessível é o norte. Eixos mais e menos acessíveis também são invertidos. Por exemplo, nas escalas mais amplas, os eixos mais acessíveis eram os que representam as Av. Dom Manuel e Monsenhor Tabosa. Nas escalas mais restritas, os eixos mais acessíveis são aqueles que representam as Av. Pessoa Anta, a rua José Avelino e a Av. Almirante Tamandaré (estas duas ruas estavam entre as menos acessíveis nas escalas anteriores). Aqui, se começa a observar que a força que gera a “animação” do Dragão acontece muito mais “de dentro para fora”. O quadro 3.8 sintetiza esses achados.

Conectividade: A via mais conectada é a Av. Almirante Tamandaré, um dos acessos à Praia de Iracema. O segundo eixo mais conectado é a Rua Boris, que vem desde a Av. Pessoa Anta até a Rua Rufino de Alencar, que margeia a Catedral Metropolitana da Cidade. O mapa de conectividade insinua uma potencial forte ligação entre acessos à área central

da cidade e a Praia de Iracema, tendo como elemento intermediário o Dragão do Mar. [Fig. 3.9] Este potencial de ligação não se efetiva por vários motivos: primeiro as vias que fazem a conexão centro-Praia não apresentam propriedades que estimulam o movimento de pedestres (são pouco arborizadas, são margeadas por grande número de edifícios vazios ou subutilizados, são cortadas por vias de trânsito de veículos rápido e intenso), segundo, há um desnível considerável entre centro tradicional e a área da praia, que é bem resolvido em termos de movimento de veículos, mas não em termos de movimento de pedestre.

Integração: O mapa de integração axial do equipamento e entorno traz como eixo mais integrado aquele que corresponde à Av. Pessoa Anta. Os outros dois eixos mais integrados são aqueles correspondentes à Rua Boris e à Rua José Avelino. O quarto eixo mais integrado corresponde à Rua Dragão do Mar, que foi incorporada ao Centro Cultural e pedestrianizada às margens do equipamento. O mapa mostra que o Dragão se encontra parcialmente ilhado entre as vias de maior acessibilidade que tangenciam dois de seus lados (a Rua Boris e a Pessoa Anta) e o intercepta (a José Avelino). O mapa também mostra uma integração muito fraca entre o equipamento e a Av. Monsenhor Tabosa. [Fig. 3.10]

O Dragão

Assim como feito com a Praça do Ferreira, nesta escala mais restrita de análise foram considerados somente os eixos de pedestre. Novamente, aqui se observa quebra com a acessibilidade nas outras escalas, confirmando que o Dragão do Mar exemplifica a fragmentação do tecido urbano e que funciona mais devido às atividades que oferece e que atraem usuários do que a partir do princípio do movimento natural. O quadro 3.9 resume as características de acessibilidade nesta escala.

Conectividade: O mapa de conectividade axial mostra que os eixos com os maiores números de conexões concentram-se em seu setor norte e, não ao sul como fora observado nas escalas de análise mais amplas. O acesso principal do equipamento, localizado próximo a confluência das Av. Monsenhor Tabosa e Dom Manuel, aparece fracamente conectado, ao contrário do que também fora observado nas escalas de análise mais amplas. [Fig. 3.11]

Integração: O mapa de integração do edifício mostra que o eixo mais integrado é aquele que cruza o Centro Cultural em sua porção norte ao longo da Rua Dragão do Mar. Este eixo muito integrado, no entanto, não encontra par nas escalas de análise mais amplas. O segundo maior valor de integração é encontrado no eixo que corresponde ao passeio da Av. Pessoa Anta. Verificam-se padrões diferentes entre as duas porções do equipamento. Enquanto a porção mais ao norte é em geral mais integrada, a mais ao sul é mais segregada. [Fig. 3.12] É o oposto do verificado nas escalas de análise mais amplas.

3.3. As variáveis locais

As variáveis locais procuram caracterizar os espaços públicos quanto a propriedades apontadas da literatura como indutoras da vitalidade urbana em porções da cidade, não sendo levada em consideração a sua inserção na malha urbana mais ampla. Neste item os espaços públicos são caracterizados a partir de algumas variáveis específicas, como, por exemplo, a quantidade de portas que se abrem ao espaço aberto, a quantidade de janelas presentes nas ruas do entorno, o fluxo de veículos nas vias que tangenciam ou atravessam os espaços, etc. Para que estas propriedades locais dos espaços públicos fossem aferidas, foi usado como base o mapa de cada área estudada mais o entorno imediato. Informações metodológicas mais detalhadas são encontradas no capítulo 2.

As variáveis locais se dividem em:

- **Variáveis locais de acessibilidade**
- **Variáveis locais viárias**
- **As variáveis locais da urbanidade do sistema**
- **Variáveis da diversidade.**

O quadro 3.1 sintetiza as categorias de análise dos espaços públicos quanto à dimensão espacial da urbanidade, podendo ajudar ao leitor a entender a estrutura deste item do capítulo.

3.3.1. As Variáveis Locais da Praça do Ferreira

A caracterização espacial da Praça do Ferreira de acordo com as variáveis locais permitiu identificar alguns atributos que coincidem e outros que não coincidem com os aspectos espaciais da urbanidade. Além disso, viu-se que algumas destas variáveis são alteradas de acordo com as horas do dia, sendo maximizadas, em termos de urbanidade, especialmente durante o período diurno.

As variáveis locais de acessibilidade da Praça do Ferreira:

O estudo dos gráficos de acessibilidade convexa e visual da Praça do Ferreira mostrou correlação entre ambos [Figs. 50 a 53]. Mostrou também que a Praça apresenta vários níveis de acessibilidade, o que pode facilitar o desempenho de atividades diversas. O quadro 3.10 resume a caracterização da Praça quando à acessibilidade convexa e visual.

Acessibilidade convexa

O gráfico de acessibilidade convexa da Praça do Ferreira mostra que as áreas mais acessíveis estão à borda oeste do espaço público e em uma grande área em seu interior [Fig. 3.13 e 3.14]. Também são muito acessíveis espaços convexos localizados na borda leste do espaço público. Este fato indica uma acessibilidade potencial de “fora-para-dentro”. Isto porque, se as bordas apresentam potencial de acessibilidade, e espaços internos também, acredita-se que a acessibilidade flui no espaço das bordas para o centro, ou seja, de “fora-para-dentro”. Além disso, são conformados vários espaços com diferentes potenciais de acessibilidade convexa, indicando uma variedade de potencial de acesso.

Conectividade convexa da Praça: Dois são os espaços convexos mais conectados: uma área a oeste da Praça que se estende desde quase dos limites norte a sul; e a outra, uma área interna da Praça, delimitada por quatro, dos sete, longos bancos de madeira. Outras áreas muito conectadas são as de coloração amarelo-esverdeado, na borda leste da Praça, em um espaço convexo mais ao norte e entre as bancas de revistas. Espaços pouco conectados estão na borda do recorte de estudo (o que é de se esperar) e na Praça em áreas próximas à coluna da hora. [Fig. 3.13]

Integração convexa da Praça: O espaço mais integrado é também o maior espaço convexo, localizado quase centralmente à Praça. Está cercado por outros espaços convexos muito integrados, fazendo a ligação do centro da Praça com suas bordas. Os espaços menos integrados, ou seja, potencialmente menos acessíveis, são aqueles delimitados pelos bancos e que ficam entre estes e a coluna da hora. [Fig. 3.14]

Acessibilidade visual

A caracterização da Praça do Ferreira quanto à acessibilidade visual [Figs.52, 53] demonstrou correlação com a acessibilidade convexa. As áreas visualmente mais acessíveis estão localizadas na borda oeste do espaço público e no centro do mesmo. Além disso, podem ser observados dégradés de acessibilidade visual, mostrando que o espaço oferece espaços de diferentes níveis de exposição visual.

Conectividade visual: O gráfico mostra que a área de maior conectividade visual, a mancha vermelha, é aquela localizada na interseção entre a Rua Major Facundo e Guilherme Rocha. É possível verificar que a faixa que apresenta alternância de cores entre o laranja e o amarelo coincide com o setor pedestrianizado da Rua Major Facundo, englobado no projeto de reforma da Praça. Uma grande mancha amarela quase central ao equipamento representa uma área de média-alta conectividade visual. As áreas menos conectadas visualmente estão nas bordas do equipamento, próximas aos bancos de madeira e bancas de revistas. [Fig. 3.15]

Integração visual: O gráfico de integração visual mostra uma faixa mais integrada: o segmento pedestrianizado da Rua Major Facundo, englobado no projeto de reforma. Nesta mesma faixa, na confluência das ruas Major Facundo com a Guilherme Rocha, está a mancha vermelha que representa a porção do espaço público mais integrada em termos visuais. Um espaço amplo da Praça também aparece como muito integrado, de coloração amarelada: é o espaço aberto mais ao norte, delimitado pelos bancos de madeira. Os espaços menos integrados estão localizados nas bordas da Praça, excetuando-se aqueles da borda oeste. [Fig. 3.16]

As variáveis locais viárias da Praça do Ferreira

O estudo das propriedades locais viárias da Praça do Ferreira permitiu verificar que as vias do entorno, em muitos aspectos, favorecem a circulação de pedestres. No entanto há alguma variação na caracterização destas propriedades quando se comparam os períodos diurno e o noturno. Durante as horas do dia, a circulação de pedestres é potencializada pelas características espaciais locais das vias. Isto porque o número de portas que se abrem ao espaço público é bem maior durante as horas de sol do que durante a noite, fazendo existir os “olhos para a rua” (JACOBS, 1961, p. 35-36). Durante a noite, visto que muitos imóveis são completamente esvaziados, este potencial cai, favorecendo o aumento da sensação de insegurança no local. As variáveis locais viárias da Praça do Ferreira podem ser resumidas no quadro 3.11.

Acessibilidade visual

Os gráficos de acessibilidade visual das vias do entorno da Praça do Ferreira [Figs. 54, 55] mostram que as áreas potencialmente mais visíveis estão ao longo a Rua Floriano Peixoto, do trecho da Rua Guilherme Rocha incorporado à Praça e também do trecho da Rua Major Facundo, também incorporado ao espaço público. Destas três vias, apenas a Rua Floriano Peixoto não é exclusiva de pedestres no trecho estudado. Estas três vias formam três lados de um retângulo que “abraça” a Praça do Ferreira. Os pontos de interseção dessas vias aparecem com potencial de acessibilidade visual ainda maior.

Conectividade visual: O gráfico de conectividade visual mostra que as áreas visualmente mais conectadas são: o cruzamento da Rua Major Facundo com a Rua Guilherme Rocha, que está no interior da Praça e é de exclusiva circulação de pedestres; e o cruzamento da Rua Guilherme Rocha com Floriano Peixoto, que não está completamente no limite da Praça e nem é de exclusividade de pedestres, mas esta área mais conectada visualmente coincide com a faixa de pedestres. [Fig. 3.17]

Integração visual: Muito semelhante ao gráfico anterior. Os cruzamentos da Guilherme Rocha no interior da Praça do Ferreira são as áreas visualmente mais conectadas, ou seja, que apresentam maior potencial de acessibilidade visual. [Fig. 3.18]

Classificação das vias

Rua Major Facundo: É uma via local. No trecho que compreende a Travessa Pará a norte e a Rua Pedro Borges a sul, é uma via de pedestres, tendo sido incorporada à Praça do Ferreira desde sua última reforma. É uma via de grande extensão, que corre no sentido norte-sul, nascendo no Passeio Público⁶⁸ a norte, passando pela Praça do Ferreira, cruzando o centro da cidade em sua área comercial mais densa, até alcançar, mais a sul, uma zona de maior presença residencial e/ou uso misto. É uma via de trânsito veicular intenso, mas lento em quase toda sua extensão. Apresenta passeios pouco generosos (cerca de 3m) e pouco arborizados, fazendo-se exceção no trecho que compreende a Praça do Ferreira, onde se abre um amplo espaço arborizado, de trânsito livre de pedestres. É ladeada, em quase toda sua extensão, e especialmente no trecho estudado, por lotes comerciais e de serviços. [Fig. 2.7 e 3.19]

Travessa Pará: É uma via local de trânsito veicular intenso, mas lento. Apresenta passeios generosos (mais de 5m), não arborizados, mas quase sempre sombreados pelos edifícios ao redor. A norte da via estão dois edifícios comerciais de múltiplos pavimentos, o Sul América, construído na década de 50, funciona atualmente como edifício comercial, e o Savannah, que até a década de 80 sediava o Hotel Savannah e está atualmente desocupado. A sul desta via está a Praça do Ferreira que oferece à travessa bancas de revista e arborização. (Fig. 3.20)

Rua Floriano Peixoto: É uma via local, de intenso e lento fluxo veicular. Corre no sentido Norte-sul, desde o Passeio Público, atravessando a Praça do Ferreira e a zona de comércio mais denso, até alcançar áreas predominantemente residenciais de bairros contíguos ao Centro. No trecho estudado é predominantemente de serviços e comercial, apresentando passeio de cerca de 2,5m e arborização pouco generosa, excetuando-se a área da Praça do Ferreira. Neste trecho, é uma via de mão dupla, com caixas de rolamento de cerca de 6m cada, apresentando um canteiro central que facilita a travessia de pedestres. Além do recorte, apresenta áreas de usos predominantemente

⁶⁸ Inaugurado em 1881, foi o primeiro espaço público da cidade. Seu prestígio como espaço público bem frequentado foi decaindo a partir de meados do século XX, estando ainda hoje associado à idéia de lugar prostituição, roubos e maus cuidados. A Prefeitura da Cidade tem investido na segurança do lugar, mantendo aí guardas municipais constantemente.

institucional e comercial e, ainda mais distante do recorte, área predominantemente residencial. [Fig. 3.21]

Travessa do São Luiz: Conhecida como Galeria São Luiz, é uma travessa exclusiva de pedestres, de cerca de 3,5m de largura, que liga as ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco. Apresenta uso predominante comercial e de serviços, sendo que o Edifício São Luiz, cujo acesso principal se encontra nesta via, encontra-se subutilizado. Apesar de não ser arborizada, é constantemente sombreada pelos edifícios do entorno. [Fig. 3.22]

Rua Guilherme Rocha: É uma via local, que corre no sentido leste-oeste parte dela foi transformada em via de uso exclusivo de pedestre na década de 1960. O trecho pedestrianizado estende-se desde a Rua Vinte e Quatro de Maio (Praça José de Alencar) até a Rua Conde Deu (Praça dos Leões), é arborizado (vegetação disposta centralmente à via) e apresenta cerca de 8,5m de largura. No trecho que corresponde à Praça a arborização é deslocada e passa a acontecer lateralmente a via, maximizando a capacidade de fluxo. No trecho estudado, o entorno é a própria Praça. Para além deste trecho, a via cruza outras duas praças (a Praça José de Alencar e a Praça dos Leões) e setores predominantemente comerciais e de serviços (mais próximos ao trecho em questão) e habitacionais (mais afastados e a oeste do trecho em questão). A partir da Av. Imperador, distante da Praça do Ferreira seis quadras a oeste, é classificada como via Arterial 1, com trânsito de veículos intenso e rápido. Passa a denominar-se Av. Francisco Sá a partir do limite do bairro Centro, atravessando a partir daí área residencial e industrial. A Av. Guilherme Rocha é, assim, um importante eixo de acesso do setor oeste ao centro da cidade. [Figs. 2.7 e 3.23]

Travessa Pedro Borges: Localiza-se na margem sul da Praça do Ferreira. É uma via local de intenso e lento fluxo de veículos. É predominantemente comercial, apresentando também serviços e imóveis vazios ou subutilizados. Apresenta passeio pouco generoso, de cerca de 5m de largura e escassamente arborizado, mas relativamente sombreado pelos edifícios ao redor. [Fig. 3.24]

Profundidade topológica entre espaços públicos e privados:

De maneira geral, os edifícios que compõem o entorno da Praça do Ferreira abrem-se diretamente para a rua ou para a Praça, fazendo com que a média de profundidade topológica

das vias do entorno seja baixa, ou seja, há considerável interface entre espaço público e privado. Vale ressaltar que no período noturno, uma vez que os imóveis de uso comercial e de serviços fecham, a baixa profundidade topológica passa a influenciar muito pouco em termos de uso do espaço público, uma vez que a interface espaço público x privado passa a existir somente em termos teóricos, já que os edifícios que delimitam o espaço público estão fechados e vazios.

Rua Major Facundo: É uma via em que quase todos os edifícios são ligados ao espaço público através de acesso direto, frontal, quase inexistindo espaços semi-públicos ou semi-privados. Exceção se faz ao shopping da Praça que abre uma circulação de caráter semi-privado que, por sua vez, faz acesso às lojas. [Fig. 3.25]

Travessa Pará: É a via de maior profundidade topológica no entorno da Praça do Ferreira, uma vez que é delimitada por edifícios de múltiplos pavimentos, cujos acessos principais e por pavimento configuram espaços semi-privados. Assim, a interface entre espaço público x privado é, de certa maneira, quebrada pela existência destes espaços que antecedem o domínio privado. [Fig. 3.26]

Rua Floriano Peixoto: É uma via de profundidade topológica nula entre espaço público e privado, pois todos os espaços privados (comércio, restaurante, banco) abrem-se diretamente ao domínio público, sem a ocorrência de espaços semi-públicos e/ou semi-privados. [Fig. 3.27]

Travessa do São Luiz: É uma via de profundidade topológica média entre espaço público x privado, uma vez que existem imóveis de acesso direto à rua (como as lojas de departamento) e outros, de múltiplos andares, que apresentam espaços de semi-públicos (como o Edifício São Luiz). [Fig. 3.28]

Rua Guilherme Rocha: É uma via de profundidade topológica média entre espaço público x privado, uma vez que existem imóveis de acesso direto à rua (como as lanchonetes e os comércios) e outros de múltiplos andares, que apresentam espaços de semi-públicos (como o Edifício L'Escale, o edifício Excelsior, etc). [Fig. 3.29]

Travessa Pedro Borges: É uma via de profundidade topológica nula entre espaço público e privado, pois todos os espaços privados (comércio, lanchonete, farmácia) abrem-se diretamente ao domínio público, sem a ocorrência de espaços semi-públicos e/ou semi-privados. [Fig. 3.30]

Grau de constitutividade

As ruas do entorno da Praça do Ferreira apresentam grande variação em termos de grau de constitutividade quando são analisadas durante os períodos diurno e noturno. Em geral, as vias apresentam maior grau de constitutividade durante a manhã, tarde e até o final da tarde. A partir das primeiras horas da noite, os estabelecimentos comerciais e de serviço vão paulatinamente fechando suas portas, razão pela qual se observa a queda do grau de constitutividade [Fig. 3.31 e 3.32]. Algumas vias, no entanto, mantêm certo número de constituições por serem margeadas por imóveis de uso também noturno, como bares e restaurantes.

O grau de constitutividade das vias que compõem o entorno da Praça do Ferreira muda consideravelmente se considerarmos o período diurno e o período noturno, já que durante a noite muitos imóveis fecham [Fig. 3.31 e 3.32]. Portanto, para cada via, este aspecto foi analisado considerando os dois períodos, como segue.

Rua Major Facundo: Diurnamente é uma via muito constituída, apresentando alguns imóveis fechados e, portanto, sem abertura para os espaços públicos. Geralmente os imóveis apresentam mais de um acesso ao espaço público, aumentando o número de aberturas e a interface público-privado.

No período noturno, visto que a maioria das lojas e serviços fecha, a via torna-se pouco constituída. Quase todas as aberturas entre espaço público e privado são substituídas por espaços opacos, tanto em termos visuais quanto em termos de movimento. Visto que quase todos os imóveis são de uso comercial, é comum a adoção de janelões de vidro que, apesar de não “constituírem” a rua, contribuem com permeabilidade visual entre espaço interior e exterior.

Travessa Pará: Durante a manhã e até o final da tarde é uma via pouco constituída, uma vez que é margeada por um edifício atualmente subutilizado (antigo Savannah Hotel), que apresenta seu acesso principal inutilizado, pelo edifício Sul América e apenas algumas lojas que têm aberturas para o espaço público.

No período noturno, o grau de constitutividade da via é ainda menor, uma vez que as lojas estão fechadas. A única entrada que nesta hora constitui a via é o acesso ao Edifício Sul América.

Rua Floriano Peixoto: É uma via que apresenta muitas constituições do período diurno. No entanto, algumas entradas para edificações estão desativadas (como por exemplo, o edifício da Caixa Econômica Federal, antiga sede do Clube Iracema, que deixa somente uma de suas vinte portas abertas ao espaço público); contribuindo para que o grau de constitutividade não seja o maximizado. No período noturno o número de constituições diminui ainda mais, visto que lojas comerciais fecham. Por outro lado, alguns serviços e imóveis de uso ligado ao lazer noturno, como restaurantes e bares, continuam abertos, fazendo com que mesmo durante a noite, o grau de constitutividade não seja nulo.

Travessa do São Luiz: Apresenta poucas constituições. As aberturas dos edifícios que margeiam esta via localizam-se, em grande parte, na própria Praça do Ferreira ou na Rua Barão do Rio Branco. Para esta via, os imóveis comerciais abrem geralmente grandes janelões de vidro que, apesar de não contribuir com a constitutividade, permitem algum contato visual entre o interior e o exterior.

Rua Guilherme Rocha: Diurnamente é muito constituída, apresentando uma série de imóveis com mais de uma abertura para o espaço público. Durante a noite, o número de constituições cai dramaticamente.

Travessa Pedro Borges: Diurnamente é uma via muito constituída, apesar de apresentar imóveis vazios. Algumas constituições, mesmo sendo caracterizadas por estreitas passagens físicas, são dispostas ao lado de janelões de vidro, contribuindo com visibilidade entre os espaços externos e internos. Durante a noite o grau de constitutividade da via cai consideravelmente, não chegando a anular-se visto que há imóveis de serviço (farmácia e lanchonete) que permanecem abertos além das primeiras horas da noite.

Grau de intervisibilidade

As vias do entorno da Praça do Ferreira são em geral pouco intervisíveis, isto porque no entorno imediato há edificações apenas em uma das margens de tais vias. A travessa do São Luiz, no entanto, mesmo apresentando edificações de ambos os lados da via, também é pouco intervisível já que a densidade de aberturas aí observada é pequena. A Rua Guilherme Rocha, por outro lado, durante o período diurno é muito intervisível, característica esta que muda consideravelmente durante a noite, quando o comércio fecha [Figs. 68 e 69].

Rua Major Facundo: Durante o período diurno, no trecho que compreende a Praça do Ferreira, é uma via que tem edificações em apenas um de seus lados, o que a caracterizaria como

uma via não intervisível. Logo além da Praça, no entanto, as edificações ocorrem em ambos os lados da via, abrindo uma de frente à outra, o que a caracterizaria como via muito intervisível. Além disso, contribui com o aumento do grau de intervisibilidade, a adoção de janelões de vidro, comuns nas vitrines das lojas comerciais. Durante a noite, boa parte dos imóveis fica vazio, diminuindo, sobremaneira o grau de intervisibilidade.

Travessa Pará: Tanto durante o período diurno, como durante o noturno, o grau de intervisibilidade desta via é muito pequeno, uma vez que apresenta poucos imóveis construídos de ambos os lados da via (no lado a norte, estão edifícios comerciais e do lado mais a sul está a Praça do Ferreira e suas bancas de revista).

Rua Floriano Peixoto: Durante o período diurno, no trecho que compreende a Praça do Ferreira, é uma via que tem edificações em apenas um de seus lados, o que a caracterizaria como uma via não intervisível. A partir da Praça, as edificações ocorrem em ambos os lados da via, ocorrendo com frequência acessos e janelões correspondentes, o que a caracterizaria como via muito intervisível. Durante a noite, quando a maior parte dos imóveis fecha, o grau de intervisibilidade novamente aproxima-se da nulidade.

Travessa do São Luiz: Apesar de ser margeada por altos edifícios que abrem suas janelas à travessa, estes encontram-se quase vazios, o que faz com que estas esquadrias permaneçam quase sempre fechadas. No entanto a intervisibilidade é média durante as horas do dia, já que os janelões das lojas permitem alguma permeabilidade visual entre o espaço interior e o exterior. No período noturno isto não acontece e a via fica não intervisível.

Rua Guilherme Rocha: Além dos limites da Praça, é também uma via margeada dos dois lados por edifícios de múltiplos pavimentos que abrem suas esquadrias para a via. Estes edifícios não estão desocupados, o que possibilita a intervisibilidade entre os lados da via. Além disso, a via apresenta janelões de vidro que permitem permeabilidade visual entre o interior e o exterior nas horas claras do dia.

Travessa Pedro Borges: Assim como a Travessa Pará, tanto durante o período diurno, como no noturno, o grau de intervisibilidade desta via é muito pequeno, uma vez que apresenta poucos imóveis construídos de ambos os lados. Apenas o lado sul da via é densamente construído. Ao lado norte desta via está a Praça do Ferreira com as bancas de revista.

As variáveis locais da urbanidade da Praça do Ferreira

As variáveis locais da urbanidade dizem respeito a algumas propriedades espaciais apontadas por Holanda (2002) como sendo características de espaços urbanos. As propriedades que foram trabalhadas neste trabalho relacionam-se basicamente às constituições, ou seja, as aberturas entre que espaço público e privado, que os edifícios que margeiam a praça apresentam. Acredita-se que algumas das outras propriedades apontadas por Holanda estejam presentes nas demais categorias de análise sugeridas neste trabalho.

Aqui se explora o número de constituições, que varia muito entre o período diurno e noturno, e a percentagem de espaços cegos, ou seja a relação entre os espaços convexos constituídos e não constituídos.

Os dados referentes às variáveis locais da urbanidade indicam que a urbanidade local da Praça do Ferreira, de acordo com as variáveis estudadas, é média. O sistema apresenta baixa percentagem de espaço cego no período diurno, mas esta percentagem se torna considerável durante a noite, quando também o número de constituições cai consideravelmente. Estes dados ficam mais bem explicitados a partir dos mapas de espaços cegos [Fig. 2.3] e de constituições, tanto durante o dia, como também durante a noite [Figs. 3.31 e 3.32].

Tabela 3.9: Resumo das variáveis locais da urbanidade da Praça do Ferreira

Variáveis	Manhãs	Noites
Número de constituições	80	45
Percentagem de espaço cego	17,87%	44,00%

O número de constituições do sistema: o número de constituição, ou aberturas, no entorno da Praça varia consideravelmente entre o período diurno e o noturno. Durante as horas de sol, o número de aberturas aos espaços fechados passa de 80, ao passo que durante a noite (e aos dias de domingo) este número chega a 45 [Fig. 3.31 e 3.32].

O percentual de espaço cego: o percentual de espaço cego é relativamente baixo na Praça, no período diurno, aumentando durante o período noturno, especialmente a partir das 20:00h. Durante as horas de sol, a percentagem de espaços cegos chega a 17,87%. Durante a noite, este valor aumenta para 44,00%. [Fig. 2.3]

As variáveis locais da diversidade da Praça do Ferreira

O estudo destas variáveis mostrou que a Praça do Ferreira apresenta, com relação a estas variáveis, grande potencial espacial de diversidade, favorecendo assim, o encontro das diferenças, próprias dos ambientes ditos urbanos. As características encontradas encontram-se de maneira resumida no quadro 3.12.

O efeito surpresa no espaço: A Praça do Ferreira é um grande espaço aberto do centro tradicional da cidade em meio à zona de maior densidade comercial. A própria Praça pode ser considerada como um elemento de surpresa para aqueles que passeiam a pé pelo centro. Algumas vias, inclusive aquelas de uso restrito aos pedestres, de perspectiva alongada e estreita, limitada de ambos os lados por edificações médias ou altas, desembocam neste espaço público, ampliando sobremaneira e quase inesperadamente o ângulo visual. Os edifícios que emolduram a Praça formam um conjunto de diversificado gabarito [Fig. 3.33]. Dois lados da Praça, o norte e oeste, apresentam edificações de mais de onze pavimentos. Os lados leste e sul apresentam gabarito mais baixo, até três pavimentos. Além da diversidade de alturas, os edifícios que compõem o entorno apresentam em geral coloração vibrante e contrastante, pois a área, assim como o entorno do Centro Cultural Dragão do Mar, foi uma das escolhidas pela Ação Novo Centro para a implementação do Projeto Cores da Cidade⁶⁹ [Fig. 3.34]. Esta variação de número de pavimentos, gabaritos e cores conflui para a criação de diversidade visual e de escala, enriquecendo a experiência espacial daqueles que utilizam o espaço público para as mais diversas atividades. A Praça atual também revela fragmentos da antiga Praça do Ferreira. A partir da última reforma deste espaço público, foi encontrada uma antiga cacimba, usada para. Tal cacimba foi deixada à mostra, aos pés da atual Coluna da Hora, testemunhando a importância histórica da Praça no cotidiano das pessoas. Além disso, margeando a cacimba e a coluna, fontes de água tornam o ambiente mais lúdico e atrativo.

A coexistência de edifícios antigos e contemporâneos: A área que hoje ocupa a Praça do Ferreira era, até o final do século XIX, considerada “distante da cidade” (NIREZ, 1991, p. 107). A partir do início do século XX, passou a ocupar lugar de destaque no centro de Fortaleza, sendo o local preferido para a construção de edificações assobradadas de moradia das

⁶⁹ O projeto Cores da Cidade foi uma parceria entre Fundação Roberto Marinho e a empresa Tintas Ypiranga, através da Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, que teve como objetivo a recuperação do ambiente urbano, beneficiando moradores, comerciantes e visitantes. Para mais informações vide: <http://www.ofipro.com.br>. Acessado em 02/02/2010.

famílias mais ricas, mas também de cafés, cinema, edifícios públicos e hotéis [Figs. 8, 10, 12). O aspecto das edificações de seu entorno sempre revelaram as tendências arquitetônicas mais recentes da cidade, pelo menos até a década de 30, do século XX. Assim, no entorno do espaço público predominam edificações que datam desde a primeira e a quarta década do século XX. Os principais edifícios, de maior relevância histórica são os seguintes: o Palacete Ceará, atual edifício da Caixa Econômica, antiga Rotisserie, inaugurada em 1914, Clube Iracema (de 1922 até 1936); o edifício L'Escale, antigo palacete Eduardo Pastor, concluído em 1914; o edifício Excelsior Hotel, durante muito tempo considerado o maior edifício em alvenaria estrutural do Brasil, construído em 1932; o edifício da farmácia Oswaldo Cruz, datado de 1934; o edifício do São Luiz, cujo início da construção data de 1939, para abrigar sede do Cine São Luiz, atualmente sob direção da FECOMERCIO; o edifício Granito inaugurado em 1934, onde, em um dos pavimentos, localizava-se a sede do Clube dos Advogados, e a Farmácia Pasteur, da década de 1920. Além dessas edificações, o conjunto edificado do entorno da Praça, bastante descaracterizado por reformas ou emprego de marquises de forte apelo comercial, mesmo após a implementação do projeto de Requalificação das Fachadas, data em geral das primeiras décadas do século XIX. Próximas ao espaço público estudado também estão outras edificações antigas e relevantes para a história da cidade, como a mais antiga igreja de Fortaleza, a Igreja do Rosário, de 1855, localizada na mesma área em que fora construída em taipa pelos escravos em 1730 [Fig. 3.35]; o edifício do Hotel Brasil, construído em 1915, localizado na Praça dos Leões [Fig. 3.36]; o atual Museu do Ceará, construído em 1871 para sediar a Assembléia e outros órgãos do governo [Fig. 3.37]; o Palácio da Luz, datado do final do século XVIII e construído por nativos, no edifício funcionou a sede do governo do Estado do Ceará e atualmente funciona a Academia Cearense de Letras [Fig. 3.38]. Há também edificações mais recentes, como: o Palácio do Comércio, inaugurado em 1940; o edifício dos Correios, de 1934; o edifício Lobrás, de meados do século XX. De forma resumida, pode-se dizer que predominam na área edifícios antigos, sendo os mais recentes datados de meados do século XX.

O estímulo espacial às diversidades: A configuração da Praça, dada a disposição dos bancos de madeira, das bancas de revista, da vegetação e dos pórticos, favorece o desempenho de atividades diversas e cria espaços de diferentes escalas de uso, como se mostra a seguir:

1. São criados dois espaços abertos e convexos, sem qualquer elemento que interfira na aglomeração de pessoas, a partir da delimitação espacial criada com os bancos de madeira, pórticos e coluna. Estes espaços estão separados pelo, talvez, elemento mais relevante e significativo da Praça: a Coluna da Hora. Estes espaços não são simétricos, sendo que um apresenta o dobro de área do outro. Se um dos espaços favorece a uma grande aglomeração de pessoas, possibilitando apresentações de grande escala, o outro mais favorece a aglomeração de grupos de médio porte [Fig. 1.19].
2. Os bancos bem como a vegetação e a paginação do piso delimitam espaços de circulação intensa de pedestres [Fig. 1.19]. Tal circulação intensa de pessoas nestas áreas contribui com a criação de um ambiente variado, já que a paisagem transforma-se quase de segundo a segundo, tornando bastante atrativa a simples observação do movimento do entorno.
3. Os bancos apresentam duas configurações principais: em forma de “C” e em forma retangular fechada. Os bancos em forma de “C” favorecem a interação de pessoas, enquanto que os retangulares fechados favorecem a observação do movimento. [Fig. 1.19]

3.3.2. As Variáveis Locais do Dragão do Mar

A caracterização do Dragão do Mar a partir de suas variáveis locais possibilitou a constatação de que, das propriedades espaciais do entorno, muitas não favorecem à urbanidade. Inversamente à Praça do Ferreira, no Dragão do Mar os padrões espaciais mais favoráveis à urbanidade tornam-se um pouco mais expressivos durante às noites.

As variáveis locais de acessibilidade do Dragão:

O estudo destas variáveis mostrou que as áreas mais acessíveis em termos visuais e convexas do Dragão localizam-se internamente ao Dragão, ao contrário da Praça do Ferreira que aparece também nas bordas [Figs. 76 a 79]. Este fato contribui com o argumento de que a força “animadora” do Dragão do Mar é muito mais de “dentro-para-fora” do que de “fora-para-dentro”. O quadro 3.13 mostra, de maneira resumida, a caracterização das variáveis locais do Dragão do Mar.

Acessibilidade convexa

Os mapas de acessibilidade convexa do Dragão do Mar mostraram que as áreas mais acessíveis estão localizadas quase ao seu centro, entre os dois blocos que compõem o equipamento. Diferentemente do que ocorre na Praça do Ferreira (que apresenta espaços convexas mais acessíveis nas bordas e no centro), no Dragão o padrão indica potencial de acessibilidade de “dentro-para-fora”. Também são conformados espaços de diferentes potenciais de acesso, indicando que existem vários espaços de diferentes níveis de acessibilidade. De forma mais detalhada, tem-se:

Conectividade convexa: O mapa mostra quatro áreas mais conectadas, sendo que a de maior número de conexões (8 conexões) é o espaço destinado aos restaurantes do lado direito. Outras áreas muito conectadas são o espaço convexo a frente dos restaurantes, parte da área de passagem entre as duas alas de restaurantes e o passeio da Rua José Avelino. Espaços de média-alta conectividade correspondem à entrada ao bloco dos cinemas e ao piso inferior do planetário. [Fig. 3.39]

Integração convexa: O espaço de maior valor de integração convexa é parte daquele entre as duas alas dos restaurantes. O segundo maior valor de integração encontra-se no espaço

convexo entre a antiga praça e o edifício, local correntemente ocupado por feiras de artesanato e apresentações não programadas. O terceiro maior valor de integração diz respeito ao espaço convexo que representa o passeio da Rua Almirante Tamandaré, entre as ruas Dragão do Mar e José Avelino. A área referente ao espaço de permanências dos restaurantes aparece como sexto espaço convexo de maior integração. O espaços referentes a Praça Verde aparecem com valores de integração abaixo da média. [Fig. 3.40]

Acessibilidade visual:

Os mapas de acessibilidade visual do Dragão do Mar mostram que as áreas visualmente mais acessíveis também estão dispostas quase no centro do espaço público. Além disso, as manchas de visibilidade apresentam menor hierarquia [Fig. 3.41, 3.42].

Conectividade visual: O mapa de conectividade visual do equipamento mostra que o ponto de maior valor de conexão visual localiza-se entre as alas dos restaurantes, sendo a porção norte do equipamento aquela que apresenta áreas de maior conectividade visual. As áreas menos conectadas visualmente estão na porção sul do equipamento e algumas pequenas áreas na porção norte do mesmo (área próxima a quadra de esporte, área entre o espelho d'água e as saídas de emergência, passeio da porção noroeste da av. Pessoa Anta). A área da Praça Verde aparece como área de média a baixa conectividade visual, distante, no entanto das áreas visualmente mais conectadas. [Fig. 3.41]

Integração visual: O mapa de integração visual mostra que a área visualmente mais integrada é aquela a sudoeste da quadra de esportes, a partir da qual quase todo o setor norte do equipamento é visualmente acessível, estando no segundo nível de integração visual. Apenas uma pequena porção do setor sul do equipamento é visualmente acessível a partir da mancha mais integrada. Os espaços menos acessíveis em termos visuais são os jardins internos da edificação, o acesso principal do equipamento e algumas pequenas áreas próximas à quadra de esportes e entre o bloco de salas de cinemas e o edifício da Secretaria da Fazenda. [Fig. 3.42]

Variáveis locais viárias

A caracterização do Dragão do Mar quanto às propriedades locais viárias possibilitou concluir que as vias do entorno dos espaços abertos do Dragão do Mar não favorecem à vitalidade do espaço público e o trânsito de pedestres nem durante as manhãs e nem durante as noites. Os elementos que são apontados na literatura como estimuladores da vitalidade das ruas não são em geral identificados ao redor do Dragão do Mar. As variáveis locais viárias do Dragão do Mar podem ser resumidas no quadro 3.14.

Acessibilidade Visual:

Os gráficos de acessibilidade visual [Fig. 3.43, 3.44] indicam que as áreas visualmente mais acessíveis localizam-se, em geral, nos cruzamentos das vias que apresentam o intenso fluxo de veículos ou ao longo do seu percurso. Assim, estes cruzamentos e estes eixos viários apresentam alto potencial de movimento, sendo que movimento predominantemente veicular [Fig. 2.7].

Conectividade visual: A área de maior conectividade visual concentra-se no cruzamento da Av.

Pessoa Anta com a Av. Almirante Tamandaré. A Av. Monsenhor Tabosa também aparece apresentando níveis consideráveis de conectividade visual, especialmente se estas propriedades são comparadas com as de seu entorno imediato. [Fig. 3.43]

Integração visual: As áreas visualmente mais integradas localizam-se nos cruzamentos das vias, sendo que destas, a porção mais integrada é aquela no cruzamento da Pessoa Anta com a Rua Almirante Jaceguai. Em geral todas as vias representam as áreas de manchas de cores mais quentes, ou seja, as mais integradas visualmente, sendo que destas, as mais integradas são as vias pessoa Anta e Almirante Jaceguai. [Fig. 3.44]

Classificação das vias:

Av. Monsenhor Tabosa: É uma via Arterial 1 até a esquina com a Dom Manuel. Tem caixa de rolamento dupla e passeios de cerca de 4m. A partir deste cruzamento, é uma via arterial 2 de tráfego mais lento, uma vez que é margeada por comércio, tendo sido projetada como uma rua 24 horas, apresenta passeios mais generosos. É o prolongamento da av. Leste Oeste, ou Presidente Castelo Branco. Via de trânsito rápido até a esquina com a Av. Dom Manuel. No sentido oeste-leste, é a via que liga o litoral

oeste a Fortaleza através de uma longa reta de aproximadamente 8 km. O uso predominante do trecho até a Av. Dom Manuel é o institucional, representado pelo Seminário da Prainha, pela Biblioteca Pública, pelo Teatro São José. A partir do cruzamento, predomina o uso comercial. Fora do trecho em questão em direção oeste, predominam os imóveis vagos ou subutilizados. [Fig. 3.45]

Rua Almirante Jaceguai: É o prolongamento da Av. Dom Manuel (uma via Arterial 1). É uma via local. Apresenta caixa de rolamento dupla até o cruzamento com a Rua José Avelino, não sendo via de mão dupla. Os passeios são de cerca de 2m, arborizados somente no trecho correspondente à Praça Verde do Dragão do Mar. O uso do solo predominante no trecho em questão é o de serviço ligado ao lazer, com bares, boates, restaurantes etc. Há somente uma moradia no trecho. Há imóveis vagos ou subutilizados e em reforma. [Fig. 3.46]

Av. Almirante Tamandaré: É uma via local, de caixa de rolamento dupla, com canteiro central, no trecho a norte do Dragão do Mar que faz ligação com a Praia de Iracema. No trecho entre as ruas José Avelino e Dragão do Mar, apresenta caixa de rolamento simples. Em todo caso, apresenta fluxo de veículo pouco intenso. Em sua margem, próximo à Praia de Iracema, há imóveis fechados, vagos ou subutilizados. [Fig. 3.47]

Rua José Avelino: É uma via local. De caixa de rolamento simples, com tráfego pouco intenso no período diurno. Passeios de cerca de 2,5m. O uso predominante no trecho em questão é o de serviços ligado ao lazer e de comércio. Há imóveis vagos ou subutilizados fora do trecho de análise. [Fig. 3.48]

Rua Dragão do Mar: É uma via local que foi pedestrianizada entre a Rua Boris e o prolongamento da Almirante Jaceguai. Às margens do equipamento é uma via de trânsito pouco intenso de veículos no período diurno. Tem caixa de rolamento simples, e passeios de cerca de 2,5m não arborizados. O uso predominante no trecho em análise é o de serviços relacionado ao lazer (restaurante e bar). Além do trecho de análise, predominam os serviços diversos, existindo também imóveis vagos ou subutilizados. [Fig. 3.49]

Rua Boris: É uma via local, de caixa de rolamento simples, com tráfego pouco intenso de veículos no período diurno. Apresenta passeios de cerca de 2m sem arborização. Os usos

encontrados no trecho estudado são: institucional, misto e de serviços. Apresenta também imóveis vazios ou subutilizados. [Fig. 3.50]

Av. Pessoa Anta: É uma via Arterial 1, de fluxo de veículo de grande intensidade. Apresenta caixa de rolamento dupla em dois sentidos de fluxos. Apresenta passeios de 2,5m não arborizados. No trecho em análise predomina o uso institucional. Para além deste, a via apresenta muitos imóveis vagos ou subutilizados, bem como destinados a atividade comercial e de serviços. [Fig. 3.51]

Profundidade Topológica entre espaços públicos e privados:

Foram feitos os gráficos da profundidade topológica entre espaços públicos e privados das ruas que compõem o sistema do Dragão do Mar até alguns imóveis além. Mesmo que a profundidade topológica não seja alta, a interface rua- espaço privado do entorno do Dragão é em geral fraca. Isto acontece porque são muitos os imóveis que, mesmo apresentando elevado número de portas, somente poucas realmente abrem-se ao espaço externo. Muitos imóveis estão desocupados ou subutilizados, contribuindo com a diminuição do número de portas que podem efetivamente ser abertas. Além disso, há muito espaço aberto e edifícios institucionais no sistema: a Praça Cristo Redentor, o Seminário da Prainha, a Biblioteca Pública, o próprio Dragão do Mar, que acabam conferindo espaços intermediários entre o público e o privado.

Av. Monsenhor Tabosa: Ao longo da Av. Monsenhor Tabosa, especialmente nos limites do trecho estudado, encontram-se edifícios institucionais (Biblioteca Pública Estadual, Seminário da Prainha, Teatro São José e o próprio Centro Cultural Dragão do Mar), edifícios estes que apresentam espaços de transição entre o espaço público e suas áreas internas, o que faz diminuir a interface público-privado nesta rua. Além dos limites de estudo no sentido oeste, a via apresenta muitos imóveis fechados. Assim, pode ser considerada uma via de média profundidade topológica média-alta. [Fig. 3.52]

Rua Almirante Jaceguai: Pode ser considerada uma via de profundidade topológica média. Isto porque um dos edifícios que se encontra em sua margem apresenta espaço intermediário, diminuindo a interface entre o espaço público e o privado. [Fig. 3.53]

Av. Almirante Tamandaré: Pode ser considerada como uma via de profundidade topológica média, pois um ou mais de seus edifícios apresentam espaços que antecedem o espaço privado fechado. [Fig. 3.54]

Rua Pessoa Anta: Apresenta profundidade topológica média, já que apresenta pelo menos um dos edifícios sem interface direta com o espaço público. [Fig. 3.55]

Rua Boris: Pode ser considerada uma via de profundidade topológica média-alta. Isto porque um dos edifícios que margeiam a via (edifício comercial e de serviços) apresenta múltiplos pavimentos, diminuindo assim a interface direta entre espaço público e privado. [Fig. 3.56]

Rua José Avelino: Pode ser considerada uma via de profundidade topológica média-alta. Isto porque o estacionamento do Dragão do Mar e da Biblioteca Pública Estadual antecedem o espaço interno destas edificações. [Fig. 3.57]

Rua Dragão do Mar: É uma via de baixa profundidade topológica, já que os imóveis que a margeiam apresentam abertura direta para o espaço público. [Fig. 3.58]

Grau de constitutividade

Pode-se dizer que as ruas do entorno do Dragão do Mar variam bastante em termos de constitutividade entre si e também de acordo com as horas do dia. Enquanto a Rua Dragão do Mar é constituída no período noturno, a Av. Pessoa Anta é não constituída neste mesmo período. Por outro lado, diurnamente, a situação se inverte. Dada a existência de imóveis subaproveitados, fechados ou em reforma, e também de amplos espaços abertos, a constitutividade é em geral baixa. [Fig. 3.59 e 3.60]

Av. Monsenhor Tabosa: Durante o período diurno é uma via de média constitutividade. Isto porque, apesar de apresentar poucas constituições no trecho correspondente ao Centro Cultural, além dele é uma via muito constituída, pois predomina o uso comercial de ambos os lados da via. No período noturno, a constitutividade cai, uma vez que a atividade comercial cessa.

Rua Almirante Jaceguai: A constitutividade desta via pode ser considerada baixa por pelo menos dois motivos: 1. Somente um dos lados é densamente construído e ainda assim, apenas

algumas quadras apresentam imóveis com portas para a rua; 2. a constitutividade da rua é baixa, pois muitas entradas permanecem fechadas todas as horas do dia.

Av. Almirante Tamandaré: Também é uma via pouco constituída. No trecho entre os dois espaços, apresenta portas ao espaço público, no entanto, muitas delas não abrem nem durante o dia, nem durante a noite. Mais ao norte do Dragão do Mar, predominam os imóveis vazios.

Rua Pessoa Anta: É uma via pouco constituída durante as horas do dia. Durante a noite pode ser considerada não constituída, isto porque os imóveis a sua margem são comerciais e de serviços, que funcionam prioritariamente no período diurno. Mesmo apresentando um número razoável de portas, muitas delas não funcionam, como é o caso das entradas para os bancos. A noite, os imóveis de uso de serviço e comércio fecham, contribuindo ainda mais com a baixa constitutividade.

Rua Boris: É uma via de média constitutividade, especialmente durante o período diurno. Imóveis como o SESC, lanchonetes e residências contribuem com a constitutividade da rua. Mesmo assim, a presença de imóveis fechados e não utilizados prejudica a constitutividade.

Rua José Avelino: Também é uma via de média constitutividade. Nesta via encontram-se alguns imóveis residenciais, especialmente além dos limites do Dragão, comerciais e de serviço. A existência de imóveis dos dois lados da rua favorece a constitutividade. Mesmo durante a noite, esta variável mantém-se média, pois além de serviços e comércio, a via apresenta boates e restaurantes.

Rua Dragão do Mar: É uma via não constituída no período diurno e constituída durante às noites no trecho correspondente ao espaço público. Nos trechos além do Centro Cultura, a situação se inverte. Isto porque nos limites do espaço público predominam os restaurantes e, além dele, predominam os usos comerciais e de serviço.

Intervisibilidade

A intervisibilidade das vias do entorno do Dragão do Mar é baixa, principalmente porque nenhuma delas é densamente ocupada nas duas margens [Figs. 96 e 97]. Esta baixa intervisibilidade faz com que existam “poucos olhos” da via, ou seja, a sensação de segurança seja

pouca, desestimulando o fluxo de pedestres no entorno. Uma maneira de aumentar a intervisibilidade é o estímulo à ocupação mais dinâmica dos espaços abertos no período diurno e incentivar usos alternativos das edificações.

Av. Monsenhor Tabosa: É uma via pouco intervisível no trecho em estudo, uma vez que os edifícios que margeiam a via estão distantes uns dos outros, não abrem diretamente para a rua e quase não apresentam janelas. Fora do trecho em análise, o padrão se repete à esquerda. À direita a intervisibilidade aumenta bastante no período diurno devido a lojas da Av. Monsenhor Tabosa.

Rua Almirante Jaceguai: É uma via não intervisível no trecho em estudo. Apenas um lado da via é densamente construído. Do outro lado, encontram-se gradis de ferro que limitam a Praça Verde do Dragão do Mar e que, dada a existência de vegetação densa, representam barreiras visuais. Além disso, outros segmentos desta via apresentam muros cegos e espaços públicos abertos de um lado da via, e do outro, restaurantes, boates (que funcionam no período noturno) ou imóveis fechados.

Av. Almirante Tamandaré: É uma via pouco intervisível no trecho em estudo. O segmento da via entre as ruas Dragão do Mar caracteriza-se como intervisível, já que interiores de edificações dispostas dos lados opostos comunicam-se visualmente. O trecho entre o Dragão do Mar e a Praia de Iracema é não-intervisível. De ambos os lados das vias há edifícios abandonados ou imóveis fechados.

Rua Pessoa Anta: É uma via pouco intervisível no trecho em estudo. O lado oposto à quadra onde o equipamento se insere apresenta edificações fechadas e em reforma. Além disso, mesmo após o funcionamento de tais edificações, a densidade edilícia do trecho é pequena, prejudicando o grau de intervisibilidade. Fora do trecho em estudo, a via passa a ser caracterizada como de baixa intervisibilidade.

Rua Boris: É uma via pouco intervisível. Apenas um dos lados da via é densamente construído. O lado oposto a este, apresenta espaços públicos abertos (do próprio Dragão do Mar), muros cegos e algumas aberturas para espaços privados (estacionamentos da Biblioteca Pública). Um dos trechos da via, o que está entre a Av. Monsenhor Tabosa e a Rua José Avelino, pode ser considerado não intervisível.

Rua José Avelino: No trecho em estudo é uma via pouco intervisível. Apenas um dos lados da via é densamente ocupado, enquanto o outro é ocupado por áreas abertas do Centro

Cultural, áreas de estacionamento e um pequeno número de edificações de uso habitacional e comercial. Em trechos além da área de estudo, a via pode ser caracterizada como intervisível.

Rua Dragão do Mar: No trecho em estudo é uma via não intervisível. Apenas um dos lados da via é densamente ocupado, enquanto o outro é ocupado por áreas abertas do centro cultural, áreas de estacionamento e um pequeno número de edificações de uso habitacional e comercial. Em trechos além da área de estudo, a via pode ser caracterizada como intervisível.

As variáveis locais da urbanidade do Dragão do Mar

A urbanidade local do Dragão do Mar, de acordo com as variáveis estudadas, é baixa. Os índices do Dragão do Mar aproximam-se do conceito de formalidade, tanto durante as horas do dia, como também durante a noite. Isto se dá especialmente porque o sistema apresenta poucas constituições, ou seja, aberturas, o que também implica no aumento do número de espaços cegos. Além disso, há certa alternância de funcionamento dos edifícios do entorno, fazendo com que as constituições existentes não existam de fato simultaneamente. Assim, enquanto a biblioteca e os bancos, por exemplo, estão abertos, os restaurantes e bares estão fechados; quando estes últimos começam a abrir, os bancos, o comércio e a biblioteca estão fechando. A tabela 3.10 apresenta estes dados de maneira resumida.

Tabela 3.10: Resumo das variáveis locais da urbanidade do Dragão do Mar

Variáveis	Manhãs	Noites
Número de constituições do sistema	52	81
Percentual de espaço cego	47,32%	43,5%

O número de constituições do sistema: O entorno do Dragão do Mar apresenta muitos imóveis vazios ou subutilizados, o que diminui consideravelmente o número de constituições do sistema. Além disso, a área apresenta principalmente os usos institucional, comercial e de serviços que se alternam em termos de funcionamento.

O percentual de espaço cego: Durante as horas do dia, os espaços cegos do sistema perfazem cerca de 47,32% da área total estudada. Durante à noite, este percentual cai para

43,01%, indicando que no entorno imediato do Dragão, os imóveis funcionam prioritariamente no período noturno. [Fig. 2.4]

As variáveis locais da diversidade do Dragão do Mar

As variáveis locais da diversidade no Dragão do Mar estão resumidas no quadro 3.15.

O efeito surpresa no espaço: As surpresas que o equipamento oferece aos usuários estão relacionadas a sua diversidade de padrões mórnicos, a diversidade “ângulos de vista” para a cidade que ele oferece e a alguns elementos lúdicos existentes. O Dragão do Mar é um equipamento que apresenta diferentes padrões formais. Em seu setor sul, na área reservada aos museus, é constituído por um bloco pouco permeável, tanto em termos visuais quanto em termos de movimento [Fig. 1.27 e 1.28]. Tal padrão é parcialmente quebrado, ainda no setor sul, a medida que o usuário adentra o equipamento e caminha em direção norte, quando a permeabilidade visual aumenta, dadas as aberturas dos portais formadas pelos espaços vazios entre pilares. A permeabilidade visual cresce ainda mais ao norte, quando os portais são substituídos por peitoris. O térreo do setor sul, formado pela Praça Verde, por outro lado, caracteriza-se como um amplo espaço vazio, menos rico em termos visuais, já que quase toda área é abarcada visualmente a partir de determinados pontos [Fig. 3.61]. Esculturas de madeira e aço, no entanto, tornam tal praça menos monótona. O setor norte do equipamento é praticamente monocromático. O branco predomina nas paredes da edificação, sendo quebrado pelo verde da vegetação na praça. O setor mais ao norte do equipamento apresenta maior diversidade de escalas, de tipos edifícios e cores. As edificações ao redor compõem um conjunto de arquitetura eclética de baixo gabarito, de cores vibrantes [Fig. 3.62]. O Dragão do Mar, formado nesta área por um volume parcialmente permeável (bloco de cinemas, anfiteatro, planetário), branco, com elementos de transição vermelhos (escadas, passarelas), de gabarito visivelmente maior que o entorno, insere-se nesta área contrastando com a mesma, diversificando a paisagem urbana. As visuais que o equipamento oferece também são enriquecedoras da experiência dos usuários no equipamento. Dos elementos de transição, são avistados, a oeste, a Catedral Metropolitana e o mercado central; a leste, exemplares, mesmo reformados, da arquitetura eclética em primeiro plano, contrastam com altos edifícios contemporâneos.

Podem ser destacados como elementos lúdicos do Dragão do Mar, a obra do artista plástico Zé Tarcísio [Fig. 3.63], que cria um efeito de continuidade da passarela, e a escultura em tamanho real de Patativa do Assaré [Fig. 3.64], localizada entre as alas dos restaurantes. Estes dois elementos atraem, com constância, a atenção dos visitantes.

Co-existência de edifícios antigos e edifícios contemporâneos: O Centro Cultural insere-se em uma das áreas mais antigas da cidade, predominando em suas adjacências edifícios de entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Seu entorno apresenta edificações e monumentos de grande valor histórico. São eles: O Seminário da Prainha, de 1864 [Fig. 3.65]; o edifício sede da antiga Casa Boris, que hoje tem parte de seu pavimento térreo ocupado por estacionamento de veículos e por firma prestadora de serviços, teve suas obras iniciadas provavelmente em 1888 [Fig. 3.66]; edifício da antiga Alfândega, de 1891, onde hoje está sendo instalado o Centro Cultural da Caixa Econômica [Fig. 3.67]; o monumento a Cristo Redentor, na praça de mesmo nome, construído em 1822 [Fig. 3.68]; o Teatro São José, de 1915. Além disso, o conjunto de casas, datadas provavelmente do início do século XX e reformadas por incentivo do projeto Cores da Cidade que margeiam as Ruas Boris, Av. Almirante Jaceguai, Rua José Avelino e Dragão do Mar. Fora da proximidade imediata, estão também a Ponte dos Ingleses finalizada em 1906 e completamente reformada em 1992 [Fig. 1.26], o Casarão do Estoril, de 1920 e reconstruído também em 1994 [Fig. 1.25]. Muito do conjunto arquitetônico original foi descaracterizado e, a pós a implantação do Centro Cultural, foi eclipsado pela monumentalidade do Centro Cultural, minimizando os efeitos positivos da presença de edifícios de variadas épocas sobre a diversidade de atividades. A área apresenta também edifícios mais recentes que abrigam usos diversos. Alguns edifícios construídos a partir segunda metade do século XX são: a Biblioteca Pública Estadual Governador Meneses Pimentel; a sede da Capitania dos Portos, de 1958; e demais galpões de prestação de serviços e casas de lazer noturno.

O estímulo espacial às diversidades: Os espaços públicos do Dragão do Mar apresentam diferentes padrões de configuração espacial. Enquanto o espaço público mais ao norte apresenta um amplo espaço aberto plano, com a presença espaçada de bancos de

madeira e uma vegetação que ressalta a arquitetura do equipamento, o espaço mais ao sul, a Praça Verde, é outro amplo espaço aberto, delimitado por escadarias que caracterizam um anfiteatro, com vegetação densa concentrada em apenas um dos lados e um gramado extenso tomando boa parte da área. Estas diferentes configurações favorecem o desempenho de atividades diferentes em cada espaço. A diversidade de atividades nestes espaços também é favorecida pela própria diversidade de programação que o Centro Cultural oferece [Fig. 1.27].

No espaço aberto mais ao norte, a configuração favorece mais ao movimento do que a permanência de pessoas. Talvez por isso esta área seja a mais escolhida para a montagem de estruturas de feiras de artesanato. Nas áreas próximas aos bancos, a permanência de pessoas não é favorecida pela inexistência de áreas sombreadas.

Dentre os espaços ao norte, a área sobre o planetário merece destaque, já que se configura como um pequeno espaço, capaz de aglomerar um número limitado de pessoas, com pouca exposição às demais áreas abertas, já que é rodeado por vegetação e pelos pilares cilíndricos. Assim, enquanto as demais áreas do setor mais ao norte do equipamento favorecem prioritariamente o movimento, o espaço abaixo do planetário favorece a permanência de pessoas. [Fig. 3.69]

A Praça Verde também favorece a permanência, especialmente a partir das horas de sol menos intenso. Isto acontece não tanto por apresentar áreas sombreadas (que se limitam quase exclusivamente aos espaços entre os pilares do equipamento), mas por configurar um espaço amplo e contínuo, capaz de aglomerar elevado número de pessoas. [Fig. 1.27]

3.4. Conclusões do capítulo

3.4.1. Propriedades globais da urbanidade: a continuidade no Coração x a ruptura no Dragão

Na Praça do Ferreira, as análises das propriedades axiais mostraram forte correlação entre as diferentes variáveis tanto quando vistas a partir da mesma escala, como também quando vistas e comparadas as diferentes escalas. No entanto, pelo menos uma dessemelhança pôde ser vista neste último grau comparativo:

- Em escalas mais amplas, os eixos que representam as Ruas Major Facundo e a Guilherme Rocha aparecem pouco acessíveis ou não aparecem;
- Em escalas mais restritas, estes mesmos eixos apresentam alto potencial de acessibilidade.

A explicação para esta aparente divergência é simples e “animadora”, literalmente. Iniciando pelo fator mais simples, pode-se dizer que:

- Nas escalas de análise mais amplas, quando o movimento de pedestres não é representado, vias como a Major Facundo e a Guilherme Rocha obviamente não apresentam alto potencial de acessibilidade. Por outro lado, nas escalas de análise mais restritas o movimento de pedestres é considerado. Os eixos que representam estas vias, portanto mostram o seu potencial de acessibilidade que, como se viu, é alto.

Da mesma maneira, a aparente divergência parece ser animadora, pois:

- Se quando considerado o movimento de transeuntes os eixos que os representam aparecem com potencial de acessibilidade representativo, isto é, alto, isto indica que o trânsito de pedestres tem grandes chances de ser intenso e o espaço público tem grandes chances de ser bastante usado, uma vez que é permeado e margeado por vias muito acessíveis. Além disso, os eixos de pedestres mais acessíveis cruzam vias muito acessíveis em outras escalas, o que indica que tais eixos podem ser “alimentados” em termos de movimento nas escalas mais globais.

Esta alimentação local a partir de escalas mais gerais é um importante fator que mostra que a Praça do Ferreira insere-se no tecido urbano de maneira a costurá-lo e não de maneira a fragmentá-lo. O prolongamento de eixos através da Praça reforça este sentido de continuidade da malha e a partir do momento que tal continuidade acontece mais para o pedestre do que para o veículo, o movimento dos transeuntes é facilitado.

Outro fator merece destaque:

- Se nas escalas mais amplas os eixos mais acessíveis estão próximos à Praça, especialmente no sentido Norte-sul, mas também no sentido leste-oeste, e estes eixos podem ser cruzados por aqueles de pedestres mais acessíveis nas escalas mais restritas. Isto quer dizer que a área de inserção da Praça ainda tem chances de

agregar fluxos de áreas diversas da cidade, desde os setores mais residenciais de classe média (bairro de Fátima, por exemplo), os de classe média-baixa (Jacarecanga, Farias Brito), outros setores comerciais do centro e, em grau mais baixo, a áreas comerciais e residenciais mais nobres da cidade (Aldeota) [Fig. 2.7]. O movimento na Praça, assim, tem mais chance de facilitar encontros não programados, de contribuir com a diversidade de usuários do espaço público, de agregar pessoas advindas de diferentes partes da cidade e, assim, criar um rico campo de encontros e de negociação de diferenças – fatos associados à idéia de urbanidade.

Estas características confluem para aquilo que Hillier considera como criação de ambientes urbanos locais que tomam partido da configuração global da cidade e que contribuem com a vitalidade⁷⁰ urbana, por aproveitar as vantagens de localização e assim, poderem desenvolver o chamado “efeito multiplicador”, entendido como um “processo de ‘feedback’, baseado na relação entre a estrutura da malha e o movimento” (HILLIER, 1996, p.126)⁷¹ que, por sua vez, gera ainda mais movimento e usos.

Já no Dragão as análises das propriedades axiais mostraram forte correlação apenas entre as diferentes variáveis quando vistas a partir da mesma escala. No entanto, as variáveis, quando comparadas a partir de diferentes escalas, apresentam relevantes divergências, fazendo com que apareçam potencialidades de acessibilidade em algumas escalas e em outras não.

O próprio estudo ajuda a esclarecer esta afirmação: os mapas axiais de conectividade e integração na escala do equipamento e arredores acusam um interessante potencial de acessibilidade entre centro antigo da cidade e Praia de Iracema, tendo como elemento mediador, o Dragão do Mar. [Figs. 40, 41]

Nestes mapas os eixos mais conectados e mais acessíveis são praticamente coincidentes e mostram uma malha intrincada com vias mais integradas e mais conectadas desde vias que fazem acesso ao centro antigo da cidade até a Praia de Iracema. Tal potencial, infelizmente, não é efetivado. Os vários prováveis motivos estão dispostos abaixo:

⁷⁰ Hillier utiliza o termo em inglês “the urban buzz” traduzido como “animação” urbana (1996, p. 126). Neste trabalho, preferiu-se não utilizar este termo por acreditar que a animação urbana é mais restrita que vitalidade urbana e que esta é ainda mais restrita que a própria urbanidade.

⁷¹ Do original em inglês: “It is this positive feedback loop built on a foundation of the relation between the grid structure and movement this gives rise to the urban buzz (...)”.(Hillier, 1996, p. 126). Trecho de material didático traduzido por E. Trigueiro e D. Pereira em material para uso em sala de aula (p. 14).

- Primeiro: o não rebatimento desta propriedade nas demais escalas, sendo mais um aspecto que indica a ruptura da malha urbana. É apenas na escala do equipamento e arredores que tal potencial de acessibilidade pode ser evidenciado.
- Segundo: este acesso potencial não é percebido pelos pedestres, dadas as fortes interrupções do fluxo daqueles que caminham a pé. Isto porque a travessia da Av. Pessoa Anta desde o equipamento é difícil, contribuindo para a não efetivação das conexões do eixo da Av. Almirante Tamandaré e da Rua Boris. Além disso, a travessia da Av. Monsenhor Tabosa, que efetivaria a ligação da Rua Boris com a Rufino de Alencar (via que alcança a Catedral Metropolitana), é igualmente difícil, dado o trânsito intenso de veículos. Contribuindo negativamente para o fluxo de pedestres estão propriedades locais destas mesmas vias mais conectadas, extremamente inibidoras da vitalidade e do trânsito de pedestres⁷².
- Terceiro: a diferença de nível natural existente entre a Av. Monsenhor Tabosa e a Pessoa Anta contribui negativamente para a leitura deste acesso.

O argumento da quebra dos padrões espaciais sustenta-se na constatação de que eixos mais acessíveis nas duas escalas de análise mais amplas não coincidem nem dialogam com os eixos mais acessíveis nas demais escalas. Além disso, uma marcada distinção entre porções do equipamento pode ser evidenciada, sendo a porção mais ao sul aquela que se apresenta mais acessível nas primeiras escalas de análise, ao passo que a porção mais ao norte aparece como a mais acessível nas outras escalas.

A ruptura dos fluxos de acessos nas várias escalas de análise mostram uma fragmentação do tecido urbano enfatizada a partir da implantação do Centro Cultural, que acabou criando ou mantendo barreiras físicas em sua porção sul e permeabilidades, em sua porção norte. A implantação do Centro Cultural negou uma possível ligação, na escala da cidade e do bairro e arredores, entre o centro tradicional da cidade e a Praia de Iracema. Por outro lado, o fluxo turístico local da Praia de Iracema que permeia os espaços abertos do Dragão do Mar, parece não conseguir alcançar a zona comercial da Monsenhor Tabosa, muito menos a área central da cidade, onde se encontram os edifícios e os espaços públicos mais antigos da cidade.

⁷² Ver, no capítulo referente às propriedades espaciais, a caracterização das ruas Boris, Monsenhor Tabosa e Pessoa Anta.

Em todos os níveis de análise, excluindo-se a escala do equipamento, dentre os eixos mais integrados estão as vias de maior tráfego de veículos. Se por um lado este fenômeno indica maior acessibilidade veicular ao local, por outro mostra que o equipamento se encontra praticamente ilhado por barreiras “invisíveis” ao fluxo de pedestres. A calha das vias, assim, ao mesmo tempo que são canais para o fluxo de veículos, passam a ser barreiras ao trânsito de pedestres.

Assim, o equipamento, antes de funcionar como um espaço agregador e acolhedor de usos, fluxos e atividades diversos, enfatiza a setorização de porções da cidade e, mais que isso, inclui-se como mais um setor: aquele voltado especificamente para o lazer noturno. O Dragão do Mar caracteriza-se, portanto, utilizando as palavras de Hillier como um “enclave” para a cidade.

Enclaves são, quase por definição, locais de destino não disponíveis ao movimento natural. Geram descontinuidade na malha urbana. Por isso são comparáveis, em seus efeitos e quanto a vários aspectos, à dispersão física, e ameaçam, igualmente, a economia de movimento. Qualquer tendência à “destritalização” é também uma tendência à diminuição dos benefícios dos subprodutos do movimento, e, portanto, do efeito multiplicador do qual depende a vibração urbana⁷³ (HILLIER, 1996, p. 134).

No entanto, apesar de um “enclave”, o Centro Cultural também funciona como um poderoso magneto, ou seja, um equipamento capaz de atrair usos e fluxos pelo que oferece e não por sua localização na malha. Isto porque a área de implantação do equipamento caracteriza-se como de média acessibilidade, não sendo interceptada por nenhum eixo de grande valor de integração. Cria-se, assim, na cidade um elemento que rompe com os padrões estruturais da malha urbana, que vai de encontro ao princípio do movimento natural e que, por isso mesmo, fere a economia de movimento. O Dragão do Mar surge então como um esforço por se criar um lugar na cidade a partir de suas características próprias e não a partir das características próprias da cidade.

⁷³ Do original em inglês: “Enclaves are, almost by definition, destinations which are not available for natural movement. They form discontinuities in the urban grid. Because this is so they are in many ways comparable in their effects to the physical dispersion, and similarly disruptive of the movement economy. Any tendency in an urban structure towards ‘precinctisation’ must also be a tendency to a lessening of the useful by-product, and therefore of the multiplier effect on which urban vibrancy depends”. Tradução de E. Trigueiro e D. Pereira em material para uso em sala e aula (p. 19).

3.4.2. Propriedades locais da urbanidade: o dia é do Coração e a noite, do Dragão

Das variáveis locais da Praça do Ferreira, boa parte aproxima este espaço público do conceito de urbanidade. A acessibilidade convexa sugere maior acessibilidade das bordas para o centro e corresponde a acessibilidade axial. A acessibilidade visual é maximizada nos locais exclusivos ou favoráveis à circulação de pedestres, indicando um estímulo ao caminhar a pé através da Praça. Maiores e menores graus de exposição visual favorecem a execução de atividades diversas na Praça.

As variáveis locais viárias e as variáveis locais da urbanidade do sistema, no entanto, apresentam variação se caracterizadas no período diurno e noturno. É no período diurno que a Praça apresenta atributos mais fortes de urbanidade: o comércio aberto e os serviços funcionando maximizam o número de constituições do sistema, contribuindo para aumentar o número de transeuntes e a sensação de segurança no espaço. A medida que a noite avança, cai o número de constituições, aumenta o percentual de espaços cegos, favorecendo o aumento da sensação de medo no espaço.

Os gráficos de conectividade e integração visual da Praça mostram ainda que o maior potencial de acessibilidade, que acontece ao longo das Ruas Floriano Peixoto, Major Facundo e Guilherme Rocha, privilegia o movimento de pedestres, uma vez que duas destas vias (a Rua Major Facundo e a Rua Guilherme Rocha) são exclusivas para uso dos transeuntes a pé, ao menos no perímetro da Praça. Por outro lado, mesmo no cruzamento na Floriano Peixoto (via de fluxo intenso, mas lento, de veículos), que apresenta alto potencial de acessibilidade, a mancha avermelhada dos mapas de integração e conectividade coincide com a faixa de pedestres. A travessia dos transeuntes é facilitada ainda pela pequena largura da faixa de rolamento da Rua Floriano Peixoto, que ainda é dotada de um canteiro central que permite ao pedestre atravessar a rua em dois tempos. Assim, o entorno da Praça do Ferreira é acessível aos pedestres, facilitando o seu movimento e, portanto, a vitalidade do local.

Outras características viárias também confluem para a vitalidade do lugar. A profundidade topológica entre os espaços públicos e privados é pequena, pois em geral as edificações do entorno abrem-se diretamente à rua contribuindo com a percepção de segurança e vigilância das ruas. Somente a intervisibilidade viária, característica que, junto com a profundidade topologia, parece estar relacionada diretamente ao número de “olhos para a rua” (JACOBS, 1961, p. 35-36),

apresenta baixo potencial de vitalidade. Isto porque, como visto, no perímetro da Praça as vias apresentam apenas um dos lados densamente construído diminuindo a sensação de rua vigiada. No entanto, imediatamente além da praça, as mesmas vias apresentam alta intervisibilidade, o que pode amenizar o impacto negativo sobre a vitalidade do lugar.

A Praça apresenta ainda aspectos que favorecem a diversidade no local. Estes aspectos da diversidade são conformados por estruturas espaciais, que favorecem a configuração de espaços variados e, assim, possibilitam a execução das mais variadas atividades no espaço público. Além disso, o próprio espaço público é inserido na malha urbana de modo a valorizar o espaço aberto da Praça, criando perspectivas interessantes ao transeunte.

No Dragão, as propriedades locais não são muito favoráveis à urbanidade. A acessibilidade visual e a convexa correspondem à axial apenas se consideradas as escalas de análise mais restritas. Além disso, sugerem acessibilidade do centro para as bordas. A pouca variação do grau de acessibilidade visual indica menor favorecimento à diversidade de atividades. As medidas de conectividade e integração visual indicaram forte potencial de movimento no cruzamento de vias e também ao longo das mesmas. No entanto, das quatro vias que limitam o Dragão do Mar, três apresentam caixa de rolamento dupla. Nas extremidades norte e sul do Centro Cultural também estão as vias de maior fluxo de veículos. A inter-relação entre estas características concorrem para dificultar o fluxo de pedestres ao local e privilegiar o acesso de veículos.

O trânsito de pedestres também é desencorajado pela sensação de insegurança no entorno relacionada às suas características espaciais. Quase todas as vias do entorno do sistema são classificadas como pouco-intervisíveis, de baixa constitutividade e média profundidade topológica entre os espaços públicos e privados no período da manhã. Durante a noite, a intervisibilidade e a constitutividade aumentam um pouco. A variação dos resultados nos período diurno e noturno é sutil, pois há alternância entre o que funciona durante o dia e o que funciona durante a noite.

Assim, as variáveis locais viárias e as variáveis locais da urbanidade do sistema do Dragão do Mar, também são pouco favoráveis à urbanidade, tanto durante as manhãs, como durante as noites. Mas é durante às manhãs que a situação é ainda mais grave, com menor número de constituições e maior percentual de espaços cegos.

Em ambos os espaços, o efeito surpresa é considerável, estimulando o incremento do número de usuários. A diversidade de idades dos edifícios do entorno não é alta, em nenhum dos casos. O estímulo espacial á diversidade é considerável nos dois casos.

Assim, de acordo com as variáveis locais, enquanto a Praça é mais urbana pela manhã, o Dragão é mais urbano durante a noite. Assim, a urbanidade começa a dar indícios de fragmentos temporais.

Capítulo 4. A dimensão social



4.1. Preâmbulo

Este capítulo apresenta a caracterização dos espaços públicos quanto a determinados aspectos sociais que se acredita estarem relacionados à urbanidade. Ele oferece elementos para a verificação, em cada um dos espaços públicos estudados, da existência ou não daquelas características sociais relacionadas à urbanidade, que neste trabalho está também relacionada aos espaços públicos bem sucedidos (FRANCIS, 1987). Além disso, permite verificar até que ponto os aspectos sociais e espaciais considerados indutores de urbanidade coincidem nos objetos estudados. A verificação de alguns aspectos sociais da Praça do Ferreira e do Dragão do Mar possibilita correlacionar propriedades espaciais e propriedades sociais e averiguar possíveis inter-relações entre elas. Os aspectos sociais caracterizados foram:

- 1. A distribuição das pessoas paradas**
- 2. O número de pessoas em movimento**
- 3. A diversidade social**
- 4. A diversidade de fluxos**
- 5. A satisfação do usuário com o espaço público**

Os dados obtidos foram coletados principalmente de duas maneiras:

- a) Através do mapeamento das pessoas paradas;
- b) Através da aplicação de questionários em cada área estudada.

O mapeamento dos usuários foi feito de modo a permitir a documentação de informações sobre os usuários dos espaços. Estas informações são: a faixa etária do usuário; a atividade desempenhada pelo usuário; a posição dos usuários⁷⁴.

Estas informações permitiram verificar uma série de dados que podem indicar ou não a urbanidade social como: a concentração dos usuários em determinadas porções do espaço público, se há uma divisão espacial dos usuários em faixas etárias, níveis de renda ou atividades

⁷⁴ Para informações mais detalhadas, consultar capítulo 2 (especialmente as páginas 97 à 100).

que exercem no próprio espaço público, se há variedade ou não de usuários quanto à faixa etária, se há variedade ou não de atividades no espaço público.

Somando-se aos dados dos mapeamentos e complementando-os, estão os dados coletados a partir da aplicação de questionários em cada área de estudo. Se por um lado os questionários são mais precisos do que aqueles captados nos mapas (pois os respondentes anotam os dados requeridos ou os escolhem dentre as opções dadas) por outro lado, não traçam fielmente o perfil geral dos usuários por pelo menos dois motivos:

- crianças abaixo de doze anos não foram consideradas aptas a responder ao questionário. Assim, estas simplesmente não “apareceriam” dentre os usuários dos espaços, caso somente os questionários fossem levados em conta;

- no Dragão do Mar não foi possível aplicar questionários nas áreas dos restaurantes⁷⁵, o que também leva a distorções dos resultados, pois se acredita que aí se concentram os adultos e idosos e as pessoas de maior poder aquisitivo.

Assim como foi feito no capítulo anterior, a caracterização de cada espaço público foi realizada individualmente, a fim de que a leitura possa se dar de maneira mais objetiva e direta.

Obviamente os aspectos sociais destes espaços não são esgotados nas próximas páginas. Ao contrário, entende-se que a caracterização aqui apresentada é parcial e pode ser complementada por análises mais complexas. No entanto, neste trabalho se buscou apresentar, mesmo de maneira parcial, a vida social na Praça do Ferreira e no Dragão do Mar especialmente nos aspectos que tangenciam à noção de urbanidade.

Assim, mais do que especular e analisar o desempenho social destes espaços públicos, este capítulo apresenta os dados obtidos e os contrapõem àqueles apontados como característicos de espaços de urbanidade.

⁷⁵ Os gerentes e proprietários de alguns restaurantes não permitiram a aplicação dos questionários com seus clientes.

4.2. A dimensão social na Praça do Ferreira

4.2.1. Pessoas paradas

Os mapeamentos das pessoas paradas mostram que o maior número de pessoas ocupando a Praça ocorre durante o meio-dia e no final da tarde, tanto durante os sábados, como durante os dias de semana. Durante as manhãs e durante a noite é nos sábados que se observa maior número de pessoas paradas na Praça. Já nos horários de meio-dia e final da tarde, é durante a semana que é encontrado o maior número de usuários da Praça [Fig. 4.1 e 4.2]. Esta variação de concentração de pessoas, ora durante os sábados, ora durante os dias de semana mostra que a Praça é bem utilizada tanto nos dias de semana, como também aos sábados.

O mapeamento geral [Fig. 4.3] mostra um elevado número de pessoas paradas ocupando a Praça, especialmente em torno dos bancos de madeira e no espaço pedestrianizado da Rua Major Facundo. Os amplos espaços abertos da Praça apresentaram reduzido número de pessoas paradas. Também foram observadas poucas pessoas paradas ao redor da Coluna da Hora e da fonte.

O padrão de uso e ocupação do espaço público pouco varia quando se comparam os sábados e os dias da semana, bem como quando se compara as diferentes horas do dia, como pode ser observado através do gráfico 4.1.

Somente durante às noites nota-se uma certa homogeneidade na distribuição das pessoas paradas. Durante as horas de sol, até o final da tarde, a maior concentração de pessoas é encontrada nos bancos de madeira, à margem direita da Rua Major Facundo, tanto nos dias de semana quanto durante o final de semana [Fig. 4.1, 4.2]. Mesmo assim, o padrão de uso e ocupação parece ser pouco alterado durante as diferentes horas do dia⁷⁶, sendo os espaços mais ocupados praticamente os mesmos em todos os mapas. Em geral são eles:

- O corredor formado pelos bancos de madeira e os edifícios ao longo do setor pedestrianizado da Rua Major Facundo;
- O espaço mais a sul da praça delimitado pelos bancos de madeira e pela coluna da Hora

⁷⁶ Esta maior concentração de pessoas na borda da praça está de acordo com as descobertas de Joardar e Neil (1978 apud FRANCIS 1987, p. 81), que, a partir de pesquisas realizadas em dez praças, viram que as bordas dos espaços públicos proporcionam melhor visibilidade e opções de bancos, podendo ser assim preferidas pelas pessoas.

- O espaço ao redor do banco de madeira a norte da praça, único banco quadrado do espaço público.

Os espaços menos ocupados também parecem ser os mesmos nas diferentes horas do dia:

- A borda sul da praça, espaço além dos bancos de madeira;
- Espaços internos aos bancos semi-fechados da Praça, delimitados pelos próprios bancos e pela coluna da hora

Percebe-se uma maior variação no padrão de ocupação do espaço quando comparados o número de pessoas paradas durante as horas de sol e durante a noite. Vê-se que o número de usuários é bastante reduzido e a sua distribuição espacial é mais homogênea durante a noite. Outra variação observável refere-se ao número de pessoas paradas ao meio dia: durante a semana, neste horário, há poucas pessoas paradas no trecho da Rua Major Facundo; aos sábados, por outro lado, este número aumenta consideravelmente. Ao contrário do que comumente se espera, ao redor das bancas de revistas poucas pessoas paradas foram observadas [Fig. 4.1 e 4.2].

O mapeamento das pessoas paradas não deixou claro se há ou não espacialização das pessoas de acordo com a atividade desempenhada ou mesmo de acordo com a faixa etária dos usuários [Fig. 4.4 e 4.5], não sendo possível identificar concentração de determinadas faixas etárias ou de algum tipo de atividade em certos espaços. Duas exceções, no entanto, podem ser feitas:

- Os idosos parecem preferir os bancos da Rua Major Facundo. Nestes bancos a quantidade de idosos mapeados foi relevante;
- As pessoas que trabalham vendendo produtos diversos parecem preferir os espaços no interior da Praça ou aqueles que correspondem aos cruzamentos da Rua Major Facundo com a Travessa Pará ou Rua Guilherme Rocha.

4.2.2. Pessoas em movimento

A medição das pessoas em movimento aconteceu em nove portais dispostos na figura 2.8, que foram selecionados levando-se em consideração o cruzamento dos eixos de movimentos, a relevância da área como acesso ao espaço público e a posição em relação ao espaço público em

si⁷⁷. O mapeamento do movimento através dos portais ocorreu durante quatro períodos do dia, medindo-se o número de transeuntes em cinco minutos em cada portal⁷⁸. Os números de passantes colhidos a partir das medições estão dispostos na tabela 4.1.

Tabela 4.1: Contagem de passantes por portal e por período na Praça do Ferreira.

N° portal	SEMANA				FINAL DE SEMANA			
	Manhã	Meio-dia	Fim Tarde	Noite	Manhã	Meio-dia	Fim Tarde	Noite
1	71	198	52	15	156	231	178	46
2	114	258	57	9	230	342	217	52
3	173	272	81	14	328	348	278	74
4	70	158	17	10	154	142	130	24
5	26	82	19	5	63	66	57	5
6	38	107	13	6	66	70	63	6
7	40	59	7	5	62	43	45	5
8	56	51	58	17	34	78	98	24
9	78	162	79	18	148	244	216	46

Os maiores números de passantes foram encontrados em geral aos sábados. Exceção se faz durante a semana nos períodos da manhã e do meio dia, quando em alguns portais, o número de passantes ultrapassa o seu correspondente aos sábados.

Durante as noites o número de passantes é menor, tanto durante aos sábado como durante os dias de semana, sendo que o movimento é ainda menor durante a semana. Por outro lado, os maiores números de passantes são encontrados ao meio dia, principalmente durante o sábado.

A fim de melhor compreender o padrão de movimento nos portais da Praça, foram elaborados gráficos de movimento para o dia de semana e para o dia de sábado. Foram também representados o movimento total de pedestres medido em cada portal, utilizando-se uma escala cromática variando de cores quentes (para a maior quantidade de movimento) a cores frias (para menores quantidades de movimento). [Fig. 4.6]

⁷⁷ Para maiores informações sobre os critérios de escolhas dos “portais”, ver página 103, do capítulo 2.

⁷⁸ Para maiores informações sobre a metodologia dos “portais” ver página 103, do capítulo 2.

Os gráficos 4.2 e 4.3 mostraram pouca variação no padrão de movimento de acordo com os períodos do dia e também de acordo com os dias da semana. Nota-se que durante a semana, em quase todos os portais, o maior movimento foi medido ao meio-dia, seguido do período da manhã, seguido pelo período do final da tarde e seguido do período da noite. Seqüência semelhante é encontrada no gráfico do movimento aos sábados, com algumas variações, especialmente no Portal de número 8. Em todos os casos, os menores valores de movimento foram observados no período noturno. Além disso, as linhas de movimento em diferentes períodos do dia mostram uma tendência de paralelismo, com considerável variação de número de passantes. Em todas as linhas, é o Portal de número 3 que apresentou o maior movimento medido.

4.2.3. Diversidade social na Praça do Ferreira

Os dados que compuseram a caracterização da diversidade social na Praça do Ferreira foram coletados a partir dos questionários aplicados (ver modelo dos questionários no anexo deste trabalho) e também por meio dos mapeamentos das pessoas paradas.

Quanto à faixa etária, os questionários revelam que a Praça é utilizada predominantemente por adultos de 20 à 59 anos, já que estes compõem cerca de 78% dos entrevistados. Este dado contradiz com boa parte dos discursos sobre a Praça do Ferreira que afirmam que a maior parte dos usuários é composta pelos aposentados, que são aqueles que têm sentimento de apego e pertencimento, já que a Praça lhes serve de estímulo a recordações. Os idosos, foram questionados 16, ao contrário do que se acredita, são apenas cerca de 15% dos usuários deste espaço público. Os jovens aparecem em porcentagem ainda menor, 7%. Estes dados são apresentados no gráfico 4.4.

Os dados dos mapeamentos também mostraram que os adultos são a faixa etária mais numerosa na Praça do Ferreira, no entanto, a porcentagem deles foi menor do que aquela questionada. Os idosos também apareceram em segundo lugar dentre as faixas etárias predominantes na Praça, sendo que através dos mapeamentos, os idosos apareceram mais representativos dentre a população usuária. Os jovens mapeados perfazem cerca de 15% dos usuários e as crianças, também mapeadas, apenas 3% do total dos usuários. [Fig. 4.4] [Gráf. 4.5]

Verificou-se ainda com os mapeamentos que não há espacialização de acordo com as faixas etárias [Fig. 4.4]. O maior número de usuários, tanto de idosos, como de adultos, jovens e

crianças, mais próximo a Rua Major Facundo apenas reflete o padrão de ocupação da Praça do Ferreira que pode estar tanto relacionado às propriedades espaciais do espaço público, como também à incidência solar e a presença de sombreamentos.

Os dados sobre o sexo dos usuários, obtidos a partir dos questionários, mostrou que a maior parte dos freqüentadores da Praça é masculina, perfazendo cerca de 66%. [Gráf. 4.6]

Os dados sobre o local de moradia dos usuários, que pode indicar de maneira aproximada o perfil econômico dos freqüentadores, bem como a abrangência da Praça com relação à cidade, mostraram que realmente a Praça do Ferreira consegue atrair usuários de muitos diferentes bairros de Fortaleza, inclusive de outras cidades da região metropolitana, como pode ser observado no gráfico 4.7.

Muitos usuários moram em bairros muitos distantes do Centro da cidade, por exemplo, bairros como José Walter, Siqueira, Messejana, Parangaba, que são bairros que também apresentam um subcentro.

Quando os dados sobre o local da moradia são reorganizados de modo a serem destacados os bairros ditos de classe média-alta e classe média de Fortaleza, o gráfico 4.8 mostra que predominam os usuários que moram em bairros mais populares. Dos 17 usuários que vem dos bairros nobres, 4 são aposentados, o que indica 25% de todos os aposentados questionados. Outros 4 aposentados são originários do Centro e, os demais, dos outros bairros de Fortaleza. É possível também verificar que o número de turistas não é grande: apenas três turistas foram questionados no espaço. Somente um jovem questionado mora em bairros nobres e nenhum mora no centro. Dos 81 adultos questionados, 11 moram nos bairros nobres, ou seja, 11% dos adultos questionados moram nos bairros nobres.

Estes dados indicam que a Praça do Ferreira consegue atrair usuários de vários bairros da cidade, coincidindo, portanto, com suas características espaciais que indicam alta acessibilidade com relação à cidade. A Praça do Ferreira, assim, aparece como um espaço que favorece o encontro aleatório, de pessoas vindas de diferentes locais da cidade, pelo menos durante as horas do dia.

4.2.4. Diversidade de atividades na Praça do Ferreira

Os dados obtidos com a aplicação do questionário, bem como os dados dos mapeamentos, permitiram verificar as atividades que as pessoas geralmente desempenham na Praça Ferreira. De uma maneira geral, estas atividades são diversas, envolvendo o lazer (encontro com amigos), o comércio (compras), o trabalho, a contemplação ou descanso (pessoas que não fazem nada ou esperam algo ou alguém), e simplesmente o cruzamento do espaço.

Os questionários mostraram que a atividade predominante na Praça do Ferreira é o encontro com amigos, aparecendo em 32% das respostas (54 respostas). Ao contrário do que se poderia imaginar, as atividades relacionadas ao trabalho e ao comércio, juntas, representam 21% das respostas (36 repetições). Estes dados mostram que a Praça do Ferreira ainda é um espaço público que favorece à interação social.

A segunda atividade mais comumente desempenhada na Praça é a “espera”. 25% das atividades desempenhadas na Praça têm a ver com a espera de algo ou alguém (apareceu em 43 questionários). Este dado mostra tanto que a Praça continua sendo usada como ponto de encontro, como também indica uma potencial interação social, pois diferentes pessoas esperando em áreas próximas podem iniciar uma conversa informal, mesmo por alguns minutos⁷⁹. Das atividades apontadas nas respostas, o “fazer nada” apareceu em 9% (16 repetições). Sabe-se que este fazer nada pode estar relacionado com a observação do movimento, muito intenso, na Praça do Ferreira. Este dado junto com os outros, mostram que na Praça há uma grande possibilidade de interação social, tanto entre conhecidos, como também entre desconhecidos. Os dados estão dispostos no gráfico 4.9.

A maioria dos jovens vai à Praça para encontrar com amigos. Dentre os adultos, o encontro com amigos (38 respostas) e a espera (35 respostas) são as atividades mais comuns. A atividade mais desempenhada pelos idosos também é o encontro com amigos, que apareceu em 13 questionários (dos 16 idosos questionados). Estas informações estão dispostas nos gráficos 4.10, 4.11 e 4.12.

⁷⁹ Talvez valha a pena aqui abrir um parêntese e relatar a minha experiência pessoal. Por diversas vezes, na Praça, realizando os mapeamentos e as contagens das pessoas em movimento da maneira mais discreta possível, tive meus trabalhos interrompidos por pessoas que, de maneira simpática, tentavam iniciar uma conversa comigo. Meio sem graça e preocupada com o volume de trabalho que me aguardava, tentava não estender aquele início de bate-papo descomprometido e casual, que certamente poderia durar muitos minutos.

Os mapeamentos mostraram um número muito pequeno de pessoas comendo ou bebendo (52 pessoas) e pessoas trabalhando em atividades como engraxataria, venda de comidas e outros produtos (155 pessoas), sendo pequeno o número de pessoas no espaço público lendo ou desempenhando alguma atividade que exija concentração (25 pessoas). Estas atividades perfazem 17% das pessoas mapeadas. O maior número de pessoas foi mapeado realizando nenhuma atividade específica (1105 pessoas). [Fig. 4.5]

Dentre aqueles que trabalham, a maioria é de adultos, tendo sido mapeado número considerável de jovens nesta situação. Estes trabalham predominantemente com venda de comidas. Os idosos trabalham predominantemente com engraxataria. As atividades trabalho e comendo e/ou bebendo encontram-se mais ou menos especializadas, concentrando-se ao longo da Rua Major Facundo. [Fig. 4.5]

4.2.5. Diversidade de fluxos na Praça do Ferreira

Os dados dos questionários permitiram identificar, de maneira aproximada, onde os usuários estavam antes de irem à Praça e para onde eles iam quando saíssem da Praça. Dos 106 questionários aplicados, 56 apresentaram como resposta origem e destino diferente que a residência ou hotel. Assim, a Praça do Ferreira, confirmando os dados apresentados na caracterização espacial, constitui-se mais como um “espaço-meio” do que como um “espaço-fim”, ou seja, as pessoas acabam chegando à Praça ao irem e virem de outros lugares [Gráf. 4.13]. Elas não vão especificamente para este espaço público. Uma exceção é feita: dos 16 idosos questionados, 10 têm como origem e destino a sua residência.

Outro aspecto importante a ser abordado quando se fala em fluxos é verificar o meio-de-transporte mais usado pelos freqüentadores da Praça para se chegar até ela. A maior parte dos questionados respondeu que chegou até a Praça através de transporte público coletivo. Em segundo lugar estão os que foram à Praça utilizando veículos de passeio. Em terceiro lugar estão aqueles que chegaram à Praça caminhando, que perfaz um total de 25 usuários, um número eloqüente, pois se trata de quase 25% do total dos usuários [Gráf. 4.14]. Apesar disso, supõe-se que estes resultados precisam ser revistos, pois parecem não corresponder aos dados apresentados relativos à origem-destino vistos anteriormente. Acredita-se que, dada a estreita relação entre o Centro e a Praça do Ferreira, os questionados tenderam a responder como chegaram ao Centro e não especificamente como chegaram à Praça, de qualquer lugar do Centro.

4.2.6. Satisfação dos usuários

De uma maneira geral, a avaliação da Praça do Ferreira pelos usuários é positiva. A grande maioria dos questionados avaliou a Praça como boa (71 questionários), em segundo lugar apareceu a resposta ruim (14 questionário), somente 8 questionados responderam que consideram a Praça ótima e, em menor número, apareceram aqueles que consideram a Praça péssima. Estes dados mostram que os usuários estão satisfeitos com a Praça, apesar de reconhecerem que ela pode ser ainda melhor [Gráf. 4.15].

Quando questionados a respeito da satisfação quanto a determinados aspectos da Praça, novamente as respostas mais comuns foram as satisfatórias. Os usuários estão em geral satisfeitos com o conforto térmico, com a iluminação e com os bancos da Praça, mas estão pouco satisfeitos com a segurança, já que esta recebeu mais respostas negativas. Outro dado relevante é a satisfação dos usuários quanto à localização: este aspecto foi o mais bem avaliado na Praça. Os dados podem ser vistos no gráfico 4.16.

Quando questionados sobre os aspectos que mais agradam na Praça do Ferreira, as respostas mais freqüentes encontram par nas atividades mais comumente desempenhadas. Assim, o ambiente de encontro, de movimento, de conversa etc. é apontado como as características que mais agradam na Praça do Ferreira. Em segundo lugar, aparece o clima, ou seja, o conforto térmico. Somente em terceiro lugar, aparecendo em 12 questionários, está a Coluna da Hora e fonte (desativada quase permanentemente), que são referências à história da Praça [Gráf. 4.17].

Estes dados mostram que a Praça conforma um espaço de rico campo social, de possibilidade de encontro de diversidade, onde a dimensão social da urbanidade, tal qual como apresentada neste trabalho, pode ser identificada. Se consideradas as respostas mais comuns por faixa etária tem-se o quadro 4.1.

Dos elementos que mais incomodam na Praça, aparecem com mais freqüência os “pedintes” (21 respostas), o barulho (21 respostas) e o lixo (19 respostas). [Gráf. 4.18] Se consideradas as respostas mais freqüentes por faixa etária, têm-se o quadro 4.2.

Com relação à imagem da Praça para os usuários, a maioria relaciona a Praça a seus elementos construídos (arquitetura, bancos, fonte, coluna, cinema), perfazendo 30% das

respostas. Em segundo lugar, aparecem termos relacionados ao caráter dinâmico da Praça, como movimento, diversão, conversa, encontro, também relacionados a dimensão social da urbanidade. 21% das respostas ligaram a Praça aos “aposentados”, a “gente” e a “amigos”; 15% a “sossego”; 7% à “história” e cerca de 6% têm uma imagem negativa da Praça, ligando o espaço a termos como “insegurança”, “ladrão”, “descaso”. [Gráf. 4.19]

4.3. A dimensão social no Dragão do Mar

4.3.1. Pessoas paradas

Os maiores números de pessoas paradas foram contabilizados durante as noites, quando os restaurantes estão funcionando e os cinemas recebem maior público. Durante as manhãs e ao meio dia, poucas pessoas foram mapeadas e estas geralmente se encontravam em locais específicos para participar de alguma atividade programada [Fig. 4.7 e 4.8].

O mapeamento geral [Fig. 4.9] mostra que a maior concentração de pessoas ocorre na área sob o planetário, nas áreas próximas aos restaurantes e bares e na Praça Verde. Este padrão de ocupação é similar ao encontrado no mapeamento do sábado à noite. [Fig. 4.8]

Em dias da semana, durante a noite, o número de pessoas no equipamento é pequeno e a maior quantidade de pessoas encontra-se nas áreas dos restaurantes. No período diurno (manhã, meio-dia e final da tarde) o padrão de ocupação difere radicalmente do período noturno: as pessoas paradas localizam-se quase exclusivamente na porção norte do equipamento, nas vizinhanças das salas de cinema/eventos e sob o planetário [Fig. 4.7].

Em dias de final de semana há grande variabilidade entre os padrões de ocupação [Fig. 4.8]. Durante a manhã e o meio dia, um número muito pequeno de pessoas foi mapeado. Estas pessoas foram encontradas quase exclusivamente na porção norte do equipamento. Pela manhã, quatro pessoas estavam próximas à escultura de Patativa do Assaré, duas estavam sentadas nos bancos à frente das salas de cinemas e as outras oito pessoas mapeadas, pessoal da manutenção do edifício, estavam espalhadas pela edificação. Ao final da tarde, parece haver certo equilíbrio quanto à concentração de pessoas. A área da Praça Verde, assim como a antiga praça, a área próxima aos cinemas e ao espelho d’água apresentam várias pessoas paradas. Sábado à noite o número de pessoas mapeadas é grande, da ordem de oito centenas, e há marcada concentração

de pessoas em quatro áreas: as duas alas dos restaurantes; área sob o planetário e na Praça Verde.

Durantes os sábados à noite há, assim, um pico no número de usuários do equipamento, como pode ser observado no gráfico 4.20.

O mapeamento das pessoas paradas também mostrou que há espacialização das pessoas quanto à atividade desempenhada e quanto à faixa etária, como pode ser constatado a seguir: [Figs. 116 e 117]

- A Praça Verde aparece como a área onde o maior número de crianças foi encontrado, assim como de pessoas lendo ou exercendo alguma atividade que exige certa atenção.
- As crianças também podem ser encontradas em grande número no espaço sob o planetário.
- As áreas próximas aos restaurantes, por outro lado, aparecem como a área de maior número de idosos, comendo ou bebendo.
- Os jovens, executando qualquer atividade parecem estar distribuídos quase homogeneamente no Dragão do Mar, executando-se as áreas dos restaurantes, onde quase não aparecem e a área sob o planetário, onde há grande concentração desta faixa etária.

4.3.2. Pessoas em movimento

A tabela 4.2 mostra a contagem de pessoas por portais, em cada período do dia.

Tabela 4.2: Contagem de passantes por portal e por período no Dragão do Mar.

N° Portal	SEMANA				FINAL DE SEMANA			
	Manhã	Mei-Dia	Fim Tarde	Noite	Manhã	Mei-Dia	Fim Tarde	Noite
1	8	6	24	13	7	2	27	67
2	16	5	4	5	5	3	7	63
3	2	7	10	26	4	6	21	72
4	8	9	9	21	8	3	29	69
5	6	24	38	12	4	5	32	103
6	2	7	63	15	2	2	14	103
7	6	12	10	1	0	1	10	8
8	0	4	0	4	4	1	15	33
9	12	14	15	30	11	7	63	228
10	4	24	11	12	1	12	12	10
11	2	3	5	17	0	4	18	24
12	2	0	0	0	0	0	0	3
13	2	0	0	0	0	0	0	0
14	10	15	25	15	8	10	48	55

Nos dias de semana, o período da noite apresenta os maiores valores em cinco, dos quatorze, portais. Os outros três períodos (manhã, meio-dia e final da tarde) apresentam cada um três portais como sendo aqueles com maiores números de passantes.

Aos sábados, o período da noite apresenta os maiores número de passantes em doze, dos quatorze, portais. Os período do meio-dia e final da tarde apresentam, cada qual, um portal com maior número de passantes.

A planilha mostra que, em geral, a maior quantidade de movimento é encontrada durante a noite de sábado. Ao meio dia, durante a semana, dois portais, no entanto, apresentam mais passantes. São os portais de número 7 e 10. Para a melhor compreensão da variação do número de passantes em cada portal, foram feitos gráficos de movimento para o dia de semana e para o dia de sábado.

Os gráficos 4.21 e 4.22 mostram uma forte variação no padrão de movimento de acordo com os períodos do dia entre o movimento medido durante a semana e no sábado. Durante a semana o número de passantes é pequeno, atingindo o máximo no final da tarde, no portal de número 6. Há alternâncias constantes entre os períodos do dia que apresentam maior número de passantes, fazendo com que pareça não haver um padrão de movimento nos portais.

No sábado, ao contrário, nota-se certo padrão. Em quase todos os portais o maior número de passantes medido aconteceu durante a noite, seguido da final da tarde, do meio dia e da manhã. O número máximo de passantes é encontrado no portal 9, durante a noite.

Quando os fluxos são ilustrados em planta, como na figura 4.12, a escala cromática mostra que o somatório de passantes medidos nos portais do Dragão do Mar apresenta valores abaixo dos encontrados na Praça do Ferreira [Fig. 4.6].

4.3.3. Diversidade social no Dragão do Mar

Quanto à faixa etária, os dados dos questionários mostraram que a maior parte dos usuários do Dragão do Mar é composta por adultos de 20 a 59 anos, compondo cerca de 72% dos entrevistados. Em segundo lugar, estão os jovens, que perfazem 19%, depois as crianças maiores de 12 anos, com 7% e idosos, com 2%. É importante ressaltar que o número de crianças no espaço público é maior do que o captado pelos questionários, uma vez que crianças menores de 12 anos não foram consideradas como habilitadas para o preenchimento do questionário. Além disso, o

número de idosos usuários do equipamento também é maior do que o captado nos questionários, pois muitos idosos se recusaram a responder [Gráf. 4.23].

Os dados dos mapeamentos, apesar de basearem-se em idade presumida, e, portanto, não serem precisos e terem certo grau de subjetivismo, ajudaram a explicitar o perfil etário mais próximo a realidade. De acordo com os mapas, os adultos são os mais numerosos freqüentadores do Dragão do Mar (56% do total), seguidos pelos jovens (32%), pelos idosos (7%) e pelas crianças (5%). [Fig. 4.10] [Gráf. 4.24]

Verifica-se que adultos e idosos estão concentrados prioritariamente na área dos restaurantes, enquanto que os jovens e crianças ocupam principalmente a Praça Verde, o espaço sob o planetário e próximo aos cinemas. Isto não significa, obviamente, que não há crianças nos restaurantes ou que não há adultos e idosos na Praça Verde. [Fig. 4.10]

Certa mistura etária acontece na área do Planetário e na área à frente do cinema e teatro, mesmo assim com predomínio de jovens. Estes dados também podem apresentar alguma distorção, pois a predominância de faixa etária dos usuários encontrados nestas áreas está diretamente associada ao tipo de filme e/ou peça teatral disponibilizado pela programação dos cinemas e teatro. [Fig. 4.10]

Os dados relativos ao sexo dos usuários foram obtidos a partir dos questionários e mostraram que a maioria dos usuários é feminina, perfazendo cerca de 62% dos entrevistados. [Gráf. 4.25]

Os dados sobre local de moradia dos questionados [Gráf. 4.26] mostram que o Dragão do Mar consegue atrair pessoas de diferentes bairros da cidade, ao contrário do que muitos acreditam. No entanto, os bairros Aldeota, Praia de Iracema, Meireles e Centro levam maior número de pessoas ao local. Outros bairros como Serrinha, Jóquei Clube, Parangaba apareceram somente uma vez nos questionários. O número de turistas é significativo, apresentando valor maior do que qualquer outro bairro (15 turistas responderam ao questionário).

No gráfico 4.27, foi somado o número de usuários residentes nos bairros de classe média-alta e classe média de Fortaleza (Aldeota, Cidade dos Funcionários, Cocó, Fátima, Meireles, Papicu, Parquelândia e Praia de Iracema), e somados também o número de usuários residentes em outros bairros. Além disso, foram destacados os usuários que vêm de outras cidades da Região Metropolitana de Fortaleza e os turistas. A partir destes dados, viu-se que o Dragão do

Mar ainda apresenta menos usuários vindos dos bairros nobres da cidade do que vindos de outros bairros.

Assume-se, no entanto, que estes dados podem apresentar distorções, uma vez que não foi permitida a aplicação de questionários na área dos restaurantes que, como visto anteriormente, é o local onde se concentram adultos e idosos, e, portanto, as pessoas de provável maior poder aquisitivo.

4.3.4. Diversidade de atividades no Dragão do Mar

Os dados dos questionários mostraram que a atividade mais freqüente no Dragão do Mar é o encontro com amigos, representando 40% das atividades que lá acontecem. Em segundo lugar estão as atividades programadas oferecidas pelo Centro Cultural, muitas delas pagas, como o teatro, o cinema e o museu. As atividades relacionadas aos restaurantes e bares perfazem 13% das atividades do equipamento. Em igual porcentagem, aparecem as atividades de “namoro” e “levar as crianças”. Assim, no Dragão do Mar, além do encontro com amigos, predominam as atividades que estão relacionadas ao programa oferecido pelo próprio equipamento, como o teatro, o cinema, os museus e os restaurantes que somam 33% das respostas [Gráf. 4.28]. De maneira semelhante, os dados dos mapeamentos mostraram que a maior parte dos usuários concentra-se nas áreas próximas aos teatros e cinema, bem como nos restaurantes. [Fig. 4.9]

Dentre os adultos, o encontro com amigos lidera as atividades desempenhadas no centro Cultural (44 respostas), sendo seguida pelas atividades ligadas ao programa do Centro Cultural (museus, cinema, teatro, com 24 respostas) seguido de atividades ligadas aos restaurantes (19 respostas) e levar as crianças para brincar e namorar (17 e 11 respostas, respectivamente). [Gráf. 4.29]. Dentre os jovens, a mesma seqüência de atividades mais freqüentes é encontrada, excluindo-se as atividades ligadas aos restaurantes. [Gráf. 4.30]. Os dois idosos questionados responderam ir ao dragão para visitar museus e levar crianças para brincar.

Apesar da diversidade de atividades no Dragão do Mar, elas parecem estar especializadas, ou seja, parece haver uma divisão espacial das atividades, pois:

- As pessoas comendo ou bebendo concentram-se nas áreas próximas aos restaurantes [Fig. 4.11];
- As crianças que brincam localizam-se prioritariamente na Praça Verde [Fig. 4.11].

4.3.5. Diversidade de fluxos no Dragão do Mar

Os dados mostraram que a maior parte das pessoas que usam o Dragão do Mar parte de suas residências e, ao saírem do equipamento, voltam para suas casas. Diferentemente do que foi encontrado na Praça do Ferreira, os fluxos no Dragão do Mar são do tipo origem-destino, fazendo com que o espaço público seja caracterizado como um “espaço-fim” e não um “espaço-meio”. As pessoas que vão ao Dragão do Mar pretendem fazê-lo e não “acabam chegando” ao espaço, aproveitando percursos ou viagens para outros fins. Estas respostas estão relacionadas às características espaciais de inserção urbana do equipamento, pois uma vez que o Dragão favorece a quebra de propriedades axiais e insere-se em área de valor de integração menor que a do bairro e entorno⁸⁰, a atração de pessoas se dá menos através do princípio do movimento natural e mais através das oportunidades que o próprio equipamento oferece. Estes dados de origem-destino podem ser mais bem visualizados no gráfico 4.31.

O meio de transporte mais utilizado para se chegar ao Dragão do Mar, como era de se esperar, é o automóvel, que aparece em mais da metade dos questionários. Em segundo lugar está o transporte público coletivo, e em terceiro, com 16 respostas, aparecem as pessoas que chegam ao Dragão do Mar caminhando [Gráf. 4.32]. Estes dados estão de acordo com as propriedades espaciais do Dragão do Mar que apontaram para uma acessibilidade que privilegia o fluxo de veículos e não de pessoas a pé.

4.3.6. Satisfação dos usuários

A maior incidência de respostas quanto à satisfação geral dos usuários é o conceito “bom”, presente em 55 questionários; em segundo lugar está o conceito “ótimo”, tendo aparecido em 48 questionários. O Dragão do Mar foi avaliado como “ruim” por apenas um usuário, que é turista e considerou o espaço muito turístico e sujo. Ninguém o avaliou como “péssimo” [Gráf. 4.33].

Os dados relativos à satisfação quanto a alguns itens avaliados individualmente mostraram que todos são satisfatórios aos usuários, com o número de “bom” sempre superior às

⁸⁰ Para maiores detalhes, recorrer a caracterização espacial, no capítulo 3.

demais respostas. O item que recebeu o maior número de respostas negativas (péssimo e ruim) foram os bancos (que segundo os questionados estão em pequena quantidade e mal localizados) e a segurança. [Gráf. 4.34].

Um dado merece ser destacado: o item que recebeu o maior número de respostas “ótimo” foi a localização. Ou seja, os usuários do Dragão parecem não estar incomodados com o fato de o equipamento localizar-se em área relativamente pouco integrada com as áreas ao redor. Ao mesmo tempo, o item que menos agrada aos usuários é o estacionamento [Gráf. 4.36]. Ou seja, muitos usuários vão ao Centro Cultural de automóvel [Gráf. 4.32], o que causa transtornos na hora de estacionar.

Quando questionados sobre os elementos do Dragão que mais agradam, as respostas mais recorrentes estão relacionadas às atividades programadas que o Centro Cultural oferece. Assim, o que mais agrada aos usuários do espaço é o que o Dragão oferece como os bares, restaurantes, música, os cinemas, teatro etc. Somente em quinto lugar está a noção de uma ambiente de encontro, de conversa, onde se pode observar o movimento das pessoas, as suas diversidades etc. [Gráf. 4.35]

Quando questionados sobre o que mais incomoda no Centro Cultural, 28 usuários responderam “nada”, sendo esta a resposta mais comum [Gráf. 4.36].

Quando analisados por faixa etária os elementos que mais agradam, têm-se que a Praça Verde e a programação do lugar são os elementos que mais se repetem. [Quadro 4.3] Inversamente, o que mais incomoda por faixa etária é “nada” e o estacionamento. [Quadro 4.4]

Quanto à imagem que os usuários guardam do Centro, ela está ligada ao lazer noturno, aos bares e restaurantes do equipamento. Em segundo lugar, está a idéia de cultura e arte. A idéia de encontro com amigos, de diversidade, somam juntas 9 respostas, sendo pouco significativas. Somente um questionado relacionou o Dragão a imagem negativa (lixo). [Gráf. 4.37]

4.4. Conclusões do capítulo

Na Praça do Ferreira, os aspectos da urbanidade social predominam, pois:

- a distribuição das pessoas paradas, em linhas gerais, é homogênea, não apresenta forte divisão espacial.

- O número de pessoas em movimento favorece o encontro ao acaso [Fig. 4.6].
- A diversidade social é significativa. A Praça consegue atrair pessoas de diferentes bairros, com diferentes interesses, que ali realizam atividades diversas.
- Fluxos diferentes confluem para a Praça, pois esta é mais um “espaço-meio” que um “espaço-fim”.
- Além disso, a Praça é bem quista por aqueles que a frequentam, moram ou trabalham por perto (LEITÃO, 2002).

Todos estes aspectos convergem para a dimensão social da urbanidade. No entanto é importante esclarecer que estes padrões ocorrem prioritariamente nas horas claras, diminuindo consideravelmente na medida em que a noite avança.

No Dragão do Mar o contrário parece ocorrer, predominando no período noturno os aspectos sociais da urbanidade:

- a distribuição das pessoas paradas é menos homogênea: apresenta algum tipo de espacialização, dado que algumas áreas pressupõem pessoas de maior poder aquisitivo.
- Além disso, o número de usuários é na maioria das vezes baixo, havendo dois picos em horários determinados (durante as noites, nos finais de semana).
- O número de pessoas em movimento é baixo, se comparado àquele observado na Praça do Ferreira. [Fig. 4.6 e 4.12]
- A diversidade social existe, pois o espaço parece atrair pessoas de vários bairros. Os usuários de bairros nobres são mais numerosos do que na Praça do Ferreira, assim como o número de turistas.
- A diversidade de fluxos é baixa, pois se caracteriza mais como um “espaço-fim” do que como um “espaço-meio”.
- Apesar de tudo isso, os usuários estão muito satisfeitos com o Centro Cultural.

Se há diferenciação entre conceitos de espaço e lugar (TUAN, 1980) e se o lugar subentende um vínculo emocional entre o espaço e os usuários, familiaridade com o ambiente, sentido de pertencimento, a Praça e o Dragão são lugares, pelo menos em horários determinados.

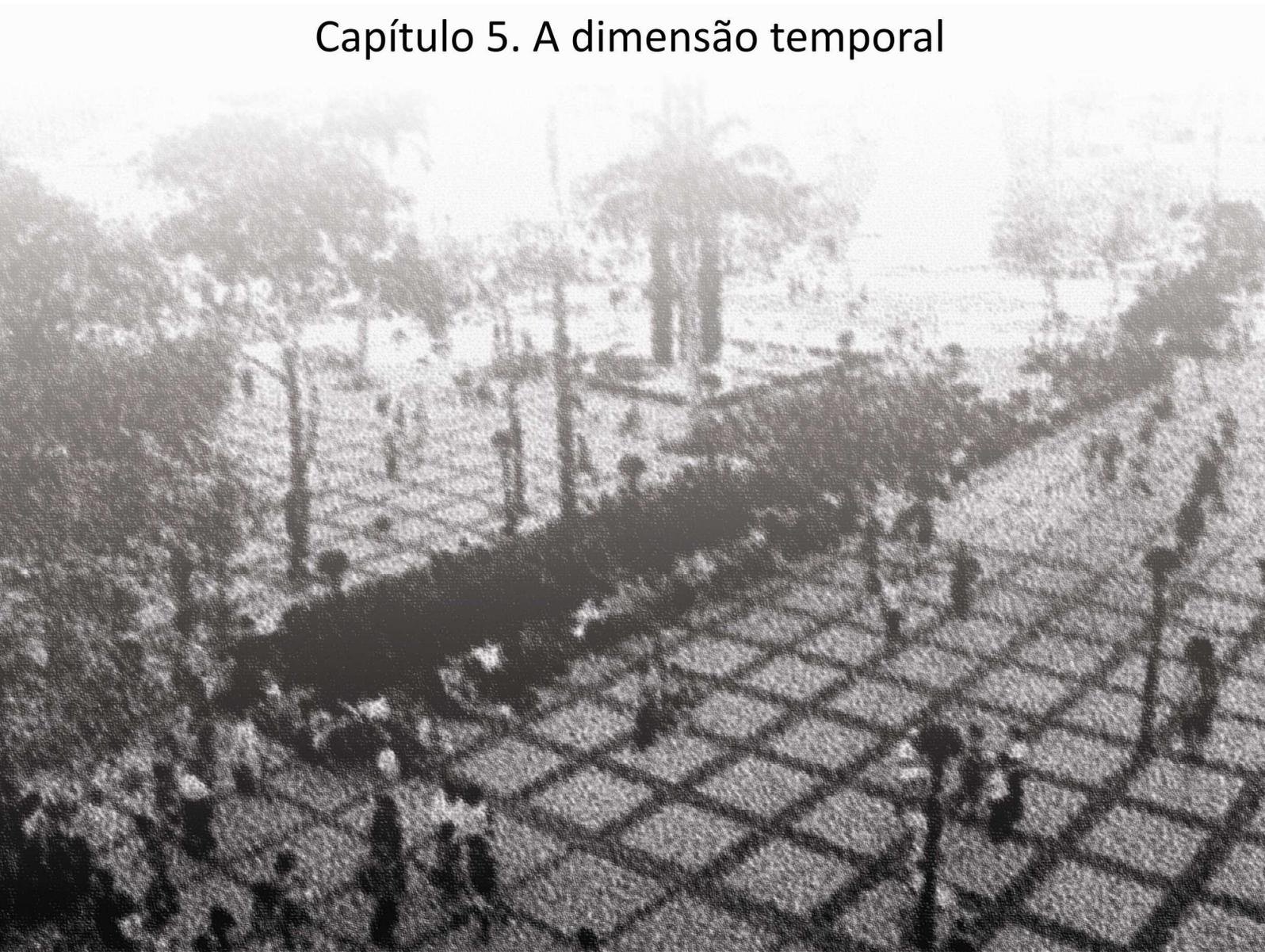
Esta afirmação está na contra-mão dos primeiros discursos sobre o Dragão do Mar, considerado uma “enorme espaçonave” (SILVA, 2001, p. 38) logo que fora construído. Também conflita com alguns discursos sobre a última reforma da Praça do Ferreira, que ressaltam a superficialidade do lugar, o espetáculo de imagens desconexas, conformando um espaço cênico, capaz, talvez, de neutralizar conflitos sociais e mascarar pobreza (BARBOSA, 2006; CASTELO, 1997).

A imagem destes lugares para os usuários é positiva. Na Praça, enquanto aspectos da arquitetura são os mais apontados no imaginário dos usuários, aspectos negativos como insegurança e falta de manutenção aparecem, em último lugar. A Praça não dissimula os conflitos sociais. No Dragão, por outro lado, somente aspectos positivos são apontados: cultura, arte, diversão. O Dragão dissimula conflitos sociais? Talvez sim. Os principais problemas apontados no Dragão estão relacionados a falta de estacionamento. Problemas quanto à segurança do lugar foram apontados por cerca de 10% dos questionados.

Mesmo assim, hoje o Dragão “tornou-se um espaço de referência, inscreveu-se, despretensiosamente, como mais um ícone da cidade” (SILVA, 2001), podendo ser apontado como uma das conseqüências positivas de sua construção “o fato dele ter-se viabilizado como opção de lazer e consumo cultural para um público relativamente heterogêneo” (GONDIM, 2007, p. 220).

No entanto a abrangência do Dragão é limitada mais em termos temporais do que sociais: a animação que ali se observa está concentrada em algumas horas do dia e em alguns dias da semana, estando quase completamente vazio a maior parte do tempo. Na Praça se observa quase o contrário: durante às noites, é o vazio que preenche o lugar. Mais uma vez, a urbanidade parece fragmentar-se em porções temporais.

Capítulo 5. A dimensão temporal



5.1. Preâmbulo

Este capítulo caracteriza a última das três dimensões da urbanidade que se propôs estudar: a dimensão temporal. Na verdade, os aspectos temporais aqui destacados já foram, de alguma maneira, abordados nos capítulos anteriores. Aqui, no entanto, eles são o foco principal da descrição, o que permitirá concluir que, em alguns casos, levar em consideração esta dimensão é determinante para a compreensão da urbanidade na cidade contemporânea que parece muito mais fragmentada em termos temporais do que mesmo sociais.

Assim, a caracterização dos espaços públicos estudados quanto à dimensão temporal aponta para uma incompatibilidade entre as noções de urbanidade apontadas por Jacobs, por exemplo, que defende ruas e espaços públicos abertos sempre movimentados, utilizados por pessoas de várias classes sociais, que interagem entre si em todas as horas do dia, e as noções de vida urbana atual, que parece concentrar-se em determinadas horas do dia.

Os aspectos temporais caracterizados foram:

1. A distribuição temporal dos usuários
2. As transformações espaciais ao longo do dia
3. A distribuição temporal das atividades

Os dados obtidos foram coletados principalmente a partir de visitas aos equipamentos em várias horas do dia (o que permitiu verificar o horário de funcionamento de alguns edifícios) e também a partir dos mapeamentos das pessoas paradas.

Como dito nos capítulos 1 e 2⁸¹, a abrangência temporal deste estudo é limitada ao que se entende por dias típicos. Buscou-se verificar como e se os padrões de urbanidade espacial e social na Praça do Ferreira e no Dragão do Mar são alterados durante as horas de dias típicos da semana, desconsiderando eventos programados que certamente mudam radicalmente padrões de uso e ocupação dos espaços.

5.2. A dimensão temporal na Praça do Ferreira

⁸¹ Ver página 45, do capítulo 1, e página 100, do capítulo 2.

5.2.1. Distribuição temporal dos usuários na Praça do Ferreira

Como visto anteriormente, os mapeamentos das pessoas paradas mostram que o maior número de pessoas ocupando a Praça ocorre durante o meio-dia e no final da tarde, independentemente de ser durante a semana ou durante o final de semana. Por outro lado, durante as noites o número de usuários cai bastante [Fig. 4.1 e 4.2].

Este fato indica que, durante as horas claras do dia, o fator temporal parece influenciar pouco no padrão de uso da Praça, ao passo que durante a noite, a medida que as horas avançam, o número de usuários cai consideravelmente.

Esta constatação mostra que o número de usuários varia consideravelmente somente entre o período diurno e o período noturno, quando alguns padrões espaciais também são mudados, como será visto a seguir.

5.2.2. Transformações espaciais ao longo do dia na Praça do Ferreira

Algumas transformações espaciais no entorno da Praça do Ferreira puderam ser percebidas entre o período diurno e o período noturno:

- Considerável redução do número de constituições no entorno da Praça [Fig. 3.31 e 3.32];
- Aumento do percentual de espaços cegos [Fig. 2.3] [Tabela 3.9]
- Considerável redução da intervisibilidade das vias [Quadro 3.11].

Estas transformações espaciais compõem parte das variáveis locais da dimensão espacial da urbanidade, e mostram que, apesar da não alteração dos padrões espaciais globais, que como se viu, correspondem bem aos usos verificados no espaço público, algumas variáveis locais mudaram, carregando consigo mudanças também na dimensão social, uma vez que os usos se tornaram mais rarefeitos.

Assim, a conclusão que até agora se pode ter é que: *Mesmo para espaços públicos que favoreçam o movimento natural, que tiram partido da estrutura viária da cidade e a potencializam, há padrões locais que se transformam “do dia para a noite” e que interferem na harmonia das três dimensões da urbanidade.*

Estes padrões locais que se transformam “do dia para a noite” são as atividades do entorno. As atividades do entorno estão intimamente relacionadas à dimensão temporal, pois variam bruscamente ao longo do dia: durante as horas claras o comércio é aberto, mas durante a

noite as lojas fecham permanecendo abertos apenas os poucos bares, restaurantes e farmácias. Ou seja, dependendo da hora do dia existem ou não atividades no entorno. E é a existência destas atividades a força motriz dos usos nos espaços públicos da cidade fragmentada.

5.2.3. Distribuição temporal das atividades na Praça do Ferreira

Esta talvez seja a variável da Praça do Ferreira que mais apresente transformações entre as horas do dia e as horas da noite. Isto porque o entorno da Praça pode ser considerado monofuncional, assim como muitos consideram o centro da cidade de Fortaleza e de tantas metrópoles brasileiras, e, assim sendo, predominam as atividades comerciais que funcionam em horários pré-determinados.

O mapa de usos do entorno da Praça explicita o fato: predomina o comércio [Fig. 5.1]. Alguns poucos edifícios que permanecem abertos apesar do pôr do sol ainda conferem certo grau de animação à área, ajudam a diminuir a sensação de insegurança nas suas proximidades, mas não são capazes de resgatar a animação do período diurno.

5.3. A dimensão temporal no Dragão do Mar

A caracterização da dimensão temporal no Dragão do Mar mostrou que ao longo das horas do dia há grande variação no número de usuários e na sua distribuição do equipamento. Ao contrário do que ocorre na Praça do Ferreira, aqui predominam os usos noturnos, estando os usuários e as atividades concentrados de maneira óbvia durante as horas escuras do dia.

5.3.1. Distribuição temporal dos usuários

Os mapeamentos das pessoas paradas no Dragão do Mar não deixam qualquer dúvida: o espaço público é utilizado predominantemente durante às noites, sendo o inverso da Praça do Ferreira [Fig. 4.7 e 4.8]. O pico de número de usuários durante a noite e, mais especificamente, durante a noite do sábado, mostra que o espaço apresenta uso rarefeito durante quase todas as horas do dia e durante quase todos os dias da semana. Mas esta característica de usos rarefeitos muda abruptamente com o por do sol, especialmente durante os finais de semana.

Assim, durante as horas do dia, o pouco número de usuários do Dragão do Mar parece refletir suas características espaciais, tanto globais quanto locais, já que contribui com a quebra do tecido urbano, contrariando o princípio do movimento natural. Por outro lado, durante as noites, o movimento neste espaço ganha grandes proporções, negando as mesmas características espaciais que a pouco pareciam fazer tanto sentido. No Dragão, portanto, acontece o contrário do observado na Praça do Ferreira: se na Praça é durante o período diurno que se observam as características sociais da urbanidade, fazendo com que estas reflitam os padrões espaciais ali encontrados, no Dragão do Mar o grande número de usuários, uma certa diversidade de pessoas e de atividades aparecem somente durante as noites, quando as expectativas espaciais são contrariadas.

5.3.2. Transformações espaciais ao longo do dia no Dragão do Mar

Algumas transformações espaciais no entorno do Dragão do Mar puderam ser percebidas entre o período diurno e o período noturno:

- Aumento do número de constituições no entorno do equipamento [Figs. 96, 97]. Este incremento no número de constituições só não é maior porque há alternância entre as constituições abertas durante o dia e fechadas durante a noite. Em momento algum as diversas atividades do entorno (institucionais, comerciais, serviços diversos) funcionam ao mesmo tempo, o que faria com que o maior número possível de portas fossem abertas ao espaço público.

- Redução do percentual de espaços cegos [Fig. 2.4]. Durante a noite, observa-se a redução da porcentagem dos espaços cegos. No entanto, mesmo que o percentual ainda seja considerável, a sua redução já indica que predominam no entorno as atividades ligadas ao lazer noturno.

As mesmas observações realizadas para a Praça do Ferreira podem ser aqui remetidas, mas de maneira inversa. Isto porque as variáveis espaciais que apresentaram variação de acordo com o período do dia continuam sendo as locais, por razões óbvias. Ou seja, os padrões espaciais globais continuam o mesmo. No entanto, alguns padrões espaciais locais mudam: aumenta ou diminui o número de constituições, as ruas tornam-se mais ou menos intervisíveis, o percentual de espaços cegos aumenta ou diminui. Tudo isto contribui com o aumento ou declínio do número de usuário no local e da sensação de segurança no entorno.

No entanto, se na Praça do Ferreira as transformações direcionaram no sentido da diminuição dos usos no espaço, no caso do Dragão do Mar elas potencializam o uso no local. Isto

favorece o desenvolvimento da conclusão acima explicitada: *Há padrões locais capazes de alterar padrões globais que indicam pouca acessibilidade, criando forças de atração de 'movimento não-natural', que podem gerar dimensões sociais da urbanidade apesar dos aspectos espaciais, pelo menos durante algumas horas do dia.*

5.3.3. Distribuição temporal das atividades no Dragão do Mar

O mapa dos usos das edificações próximas aos espaços públicos do Dragão do Mar e nos edifícios que compõem o Centro Cultural [Fig. 5.2] mostrou que a atividade predominante no entorno é o lazer ligado ao consumo e às atividades noturnas (restaurantes, bares e boates) e usos institucionais (seminário e igreja, biblioteca pública, centros culturais), que funcionam basicamente em horários alternados. Além dos edifícios do entorno, influem nos usos dos espaços públicos do Dragão do Mar as atividades programadas do próprio Centro Cultural, que podem assim ser descritas:

- Em dias de semana, durante as manhãs, o equipamento é aberto para visitas aos museus, funcionam para eventos suas salas de cinema e anfiteatro e funcionam os espaços administrativos do Centro Cultural
- Ao final da tarde, geralmente são abertas seções de cinema. São também abertos o bar, o café e a sorveteria.
- No período noturno, a variedade de atividades é maior. Restaurantes, bares e cafés estão abertos, geralmente são oferecidas seções de cinema. Os museus, no entanto, fecham a partir das 19:00h de terça a quinta.
- Nos finais de semana, pela manhã e ao meio dia, a diversidade de atividades é ainda menor. Museus não abrem. Cinemas e teatros não oferecem programas fixos e nem sempre oferecem atividades. Bares, restaurantes, cafés são fechados.
- A partir do final da tarde dos sábados, são abertas e oferecidas de maneira mais freqüente e mais diversas as seções de cinema, teatro e atividades culturais. Abrem-se bares, cafés e loja de artesanato.

Percebe-se que, enquanto há variedade de atividades, há certa diversidade de usuários. Mais do que a inserção urbana, mais do que o reforço do movimento natural, a animação presente no lugar, de dias e horas marcados, tem e muito a ver com as atividades oferecidas. Esta animação, no entanto, não parece ser tão segregaria quanto se imagina: ela apresenta alguns aspectos sociais da urbanidade, especialmente aqueles relacionados aos espaços públicos bem sucedidos.

5.4. Conclusões do capítulo

A Praça do Ferreira e o Dragão dão exemplo de atividades complementares: enquanto a Praça funciona de manhã, o Dragão funciona de noite. Mas este caráter de complementaridade, antes de promover a coesão de partes da cidade, parece acirrar sua fragmentação. O Dragão isola-se do comércio diurno em sua vizinhança (a Av. Monsenhor Tabosa), isola-se do turismo na Praia de Iracema e dos fluxos do centro da cidade.

Além disso, a dimensão temporal limita a urbanidade nos dois espaços estudados, já que as dimensões espacial e social da urbanidade são afetadas pelo passar das horas. Se por um lado ela favorece a urbanidade social no Dragão do Mar, por outro, o elevado número de usuários deixa de corresponder às propriedades espaciais globais do lugar, aproximando-se das características espaciais locais. Na Praça, igualmente, o reduzido número de usuários durante a noite corresponde somente as propriedades espaciais locais, também alteradas.

Mas o impacto da dimensão temporal sobre a urbanidade está diretamente relacionada ao grau de especialização das frações urbanas. Quanto mais monofuncionais, maiores transformações os assentamentos apresentam ao longo de diferentes horas do dia.

As transformações temporais do padrão de vida urbano parecem ser, portanto, consequência da própria fragmentação da cidade e não a sua causa.

Do que indica este estudo: réstias de
uma “urbanidade” (que quase foi) e
fragmentos de quase urbanidade



Preâmbulo

Este capítulo traz uma síntese das três dimensões da urbanidade aqui abordadas, procurando destacar padrões de usos nos espaços públicos estudados, que representam a cidade contemporânea. Ele mostra que a cidade contemporânea, que tende a apresentar um tecido urbano fragmentado e áreas especializadas funcionalmente, parece ser cada vez menos capaz de conformar espaços de urbanidade, levando-se em conta as dimensões: espacial, social e temporal. Ou seja, quando as propriedades espaciais favorecem à urbanidade e aspectos sociais da urbanidade parecem estar presentes, vê-se que na dimensão temporal a urbanidade não se sustenta – é o que parece acontecer com a Praça do Ferreira. Por outro lado, quando propriedades espaciais não favorecem à urbanidade, podendo, apesar disso, serem notados aspectos sociais da urbanidade, também se vê que a dimensão temporal da urbanidade não se sustenta – é o que parece acontecer com o Dragão do Mar.

“Dize-me quem és que te direi com quem andas”⁸²: verificando a correlação entre propriedades espaciais e os usos encontrados

As correlações entre a estrutura da malha e o movimento

Com a finalidade de verificar a correlação entre valores de integração e movimento medido, foram realizadas duas baterias de gráficos que relacionam o movimento medido com os valores de integração calculados para cada portal. Na primeira bateria⁸³, seguiu-se a orientação encontrada na literatura da Análise Sintática do Espaço que aponta o “valor estratégico”⁸⁴ como sendo um eficaz instrumento para a predição do movimento real (HILLIER, 1996, p. 123). Na segunda bateria, este valor estratégico não foi considerado. Em seu lugar, considerou-se a média dos valores de integração dos eixos que passam por cada portal. Viu-se que este dado parece mais eficaz do que o valor estratégico, pois mostrou maior correlação com o movimento medido.

⁸² Este título faz referência ao artigo de Loureiro e Amorim (2005) intitulado: “Dize-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és”, que relaciona o nome, a forma e a localização de edifícios residenciais na cidade de Recife com seu público alvo.

⁸³ Os gráficos elaborados considerando o valor estratégico, ou seja, a somatória dos valores de integração dos eixos de cada portal, encontram-se nos anexos deste documento.

⁸⁴ O valor estratégico de um dado sistema é a somatória das valores de integração dos eixos axiais que o cruzam. (Hillier, 1996, p. 126)

Por esta razão as correlações realizadas neste trabalho utilizam as médias dos valores axiais dos eixos que compõem os portais. As correlações foram medidas tendo-se como base a escala de Cohen, disposta na tabela 6.1.

Tabela 6.1: Relação entre Categoria e Correlação

Categoria	Correlação <i>r</i>-Pearson	R²
Inexistente	0.0 a 0.09	0,0 a 0,0081
Pequena	0.1 a 0.29	0,0082 a 0,0841
Moderada	0.3 a 0.49	0,0842 a 0,2401
Grande	0.5 a 0.69	0,2402 a 0,4761
Muito Grande	0.7 a 0.89	0,4762 a 0,7921
Quase Perfeita	0.9 a 0.99	0,7922 a 0,9801
Perfeita	1	1

Fonte: Cohen (1988) apud Hopkins (2002)

O que há no Coração?

O cruzamento dos valores médios de integração dos eixos que cruzam os portais, obtidos a partir do mapa axial de alta definição (escala do espaço público), com os valores do número de passantes, obtidos a partir das medições de movimentos utilizando-se a metodologia dos “portais”, mostraram que há considerável correlação entre estas duas variáveis. Tal correlação era esperada, uma vez que a análise da estrutura espacial da área onde está inserida a Praça mostrou uma continuidade de características espaciais desde as escalas mais amplas até as mais restritas, indicando maior oportunidade de verificação do princípio do movimento natural. A verificação das correspondências foi demonstrada mediante a elaboração dos gráficos de dispersão dispostos nos gráficos 6.1 e 6.2.

Para os valores de integração, a correlação entre estrutura da malha e movimento foi da ordem de $R^2=0,50$ para os dias da semana, e para os dias de sábado, da ordem de $R^2=0,49$. De acordo com Cohen (1988) a correspondência é muito grande. Isto indica que a estrutura espacial, a estrutura da malha, implica no movimento encontrado, na quantidade e intensidade do fluxo de pessoas. Obviamente, sabe-se que além da estrutura a malha, outros fatores podem justificar a quantidade de movimento medido. Sabe-se do poder de atração de movimento que as áreas comerciais exercem e este trabalho não pretende negar tal fator. Pelo contrário, a medição nos portais mostrou diminuição considerável do movimento durante à noite, nos horários não

comerciais. Mas também se entende que o comércio pode tomar partido do potencial de movimento quando da escolha do local do estabelecimento⁸⁵. Isto pôde ser visto quando os resultados das medições, mesmo durante horários não comerciais, apontaram para um maior movimento nas áreas mais acessíveis da Praça. Mesmo durante os horários de menor movimento e quando o comércio estava fechado, os portais de maiores valores médios de integração apresentaram em média os maiores números de pessoas caminhando, e isto está claro no gráfico 6.3, que mostra a correlação entre os valores de integração e a média de movimento nos portais durante as noites.

Os gráficos de correlação entre as medidas de conectividade em relação ao movimento medido mostraram uma menor correspondência entre esta propriedade e o número de passantes do que aquela observada quanto à integração, como pode ser visto nos gráficos 6.4 e 6.5. Mesmo assim, os valores de R^2 são altos, indicando que a estrutura espacial tem participação efetiva no movimento observado nos portais, mesmo que em menor escala para as medidas de conectividade por pelo menos dois motivos:

- Se comparados, os gráficos dos dias de semana e os gráficos do sábado são muito parecidos, mostrando apenas uma leve variação. Isto quer dizer que, apesar de haver uma possível mudança no padrão das atividades desempenhadas, do perfil dos usuários e no horário de funcionamento do comércio (já que em geral, aos sábados, o comércio funciona até antes do final da tarde)⁸⁶, o movimento ali medido pouco foi alterado.

-As maiores correlações foram encontradas nos gráficos dos dias de semana. Como dito linhas acima, está claro que o movimento também depende das atividades no entorno. Esta pequena variação de R^2 talvez mostre a parcela de “influência” das atividades do entorno, do seu horário de funcionamento e outros aspectos, sobre o movimento medido.

⁸⁵ Hillier discute claramente a questão: “Are not the shops the main attractors of movement? And do they not lie on the main integrators? This is of course true. But it does not undermine what is being said about the structure of the grid as the prime determinant of movement. On the contrary it makes the argument far more powerful. Both the shops and the people are found on main integrators, but the question is: why are the shops there? The presence of shops can attract people but they cannot change the integration value of a line, since this is purely a spatial measure of the position of the line in the grid. It can only be that the shops were selectively located on integrating lines, and this must be because they are the lines which naturally carry the most movement. So, far from explaining away the relation between grid structure and movement by pointing to the shops, we have explained the location of the shops by pointing to the relation between grid and movement.” (1996, p. 125).

⁸⁶ Os dados obtidos com questionários não permitiram verificar se há ou não esta alteração, pois os questionários foram aplicados em dias de semana.

Assim, os gráficos de correlações entre movimento e integração, os quais apresentaram os maiores valores de R^2 , parecem indicar como tal propriedade ajuda a compreender, pelo menos para esta área de Fortaleza, o grau de movimento encontrado.

O que não há no Dragão?

Os gráficos 6.6 e 6.7 mostram a correlação entre o movimento medido e os valores médios de integração de cada portal. Percebe-se uma correlação da ordem de R^2 : 0,17, para os dias de semana, e para os dias de sábado, da ordem de 0,19.

Os gráficos demonstram uma correlação “moderada” entre os valores de integração e movimento medido, ou seja, a estrutura espacial justifica limitadamente o movimento encontrado e medido no local. Isto significa que outras forças, muito mais potentes do que a malha urbana, agem no local a fim de garantir a atração de pessoas para o equipamento.

A fim de serem averiguadas as correlações entre movimento medido e as propriedades de conectividade, foram elaborados os gráficos de correlação com as médias dos valores dessas propriedades axiais. Os gráficos 6.8 e 6.9 demonstram estas correlações.

Os dados demonstram aquilo que a ruptura da malha do entorno do Dragão já apontava: uma fraca correlação entre as propriedades axiais e o uso do espaço em termos de movimento. O movimento no equipamento depende menos da sua estrutura axial do que dos usos por ele oferecidos. Pois:

- Durante a semana, o maior número de passantes foi medido durante o final da tarde no Portal 6, referente a parte da área localizada na frente dos cinemas/salas de conferência [Tabela 4.2]. O grande número de passantes se deve ao encerramento de eventos, palestras, conferências que acontecem com freqüência no local durante os dias de semana e não porque este é o local mais acessível do equipamento. É por isso que, durante o final da tarde do sábado, quando as salas de cinema/conferência não funcionam ou não estão encerrando as atividades, o movimento medido é irrelevante considerando-se toda a edificação.

- No sábado, o maior número de passantes foi medido durante a noite, em quase todos os portais [Tabela 4.2]. Isto é justificável argumentando-se que o equipamento é voltado principalmente para o uso noturno, quando os restaurantes, cinemas e teatros funcionam com maior público. O único portal que apresentou maior número de passantes em horário diferente

que a noite foi o de número 10. O portal 9, no entanto, apresentou um grande pico de movimento. O valor da média da integração encontrado para o portal 9 não justifica o movimento encontrado que parece relacionar-se muito mais com o poder de atração dos restaurantes e dos cinemas.

- No sábado durante a manhã e ao meio dia, quando restaurantes estão fechados e cinemas/salas de eventos não funcionam, o movimento medido nos portais correspondentes a estas áreas é quase nulo. Quando os cinemas começam a funcionar, por volta das 15:00h e os restaurantes começam a abrir, em torno das 18:00h, o movimento no espaço público começa a aumentar, especialmente nas áreas próximas a estes serviços.

A correlação entre as variáveis locais dos espaços públicos e os usos

O que vale para o Coração?

As pessoas paradas e as variáveis locais de acessibilidade

Se comparados os mapas das pessoas paradas com os mapas de acessibilidade convexa e visual, observar-se-á que os mesmos são correspondentes. Em um dos espaços convexos mais acessíveis, aquele que está à margem da via pedestrianizada Major Facundo, está o maior número de pessoas paradas (615 pessoas), representando 46% do total mapeado. No outro espaço convexo mais acessível foram encontradas 202 pessoas, representando um total de 15%. Assim, os dois espaços convexos mais acessíveis somam juntos 61% das pessoas paradas na área da Praça. [Fig. 6.1, 6.2]

As comparações indicam mais concordâncias do que discordâncias entre estrutura espacial e usos do espaço, o que implica em uma correspondência significativa entre a estrutura espacial e a distribuição das pessoas paradas no espaço público.

Uma observação merece ser feita: o maior número de pessoas é encontrado em área cuja representação linear indica também alta acessibilidade. Assim, a alta acessibilidade potencial em termos espaciais tanto no nível axial como no nível de convexidade, refletem o uso mais intenso de determinado espaço na Praça do Ferreira.

Da mesma maneira, se comparados os mapas de acessibilidade visual com o de usos, coincidências são encontradas. Ao longo da Rua Major Facundo, a faixa amarela é alternada por

manchas alaranjadas nos mapas de conectividade e integração, correspondendo às áreas com maior número de pessoas paradas. O encontro das vias Major Facundo com Guilherme Rocha, área visualmente mais acessível, é também o ponto de onde, em todos os mapas, podem ser observadas pessoas paradas, geralmente concentradas, exercendo alguma atividade: vendas, apresentações, distribuição de panfletos, pedintes etc. Apesar de este fato ir de encontro à literatura que afirma que as áreas preferidas pelas pessoas estáticas é fora da área visualmente mais acessíveis, o tipo de atividade que exercem as pessoas que ocupam tal área justifica esta divergência. Estas atividades encontradas requerem área visualmente acessível, pois as pessoas que ali permanecem realmente desejam ser vistas, percebidas, notadas.

A segunda área visualmente mais acessível, o espaço aberto amplo delimitado pelos bancos de madeira, pelos portais e pela Coluna da Hora, realmente agrega o segundo maior número de pessoas paradas, seguido pelo outro espaço menos amplo. No entanto, naquele espaço mais amplo, como o movimento tende a ser menor, é menor o número de pessoas paradas, inclusive aquelas que exercem atividades que requerem o grau de conectividade visual que tais áreas podem oferecer.

A outra área acessível visualmente e de menores dimensões já agrega mais “pares” de usuários. Isto talvez ocorra tanto pelas dimensões mais reduzidas do espaço como também pelo caráter menos devassado do mesmo. É interessante notar que os “pares” mapeados geralmente são encontrados nas áreas de menores graus de conectividade visual. Isto porque muitos deles são namorados e como tais, requerem certa privacidade ao utilizarem o espaço da Praça.

Conclui-se que áreas visualmente mais acessíveis apresentam maior número de pessoas paradas. Este fato está embasado em termos de propriedades espaciais, mas também pode ser influenciado pela incidência solar, pois as áreas mais acessíveis coincidem com as que recebem menos o sol da tarde.

Correlação entre as variáveis locais viárias e os usos

A caracterização das vias que compõem o sistema da Praça do Ferreira permitiu verificar o potencial de vitalidade das ruas do entorno. Ele corresponde aos usos encontrados no local, tanto nos horários de sol como também durante a noite, pois na medida em que o potencial de vitalidade cai, decresce também o grau de uso no lugar.

Assim, os usos do equipamento parecem estar intimamente relacionados às características viárias do entorno. Pode-se dizer que as características apontadas pela literatura como indutoras da vitalidade viária são encontradas da Praça do Ferreira. Além disso, o uso do lugar, intenso durante as manhãs até o final da tarde e mais rarefeito durante as noites, também reflete estas características físicas, o que pode indicar que a literatura está correta ao apontá-las como indutora da vida urbana.

Vale ressaltar, no entanto, que tais características e tal vitalidade são encontradas principalmente nas horas claras do dia. Durante a noite, os fatores indutores da vitalidade tornam-se mais escassos, implicando provavelmente em:

- Aumento da sensação de insegurança: decrescem a intervisibilidade e a constitutividade das vias, ou seja, as vias passam a ser menos vigiadas, passa a haver menos “olhos para a rua”;

- Diminuição do fluxo de pessoas: “pessoas atraem pessoas”, como afirma Jacobs (1961, p. 36). Uma via movimentada tende a ser mais movimentada, pois a sensação de segurança oriunda da co-presença pode retroalimentar o movimento. A diminuição do fluxo de transeuntes, por outro lado, está ligada menos às características viárias e mais à escassez de atividades noturnas no Centro.

Assim, durante as horas claras do dia a Praça do Ferreira parece costurar a malha viária do seu entorno, favorecendo e dinamizando o movimento natural. A Praça não se caracteriza como um enclave, muito pelo contrário. Ela toma proveito da estrutura viária, dos fluxos e os enfatiza. Se durante a noite, o arcabouço de tal costura obviamente permanece, o que então falta para a vitalidade?

Correlação entre as variáveis locais da urbanidade do sistema e os usos:

As variáveis locais da urbanidade da Praça do Ferreira (a relação entre a área de espaço aberto pelo número de constituições e a porcentagem de espaço cego) conformaram valores que caracterizariam o espaço público, nos termos de Holanda (2002), como um assentamento urbano, no período diurno, e mais próximo à formalidade, no período noturno. Isto comparando-se os valores encontrados para a Praça do Ferreira com aqueles encontrados nos assentamentos de Brasília (HOLANDA, 2002, p. 309).

Estas características espaciais encontram par com os usos do lugar. Isto porque, como se viu, durante a noite, o número de usuários cai consideravelmente, assim como acontece com a urbanidade do local.

Correlação entre as variáveis locais da diversidade e os usos:

O efeito surpresa e a configuração espacial da Praça, variáveis apontadas como estimuladoras do uso do espaço, também encontram correspondências com os usos. As várias atividades observadas na Praça, a heterogeneidade de sua distribuição espacial e o elevado número de usuários no espaço revelam que de fato estes elementos também contribuem com a atração de pessoas ao local. No entanto, são incapazes de gerar a vitalidade e a diversidade no espaço público em horários em que o movimento e o número de usuários decrescem consideravelmente. Se durante as horas do dia esta correlação existe, durante a noite ela é atenuada.

O que vale para o Dragão?

As pessoas paradas e as variáveis locais de acessibilidade

O estudo das inter-relações entre o mapeamento das pessoas paradas e a acessibilidade convexa e visual demonstra que a distribuição das pessoas paradas nos espaços abertos do equipamento está mais relacionada com as atividades que cada setor do equipamento oferece do que com o seu arranjo espacial. [Fig. 6.3, 6.4]

Esta afirmação pode ser sustentada a partir da verificação de alterações dos padrões de ocupação do espaço através de diferentes horas do dia e de diferentes dias da semana. Vê-se que as pessoas tendem a se concentrar nos locais mais atrativos próximos àqueles que oferecem atividade. Assim, onde há programação, há também pessoas paradas.

Quatro espaços se destacam em termos de concentração de pessoas: as duas áreas reservadas aos restaurantes, uma a direita e outra a esquerda; a área sob o planetário e a área da Praça Verde.

As áreas dos restaurantes concentram pessoas em dias e horários bem específicos, não deixando dúvida de que o grande número de usuários aí mapeado usa o restaurante. A área sob o planetário, no entanto, apresenta quase sempre usuários, independentemente da hora do dia. O

que muda neste local é o número de pessoas, que aumenta consideravelmente nos finais de semana. O que explicaria a preferência das pessoas por este local?

O térreo do planetário guarda propriedades espaciais que o tornam atrativo para usos diversos, desde a parada para uma conversa informal, o repouso após o almoço, uma reunião de um pequeno grupo, a demonstração de danças de rua, o encontro de casais de namorados até o desfrute de uma boa leitura. A diversidade de usos que o espaço abriga encontra par em suas características morfológicas. Isto porque:

- O piso do planetário é um espaço convexo por excelência. Delimitado pelos pilares cilíndricos da sala de projeção, forma um espaço quase circular.

- O dimensionamento dos pilares, assim como a vegetação existente nos jardins vizinhos, forma espaços que oferecem privacidade para aqueles que a procuram e, ao mesmo tempo, oferecem razoável visibilidade a outros espaços.

- Além disso, a área é sombreada durante todas as horas do dia, oferecendo um espaço de temperatura agradável.

A Praça Verde também guarda características morfológicas que fazem com que este espaço seja preferido para determinadas práticas, o que explica o grande número de pessoas em horários específicos.

- É um espaço aberto quase inteiramente convexo, sendo composto por vários espaços convexos amplos, o que facilita a reunião de grupos e a aglomeração de pessoas.

- A partir de determinados pontos, especialmente a partir de todo o perímetro da escadaria que limita a Praça de oeste a sul, toda a Praça pode ser visualizada. Isto explica por que muitos adultos escolhem estes lugares para observarem as brincadeiras de suas crianças neste local.

- A vegetação existente nas bordas da Praça funciona como barreira visual, conferindo ao espaço um pouco de privacidade.

- O gradil existente nas bordas da Praça funciona como barreira física, aumentando o poder de controle de determinadas áreas da Praça.

- Vultosos pilares, em longa fila, conferem espaços pouco visíveis a partir de vários pontos da Praça, sendo estes espaços propícios a encontros mais íntimos.

As análises visuais mostraram uma maior aproximação entre os padrões de uso e os padrões espaciais. De maneira geral se pôde ver que as pessoas evitam parar nos espaços menos integrados. Vale salientar que nestes, não há programas pré-estabelecidos, como cinemas, teatro, exposições etc..

Parece fácil então concluir que a animação existente no equipamento depende das atividades por ele oferecidas. O Centro Cultural, por reunir programas diversos⁸⁷, apresenta determinada diversidade de pessoas e de atividades. Tal diversidade e usos, no entanto, tem dia e hora marcados. Isto quer dizer que o equipamento desenvolve uma força centrípeta, ou seja, de “dentro-para-fora”, que visa atrair usos e atividades do entorno, podendo atingir negativamente as áreas vizinhas.

Equipamentos deste tipo são considerados por Hillier (1996) como “enclaves” para a cidade, contribuindo com a negação do urbanismo bem sucedido, uma vez que se apóia na quebra dos padrões naturais de funcionamento das cidades e busca injetar usos e atividades não próprias de suas áreas de implantação, despendendo energia traduzida em grandes investimentos. O Dragão do Mar enquadra-se nos esforços não raros do urbanismo contemporâneo, de “criação de lugares apesar das cidades” e não “a partir do entendimento delas mesmas”.

A correlação entre as variáveis locais viárias e os usos

A caracterização das vias que compõem o sistema do equipamento permitiu verificar o baixo potencial de vitalidade das ruas do entorno. Esta baixa vitalidade potencial reflete os escassos uso e movimentos mapeados durante os períodos da manhã e meio-dia, deixando de corresponder aos usos encontrados a partir do final da tarde e mais especificamente durante às noites.

Fluxos de pedestres de áreas vizinhas ao equipamento e geometricamente próximas (como a comercial Avenida Monsenhor Tabosa, a turística Praia de Iracema, o centro tradicional da cidade e as áreas habitacionais a oeste e a leste), teoricamente não se cruzam no espaço público aberto do Dragão do Mar, já que o movimento de pedestre não é encorajado e concentra-se durante a noite, quando o comércio está fechado.

⁸⁷ Estes programas que o Centro Cultural oferece podem atingir várias camadas da população, pois eles vão desde cinemas, teatro, planetário, a exposições de arte de preço acessível, livraria, restaurantes, bares, café, até feiras de artesanato.

Assim, dois fenômenos merecem destaque:

- o primeiro diz respeito às concordâncias e divergências entre padrões espaciais e o uso;
- o segundo, relacionado ao primeiro, diz respeito à “concentração” da animação em porções espaçotemporais bem específicas.

Quando se fala em concordâncias e divergências, refere-se ao fato de serem encontradas, em um mesmo equipamento, ocasiões em que o uso parece relacionado às características espaciais e outras ocasiões contrárias. Isto por si só já parece algo curioso. O segundo fenômeno explica, pelo menos em parte, o primeiro e também chama atenção para aquilo que Hillier (1996) parece entender como um esforço para a criação de “lugares” dissociados das cidades, ou um exemplo de compreensão do espaço enquanto entidade autônoma (HARVEY, 1989, p. 69), em que o projeto é como “um fragmento inserido num contexto” (HARVEY, 1989, p. 94).

Assim, a animação destes tipos de lugares que as cidades fragmentadas multiplicam parece ser esta mesma: a animação concentrada, delimitada por barreiras de espaço e de tempo, que não alcança sequer duas quadras além de seu epicentro.

As variáveis locais da urbanidade do sistema e os usos

O reduzido número de entradas e o percentual de espaços cegos, considerável mesmo durante a noite, permitem constatar que o equipamento é pouquíssimo “alimentado” localmente. Isto quer dizer que as atividades localizadas na periferia do Dragão muito pouco contribuem com a sua animação.

Esta animação, vale ressaltar, acontece em momentos determinados. Assim, durante as manhãs e até o final da tarde, a pouca animação local reflete as características formais do espaço. Durante as noites, a maior animação do espaço não encontra par com as mesmas características espaciais que, apesar de apresentar alguma variação, ainda está mais próxima, mesmo durante o período noturno, dos espaços formais de Holanda (2002, p. 309).

As variáveis da diversidade e o uso

O Dragão do Mar apresenta elementos lúdicos que causam surpresa ao usuário e estimula a diversidade de atividades. Quanto à co-existência de edifícios de várias épocas, ali predominam os edifícios antigos, e ao contrário do que Jacobs acredita, estes edifícios do entorno do Dragão se

prestam quase sempre a mesma atividade: o lazer noturno, pouco contribuindo para a diversificação de atividades e do perfil dos usuários.

Estas características, portanto, correspondem somente parcialmente aos usos encontrados. Isto porque o padrão de usos varia consideravelmente, enquanto estas propriedades espaciais, não.

Sobre o tempo, o antagonista da vida urbana no palco da cidade fragmentada?

Em ambos os casos estudados, a dimensão temporal da urbanidade não foi observada. Se na Praça do Ferreira podem ser identificadas as dimensões espacial e social da urbanidade, a temporal não é efetivada. No Dragão, a dimensão social é encontrada, mas a espacial e a temporal, não. Além disso, o fator tempo muda relações de correspondências entre a estrutura espacial e usos do lugar.

Sugere-se que a cidade fragmentada conforma um tipo de vida urbana mais limitada do que aquela esquematizada no início do estudo, a vida urbana que não contempla as três dimensões da urbanidade, já que, a depender da hora do dia, aspectos sociais e espaciais da urbanidade são encontrados em maior ou menor intensidade. Mas se o tempo é tão vilão da vida urbana, é também a variação dele que parece conferir vida aos locais desertos. Na verdade, o passar das horas explicita a rotatividade de atividades que parecem espacializadas na cidade.

A especialização de porções da cidade em determinados tipos de atividades, uma das conseqüências da fragmentação das cidades, fortalece o impacto do passar das horas sobre o padrão de vida urbana. Isto porque em áreas de pouca diversidade funcional, como é o caso do entorno dos espaços públicos estudados, as atividades tendem a acontecer em porções bem delimitadas de tempo. E é a existência de atividades do entorno que maximiza as propriedades espaciais locais da urbanidade, ligadas diretamente a co-presença, a sensação de segurança e ao uso dos espaços públicos. E são estes três últimos aspectos que estão diretamente ligados à dimensão social da urbanidade. É quase um efeito dominó.

E quem nasce primeiro, o ovo ou a galinha? Em outros termos, o que desencadeia a urbanidade, a dimensão espacial, a social ou a temporal? Há alguma dimensão capaz de alavancar

as demais? Os casos estudados apontam que a resposta é negativa, pois a Praça deve à urbanidade somente dimensão temporal. E é algo mais global, algo como, por exemplo, o processo de descentralização de atividades do centro da cidade, que torna o entorno do equipamento deserto a noite.

Conclusões e indagações: A animação é a ultima que morre... Ou é a primeira que ressuscita?

Se a vida urbana tem-se transformado, assim como as cidades, para onde ela caminha? A estreita relação entre existência de atividades do entorno e a vida urbana dá alguma pista.

A animação no Dragão, o considerável número de pessoas que o equipamento agrega em determinados horários e dias, independem quase completamente do espaço, estando mais relacionado com o programa por ele oferecido. Por outro lado, até quando perdura a urbanidade da Praça? E de fato ela existe?

No caso da Praça, algo mais próximo de urbanidade pode ser encontrado: a maior cobertura temporal de vitalidade e animação do lugar quase maximizam os encontros aleatórios, a co-presença de pessoas diferentes, de interesses diversos. Boa parte do tempo, a diversidade encontrada na Praça parece dar uma amostra da cidade: os que pedem, os que vendem, os que compram, os que esperam, os que trabalham, os que rezam. Parece que todos estão ali.

Ao final de dia, resquícios da vida urbana. Sequer vitalidade ou animação. A vida urbana morre com o fechar do comércio.

No caso do Dragão, a vida urbana diversificada é muito mais concentrada, o que reduz, inclusive temporalmente, as chances de encontro de diferenças. Os usos do Dragão estão muito mais associados a um programa estabelecido do que às atividades aleatórias. Por tanto, as pessoas vão ao Dragão com uma finalidade específica. Além disso, a distribuição das pessoas nos espaços do Dragão parece seguir muito mais uma lógica social do que uma lógica espacial. O nível de renda e o motivo da ida ao equipamento parecem ser os fatores determinantes na escolha da localização.

Pode-se dizer, que o que se presencia no Dragão é a animação urbana, que não significa necessariamente urbanidade. Espaços podem apresentar “animação” e, ao mesmo tempo, serem “formais”. É o caso do Dragão.

A animação urbana, e não a urbanidade, portanto, parece que tem sido o paradigma dos projetos de revitalização ou renovação urbana. Ela tem vindo antes, tem sido tratada como causa e não como efeito. Ela cabe em muitos lugares, não importando tanto assim as distâncias, nem a vizinhança. Ela, pelo menos no início, é menos exigente que a urbanidade.

Não se quer dizer que tem valido a lei do menor esforço nos projetos urbanísticos. Apenas parece que há a constatação de uma característica de intervenções urbanas em áreas da cidade com a finalidade de revitalizá-las. Característica esta que parece estar de acordo com o processo de fragmentação e dispersão das grandes cidades brasileiras e que a repetição deste processo nos níveis global e local pode significar, de fato, mudanças estruturais nas relações sociais que (um dia) a cidade proporciona(ou).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Sérgio Luis. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

ADERALDO, Mozart Soriano. **A praça**. Fortaleza: R. Esteves Tipogresso Ltda, 1989.

_____. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1974.

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, 2008.

AMORIM, Luiz; LOUREIRO, Cláudia. **Uma figueira pode dar rosas?: um estudo sobre as transformações em conjuntos populares**. 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp053.asp>>. Acesso em: 15 out. 2010.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza Descalça: reminiscências**. 2. ed. Fortaleza: UFC; Casa José de Alencar, 1992.

BARBOSA, Renata Horn. **Fortaleza: arquitetura e cidade no final do século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2003.

BERTINI, Fátima. **Centro de Fortaleza: entre afetos e sentidos**. Fortaleza: FATECI, 2007.

BONFIM, Zulmira A. C. **Cidade e Afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica – PUC -São Paulo, São Paulo, 2003.

CALS, Maurício. **O centro histórico de Fortaleza: ensaio fotográfico**. Fortaleza: Expressão gráfica, 2002.

CAMPOS, Maria Beatriz Arruda campos; GOLKA, Theresa. Public spaces revisited: a study of the relationship between patterns of stationary activity and visual fields. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 5., 2005, Delft. **Proceedings...** Delft: Section of Urban Renewal and Management; Faculty of Architecture; TU Delft, 2005, v. 1, p. 545-553. Disponível em: <<http://www.spacesyntax.tudelft.nl/longpapers2.html>>. Acesso em: 19 de nov. 2009.

CAMPOS, Maria Beatriz Arruda. Strategic spaces: patterns of use in public squares of the City of London. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 1., 1997, Londres. **Proceedings...**

Londres: Space Syntax Laboratory; The Bartlett School of Graduate Studies; University College London, 1997. v. 1, p. 26.1-26.11.

_____. All that meets the eye: overlapping isovists as a tool for understanding preferable location of static people in public squares. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 2., 1999, Brasília. **Proceedings...** Brasília: Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade de Brasília, 1999, p. 01.1-01.9.

_____. **Espaços públicos urbanos:** configuração, ocupação e distribuição de usuários. Natal-RN, 2000. Notas de aula.

CAPELO FILHO, José; GARCIA, Lídia Sarmiento. **Fortaleza Centro:** guia arquitetônico. Fortaleza: [s.n.], 2006.

_____. **Fortaleza:** praças, parques e monumentos. Fortaleza: [s.n.], 2000.

CARTAXO FILHO, Joaquim. **O centro da maioria:** tendências sócio-espaciais da cidade de Fortaleza na atualidade. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, José Liberal de. Arquitetura Eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. Cartografia Urbana Fortalezense na Colônia e no Império e outros Comentários. In: **A administração Lúcio Alcântara.** Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina (Orgs.). **Ah, Fortaleza!** 2. ed. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.

COLIN, Silvio. **Pós-modernismo:** repensando a arquitetura. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Intervenções na cidade existente:** um estudo sobre o Dragão do Mar e Praia de Iracema. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues da. **Praças de Fortaleza.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.

CUTINI, Valério. Lines and squares: towards a configurational approach to the morphology of open spaces. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 4., 2003, Londres. **Proceedings...** Londres: Bartlett Faculty of Built Environment; University College London, 2003, p. 49.1-49.14.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista:** estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ (Orgs.). **Projeto do lugar:** colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; PROARQ, 2002.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. **A centralidade da Aldeota como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FEIJÓ, Ivone Forte. **Convesando com meus netos**. [S. l.: s. n.], [19--].

FERNANDES, Francisco Ricardo Cavalcanti. **Transformações espaciais no centro de Fortaleza: estudo crítico das perspectivas de renovação urbana**. 2004. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA-CE, Fortaleza, 2004.

FIX, Mariana. **São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FRANCIS, Mark. Urban Open Spaces. In: ZUBE, E.H.; MOORE, G.T. **Advances in Environment, Behavior and Design**. New York: Plenum Press, 1987.

FREITAS, Mirtes. **A cidade dos clubes: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: UFC; Casa José de Alencar, 2000.

_____. **Geografia estética de Fortaleza**. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. A construção social da memória na moderna Fortaleza. In: AGUIAR, Odílio Alves; BATISTA, José Elcio; PINHEIRO, Joceny (Orgs). **Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

GONDIM, Linda Maria de Pontes; BEZERRA, Ricardo; FONTENELE, Sabrina Studart. Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: um projeto de requalificação da antiga área portuária de Fortaleza-CE. In: VARGAS, Eliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard (Orgs). **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 2. ed. Barueri-SP: Manole, 2009.

GREENE, Margarida; MORA, Rodrigo. Rehabilitation process in city centres: new residents in tradicional áreas. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

GRÖNLUND, Bo. Some notions on urbanity. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HANSON, Julienne. An introduction to the study of houses . In: **Decoding homes and houses**. Cambridge University Press, 1998.

_____. Decoding homes and houses: the way ahead. In: **Decoding homes and houses**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HANSON, Julienne; ZAKO, Reem. Communities of co-presence and surveillance: how public open space shapes awareness and behavior in residential developments. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultura**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HILLIER, Bill; HANSON, Julliene. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill et al. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. In: **Environment and Planning B**, Londres: Pion Publication, v. 20, n.1, p. 29-66, 1993.

HILLIER, Bill. **Space is the machine**. Londres: Cambridge University Press, 1996.

_____. The architecture of the urban object. In: **Ekistics: the problems and science of human settlements**. Atenas: The Athens Centre for Ekistics, v. 56, n.334/335, p. 5-21, 1989.

_____; BURDETT, Richard; PEPONIS, John; PENN, Alan. Creating life: or, does architecture determine anything? In: **Architecture and Comportement/Architecture and Behavior**. London: UCL Eprints, v. 3 n. 3, p. 233-250, 1987.

HOLANDA, Frederico de (Org.). **Arquitetura e urbanidade**. São Paulo: Pro Editores, 2003.

_____. Be aware of local properties. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

_____. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora da UNB, 2002.

HOPKINS, W. G. (2002). **A new view of statistics**. Disponível em: <<http://sportsci.org/resource/stats/effectmag.html>>. Acesso em 26 mar. 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. [1961] Tradução Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KALSANDER, Anna-Johanna. Suburban squares: how come they are not all empty? In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 3., 2001, Atlanta. **Proceedings...** Atlanta: GeorgiaTech University, 2001, p. 61.1- 61.9.

- LEITÃO, Juarez. **A Praça do Ferreira**: república do Ceará-moleque. Fortaleza: Livro Técnico, 2002.
- _____. **Sábado, estação de viver**: histórias da boemia cearense. Fortaleza: Premius, 2000.
- LOPES, Marciano. **Fortaleza antiga**: ruas, praças, esquinas. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.
- LÓPEZ DE LUCIO, Ramón. **Ciudad y Urbanismo a finales Del siglo XX**. València: Servei de Publicaciones Universitat de València, 1993.
- LOUREIRO, Cláudia; AMORIM, Luiz. **Dize-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és**: estratégias de marketing e a criação da casa ideal – parte 2. Textos Especiais Arquitectos, n. 286. São Paulo, Portal Vitruvius, fev. 2005, disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitectos/arq000/esp286.asp>.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MEDEIROS, Valério. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil**: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- MELLO, Sandra Soares de. **Na beira do rio tem uma cidade**: urbanidade e valorização dos corpos d'água. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Nacional do Brasília, Brasília, 2008.
- MICHELL, William J. **A vida urbana**: mas não como a conhecemos. Tradução de Ana Carmen Martins Guimarães. São Paulo: SENAC, 2002.
- MONTANER, Josep María. **Depois do movimento moderno**: Arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NASCIMENTO, Cristiano. **Até os limites do tipo**: emergência, adequação e permanência das propriedades sócio-espaciais dos edifícios de re-formação. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura teórica (1965-1995)**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NIREZ. **Fortaleza de ontem e de hoje**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza; Fundação Cultural de Fortaleza, 1991.
- NOGUEIRA, João. **Fortaleza Velha**. 2. ed. Fortaleza:Edições UFC/PMF, 1980.
- ORNSTEIN, Sheila. W.; ROMÉRO, Marcelo. (Col.). **Avaliação Pós ocupação do Ambiente Construído**. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **Entre o Mar e o Sertão**: Paisagem e Memória no Centro de Fortaleza. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PARVIN, Afroza; YE, Arlen Min; JIA, Beisia. Multilevel pedestrian movement: does visibility make any difference?. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

PEPONIS, John. Espaço, cultura e desenho urbano no modernismo tardio e além dele. Original **EKISTIS**, v. 56, nº 334/5 jan. – abr. 1989. Athens Center. Cópia reprográfica, Trad. Frederico de Holanda, para utilização didática.

PERDIKOIANNI, Irini. From space to “place”: the role of space and experience in the construction of “place”. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

PINHEIRO, José Q. (Ed.). Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. In: **Estudos de Psicologia**. Natal: PPGPsi-UFRN, vol.2, no.2, p.377-398. 1997.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

_____. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUSA, Simone (Org.) **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA. Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza. **Plano habitacional para reabilitação da área central de Fortaleza**. Fortaleza: [s.n.], 2008.

_____. **Fortaleza: evolução urbana (1603/1979)**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE, [19--].

RABINOWITZ, Harvey Z. Avaliação de pós-ocupação. In: SNYDER, C.; CATANESE, A. **Introdução a Arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

RATIU, Eugénia. L'évaluation de l'environnement. In: MOSER, Gabriel; WEISS, Karine. **Espaces de vie**. Paris: Arnaud Colin, 2003.

RIGATTI, Decio. When the city center is no longer the center of the city. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 5., 2005, Delft. **Proceedings...** Delft: Section of Urban Renewal and Management; Faculty of Architecture; TU Delft, v. 1, p. 229-243. 2005.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2002.

ROCHA JR., Antônio Martins. **O turismo globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza**: arquitetura e estetização da Praia de Iracema. 2000. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**: a história e o futuro da cidade. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAIVA, Maria da Graça; SILVA, Ana Lavrador. Percepção e avaliação dos valores estéticos da paisagem: Síntese metodológica. In: SOCZEKA, Luis. (Org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SCHARAMM, Solange Maria de Oliveira. **Território livre de Iracema: só o nome ficou?** Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

SILVA, José Borzacchiello da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SILVA FILHO, Luiz Macedo. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SITTE, Camillo. Construcción de ciudades segun principios artísticos [1889]. In: **Biblioteca de arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

SOUZA, Simone de; PONTE, Sebastião Rogério (Coord). **Roteiro Sentimental de Fortaleza**: depoimentos de história oral de Moreira campos, Antônio Girão Barroso e José Barros Maia. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996.

TRIGUEIRO, Edja B. F. et al. Disneyfication now? assessing spatial correlates for heritage preservation in Natal, Brazil. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 3., 2001, Atlanta. **Proceedings...** Atlanta: GeorgiaTech University, 2001, p. 66.1- 66.7.

TRIGUEIRO, Edja B. F.; MEDEIROS, Valério A. S. de. Marginal heritage: studying effects of change in spatial integration over land-use patterns and architectural conservation in the old town centre of Natal, Brazil. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 4., 2003, Londres. **Proceedings...** Londres: Bartlett Faculty of Built Environment; University College London, 2003b, p. 20.1-20.16.

TRIGUEIRO, Edja; PAULA, Fernanda de; ONOFRE, Carlos. Discourse versus design: a comparative analysis of expected spatial performance as stated in briefs and laid out in plans. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 7., 2009, Stockholm. **Proceedings...** Stockholm Space Syntax, 2009. Disponível em: <<http://www.sss7.org>>. Acesso em: 13 ago. 2009.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: **um estudo da percepção, atitudes e valores do meio-ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TURNER, Alan. **Depthmap 4**: a researcher's handbook. London: Bartlett School of Graduate Studies; UCL, 2004. Disponível em: <<http://www.vr.ucl.ac.uk/depthmap/handbook/depthmap4r1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

VAN NES, Akkelies; LÓPEZ, Manuel J.J. Micro scale spatial relationships in urban studies: the relationship between private and public space and its impact on street life. In: INTERNATIONAL

SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6., 2007, Estambul. **Proceedings...** Estambul: Space Syntax, 2007. Disponível em: <<http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa de (Org). **Intervenções em centros urbanos:** objetivos, estratégias e resultados. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

VIEIRA, Natália Miranda. **Gestão de Sítios Históricos:** a transformação dos valores culturais e econômicos nas fases de formulação e implementação de Programas de Revitalização em Áreas Históricas. 2007. Tese (Doutorado Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2007.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: FAPESP; Studio Nobel, 1998.

ZEIN, Ruth Verde. **O lugar da crítica:** ensaios oportunos de arquitetura. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** Tradução de Maria Isabel Gaspar; Gaëtan Martins de Oliveira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.